

VERSALETE

2024

Volume 12 - Número 22

ISSN: 2318-1028



Reitor

Ricardo Marcelo Fonseca

Vice-Reitor

Graziela Bolzón de Muniz

Revista Versalete

Publicação Semestral do Curso de Letras da UFPR

www.humanas.ufpr.br/portal/letrasgraduacao/

www.revistaversalete.ufpr.br

Editores

Fábio Cairolli, Isabel Jasinski, Luisandro Mendes de Souza e Patrícia Rodrigues

Corpo Editorial

Alice Leal (Universidade de Viena), Ángel Pérez Martínez (Universidad del Pacífico), Bernardo G. L. Brandão (UFPR), Caetano W. Galindo (UFPR), Dirce Waltrick do Amarante (UFSC), Francisco C. Fogaça (UFPR), Helena Martins (PUC-RJ), Isabel C. Jasinski (UFPR), Janice I. Nodari (UFPR), Jeniffer I. A. de Albuquerque (UTFPR), João Arthur Pugsley Grahl (UFPR), Jonathan Degenève (Université Paris III), Juan M. Carrasco González (Universidad de Extremadura, Espanha), Luiz E. Fritoli (UFPR), Luiz M. S. Gardenal (UFPR), Marcelo C. Sandmann (UFPR), María Beatriz Taboada (Universidad Autónoma de Entre Ríos), Marina Legroski (UEPG), Martín Ramos Díaz (Universidad de Quintana Roo), Miguel Ángel Fernández Argüello (Universidad Nacional de Asunción), Naira de Almeida Nascimento (UTFPR), Patrícia de Araújo Rodrigues (UFPR), Paulo Henriques Britto (PUC), Perfecto E. Cuadrado (Universitat de les Illes Balears), Piotr Kilanowski (UFPR), Renata P. de S. Telles (UFPR), Rossana A. Finau (UTFPR), Thiago V. Mariano (UFPR).

Pareceristas ad hoc

Andressa Marsani, Claudio F. Baranhuke Jr., Dankar Bertinato, Fabiana Simeoni Avais, Felipe K. Bettiol, Giovana Luersen, Gisele Eberspacher, Giuliana Roballo, Kleber Kurowsky, Letícia Pilger, Lucas Prado de Freitas, Lucas Vebber, Maiara Afonso de Lima, Mariana Lyra, Maritsa Kantikas, Nádia Zioldo, Nayara Stefanie Mandarino Silva, Roberta Lehmann, Sandro Silva, Verônica Seidel.

Revista Versalete

R. General Carneiro, 460, 11º andar, sala 1117
tel./fax (41) 3360-5097
Curitiba - Paraná - Brasil
www.revistaversalete.ufpr.br
versalete.revista@gmail.com

Volume 12, Número 22, jan.- jun. 2024

Revisão dos textos

Fábio Cairolli, Patrícia Rodrigues e Gabriela Esmeraldino Nascimento.

Diagramação

Patricia Mabel Kelly Ramos

Revisão dos textos em:

Inglês: Fábio Cairolli

Editoração Eletrônica

Rodrigo Madalozzo Bordini (SCH)

Design

Francis Haisi

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ.

SISTEMA DE BIBLIOTECAS. BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS E EDUCAÇÃO

REVISTA Versalete / Curso de Letras da Universidade Federal do
Paraná; editoração: Fábio Cairolli, Isabel Jasinski, Luisandro
Mendes de Souza e Patrícia Rodrigues, v.12, n.2 (2024).
Curitiba, PR : UFPR, 2024.

Periódico eletrônico: <http://www.revistaversalete.ufpr.br>
Semestral
ISSN: 2318-1028

1. Linguística – Periódicos eletrônicos. 2. Literatura –
Periódicos eletrônicos. 3. Tradução e interpretação –
Periódicos eletrônicos. I. Universidade Federal do Paraná.
Curso de Letras. II. Cairolli, Fábio; III. Jasinski, Isabel; IV. Souza,
Luisandro Mendes de.; V. Rodrigues, Patrícia.

CDD 20.ed. 400

Sirlei do Rocio Gdulla CRB-9ª/985

APRESENTAÇÃO

É com muita satisfação que apresentamos mais um número da Revista Versalete. O décimo segundo ano da nossa publicação se abre com muitos desafios, tanto do ponto de vista organizativo (com novidades que esperamos em breve poder apresentar à comunidade), quanto do ponto de vista operativo, dado o desafio de manter os prazos e os compromissos editoriais em meio à mobilização de docentes, técnicos e discentes na luta pelo ensino superior de qualidade.

Até por conta do compromisso com a qualidade ensino superior partilhado por essa equipe, é satisfatório apresentar um número que conta com autores tanto de graduação quanto de pós-graduação, com boa representação de instituições Federais e Estaduais ao redor do país, em áreas que vão da Sociolinguística à Literatura infantil, passando pelos gêneros discursivos. pela literatura antifascista do século XX e pelo deslocamento na literatura contemporânea, além do excelente dossiê *Retratos de maternidade: contos de autoras contemporâneas em tradução*, organizado pela professora Nylcéa Pedra que, no início da seção específica, relata o processo de construção das traduções em uma disciplina de graduação.

Agradecemos a todos que trabalharam para que esse número fosse possível e desejamos uma boa leitura!

Fabio Cairolli e Patrícia Rodrigues

Editores

MENOS BALA. MAIS GIZ.
SOMOS TODOS PROFESSORES

SUMÁRIO

SUMMARY

■ ■ ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

LINGUISTICS STUDIES

Estudos brasileiros sobre os gêneros discursivos: uma revisão de escopo
Brazilian studies on discourse genres: a scoping review

9 João Paulo de Sousa Ferreira
 Nathalia Maria de Sousa Feitosa

Ensino de língua materna e variação linguística: percepções docentes em uma escola pública
Mother tongue teaching and linguistic variation: teacher perceptions in a public school

24 Daniel dos Santos Teixeira
 Isabel Santos Lima

■ ■ ESTUDOS LITERÁRIOS

LITERARY STUDIES

A fábula e a literatura infantil brasileira: um cotejo entre Lobato e Figueiredo
The fable and Brazilian children's literature: a comparison between Lobato and Figueiredo

37 Fernanda Buldrini Barreto
 Vitória Nunes Castelo Branco

As relações intergeracionais e o(s) fascismo(s) das décadas de 1930 a 1970 em *Sostiene Pereira* de Antonio Tabucchi
The intergenerational relations and the fascism(s) from the 1930s to 1970s in Sostiene Pereira by Antonio Tabucchi

51 Natália Carvalho Winck

Because tenderness depends on how little the world touches you: aspects of displacement in *On Earth We're Briefly Gorgeous*, by Ocean Vuong
Porque a ternura depende de quão pouco o mundo toca em você: aspectos de deslocamento em On Earth We're Briefly Gorgeous, de Ocean Vuong

65 Isabel do Nascimento Santos
 João Pimentel Santos Santana Coelho

■ ■ **TRADUÇÃO**
TRANSLATE

*DOSSIÊ RETRATOS DE MATERNIDADE: CONTOS DE AUTORAS
CONTEMPORÂNEAS EM TRADUÇÃO*

11 Retratos de maternidade: Contos de autoras contemporâneas em tradução

75 Nylcéa Thereza de Siqueira Pedra

00572 Ou A máquina de produzir filhos

77 Paloma dos Santos Schlemper

Vivências outras: traduzindo “anchor baby”

85 Isabella B. Veiga

“Nos cem pântanos, em meio a um ônibus de turistas brancos”: a maternidade pantanosa de Wanjikũ wa Ngũgĩ

99 Everton Mitherhofer Bernardes

Ma(r)ternidade dissidente em um conto de Viridiana Carillo

110 Maria Eduarda Lemes

Ye chun e o conto “milk”: uma proposta de tradução

118 Rayne Karla de Lima

Entre palavras e beleza: a narrativa multifacetada de Andrea Bruchwitz

131 Felipe Hoffman

Revelando o instinto

160 Rafaela Botega

Uma decomposição da maternidade

172 Aléxia Milena Gusso dos Santos

Filha e mãe: desencontros dissidentes

186 Tatiane Marques de Oliveira

Uma leitura da maternidade em “réplicas” de Florencia del Campo

197 Melissa Maciel Paiva

Ruben: autorretrato

209 Karen G. S. Silva

■ ■ ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

LINGUISTICS STUDIES

ESTUDOS BRASILEIROS SOBRE OS GÊNEROS DISCURSIVOS: UMA REVISÃO DE ESCOPO

BRAZILIAN STUDIES ON DISCOURSE GENRES: A SCOPING REVIEW

João Paulo de Sousa Ferreira¹

Nathalia Maria de Sousa Feitosa²

RESUMO: Este estudo objetivou mapear o que tem sido pesquisado no Brasil sobre os gêneros discursivos nos últimos 06 (seis) anos. Seguindo as orientações do *Joanna Briggs Institute* (JBI) e o *checklist* PRISMA-ScR, é fruto de pesquisa exploratória quanti-qualitativa, que adotou ainda a análise categorial bardiniana para a interpretação de dados extraídos das bases SciELO e Google Acadêmico. Os resultados apontam preferências teórico-metodológicas por parte dos pesquisadores da área, além de lacunas que podem ser tomadas por objeto em investigações futuras.

Palavras-chave: Gêneros discursivos. Mapeamento. Revisão de escopo.

ABSTRACT: This study aimed to map what has been researched in Brazil on discursive genres over the last 06 (six) years. Following the guidelines of the Joanna Briggs Institute (JBI) and the PRISMA-ScR checklist, it is the result of exploratory quantitative and qualitative research, which also used Bardinian categorical analysis to interpret data extracted from the SciELO and Google Scholar databases. The results point to theoretical and methodological preferences on the part of researchers in the area, as well as gaps that could be taken as objects for future research.

Keywords: Discursive genres. Mapping. Scoping review.

1. INTRODUÇÃO

Sendo a comunicação indispensável à vida em sociedade, são diversos os gêneros discursivos, escritos ou orais, dos quais o ser humano se apropria e aos quais recorre para o processamento e troca de informações. Também chamados gêneros textuais³ sob a perspectiva da Linguística Textual, os gêneros do discurso são, assim, constructos histórico-sociais. Trata-se de “tipos relativamente estáveis de enunciados” (Bakhtin, 1997, p. 279), capazes de serem ordenados em domínios próprios de utilização, os denominados domínios discursivos (Marcuschi, 2008).

Tamanha é a importância dos gêneros discursivos ao campo da Linguística e para a prática do ensino e aprendizagem de línguas que há muito tempo tais manifestações constituem

¹ Graduando em Letras, UniFatecie.

² Mestra em Ensino, UERN.

³ Na seção metodológica justifica-se o porquê de, para o presente trabalho, serem as duas metodologias consideradas equivalentes.

objeto de atenção e estudo por parte da comunidade científica como um todo. Diversas e plurais são as pesquisas sobre o tema, assentadas nas mais variadas perspectivas, metodologias e correntes teóricas.

Nesse sentido, o presente estudo volta o olhar à produção científica da área no Brasil. Através da metodologia da revisão de escopo, objetiva-se aqui mapear os estudos brasileiros dos últimos 06 (seis) anos sobre os gêneros discursivos, a partir de registros estrategicamente colhidos em duas relevantes bases de dados digitais de acesso público: *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e Google Acadêmico.

Ademais, apesar de mais comum nas Ciências da Saúde (Cordeiro; Baldini Soares, 2019), a revisão de escopo é também aplicável aos demais ramos do conhecimento, e carece de atenção por parte dos pesquisadores. Trata-se de metodologia recente, que serve ao mapeamento de um “corpo de literatura com relevância para o tempo, localização (por exemplo, país ou contexto), fonte (por exemplo, literatura revisada por pares ou literatura cinzenta) e origem” (Peters *et al.*, 2015, p. 142, tradução nossa).

Também nisso consiste a relevância da pesquisa ora desenvolvida, que pode suscitar outros formidáveis estudos, na medida em que traz à baila, a partir de um coeso recorte metodológico, um mapeamento do que tem sido examinado pelos estudiosos brasileiros sobre os gêneros discursivos, instrumentos que auxiliam nas práticas da interação da linguagem e que, por vezes, são utilizados como estratégia para que o processo de ensino da escrita, leitura e oralidade não ocorra apenas em um plano abstrato (Maciel, 2022).

2. PERCURSO METODOLÓGICO

É certo que a revisão de escopo requer um coeso e eficaz protocolo metodológico (Cordeiro; Baldini Soares, 2019). E no caso da pesquisa ora desenvolvida o protocolo, denominado “Mapeando os estudos brasileiros sobre gêneros discursivos: protocolo de uma revisão de escopo”, foi cadastrado junto à plataforma OSF, sob o número DOI 10.17605/osf.io/ym5kw.

Foram observadas as etapas previstas pelo Manual *Joanna Briggs Institute* (JBI) para revisões de literatura, assim resumidamente descritas: i) formulação da questão de pesquisa; ii) identificação dos estudos relevantes; iii) seleção dos estudos; iv) mapeamento de dados e; v) resumo e relato dos resultados.

Seguindo a estratégia P.C.C. (população, conceito e contexto) adotada pelo JBI, na primeira etapa, formulou-se por questão norteadora: o que tem sido pesquisado na comunidade científica brasileira sobre os gêneros discursivos nos últimos seis anos?

Na segunda etapa fez-se uso das bases de dados SciELO e Google Acadêmico para o rastreamento da literatura, notadamente em busca de artigos publicados em periódicos. A busca nas plataformas datou de 22/02/2024, ao passo que os descritores aplicados foram: “gêneros

discursivos”, “gêneros textuais” e “gêneros do discurso”⁴, utilizados mediante o emprego dos operadores booleanos “and” e “or”.

Extraídos das bases de dados, os artigos científicos foram importados para o sistema *Rayyan-Intelligent Systematic Review (Rayyan)*, ferramenta digital que permitiu aos dois pesquisadores, em trabalho simultâneo, selecionar os estudos. Nesse caso, além do recorte temporal de 06 (seis) anos, foram considerados os seguintes critérios de inclusão à seleção de um texto: a) versar sobre análise dos gêneros discursivos/textuais; b) contemplar ao menos uma das palavras-chave elencadas; c) ter sido desenvolvido no Brasil e publicado em vernáculo; d) ter sido publicado em periódico científico.

Ainda dentro do *Rayyan*, procedeu-se uma sondagem inicial dos títulos, resumos e introduções por pelo menos um dos pesquisadores; e nos casos em que houve discordância de seleção, com a leitura do manuscrito na íntegra, a decisão final ficou a cargo de um terceiro revisor colaborador.

Insta justificar que o recorte geográfico de estudos nacionais se deveu ao próprio fim a que se propôs a pesquisa: mapear os estudos no cenário científico brasileiro. Sem deixar de registrar ainda que o mapeamento ora realizado passou pela análise qualitativa seguindo o método bardiniano.

Conforme Bardin (2016), como hermenêutica controlada que faz uso da inferência à interpretação de resultados, o método da análise de conteúdo (AC) pode servir-se de 06 (seis) técnicas distintas⁵ para a investigação de uma comunicação tomada por objeto. Nesse caso, dentre as técnicas, a análise categorial, também chamada análise temática, é aquela que parte do “desmembramento do texto em unidades, em categorias segundo reagrupamentos analógicos” (Bardin, 2016, p. 101).

O estudo qualitativo desenvolvido fez, assim, uso da técnica da análise categorial bardiniana, seguindo as três fases previstas para a AC: i) pré-análise; ii) exploração do material e; iii) tratamento e interpretação dos dados (Bardin, 2016).

A pré-análise restou concluída por intermédio do procedimento já descrito, oportunidade em que a ferramenta de seleção já evidenciada (*Rayyan*) proporcionou a organização do *corpus* de estudo. Deu-se sequência, em seguida, ao passo a passo metodológico da AC com a exploração do material e interpretação dos dados.

⁴ Optou-se por filtrar as duas nomenclaturas “gêneros textuais” e “gêneros discursivos” dada a variabilidade terminológica. É certo que, a depender da filiação teórica (principalmente o Círculo de Bakhtin ou Linguística Textual), há primazia por um ou por outro termo, com abordagens e metodologias correspondentemente distintas (Dias *et al.*, 2011). No entanto, para o objetivo deste estudo, as duas nomenclaturas, sob diferentes prismas, voltam o olhar a um mesmo fenômeno. Além disso, embora para alguns estudiosos tais termos possam parecer inconciliáveis, há também aqueles para quem o conceito de gênero textual está “implícito no de gênero do discurso/discursivo”, a exemplo de Ottoni (2009, p. 7).

⁵ Análise categorial, análise de avaliação, análise da enunciação, análise da expressão, análise das relações e análise do discurso (Bardin, 2016).

A despeito da impossibilidade de registrar aqui todo o processo metodológico seguinte, vale pontuar que, durante a exploração do material, por ter sido adotada a técnica da análise categorial/temática, os manuscritos tomados por análise constituíram as unidades de registro, enquanto que o *corpus* de todos eles, a unidade de contexto; como resultado, por fim, surgiram as categorias de análise.

Eis, em síntese, o desenho metodológico da pesquisa realizada.

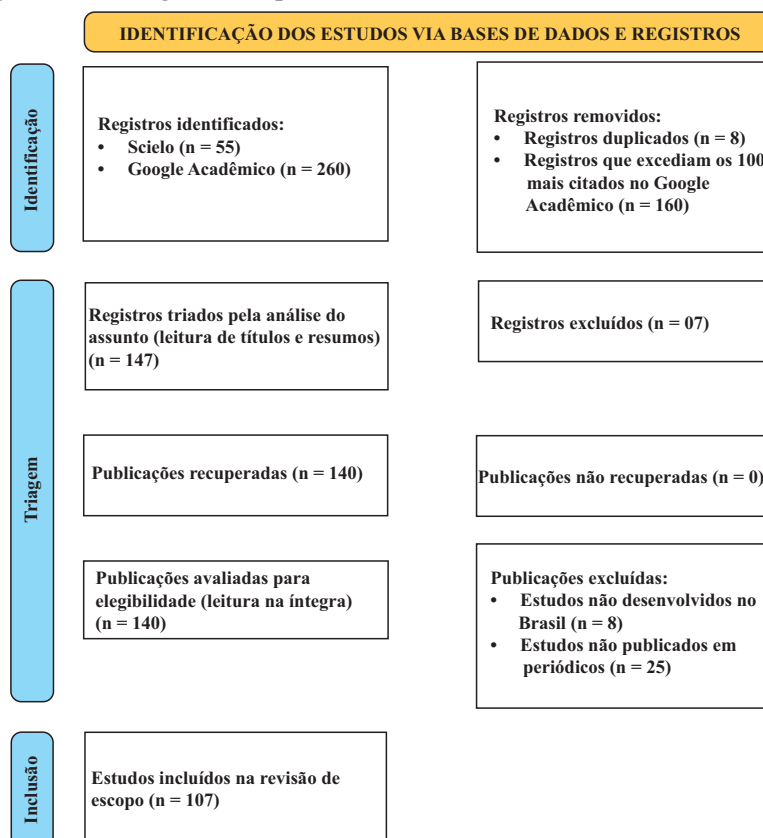
3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Mediante o emprego dos descritores e do filtro temporal sexenal junto às bases de dados, inicialmente foram encontrados 260 (duzentos e sessenta) registros junto ao Google Acadêmico e 55 (cinquenta e cinco) na *Scientific Electronic Library Online* (SciELO).

Todos os resultados da SciELO foram importados para seleção junto ao *Rayyan-Intelligent Systematic Review*, enquanto que em relação ao Google Acadêmico optou-se por importar apenas os 100 (cem) estudos mais citados, considerando serem estes os textos de maior impacto no contexto científico de pesquisa.

Do total dos 155 (cento e cinquenta e cinco) estudos extraídos, 08 (oito) foram eliminados por duplicação de arquivos e (após a leitura dos títulos e resumos) 07 (sete) por não atenderem ao critério de inclusão “a”. Enquanto que, da leitura integral dos manuscritos, 08 (oito) estudos foram desconsiderados em razão do não atendimento ao critério de inclusão “c”, e 25 (vinte e cinco) em razão do não atendimento ao critério de inclusão “d”.

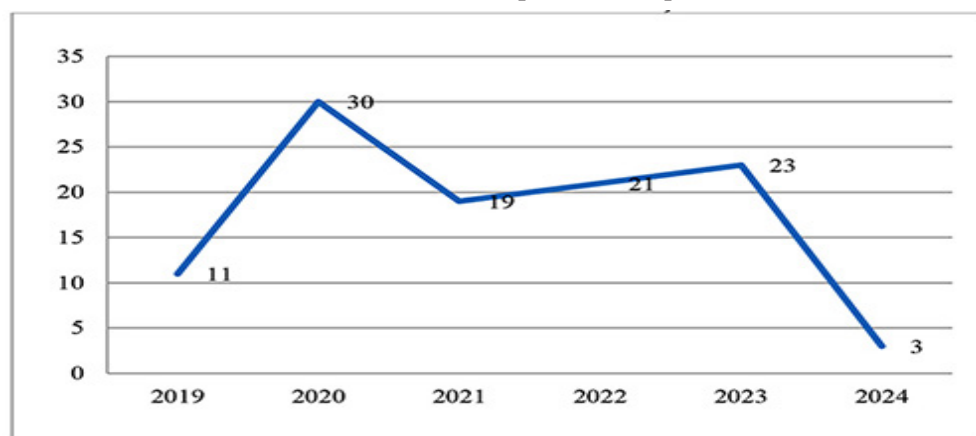
Restou, assim, o *corpus* de 107 (cento e sete) publicações incluídas na revisão de escopo (vide fluxograma a seguir).

Figura 1: Fluxograma do processo de seleção e identificação dos estudos

Fonte: Adaptado de Page *et al.* (2021).

Desta feita, passa-se primeiro à **análise quantitativa** destes estudos, tomando por base a cronologia e os aspectos metodológicos.

Quanto à cronologia, como demonstrado no gráfico 1 abaixo, verificou-se um considerável aumento de publicações em 2020, mantendo-se uma média de 21 (vinte e um) estudos nos anos seguintes (à exceção do ano 2024, mesmo porque a pesquisa foi finalizada nas bases de dados ainda no início deste).

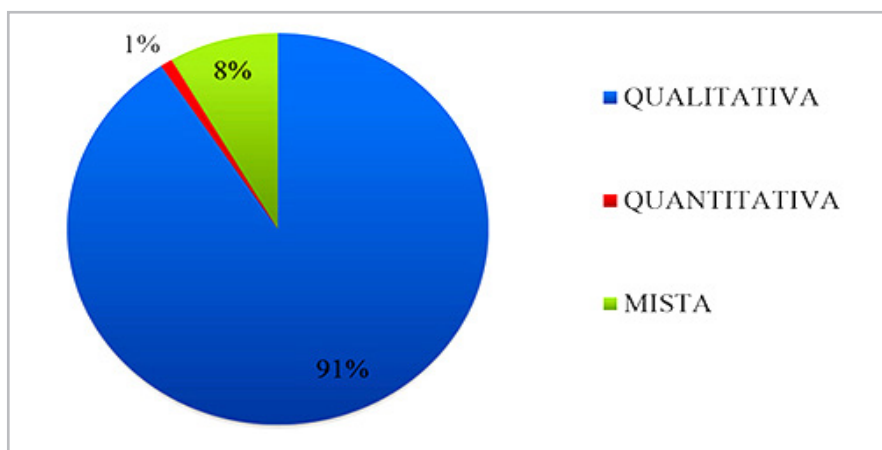
Gráfico 1: Número de publicações por ano

Fonte: Os autores (2024).

No que tange ao delineamento metodológico dos estudos, dentro da classificação dada por Prodanov e Freitas (2013), os escritos foram observados sob dois prismas: quanto à forma de abordagem do problema e quanto aos procedimentos técnicos. Segundo os autores, quanto à forma de abordagem do problema, as pesquisas podem ser qualitativas ou quantitativas; enquanto que em relação aos procedimentos técnicos podem constituir-se nos tipos: documental, bibliográfica, *ex-post-facto*, levantamento, estudo de campo, estudo de caso, etc.

Em relação à abordagem do problema, constatou-se que, do contingente de 107 (cento e sete) estudos, 97 (noventa e sete) deles constituíam pesquisas qualitativas, isto é, preocupavam-se com aspectos da realidade tomada por objeto sem que fossem quantificados (Gerhardt; Silveira, 2009). Enquanto que, representando menor percentual, 9 (nove) pesquisas tinham natureza mista (quali-quantitativa), e apenas 1 (uma) delas, natureza quantitativa. Vide gráfico 2 seguinte.

Gráfico 2: Classificação percentual das pesquisas quanto à abordagem



Fonte: Os autores (2024).

Quanto a isso, convém ressaltar que, nos casos em que não havia indicação metodológica pelo/s autor/es no corpo do texto, quer fosse no resumo, na introdução ou mesmo em seção específica, a classificação atribuída se deu observando o percurso metodológico efetivamente trilhado por ele/s ao longo da pesquisa, em cotejo com as definições de Prodanov e Freitas (2013).

Passa-se, a esta altura, a apresentar os resultados observados sob o prisma do procedimento técnico adotado pelos autores.

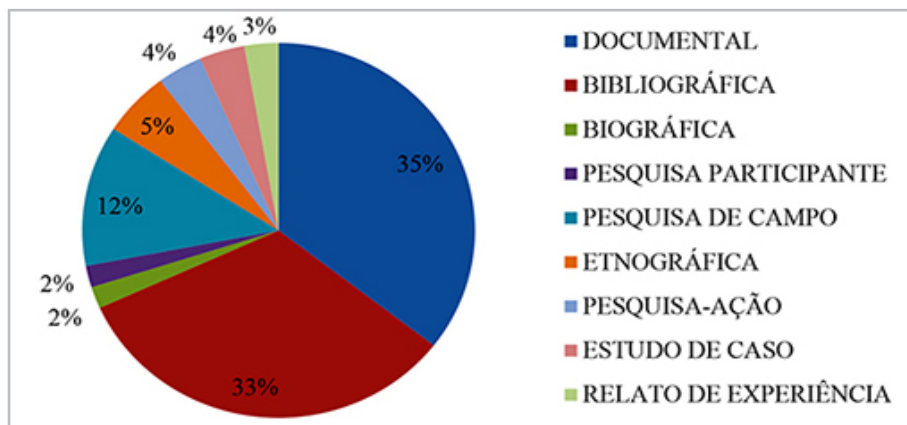
No tocante ao procedimento técnico de coleta de dados, ou seja, as ferramentas que o pesquisador efetivamente recorreu para extrair o *corpus* de análise (Gonsalves, 2007), expõe-se a classificação dos estudos compilada na tabela abaixo, em ordem decrescente.

Tabela 1: Classificação das pesquisas em números absolutos quanto ao procedimento adotado

Tipo	Quantidade
Documental	38
Bibliográfica	35
Pesquisa de campo	13
Etnográfica	6
Pesquisa-ação	4
Estudo de caso	4
Relato de experiência	3
Pesquisa participante	2
Biográfica	2

Fonte: Os autores (2024).

Foi perceptível a prevalência de estudos de natureza documental e bibliográfica, representando juntos mais da metade do número total dos manuscritos analisados. Em seguida, despontaram também os estudos que fizeram uso da pesquisa de campo para a aproximação do pesquisador com o público ou objeto de análise. Vide a classificação percentual das pesquisas quanto ao procedimento no gráfico 3 abaixo.

Gráfico 3: Classificação percentual das pesquisas quanto ao procedimento

Fonte: Os autores (2024).

Ressalta-se ainda que, no caso das pesquisas de campo sobre os gêneros discursivos, variados foram os instrumentos de coleta de dados utilizados pelos pesquisadores nos estudos: questionários, entrevistas, observações, grupos focais, etc. Feitas tais inferências, passa-se aos resultados do exame de conteúdo dos artigos tomados por objeto, isto é, à **análise qualitativa** dos achados, realizada pela técnica da AC temática de Bardin (2016).

Como já dito na seção metodológica, organizados e codificados os manuscritos em unidades de registro, foi possível categorizar os elementos de análise de acordo com a aproximação dos seus temas centrais.

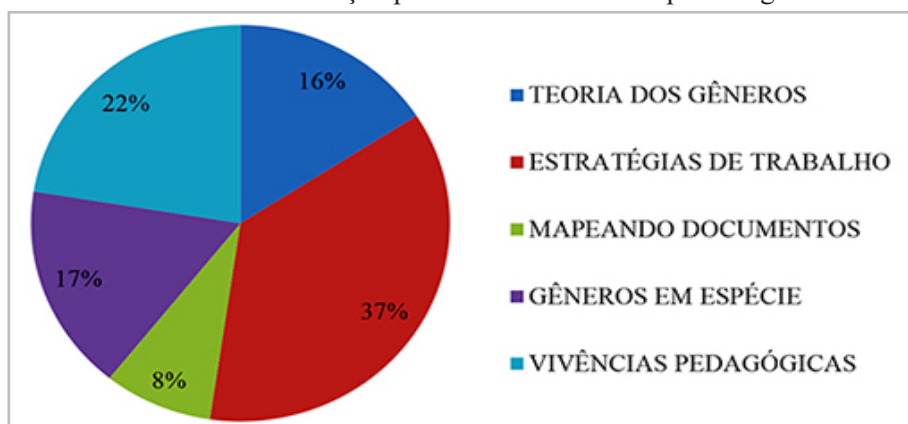
Nesse caso, da análise minuciosa das unidades de registro colhidas emergiram, a posteriori, as categorias seguintes: i) estratégias de trabalho com os gêneros discursivos; ii) vivências pedagógicas; iii) gêneros em espécie; iv) teorias dos gêneros; v) mapeando documentos. Vide tabela 2 e gráfico 4 seguintes.

Tabela 2: Classificação em números absolutos das pesquisas quanto às categorias emergidas

Categorias	Frequência
Estratégias de trabalho	39
Vivências pedagógicas	24
Gêneros em espécie	18
Teorias dos gêneros	17
Mapeando documentos	9

Fonte: Os autores (2024).

Gráfico 4: Classificação percentual dos estudos por categorias



Fonte: Os autores (2024).

Na categoria “*Estratégias de trabalho*” foram agrupadas as pesquisas que objetivaram ou conduziram ao desenvolvimento de planos/táticas/mecanismos de manejo dos gêneros do discurso.

Nesse caso, conquanto tais estratégias majoritariamente estivessem relacionadas ao ensino didático-pedagógico em espaços escolares, verificou-se que estudos também contemplavam ferramentas a serem aplicadas em espaços não escolares, e que inclusive transpunham a mera viabilização do processo de ensino-aprendizagem. Exemplo disso é a pesquisa de Oliveira e Figueredo (2020), que traz subsídios linguísticos para a pesquisa em tradução; e a de Hayashi (2020), que propõe um modelo de análise dos gêneros resenha e entrevista submetidos em periódicos.

Foram considerados dentro de “*Vivências pedagógicas*” os estudos que trataram ou resultaram, direta ou indiretamente, de experiências com os gêneros textuais como recurso ao processo de aprendizagem, quer tivessem estas experiências se dado em espaços formais, quer em espaços não formais de ensino-aprendizagem.

Em tal caso, apesar da maior parte dos estudos agrupados nessa categoria resultarem de intervenções e ações em salas de aula, verificou-se haver também (mesmo em menor número) experiências em ambientes não escolares: Saad e Lemos Vóvio (2023) – práticas de letramento através do uso dos gêneros discursivos promovidas por uma organização social em uma periferia de São Paulo; e Piccoli e Dalla Zen (2020) – práticas de leitura vinculadas ao contexto familiar de crianças em fase de alfabetização.

Sob o título “*Gêneros em espécie*” optou-se por aglutinar aqueles estudos que constituíam análises pormenorizadas de um gênero discursivo em específico, sem que atreladas ao contexto didático-pedagógico ou às teorias dos gêneros propriamente ditas. Foram incorporadas nessa categoria pesquisas que tiveram por objeto uma das formas-padrão (quer mais, quer menos usuais) dentre os variados tipos de gêneros do discurso presentes nos atos comunicativos.

Assim, dentre os gêneros analisados em espécie sobrevieram: mídias digitais (Gonçalves; Silva Júnior; Farbiarz, 2023); discurso político (Braga; Piovezani, 2023), guia turístico e meme (Capelin; Lottermann, 2023); sessão de psicanálise (Moll; Di Fanti; Da Rosa, 2023); anúncio publicitário (Pinto; Macagno, 2023); editorial jornalístico (Mendes; Mendonça, 2022); artigo científico (Borges, 2022); relatório de estágio (Silva; Salazar, 2022); forro de bandeja de *fast-food* (Ribeiro; Maggi, 2022); reportagem de divulgação científica (Santos; Ramos, 2021); cordel (Melo; Silva; Galvão, 2020); e videolibras (Medeiros; Fernandes, 2020).

Notadamente, nesta categoria de análise, chamaram a atenção os estudos que tratavam de gêneros muitas das vezes preteridos no trabalho em sala de aula ou que não são sequer percebidos como gêneros do discurso propriamente ditos no cotidiano, apesar de muito usuais. É caso dos gêneros digitais, por exemplo.

Observou-se, aqui, a multiplicidade de abordagens dos gêneros enquanto “padrões sociocomunicativos” ou “formas textuais estáveis” (Marcuschi, 2008) sob o olhar atento do/s pesquisador/es. E nesse sentido os resultados levaram a rememorar o afirmado por Bakhtin (1997, p. 279), quando aduz que a “riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável”.

Na categoria “*Teorias dos gêneros*” foram incluídos todos os estudos que tratavam da análise das teorias dos gêneros. Em formato de artigos de revisão, ou mesmo de produções originais, os manuscritos versavam sobre os gêneros textuais em geral e sobre o lugar por eles ocupado na Linguística e no ensino de línguas, ora a partir de uma obra específica, ora sob o enfoque das múltiplas teorias do campo. Sobressaíram-se, na categoria, as abordagens teóricas sob a perspectiva do Círculo de Bakhtin. Por conseguinte, os resultados coadunam ao afirmado

por Signor (2019) em relação a ser Bakhtin um dos autores mais evidentes nos estudos de gêneros do discurso realizados no Brasil.

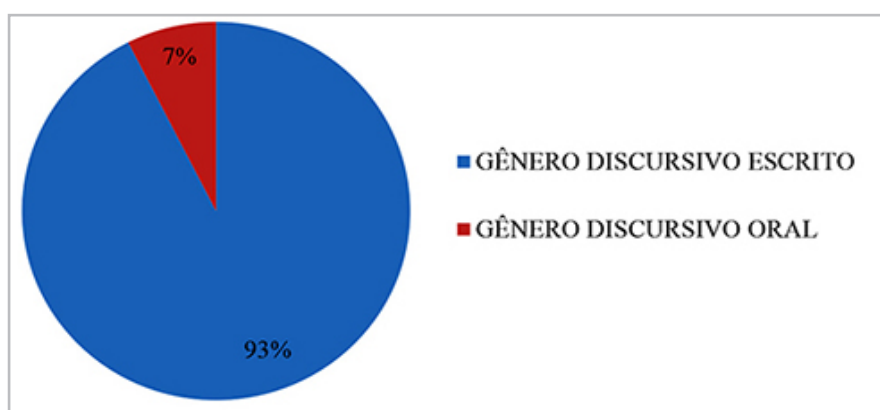
Já na última categoria estabelecida, intitulada “*Mapeando documentos*”, restou acostar todas as pesquisas do *corpus* que examinaram um documento formal (qualquer que tenha sido) a fim de verificar se ele contemplava, em seu conteúdo, o trabalho com os gêneros do discurso.

Em tal categoria, os estudos analisaram documentos como: plano de estudos (Silva; Souza; Santos, 2022); Projeto Político Curricular de um curso de graduação (Kieling; Silva-Antunes; Oliveira-Codinhoto, 2021); planos de estágio discente (Magalhães; Silva, 2021); livros didáticos (Costa-Maciel; Chaguri, 2021) (Storto; Brait, 2020); e até mesmo avaliações de proficiência (Nascimento, 2021).

Verificou-se uma preferência por investigações na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a exemplo das pesquisas desenvolvidas por Fuza e Miranda (2020), Toldo e Martins (2020) e Sousa (2020). Nesse caso, o resultado se deve, principalmente, por o citado documento normativo elencar considerável quantidade de gêneros discursivos para a prática da linguagem e produção textual, e corrobora a compreensão de que a teoria bakhtiniana “continua a fomentar documentos oficiais e políticas públicas acerca do ensino de escrita no Brasil” (Maciel, 2019, p. 1004).

Da análise quanti-qualitativa categorial, por fim, foi possível perceber a preferência pelo estudo de gêneros escritos, em detrimento de trabalhos que voltassem o olhar aos gêneros orais do discurso⁶ (vide gráfico 5 abaixo).

Gráfico 5: Percentual dos estudos quanto à forma de manifestação oral/escrita do gênero analisado



Fonte: Os autores (2024).

⁶ Optou-se pela dicotomia gêneros escritos e gêneros orais, em vez de gêneros primários e secundários, considerando que não necessariamente estes correspondem àqueles. Como salienta Maciel (2022), na perspectiva bakhtiniana, gêneros discursivos primários e secundários estão mais relacionados com o estabelecimento de vínculo imediato com a realidade concreta (cronotopo) que com a forma de manifestação, oral ou escrita, do enunciado.

Dentre os mais de cem estudos analisados neste mapeamento, constatou-se que apenas 08 (oito) tiveram por objeto (direto ou correlato) um gênero discursivo oral, notadamente os realizados por: Braga e Piovezani (2023), Chraim e Pedralli (2023), Rodrigues e Mello (2023), Bonini (2022), Nascimento (2021), Jacob e Bueno (2021), Storto e Brait (2020), Saad e Lemos Vovio (2023).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No estudo da linguagem verbal humana e até mesmo no ensino-aprendizagem da língua, os gêneros do discurso são tema de grande interesse pela comunidade científica como um todo, havendo elevado número de trabalhos que podem também ser tomados por investigação, especialmente artigos publicados em periódicos e disponibilizados em bases de dados de acesso público.

Ao longo do mapeamento ora realizado, percebeu-se que há evidentes preferências teóricas e metodológicas por parte do pesquisador brasileiro ao desenvolvimento de estudos que voltam o olhar aos gêneros do discurso. A partir da análise quantitativa do *corpus* de artigos verificados, constatou-se uma maior incidência de pesquisas de procedimento documental ou bibliográfico, e que prezam pela abordagem qualitativa dos resultados.

Do ponto de vista do conteúdo, por sua vez, pela AC de Bardin (2016), foi possível agrupar os estudos entre aqueles que tratam das teorias dos gêneros, aqueles que versam sobre os gêneros em espécie, os que preveem estratégias de trabalho com os gêneros, os que resultam das vivências pedagógicas; e ainda, os que se voltam ao mapeamento de documentos. Verificou-se que há primazia pela análise dos gêneros escritos, em detrimento dos gêneros da oralidade.

No tocante à metodologia da revisão de escopo recorrida ao desenvolvimento do estudo, aponta-se a inexistência de descritores específicos da área (diferentemente do que ocorre nas Ciências da Saúde) como desafio enfrentado na realização desta pesquisa.

Por outro viés, a ampliação do *corpus* de análise, expandindo a coleta de registros a outras bases de dados, pode ser vislumbrada como oportunidade para pesquisas posteriores, bem como a realização do mapeamento para identificar os estudos afiliados às correntes teóricas que prezam pela perspectiva de gêneros discursivos (Círculo de Bakhtin) ou pela perspectiva de gêneros textuais (Linguística Textual).

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2016.

BONINI, A. A reenunciação do discurso jornalístico na produção de jornais escolares brasileiros – estudo de caso de um projeto de larga escala. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 22, n. 2, pp. 535-564, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbla/a/STZLckckS594VjdMkSP4kHp/>. Acesso em: 02 fev. 2024.

BORGES, R. R. A escrita em medicina veterinária. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada [online]*, Belo Horizonte, v. 22, n. 2, pp. 599-626, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbla/a/kj4DwMPhKC8VN6Ndhs8fmPx/?lang=pt>. Acesso em: 02 fev. 2024.

BRAGA, A.; PIOVEZANI, C. Quem pode falar no cenário político? Discursos discriminatórios sobre a voz e a fala pública femininas. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão-SC, v. 23, pp. 1-18, 2023. Disponível em: https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/10001/13811. Acesso em: 02 fev. 2024.

CORDEIRO, L.; BALDINI SOARES, C. Revisão de escopo: potencialidades para a síntese de metodologias utilizadas em pesquisa primária qualitativa. *Boletim do Instituto de Saúde - BIS*, São Paulo, v. 20, n. 2, pp. 37-43, 2019. Disponível em: <https://periodicos.saude.sp.gov.br/bis/article/view/34471>. Acesso em: 02 fev. 2024.

COSTA-MACIEL, D. A. C.; CHAGURI, J. P. Livro Didático e Gêneros Textuais: tessituras entre a presença e a diversidade na proposta de manuais de ensino. *Signum: Estudos da Linguagem*, Londrina-PR, v. 24, n. 2, pp. 43-58, 2021. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/42785>. Acesso em: 02 fev. 2024.

CAPELIN, P. T. C.; LOTTERMANN, G. F. Os gêneros discursivos guia turístico e meme produzidos pela Prefeitura Municipal de Cascavel/PR: as variedades linguísticas situacionais e históricas da língua. *Cenas Educacionais*, Caetité-BH, v. 6, pp. 1-19, 2023. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/cenaseducacionais/article/view/16531>. Acesso em: 02 fev. 2024.

CHRAIM, A.; PEDRALLI, R. A oralidade no processo de alfabetização: o debate (sempre e de novo) sobre como fazer convergir prática pedagógica e projeto formativo humanizador. *DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, São Paulo, v. 39, n. 2, pp. 1-25, 2023. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/53656>. Acesso em: 02 fev. 2024.

DIAS, E. *et al.* Gêneros textuais e (ou) gêneros discursivos: uma questão de nomenclatura? *Interacções*, São Paulo, v. 19, n. 1, pp. 142-155, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ipsantarem.pt/handle/10400.15/532>. Acesso em: 02 fev. 2024.

FUZA, A. F.; MIRANDA, F. D. S. S. Tecnologias digitais, letramentos e gêneros discursivos nas diferentes áreas da BNCC: reflexos nos anos finais do ensino fundamental e na formação de professores. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 1, pp. 1-26, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/GMqzC6cnRZjBLdzg5SkckVy/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 02 fev. 2024.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. *Métodos de Pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GONÇALVES, E. F. F. S.; SILVA JÚNIOR, J. L. da; FARBIARZ, A. Interações e Significações produzidas pelas Mídias Digitais enquanto Gêneros Discursivos sob a ótica das plataformas. *Cenas Educacionais*, Caetité-BH, v. 6, pp. 1-18, 2023. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/cenaseducacionais/article/view/17661>. Acesso em: 02 fev. 2024.

GONSALVES, E. P. *Conversas sobre iniciação à pesquisa científica*. 4. ed. Campinas-SP: Editora Alínea, 2007.

HAYASHI, M. C. P. I. Evidências bibliométricas do reconhecimento científico em resenhas e entrevistas: notas teóricas e modelo de análise. *Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, Campinas-SP, vol. 18, pp. 1-31, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rdbci/a/DrZH6KHtdjnyJW3hgkpHQjr/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 02 fev. 2024.

JACOB, A. E.; BUENO, L. Sequências didáticas do debate eleitoral em análise: a dupla implementação e a construção de dispositivos didáticos de gêneros textuais. *Raído*, Dourados-MS, v. 15, n. 37, pp. 390-408, 2021. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raído/article/view/12849>. Acesso em: 02 fev. 2024.

KIELING, A.; SILVA-ANTUNES, P. T.; OLIVEIRA-CODINHOTO, G. M. Curadoria de sentidos em multiletramentos digitais no curso de letras inglês da Universidade Federal do Acre. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas-SP, v. 60, n. 1, pp. 300-315, 2021. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8664134>. Acesso em: 02 fev. 2024.

MACIEL, L. V. C. Reflexões literárias e filosóficas na base de “os gêneros do discurso”: considerações para o ensino de escrita. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas-SP, v. 58, n. 3, pp. 1004-1020, 2019. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8655706>. Acesso em: 02 fev. 2024.

MACIEL, L. V. C. *Para entender os gêneros do discurso*. 1. ed. Araraquara: Letraria, 2022.

MAGALHÃES, T. G.; SILVA, M. C. Os gêneros textuais nos planos de estágio de discentes do curso de Letras - Português: reflexões sobre as dimensões abordadas. *Caminhos em Linguística Aplicada*, v. 24, pp. 55-79, 2021. Disponível em: <http://periodicos.unitau.br/ojs/index.php/caminhoslinguistica/article/view/3073>. Acesso em: 02 fev. 2024.

MARCUSCHI, L. A. *Produção textual: análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MEDEIROS, J. R.; FERNANDES, S. de F. Gêneros textuais em videolibras: um estudo de aspectos composicionais. *Trama*, Cascavel-PR, v. 16, n. 39, pp. 65-80, 2020. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/trama/article/view/23705>. Acesso em: 02 fev. 2024.

MELO, J. R. de; SILVA, A.; GALVÃO, A. M. O que dizem cordelistas sobre o gênero discursivo que produzem? Uma análise a partir de reflexões metalinguísticas sobre aspectos composicionais do cordel. *ALFA: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 64, pp. 1-26, 2020. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/12861>. Acesso em: 02 fev. 2024.

MENDES, H. M.; MENDONÇA, M. C. Editoriais do El País a partir da perspectiva dialógica. *Bakhtiniana. Revista de Estudos do Discurso*, São Paulo, v. 17, n. 1, pp. 138-165, 2022. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/52769>. Acesso em: 02 fev. 2024.

MOLL, E. S.; DI FANTI, M. G. C.; DA ROSA, K. M. A sessão de psicanálise como gênero do discurso: enquadre, terapia e encontro de vozes em visada bakhtiniana. *DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, São Paulo, v. 39, n. 3, 2023. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/54502>. Acesso em: 02 fev. 2024.

NASCIMENTO, J. P. S. Gêneros textuais, ensino e formação de professores de português língua não materna: Contribuições do exame do Celpe-Bras. *Veredas-Revista de Estudos Linguísticos*, v. 25, pp. 28-44, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/35343>. Acesso em: 02 fev. 2024.

OLIVEIRA, F.; FIGUEREDO, G. P. Análise constrastiva de gêneros textuais como contribuição para o estudo do produto tradutório. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis-SC, v. 40, n. 2, pp. 221-251, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2020v40n2p221>. Acesso em: 02 fev. 2024.

OTTONI, M. A. R. Gêneros Textuais/Discursivos: um debate teórico. *LEFFA*, pp. 02-10, 2009. Disponível em: http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/SIGET_III/artigos/Otoni.pdf. Acesso em: 02 fev. 2024.

PAGE, M. J. *et al.* The PRISMA 2020 statement: an updated guideline for reporting systematic reviews. *BMJ*, v. 372, n. 71, 2021. Disponível em: <https://www.bmj.com/content/372/bmj.n71>. Acesso em: 02 fev. 2024.

PICCOLI, L.; DALLA ZEN, M. I. H. Práticas de leitura, gêneros e suportes textuais do contexto familiar na perspectiva de crianças em classe de alfabetização. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 36, pp. 1-41, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/LgxxgxcY3S5JbjhvKhQ7zGp/>. Acesso em: 02 fev. 2024.

PINTO, R.; MACAGNO, F. Argumentação verbo-visual no gênero textual anúncio publicitário: uma proposta de análise. *DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, São Paulo, v. 39, n. 2, 2023. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/53871>. Acesso em: 02 fev. 2024.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. *Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico*. Universidade Feevale: São Paulo, 2013.

PETERS, M. D. J. *et al.* Guidance for conducting systematic scoping reviews. *International Journal of Evidence-Based Healthcare*, v. 13, n. 3, pp. 141-146, 2015. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/directbitstream/ce9c462e-396d-4e59-b6ee-6e807b67fcbc/SOARES,%20C%20B%20doc%20151.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2024.

RIBEIRO, L. A.; MAGGI, A. C. Colônia de gêneros: uma análise do gênero promocional forro de bandeja de fast-food. *DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, São Paulo, v. 37, n. 2, 2022. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/49365>. Acesso em: 02 fev. 2024.

RODRIGUES, J. N.; MELLO, M. T. Ler-escrever gêneros discursivos acadêmicos como processo formativo de uma turma de licenciatura em pedagogia vinculada ao PARFOR. *The Especialist*, São Paulo v. 44, n. 2, pp. 24-40, 2023. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/esp/article/download/62001/43158/203132>. Acesso em: 02 fev. 2024.

SAAD, M.; LEMOS VÓVIO, C. Letramentos em um contexto de educação não formal: uma fusão de forças. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 39, n. 39, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/edrevista/article/view/37755>. Acesso em: 02 fev. 2024.

SANTOS, T. G.; RAMOS, W. C. A organização retórica do gênero textual reportagem de divulgação científica. *DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, São Paulo, v. 37, n. 2, 2021. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/48177>. Acesso em: 02 fev. 2024.

SIGNOR, R. C. F. Os gêneros do discurso (resenha). *Revista Gatilho*, Juiz de Fora-MG, v. 7, pp. 1-6, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/gatilho/article/view/26929>. Acesso em: 02 fev. 2024.

SILVA, A. A.; SOUZA, C. O.; SANTOS, D. A. S. Indicadores de leitura e escrita em Ciências nos primeiros anos do Ensino Fundamental: um estudo das atividades de ciências da natureza do Plano de Estudo Tutorado (PET). *Ciência e educação*, Bauru, v. 28, pp. 1-14, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ciedu/a/HrV8zPBdD7mgxFrYvNyZrXb/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 02 fev. 2024.

SILVA, G. A. C.; SALAZAR, D. M. Relatório de Estágio Técnico na perspectiva dos gêneros discursivos: produção, reprodução e subversão. *Vértices (Campos dos Goitacazes)*, v. 24, n. 2, pp. 511-530, 2022. Disponível em: <https://www.essentiaeditora.iff.edu.br/index.php/vertices/article/view/16335>. Acesso em: 02 fev. 2024.

SOUSA, C. As contribuições da BNCC para as práticas de linguagem: mapeando gêneros discursivos multissemióticos. *Revista X*, Curitiba-PR, v. 15, n. 5, pp. 123-145, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/revistax/article/view/72778/41879>. Acesso em: 02 fev. 2024.

STORTO, L. J.; BRAIT, B. Ensino de gêneros discursivos orais em livros didáticos de língua portuguesa. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas-SP, v. 62, n. 00, pp. 1-25, 2020. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8656922>. Acesso em: 02 fev. 2024.

TOLDO, C.; MARTINS, G. S. P. A BNCC e os gêneros discursivos uma análise das habilidades de língua portuguesa para o ensino fundamental I. *Revista Leitura*, Maceió -AL, n. 67, pp. 269-281, 2020. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/11081>. Acesso em: 02 fev. 2024.

ENSINO DE LÍNGUA MATERNA E VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA: PERCEPÇÕES DOCENTES EM UMA ESCOLA PÚBLICA

MOTHER TONGUE TEACHING AND LINGUISTIC VARIATION: TEACHER PERCEPTIONS IN A PUBLIC SCHOOL

Daniel dos Santos Teixeira¹

Isabel Santos Lima²

RESUMO: Este trabalho objetiva entender processo de ensino de língua materna, dado a percepção de docentes, acerca das variações linguísticas. Como metodologia empregou-se a pesquisa de campo, após estudos bibliográficos, em modelo qualitativo. Debruçamo-nos em estudos de Labov (2008), Bagno (2007-2015) e Bortoni-Ricardo (2005). Os resultados revelaram convergências entre pesquisas em sociolinguística e prática de ensino na escola pesquisada, bem como a necessidade de discussões sobre a temática na Educação Básica, também a necessidade de novas pesquisas na área.

Palavras-Chave: Língua materna. Variação linguística. Ensino.

ABSTRACT: This study aims to understand the process of teaching the mother tongue, based on teachers' perceptions regarding linguistic variations. The methodology employed was field research, following bibliographic studies, in a qualitative model. We focused on studies by Labov (2008), Bagno (2007-2015), and Bortoni-Ricardo (2005). The results revealed convergences between sociolinguistic research and teaching practices in the surveyed school, as well as the need for discussions on the topic in Basic Education, and the need for further research in the area.

Keywords: Mother tongue. Linguistic variation. Teaching.

1. INTRODUÇÃO

A sociolinguística é uma disciplina que analisa a ligação entre a linguagem e a sociedade, buscando compreender como os aspectos sociais, como gênero, classe social, idade, etnia e contexto cultural interferem na criação de variação linguística. Tem a ver com o modo no qual as pessoas falam em seu dia a dia. Seu objeto de estudo são as variações e as mudanças linguísticas. Para a Sociolinguística, “a variação não é vista como um efeito do acaso, mas como um fenômeno cultural motivado por fatores linguísticos e por fatores extralinguísticos” (Cezario; Voltre, 2018, p. 141).

Os primeiros registros científicos da sociolinguística ocorrem, efetivamente, com William Labov, com a publicação de Padrões Sociolinguísticos. Para Labov (2008, p. 215), “a língua é uma forma de comportamento social”. Estamos diante, pois, de uma ciência que lida com a língua como um sistema vivo, passível de mudanças e alterações.

¹ Mestrando em Letras / UESPI

² Graduanda em Letras/UEMA

É significativo lembrar que a sociolinguística não prescreve ou hierarquiza as diversas formas de falar. Enquanto se investigam as variações linguísticas, entende-se por que diversos grupos sociais falam de maneiras diferentes e quais as influências sociais por trás dessas variações, sempre evitando que o preconceito linguístico ocorra. Exemplifica Bagno (2023) que “ser humano é ser na linguagem, e ser na linguagem é empregar a linguagem como instrumento transformador da sociedade, e nossa sociedade machista, sexista e misógina precisa urgentemente ser transformada”³.

Uma das mais importantes áreas de estudo da sociolinguística são as variações linguísticas. Através da observação das diferentes formas de falar presentes em grupos sociais, procuram se entender por que fatores como classe social, contexto cultural, gênero e etnia conseguem passar a mudar as escolhas linguísticas das pessoas.

Assim, as variações são comuns em todos os níveis, e estão relacionadas a fatores culturais, históricos, sociais etc. Logo, assim como os jovens vivem inventando gírias, as pessoas idosas também falam de maneira diferentes. E, assim como os idosos não conseguem muitas das vezes compreender os dizeres dos adolescentes, esses também podem não compreender a linguagem das pessoas mais velhas, porque eles criam essas maneiras de falar de acordo com suas vivências. Acerca dessas diferenças, Bagno (2007) explica:

Assim como o uso do cachimbo deixa a boca torta, segundo o ditado popular, os usos da língua agem sobre ela: criam formas de expressão novas para novas situações; ativam possibilidades nunca dantes exploradas e até então consideradas agramaticais – como “imexível” do ex-ministro Magri ou as criações de Guimarães Rosa e de outros escritores; dão certas expressões o estatuto de modelos, criando formas prontas, expressões idiomáticas, clichês; elegem, entre um certo número de realizações possíveis, uma que, mesmo não sendo exclusiva, será preferencial (como dizer “João e Maria, evitando “Maria e João”); e assim por diante. (Bagno, 2007, p. 13)

Logo, a língua se adapta a novas situações, criando (ou não) expressões e palavras inéditas, inclusive aquelas que antes eram vistas como incorretas. Além disso, certos usos se tornam modelos, como expressões idiomáticas e clichês, e entre várias opções de expressão, algumas são preferidas pelos falantes a depender de suas motivações (linguísticas ou extralinguísticas). Assim, existe uma dinâmica na língua, pois ela é de natureza maleável e socialmente construída a partir da própria sociedade. Seu uso contínuo e variado contribui para a própria evolução e diversidade linguística.

Nesse sentido, entendemos que a sociolinguística tem um papel muito importante em sala de aula, visto que ela procura entender a ligação entre sociedade e linguagem. Se levarmos em conta diversidade linguística que existe, entendemos que todo aluno traz consigo conhecimentos linguísticos únicos, persuadidos por fatores sociais, culturais e históricos. Quando passamos a

³ Em discurso proferido em aula inaugural do curso de Letras da Universidade de Brasília, em 19 de setembro de 2023, intitulado “Ser humano é ser na linguagem”.

conhecer e valorizar as distintas variedades linguísticas que estão sempre em sala de aula, a educação, então, consegue proporcionar um espaço mais inclusivo e respeitoso, onde os discentes se sintam livres e acolhidos.

Esse cenário nos leva a compreensão de certos estigmas ligados ao ensino de língua materna. Isso porque a construção que se tem é de que as escolas não ensinam Língua Portuguesa como um fenômeno aberto e mutável. As instituições refletem o ensino da norma padrão, isto é, a norma que é associada a homogeneidade da língua que consta na gramática normativa (Lima; Freitag, 2010). Sobre isso, é válido lembrar a norma padrão está para a ideologia de homogeneidade da língua, o que a difere, por exemplo, da norma culta, que está ligada a valores sociais, sendo difundida na mídia e nos grandes centros (Freitag; Lima, 2010).

Almeida e Bortoni-Ricardo (2023) consideram necessário para a aplicação de um ensino baseado em sociolinguística em sala de aula os estudos das variações histórica, social, estilística e geográfica. Porém, a abertura dada aqui é que cada docente conhece sua realidade, logo, consideramos que cada professor deve medir esforços para a aplicação no trabalho docente selecionando criteriosamente o que é mais urgente.

O que se tenta entender, portanto, é qual o trato que se dá às variações linguísticas frente ao ensino de língua materna em escola. Sobre o tema, Bortoni-Ricardo (2005) evidencia que “a pergunta que deveríamos fazer, então, não é se as escolas são veículos eficientes de transmissão da língua-padrão, mas, sim, especificamente, se as escolas contribuem para que os alunos adquiram os estilos formais de língua” (Bortoni Ricardo, 2005, p. 182). Este trabalho, então, frente a todo esse cenário da sociolinguística educacional, trata do resultado final de uma pesquisa realizada no município de Colinas/MA, que entende a importância das variações linguísticas e busca verificar como elas são tratadas no ensino de língua portuguesa, dado que muitas vezes elas são desconsideradas no ensino.

Percebemos que não há trabalhos em relação a pesquisas sociolinguísticas no município, bem como não verificamos produções registradas em buscadores como o Google Acadêmico⁴ ou ao Repositório CAPES⁵ de Dissertações e Teses. Logo, entendemos a necessidade de pesquisar, registrar e publicar resultados para alavancar a produção científica local. Além disso, compreendemos que nossa justificativa envereda a importância de se discutir a variação linguística em sala de aula, uma vez que a fala, parte social da língua, muda constantemente e em espaços escolares precisa-se de maior atenção para que fenômenos como o preconceito linguístico não prevaleça.

Para tanto, partiu-se da pesquisa bibliográfica para a pesquisa de campo, através do instrumento de pesquisa “questionário” com os professores de língua portuguesa em uma escola de Colinas. A análise foi realizada conforme a observação dos que os autores dizem, confrontando suas ideias a realidade observada.

⁴ Disponível em: <https://scholar.google.com.br/>. Acesso em: 25 jun. 2024.

⁵ Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/>. Acesso em: 24 jun. 2024.

Dos objetivos que guiaram o nosso trabalho, elencamos como geral o seguinte: estudar como ocorre o processo de ensino de língua materna, com foco na observação do tratamento das variações linguísticas em sala de aula de uma escola de Colinas/MA. Dos específicos: compreender os sentidos de variação linguística e como são teorizados; analisar a funcionalidade do ensino de variação linguística em sala de aula; e verificar se o que autores de sociolinguística teorizam acerca do ensino de língua materna são concretizados em sala de aula.

2. DOS PASSOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa foi dividida em duas partes. A primeira foi um estudo bibliográfico, de caráter qualitativo, para a compreensão dos sentidos de língua, linguagem e variação linguística. Neste momento da pesquisa, recorreu-se a autores como Bagno (2007, 2015), Bortoni-Ricardo (2005), Labov (2008) e Abreu (2014), considerados essenciais para a compreensão geral de sociolinguística. Além disso, foi realizada pesquisa em duas bases de dados, o repositório Capes de Teses e Dissertações e no Google Acadêmico, para verificar estudos que se correlacionem com a pesquisa, nos últimos cinco anos. Ao final da pesquisa, verificou-se os autores que mais tinham correspondência com estudos sociolinguísticos.

A outra parte da pesquisa ocorreu por meio da pesquisa de campo, em pesquisa qualitativa. Esse passo se deu em dois momentos. O primeiro sendo de contato com a instituição de ensino em que se realizou a pesquisa, para depois o contato com os docentes de Língua Portuguesa. A pesquisa sucedeu-se no período de agosto de 2023 a dezembro de 2023.

O estudo se deu no Instituto Estadual de Educação, Ciência e Tecnologia – IEMA Pleno Colinas. Da estrutura hierárquica da escola observou-se o que se consta no Regimento Geral do IEMA: a instituição possui três gestoras (uma geral, uma auxiliar pedagógica e uma auxiliar financeira e geral). Como se trata de uma nova localidade de ensino em Colinas – MA, isto é, a escola foi inaugurada em 2022, a escola possui apenas dois professores de língua portuguesa, com oito turmas, quatro de 1º ano do Ensino Médio e quatro do 2º ano do Ensino Médio.

Logo após, os professores foram selecionados. Aqui, a amostra é dois professores de língua portuguesa da instituição, pois a unidade foi inaugurada, de acordo com o site oficial do governo do estado do Maranhão, em 14 de outubro de 2021. Seu funcionamento oficial, com aulas, teve início apenas com o ano letivo de 2022. Nesse sentido, a escola possuía apenas quatro turmas de 1º ano e quatro de 2º ano do Ensino Médio.

Após a apresentação deste projeto de pesquisa, os professores, foram entrevistados. Eles foram informados sobre o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, isso porque, segundo Abreu (2014), esse documento é essencial para manter a integridade da pessoa física que deve ser mantida em pesquisa com coleta de dados em Sociolinguística. O documento tem a finalidade de resguardar seus direitos a respeito da pesquisa, logo, é indispensável.

adotado pelos docentes da escola, observando se estes validam, ou não, a noção das variações linguísticas no ensino de língua materna. Culminou-se, então, ao final, na escrita deste texto, com o fito de abrir-se novos leques para a pesquisa em variação linguística em Colinas/MA.

3. DAS DISCUSSÕES E RESULTADOS

A pesquisa foi realizada a partir dos procedimentos de pesquisa bibliográfica e de campo, em caráter qualitativo. Em uma primeira instância, foi realizada a leitura do texto *Padrões Sociolinguísticos*, de Labov (2008), para o primeiro com os estudos sociolinguísticos. Logo após, os textos de Bagno (2007-2015) e Bortoni-Ricardo (2005) participaram das leituras seguidas.

A partir disso, foi realizada uma pesquisa nas plataformas Google Acadêmico e Repositório da Capes de Teses e Dissertações. Este momento ocorreu para se levantar considerações sobre a relação da sociolinguística com a sala de aula, além de verificar como é tratado por autores com trabalhos já finalizados e passados por bancas arbitrárias entendem essa relação. Nesse sentido, findamos esta parte selecionando as seguintes teses:

Tabela 1: Trabalhos relacionados a esta pesquisa

Autor	Título	Tipo de Pesquisa	Local de Publicação	Ano
DA SILVA, Maria do Livramento Paula	Variação linguística e ensino de língua materna a partir dos “causos” de Jessier Quirino.	Dissertação	Universidade Estadual da Paraíba	2019
ALVES, Bianca Bruna	Variação linguística, preconceito linguístico e bullying em uma escola estadual no município de Sinop – MT.	Dissertação	Universidade do Estado do Mato Grosso – Campus Sinop	2019
DA COSTA, Mariana Mendes Correa	Crenças e atitudes linguísticas de professores de Língua Portuguesa: a variação linguística na oralidade.	Dissertação	Universidade Federal de Ouro Preto	2019
COELHO, Carina de Almeida	O estudo da variação linguística nas aulas de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental: uma proposta contra o preconceito linguístico e social.	Dissertação	Universidade Federal de Juiz de Fora	2021
SANTOS, Micilane Nascimento	O tratamento da variação linguística no ensino de língua materna: um estudo (n)etnográfico em sala de aula.	Dissertação	Fundação Universidade Federal do Piauí	2021
SILVA, Carlos Eduardo Paula	A interculturalidade em sala de aula no contexto linguístico online interativo.	Dissertação	Centro Universitário Carioca	2021

Fonte: elaborado pela autora.

A partir da análise dos textos, selecionou-se ao final os textos de Alves (2019), Coelho (2021) e Santos (2021) para leitura cuidadosa, fichamento e compreensão final, pois esses textos mais se aproximam da nossa pesquisa. Constatou-se que os autores chegaram considerações parecidas, uma vez que eles consideram que o trato da variação linguística em sala deve ser, ao final, fomentado mais ainda acerca da reflexão das variações linguísticas em sala de aula.

Nesse sentido, entendemos que o espaço destinado a compreensão das variações linguísticas é, para os autores, de muita importância, uma vez que valida a forma de falar dos alunos ingressos nas escolas, pois ao chegar nessas instituições eles já fluentes em língua, porém com particularidades específicas, com suas variantes. É aqui que falamos dos estudos sociolinguísticos e suas contribuições para o ensino.

A principal influência dos estudos sociolinguísticos para a educação provém da ênfase veemente na premissa de que todas as variedades que compõem a ecologia linguística de uma comunidade, sejam elas línguas distintas ou dialetos de uma ou mais de uma língua, são funcionalmente comparáveis e essencialmente equivalentes. Nenhum deles é inerente inferior, e, portanto, seus falantes não podem ser considerados linguísticos ou culturalmente deficientes. (Bortoni-Ricardo, 2005, p. 151).

Assim, os estudos sociolinguísticos influenciam a educação ao afirmar que todas as variedades linguísticas de uma comunidade são funcionalmente comparáveis equivalentes, isto é, nenhuma delas menor ou maior, inferior ou superior, mas sim diferentes. É nesse prisma que entendemos que as variações são fenômenos comuns nas línguas. A fala de Bortoni-Ricardo (2005) deixa claro a relação direta dos estudos sociolinguísticos com a educação, considerando essas pesquisas essenciais, principalmente no combate ao preconceito linguístico.

3.1. DA PESQUISA DE CAMPO: COLETA, ANÁLISE E RESULTADOS

Os passos seguintes do projeto deram-se por meio da pesquisa de campo. Realizada no “Instituto Estadual de Educação, Ciência e Tecnologia de Colinas – IEMA – Unidade Plena Maria das Graças Saraiva”, a pesquisa foi realizada em dois momentos: a visita ao estabelecimento de ensino, com a apresentação do projeto, e, logo após, a seleção dos professores e entrevista deles para a coleta de dados.

A coleta de dados se deu com entrevista, com perguntas direcionadas para a entender como funciona o modelo pedagógico de ensino de língua portuguesa adotado pelos docentes, verificando qual o tratamento é dado as variações linguísticas nas aulas de língua materna. Nesse momento, foi também apresentado aos professores o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, esclarecendo-se também qual o objetivo da pesquisa, os traços metodológicos e a instituição a qual ela está vinculada.

Da parte de identificação do formulário, verificamos, de início, o perfil dos professores. Chamaremos aqui eles de Docente 1 e Docente 2, sendo o primeiro aquele que trabalha com

4 turmas de 1º ano, e o outro que ministra aulas em 4 turmas de 2º ano do Ensino Médio⁶. Os dois docentes ministram aulas dos seguintes componentes curriculares: “Língua portuguesa e literatura” e “Produção textual”.

A primeira e segunda questão do questionário dizem respeito a oferta de livros didáticos para o trabalho docente. Nesse primeiro momento já identificamos uma discrepância ao observar o Docente 1 possuía junto a seus alunos material didático dos componentes curriculares, mas o Docente 2 não. Esse primeiro ponto já uma um paradigma em relação as aulas, pois como o Estado não oferta materiais a todos, entendemos que pode haver quebra na relação dialógica entres os docentes e o conhecimento construídos pelos discentes. O que levou a questão sobre o uso do livro didático, que para o Docente 1 é de uso constante, e para o outro não, já que não existe.

Em sequência, os Docentes marcaram como “intermediário” o conhecimento prévio acerca de língua e literatura dos alunos. O diagnóstico precede várias questões, mas ainda associamos esse conhecimento prévio como intermediário a construção dos anos futuros na escola, pois, novamente, há escassez de materiais didáticos ao Docente 2 e seus alunos.

No item que indaga sobre a presença de objetos de conhecimento sobre variação linguística nos livros didáticos, percebeu-se que os dois docentes marcaram não haver. O que se esperava do Docente 2, já que esse não possui material; mas no caso do Docente 1, ao marcar sobre inexistência de conteúdos de variação, compreendemos, de antemão, que o estudo das variações linguísticas não faz parte do dia a dia das turmas.

Esse primeiro momento, de identificação do perfil dos docentes, funcionou para entender como é dinâmica das aulas dos professores com os alunos. Na parte seguinte do questionário, a indagação foi a respeito da percepção dos docentes sobre a variação linguística. Nesse momento, a pergunta “O que você considera que seja variação linguística?” foi respondida da seguinte forma:

Docente 1: *São os processos contínuos de transformação de uma língua em decorrência de inúmeros fatores que são próprios das relações humanas.*

Docente 2: *São as diferentes formas de falar um idioma.*

A fala dos docentes remete a conhecimentos já entendidos pela sociolinguística. Consideramos, entretanto, que as respostas poderiam apresentar mais abordagens a respeito da língua. Isso porque considera-se a língua um sistema organizado, mas que varia (Coelho *et al*, 2015). As respostas, portanto, por considerarem as variações linguísticas como processos de transformações na língua e diferentes formas de falar, estão no campo da superficialidade.

⁶ Até o final do ano letivo de 2023, o IEMA Pleno Colinas possuía apenas 1º e 2º ano do Ensino Médio, pois a proposta da escola é a de ensino técnico, onde a formação do aluno não pode ocorrer de forma isolada, por apenas um ou dois anos. Logo, a escola terá apenas as três turmas em 2024.

Os dois pontos seguintes do questionário direcionam indagações sobre os discentes. As questões foram: “os alunos possuem formas de falar diferentes?” e “você faz atividades que retomam a forma de falar dos alunos?”. Nesse momento, os docentes responderam que sim. O que já revela certa preocupação em valorizar a fala dos discentes.

Nos pontos seguintes buscamos observar se há representação da fala por meio da escrita, com o fito de entender como funciona o trabalho docente frente a isso. Aqui, duas questões foram levantadas. A primeira era se os alunos escrevem como falam. E a segunda como os docentes lidavam com essa situação. Os docentes tiveram respostas diferentes. O Docente 1 respondeu que seus alunos escrevem como falam, já o Docente 2 não. Mas quando buscamos entender essa relação no questionamento seguinte, como eles lidavam, obtemos o seguinte:

Docente 1: *Poucos estudantes ainda escrevem alguns vocábulos de acordo com sua fala. Nestes casos, faço as observações diretamente na atividade do aluno e durante a correção dos exercícios, reforço os pontos de atenção.*

Docente 2: *Sempre explico a importância e diferença da linguagem coloquial e norma culta.*

Há, pois, preocupação dos docentes em apresentar a norma padrão e norma culta aos alunos. Mas observamos apenas a exaltação de variantes na fala do Docente 2, que demonstra em sua fala a preocupação com a linguagem coloquial. Ressaltamos aqui que entendemos que entre norma padrão e norma culta há diferenças. Esse posicionamento nos leva novamente a percepção entre norma padrão e norma culta, sendo a primeira associada a uma língua homogênea, e a segunda estando intrinsecamente ligada a valores sociais. A disparidade entre as duas, segundo Freitag e Lima (2010), concentra-se principalmente no caráter social que atribuímos a língua e a um parâmetro entre certo e errado.

No passo seguinte, a questão levantada era sobre como o objeto de conhecimento de variação linguística era trabalhada em sala de aula e se os docentes consideravam importante ter esse objeto de conhecimento como parte de seu trabalho pedagógico.

Acerca da pergunta “como você trabalha o objeto de conhecimento variação linguística?” as respostas dadas foram as seguintes:

Docente 1: *As aulas são trabalhadas por meio de material visual (slides), vídeos (curta-metragem, documentários, trecho de filmes); a vivência do aluno no seu cotidiano, nos vários contextos nos quais está inserido para que possa compreender melhor a sua fala e as necessidades de ajustes de acordo com o ambiente, tanto na escrita como na oralidade.*

Docente 2: *Gosto de trabalhar com charges, vídeo, músicas. É um tema que permite uma aula bem dinâmica.*

Já no outro questionamento, “Você considera o ensino respeitando as variações linguísticas necessárias? Por quê?”, as respostas dadas foram estas:

Docente 1: *Considero fundamental o ensino da variação linguística, tendo em vista que é importantíssimo que compreendamos o porquê de falarmos de maneira diferente dependendo do ambiente no qual nos encontramos.*

Docente 2: *Eu não acho.*

Neste momento, preferimos uma análise comparativa entre as respostas dadas. Ao observamos o Docente 1, observamos uma construção de diálogo entre conteúdos e vivências para o discente. Por ele considerar fundamental o ensino de língua materna em que se apresente variações linguísticas, assim, encontramos uma perspectiva mais favorável, sugerindo um conhecimento mais profundo acerca da língua, variação e ensino.

De um outro lado, com a utilização de metodologias próximas ao do primeiro docente, observamos um ponto de vista diferente em relação as variações linguísticas. Ao não considerar o ensino que respeita as variações linguísticas, entendemos uma percepção do Docente 2 distante entre o ensino de língua e o uso oral da língua – a fala. Nós recorremos à fala de Almeida & Bortoni-Ricardo (2023) para explicar a necessidade de isso não ocorrer:

O estudo da língua não deve vir dissociado da cultura do grupo que a utiliza, o que muito pode contribuir para o ensino de língua na escola, uma vez que o professor, ao se propor a ensinar a Língua Portuguesa nas escolas brasileiras de acordo com essa premissa, deve repensar toda sua postura relativa à língua, considerando a forma linguística e os aspectos culturais dos alunos com que vai lidar. (Almeida; Botoni Ricardo, 2023, p. 15-16)

Portanto, o estudo da língua deve estar integrado à cultura dos grupos que a utilizam. Isso é importante para o ensino de língua portuguesa nas escolas, pois o professor, no processo de ensinar e aprender, deve reavaliar sua abordagem, levando em conta não apenas as formas linguísticas, mas também os aspectos culturais dos discentes. Nesse prisma, é indispensável pensar que toda língua varia muda (Bagno, 2015). Logo, as variações linguísticas ocorrem em todos os contextos sociais e em todas as culturas. Assim, entende-se que os resultados dessa didática, para o Docente 2, que não considera importante validar o respeito as variações em sala de aula, podem resultar no preconceito linguístico. Porém, este trabalho não tem a finalidade apresentar resultados das didáticas na escola, mas fazer, de início, um diagnóstico. Logo, ao observar a funcionalidade do ensino da variação no instituto, obtemos visões diferentes dos docentes de língua portuguesa.

Logo, concluímos que, até o ano de 2023, o processo de ensino da língua materna no Instituto Estadual de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão - IEMA Pleno Colinas, abrangendo as turmas do 1º e 2º ano do Ensino Médio, aborda as variações linguísticas em sala de aula e as reconhece parcialmente. Torna-se evidente, portanto, a necessidade de uma abordagem renovada para que todo o espectro sociolinguístico seja devidamente contemplado.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sociolinguística desempenha importante e significativo papel no contexto educacional, investigando a interação entre linguagem e sociedade. Ao investigá-la por um campo da educação, a sociolinguística educacional, percebemos a importância do devido tratamento às variações linguísticas. Este estudo teve o fito de compreender como ocorre o processo de ensino de língua materna, observando o trato que é dado às variações em sala de aula em Colinas/MA.

Nesse sentido, entendemos que a escola escolhida obtém significativo trato às variações, porém ainda não suficiente para entrelaçar os estudos sobre variação, língua e ensino. Isso porque as variações ainda não ocupam significativo papel no processo de ensino-aprendizagem na escola pesquisada.

Por fim, os objetivos desta pesquisa foram alcançados, pois compreendeu-se os sentidos de variações linguísticas e como eles são teorizadas. De acordo com a percepção ao longo da pesquisa, viu-se uma abordagem que estuda esses fenômenos dentro da língua. No que tange a compreensão dos sentidos de variação linguísticas, as pesquisas evidenciam uma teorização profunda, sendo eles explicadas, principalmente neste trabalho, por Bagno (2007-2015) e Bortoni-Ricardo (2005).

A investigação da funcionalidade do ensino de variação linguística em sala de aula revelou *insights* cruciais sobre a implementação prática desses conceitos, demonstrando não apenas a importância teórica, mas também sua relevância tangível no contexto educacional. Além disso, ao confrontar as teorias sociolinguísticas com a realidade do ensino de língua materna, identificamos convergências e discrepâncias, proporcionando uma visão crítica e informada sobre a efetiva concretização desses princípios na prática pedagógica.

Portanto, esses resultados reforçam a necessidade contínua de uma abordagem reflexiva e adaptativa no ensino da variação linguística, garantindo que as teorias sociolinguísticas se traduzam efetivamente em práticas educacionais enriquecedoras e inclusivas. Este trabalho, inclusive, abre novas perspectivas para futuras pesquisas na escola escolhida, como também em outras instituições de ensino de Colinas/MA.

REFERÊNCIAS

ABREU, Ricardo Nascimento. Aspectos legais envolvidos na coleta de dados linguísticos. In: FREITAG, Raquel Meister Ko. *Metodologia de coleta e manipulação de dados em Sociolinguística*. – São Paulo: Blucher, 2014.

ALMEIDA, Joyce Elaine de; BORTONI-RICARDO, Stella Maria. *Variação linguística na escola*. – São Paulo: Contexto, 2023.

ALVES, Bianca Bruna. *Variação linguística, preconceito linguístico e bullying em uma escola estadual no município de Sinop – MT*, 2019. 82f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS)

Universidade do Estado do Mato Grosso – Campus Sinop – UEMT, Sinop – MT, 2019.

BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. – São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAGNO, Marcos. *A língua de Eulália: novela sociolinguística*. 17. ed., 4º reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2015.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Nós chegemu na escola, e agora?* Sociolinguística e Educação. - São Paulo, Parábola, 2005.

CEZARIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). *Manual de linguística*. 2. ed., 6º reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2018. pp. 141-156.

COELHO, Carina De Almeida. *O estudo da variação linguística nas aulas de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental: uma proposta contra o preconceito linguístico e social*, 2021. 182f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS). Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF, Juiz de Fora – MG, 2021.

COELHO, Izete Lehmkuhl; et al. *Para conhecer sociolinguística*. São Paulo; Contexto, 2015.

FREITAG, Raquel Meister Ko. *Metodologia de coleta e manipulação de dados em Sociolinguística*. - São Paulo: Blucher, 2014. Cap. 1, pp. 7-17.

FREITAG, Raquel Meister Ko.; LIMA, Geralda de Oliveira Santos. *Sociolinguística*. - São Cristóvão, Universidade Federal de Sergipe, CESAD, 2010.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno; et al. São Paulo Parábola Editorial, 2008 [1972].

REGIMENTO GERAL/ IEMA. Disponível em: <https://iema.ma.gov.br/wp-content/uploads/2022/11/Regimento-Geral-Iema-Aprovado-em-08.04.16.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2024.

SANTOS, Micilane Nascimento. *O tratamento da variação linguística no ensino de língua materna: um estudo (n)etnográfico em sala de aula*, 2021. 127f. Dissertação (Mestrado em Letras). Fundação Universidade Federal do Piauí – UFPI, Teresina – PI, 2021.

■ ■ **ESTUDOS LITERÁRIOS**

LITERARY STUDIES

A FÁBULA E A LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA: UM COTEJO ENTRE LOBATO E FIGUEIREDO

THE FABLE AND BRAZILIAN CHILDREN'S LITERATURE: A COMPARISON BETWEEN LOBATO AND FIGUEIREDO

Fernanda Buldrini Barreto¹

Vitória Nunes Castelo Branco²

RESUMO: Pretende-se estabelecer a relação entre a fábula, enquanto gênero elementar e amplamente difundido na Antiguidade, e a literatura infantil brasileira, tendo como elementos de estudo os escritores Monteiro Lobato e Guilherme Figueiredo. Escolhemos selecionar aspectos gerais sobre a cronologia da fábula englobando, sobretudo, o legado de Esopo. A título de exemplo, elabora-se uma análise comparativa concisa entre as fábulas destes escritores. Ao longo desta proposta, busca-se evidenciar o vínculo entre o gênero fabulístico e a literatura infantil nacional.

Palavras-chave: Fábula. Literatura infantil. “A cigarra e a formiga”. Reescrita.

ABSTRACT: The purpose of this article is to establish a link between the fable, a basic genre that was popular in Antiquity, and Brazilian children's literature, specifically the works of Monteiro Lobato and Guilherme Figueiredo. We choose to focus on general parts of the fable's chronology, particularly Aesop's legacy. For example, a simple comparative study was made between these authors' stories. Throughout this proposal, we hope to emphasize the relationship between the fabulistic genre and Brazilian children's literature.

Keywords: Fable. Children's literature. “The cicada and the ant”. Rewriting.

1. INTRODUÇÃO

Ao longo do artigo “A fábula”, Portella (1983) inicia a discussão sobre este gênero destacando como foi infeliz a crítica literária, ao longo de um período extenso, por não destinar a devida atenção à fábula. Neste sentido, foram restritos os estudos que consideravam a riqueza fabulística, levando em conta seu hibridismo, estímulo da capacidade crítica, ironia, concisão, personificação, mensagem alegórica e outros aspectos que caracterizam o gênero como via literária única.

De acordo com Maria Celeste Consolin Dezotti, “a fábula é um ato de fala que se realiza por meio de uma narrativa ficcional” (Dezotti, 2018, p. 24). Em seu livro *A tradição da fábula:*

¹ Graduanda da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) pela Faculdade de Letras, habilitação em Letras Clássicas- Latim. Pesquisadora voluntária de Iniciação Científica.

² Graduanda da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) pela Faculdade de Letras, habilitação em Estudos Literários. Bolsista PIBIC-CNPq de Iniciação Científica.

de Esopo a *La Fontaine*, a autora aponta como ato de fala o mostrar, censurar, recomendar e aconselhar (Dezotti, 2018). Desse modo, elabora-se a ideia da fábula enquanto narrativa que se estrutura a partir da existência de uma moral, um direcionamento evidente. Trata-se de um texto que visa a guiar, explicitamente, o leitor (seja qual for a sua faixa etária) que navega pelas inúmeras situações da vida.

Considerando isto, a etimologia da palavra que nomeia o gênero é bastante ilustrativa: possui radical indo-europeu e deriva do latim *fari, fatus*. A palavra latina faz referência à fala e explicita a herança oral da fábula, uma vez que, na Antiguidade, as narrativas fabulistas eram transmitidas oralmente. Assim como acontece com diversos gêneros, é ampla a definição de fábula na Teoria Literária. Para Portella (1983, p. 124), a fábula corresponde a “uma ação alegórica na qual se oculta um ensinamento”. Com esta afirmação, o estudioso pretende destacar o papel da metáfora na fábula, afirmando que é a partir dela, principalmente, que o gênero constrói o seu caráter didático, moralizante.

Tratando da estrutura da fábula, Dezotti (2018, p. 26) afirma que nela existem dois momentos bem delimitados. O primeiro deles é a própria narrativa, o enredo. Em seguida, tem-se a interpretação da situação narrada, forma metalinguística conhecida como moral — esta, inclusive, pode ser explícita ou implícita. Nesse sentido, a maneira como a moral está disposta na fábula poderá receber diferentes denominações. Caso anteceda a narrativa, chamada de *mythos* pelos gregos, poderá receber o nome de “promítio”, da partícula *pro* (antes) + *mythos*. E, caso se apresente posteriormente, receberá o nome de “epimítio”, de *epi* (depois) + *mythos*. Ao longo da história do gênero, nota-se uma variação de escolhas entre promítios e epimítios, conforme os critérios de cada fabulista.

No que tange à sua origem, a fábula é um gênero milenar fundamentado pelas narrativas orais que perpassam diversos povos e regiões. Firmou-se como um importante gênero literário por influência de Esopo (620 a.C. — 564 a.C.), um grande fabulista grego, de possível origem trácia, frígia ou etíope, alcunhado como o “pai da fábula”.³ Acredita-se que ele teria sido um escravizado de Xantos (Heródoto, *Histórias* II), libertado por sua grande esperteza e capacidade comunicativa.

Na Roma Antiga, por sua vez, quem obteve destaque foi Fedro (séc. I d.C.). O fabulista, inspirado por Esopo, não somente propagou o gênero, como inseriu nele o seu próprio estilo: Fedro apresenta as suas máximas, como visto em Dezotti (2021, p. 84 ss.), no início das fábulas, à medida que, nas fábulas esópicas, a moral é encontrada geralmente ao final do texto. Outra diferença existente entre Esopo e Fedro ocorre na configuração do texto, dado que o primeiro escreve em prosa, enquanto Fedro escreve em verso.

Nesse sentido, a Antiguidade Clássica é visivelmente marcada pela utilização das fábulas, visto que foram empregadas em ambientes muito diversificados, com papel fundamental

³ Esopo ficou conhecido como “pai da fábula” por ganhar destaque enquanto grande divulgador desse tipo de texto, e não por tê-lo inventado (Dezotti, 2018, p. 33).

enquanto instrumento retórico e argumentativo. Aristóteles (século IV a. C.), na *Meteorologia* (II.3, 356b)⁴, assim como na *Arte Retórica*, utiliza as fábulas esópicas como exemplos fictícios, a fim de realizar apontamentos sobre a oratória e persuasão do discurso. Dessa forma, tanto Esopo quanto Fedro se destacaram na Idade Antiga, seja entre os oradores, seja pela capacidade que tinham de aconselhar o público e contornar possíveis reações adversas dos criticados, como açoitamentos e condenações, através da linguagem.

Posto isso, diante dos apontamentos presentes, este artigo se direcionará para uma aproximação entre a fábula, reconhecida como um gênero antigo e relevante, e o universo da literatura infantil. Aqui, propomos comentar a fábula desde a sua conceituação e origem, relacionando com o aspecto de seu laço com a literatura infantil, o que tocará nas obras de importantes fabulistas brasileiros. Para isso, serão comparadas diferentes versões das fábulas de Esopo, com implementação na literatura nacional por José Bento Monteiro Lobato (1882-1948) e Guilherme Figueiredo (1915-1997). O texto se debruça, então, sobre as potencialidades da fábula, sobretudo enquanto gênero literário atual que pode ser explorado na infância.

2. FÁBULA E LITERATURA INFANTIL

O vínculo entre literatura e infância nem sempre foi existente. Até meados do século XVII, a infância não era socialmente concebida enquanto fase de desenvolvimento singular e à parte da fase juvenil e adulta. Como retrato disto, por exemplo, sabe-se que foi normalizado o trabalho infantil na história da humanidade e não existia a ideia de escola enquanto instituição. Diante desta realidade, também era menos comum uma literatura voltada para este público específico.

Interessa notar que, segundo Nazira Salem (1970, p. 21), durante a Idade Média, “acreditavam que a criança possuía faculdades inatas que com o tempo se desenvolveriam”. Neste viés, havia um nivelamento das necessidades entre crianças e adultos e as particularidades da infância eram desconsideradas. Por tal motivo, durante vasto período da história da humanidade não existiu grande preocupação de se elaborar uma literatura voltada exclusivamente para o público infantil.

Entretanto, este cenário começa a ser questionado na Europa com o princípio dos avanços sociais que culminaram na transição das monarquias para o Estado burguês no século XVIII. É a partir deste momento histórico que a infância passa a ser pensada como fase relevante e excepcional para o desenvolvimento do indivíduo. Assim, instaura-se a escola enquanto instituição para suprir as necessidades da burguesia e recuperar “o elo entre a criança e a sociedade”, conforme pontua Souza (2004, p. 59).

Como destaca Zilberman (2014, p. 15), é devido a esta nova configuração social que se tem o surgimento de um novo público leitor, que buscava narrativas condizentes com sua fase de vida. Tem-se, então, a construção de um setor literário específico voltado para a necessidade

⁴ Gil, 2019, p. 35.

infantil⁵ e que teve seu reconhecimento impulsionado ao longo do final do século XIX. Ainda, no primeiro momento, recorreu-se à adaptação de textos já consumidos pela população adulta.

Diante desta necessidade da criação de uma literatura infantil, procederam da tradição popular várias histórias que acompanharam o desenvolvimento da criança por tantos séculos. Em relação à tradição popular que “transitou” para o universo infantil nesta época, Zilberman (2014, p. 16) afirma: “muito se adaptou, a ponto de certas obras passarem a ser reconhecidas quase que exclusivamente como infantis”.⁶ Uma vez estabelecida a relevância social da literatura infantil, teve-se como ideia inicial a adaptação dos textos já existentes, até então consumidos por adultos.

A partir desta lógica, passou-se muitas vezes a recorrer às fábulas — ou aos contos de fadas — para a elaboração de uma literatura destinada ao leitor infantil. Por se tratar de textos curtos, de fácil assimilação, teor lúdico envolvendo animais e uma linguagem simples voltada para a oralidade, a tradição fabulística encantou pequenos leitores e hoje pode ser considerada como uma ramificação proeminente e bem estabelecida da literatura infantil.

No tocante ao cenário brasileiro, foi apenas mais tarde que se despertou para a necessidade de uma literatura voltada para crianças. Desse modo, somente na década de 1920 foi apresentada de modo mais maduro, aos pequenos leitores de nosso país, uma literatura que marcaria a infância de tantas gerações: tais histórias foram adaptadas da fábula e repensadas por Monteiro Lobato.⁷ Como se vê, o estudo da literatura infantil possui um viés que extrapola as margens da Academia e engloba, também, importância social.

3. A FÁBULA EM MONTEIRO LOBATO

Elaborado o conceito de fábula, suas particularidades e a importante relação estabelecida com a literatura infantil, é preciso analisar o gênero no cenário brasileiro a partir de um dos seus maiores expoentes: Monteiro Lobato. Paulista de Taubaté, graduado em Direito pela Universidade de São Paulo, José Bento Monteiro Lobato (1882-1948) foi escritor, editor, tradutor, promotor, fazendeiro e empresário atuante no Brasil. Entretanto, segundo Marisa Lajolo (2000) em seu livro *Um brasileiro sob medida*, foi na literatura que Lobato firmou o seu legado. Indissociável para diversas gerações de Dona Benta e companhia, Lobato também explorou o universo fabulístico com sucesso.

⁵ Segundo Zilberman (2014, p. 17), Charles Perrault (1628-1703), na França, e Jacob (1785-1863) e Wilhelm Grimm (1786-1859), na Alemanha, foram nomes que publicaram visando ao público infantil e partindo, frequentemente, da tradição fabulística e/ou folclórica.

⁶ “Chapeuzinho Vermelho”, “Cinderela”, “João e Maria”, “Bela Adormecida” e outras tantas invenções ganharam corpo através das transcrições e adaptações ao leitor em questão por Charles Perrault e Jacob e Wilhelm Grimm, respectivamente na França e Alemanha.

⁷ Zilberman (2014, p. 18) aponta que até o início das criações de Lobato, os livros brasileiros de fábulas ou histórias infantis do séc. XIX – como a tradução das *Fábulas* de La Fontaine pelo Barão de Paranapiacaba (1827-1915) – foram elaborados a partir de adaptações de livros adultos, sendo carregados de linguagem própria deste público e com demasiado teor moralizante.

O vínculo de Lobato com a fábula formou-se precocemente: ainda nos primeiros anos do auge do movimento modernista brasileiro, o autor publicou, pela empresa “Monteiro Lobato e Cia.-Editores”, a obra *Fábulas de Narizinho* (São Paulo, 1921), antologia infantil que abarcava 29 fábulas. Diante do sucesso de vendas, no ano seguinte, e sob o título de *Fábulas* (São Paulo, 1922), Lobato elaborou nova edição composta por outras 48 narrativas.

No princípio da primeira edição — seguindo as especificações da norma ortográfica vigente na época —, o criador de Narizinho estabelece uma comparação, dizendo que “As fabulas constituem um alimento espiritual correspondente ao leite na primeira infância”.

Em seguida, afirma:

O autor nada mais fez senão dar forma sua às velhas fabulas que Esopo, Lafontaine e outros crearam. Algumas são tomadas do nosso “folk-lore” e todas trazem em mira contribuir para a criação da fabula brasileira, pondo nellas a nossa natureza e os nossos animaes, sempre que é isso possível. (Lobato, 1921, não paginado)

A partir destes trechos, é possível notar a determinação de Lobato em trazer as fábulas para o plano cultural brasileiro, ciente da responsabilidade que envolve lidar com leitores infantis. Merecem a devida atenção, também, os nomes dos antigos fabulistas apontados pelo paulista como base de seu trabalho: ou seja, o grego Esopo e o francês La Fontaine.⁸ Neste momento, cabe-nos trazer à discussão a fábula “A cigarra e as formigas”, de Esopo, na tradução do grego proposta por Maria Celeste Consolin Dezotti (2018, p. 48):

“Era inverno e as formigas estavam arejando o trigo molhado, quando uma cigarra faminta pôs-se a pedir-lhes alimento. As formigas, então, lhe disseram, ‘Por que é que, no verão, você também não recolheu alimento?’. E ela: ‘Mas eu não fiquei à toa! Ao contrário, eu cantava doces melodias!’ . Então elas lhe disseram, com um sorriso: ‘Mas se você flautear no verão, dance no inverno!’ . A fábula mostra que as pessoas não devem descuidar de nenhum afazer, para não se afligirem nem correrem riscos”.

Nota-se, então, que Esopo elaborou uma fábula curta destacando a discrepância entre as atitudes das formigas trabalhadoras, a cigarra cantora e o resultado colhido por cada espécie. O primeiro grupo preparou-se durante o verão e, no inverno, já dispunha de quantidade satisfatória de víveres para a alimentação. Por sua vez, a cigarra passou os dias quentes cantando. Com a chegada do tempo frio e a falta do que comer, recorreu ao formigueiro e não obteve a ajuda solicitada. O texto do epimítio ressalta, fazendo uso da metalinguagem, a relevância da prudência e do planejamento, a fim de evitar situações futuras de vulnerabilidade.

Diante dessa criação atribuída a Esopo, o “pai da literatura infantil brasileira” dedicou-se a criar sua(s) própria(s) versão(-ões) da fábula, preocupado com trazer o texto antigo, do melhor modo, para as crianças do país daquela época. Tem-se em Lobato, então:

⁸ Jean de La Fontaine (1621-1695) foi um poeta e fabulista francês, tendo lançado sua primeira coletânea de fábulas em 1668. Fez forte referência aos fabulistas antigos como base do seu trabalho, que contou com inovações as quais “carregam um traço de individualidade” (Dezotti, 2018, p. 152).

“I- A formiga boa

Houve uma jovem cigarra que tinha o costume de chiar ao pé dum formigueiro. Só parava quando cansadinha; e seu divertimento então era observar as formigas na eterna faina de abastecer as tulhas.

Mas o bom tempo afinal passou e vieram as chuvas. Os animais todos, arrepiados, passavam o dia cochilando nas tocas.

A pobre cigarra, sem abrigo em seu galhinho seco e metida em grandes apuros, deliberou socorrer-se de alguém.

Manquitolando, com uma asa a arrastar, lá se dirigiu para o formigueiro.

Bateu — tique, tique, tique...

Aparece uma formiga friorenta, embrulhada num xalinho de paina.

— Que quer? — perguntou, examinando a triste mendiga suja de lama e a tossir.

— Venho em busca de agasalho. O mau tempo não cessa e eu...

A formiga olhou-a de alto a baixo.

— E o que fez durante o bom tempo, que não construiu sua casa?

A pobre cigarra, toda tremendo, respondeu depois dum acesso de tosse.

— Eu cantava, bem sabe...

— Ah! ... exclamou a formiga recordando-se. Era você então quem cantava nessa árvore enquanto nós labutávamos para encher as tulhas?

— Isso mesmo, era eu...

— Pois entre, amiguinha! Nunca poderemos esquecer as boas horas que sua cantoria nos proporcionou. Aquele chiado nos distraía e aliviava o trabalho.

Dizíamos sempre: que felicidade ter como vizinha tão gentil cantora! Entre, amiga, que aqui terá cama e mesa durante todo o mau tempo.

A cigarra entrou, sarou da tosse e voltou a ser a alegre cantora dos dias de sol.

II- A formiga má

Já houve, entretanto, uma formiga má que não soube compreender a cigarra e com dureza a repeliu de sua porta.

Foi isso na Europa, em pleno inverno, quando a neve recobria o mundo com seu cruel manto de gelo.

A cigarra, como de costume, havia cantado sem parar o estio inteiro e o inverno veio encontrá-la desprovida de tudo, sem casa onde abrigar-se nem folhinha que comesse.

Desesperada, bateu à porta da formiga e implorou — emprestado, notem!

— uns miseráveis restos de comida. Pagaria com juros altos aquela comida de empréstimo, logo que o tempo o permitisse.

Mas a formiga era uma usurária sem entranhas. Além disso, invejosa. Como não soubesse cantar, tinha ódio à cigarra por vê-la querida de todos os seres.

— Que fazia você durante o bom tempo?

— Eu... eu cantava!...

— Cantava? Pois dance agora, vagabunda! — e fechou-lhe a porta no nariz.

Resultado: a cigarra ali morreu entanguidinha; e quando voltou a primavera o mundo apresentava um aspecto mais triste. É que faltava na música do mundo o som estridente daquela cigarra, morta por causa da avareza da formiga. Mas se a usurária morresse, quem daria pela falta dela?

Os artistas — poetas, pintores, músicos — são as cigarras da humanidade.

— Esta fábula está errada! — gritou Narizinho. — Vovó nos leu aquele livro do Maeterlinck sobre a vida das formigas e lá a gente vê que as formigas são os únicos insetos caridosos que existem. Formiga má como essa nunca houve.

Dona Benta explicou que as fábulas não eram lições de História Natural, mas de Moral.

— E tanto é assim — disse ela — que nas fábulas os animais falam e na realidade eles não falam.

— Isso não! — protestou Emília — Não há animalzinho, bicho, formiga ou pulga, que não fale. Nós é que não entendemos a linguagem deles.

Dona Benta aceitou a objeção e disse:

— Sim, mas nas fábulas os animais falam a nossa língua e na realidade só falam as linguinhas deles. Está satisfeita?

— Agora, sim! — disse Emília muito ganjenta com o triunfo. — Conte outra”.⁹ (LOBATO, 2019, p. 15)

Em formato moralizante, Lobato acrescenta o epimítio: “Os artistas — poetas, pintores, músicos — são as cigarras da humanidade”. Tanto na versão da formiga boa como neste trecho, é interessante notar como o escritor traz uma transvaloração¹⁰ dos artistas, os seres que cumprem o papel de alegrar a sociedade. Ainda no cenário do século XX no Brasil, Monteiro Lobato se preocupou em colocar os artistas na função de trabalhadores e reforçar o papel imprescindível da arte na vida, que faz questionar certezas (a formiga como o único ser trabalhador), humanizar a rotina de trabalho (o canto da cigarra que podia ser ouvido pelo formigueiro), tratar da solidariedade (a boa formiga que partilha o seu abrigo) e da possibilidade de convivência pacífica entre diferentes grupos (as formigas no seu modo de trabalho e a cigarra no seu).

O texto, imediato no período de transformações culturais e de entendimento da noção de literatura no país o qual Lobato atravessou, ainda se mantém vivo. Realizada a leitura, é

⁹ Escolheu-se por fazer uso da fábula “A cigarra e a formiga”, reproduzida no livro *Fábulas seguido de histórias diversas* de 2019, pois o texto engloba, assim como a edição de 1922, duas versões da história: “A formiga boa” e “A formiga má”, além de intervenções dos personagens lobatianos; isso não ocorria na edição de 2021.

¹⁰ Termo discutido por Genette (1982, p. 539): “[...] toute opération d’ordre axiologique, portant sur la valeur explicitement ou implicitement attribuée à une action ou à un ensemble d’actions: soit, en général, la suite d’actions, d’attitudes et de sentiments qui caractérise un personnage”. — “[...] toda operação de ordem axiológica que afete o valor explícita- ou implicitamente atribuído a uma ação ou a um conjunto de ações, em geral a uma série de ações, de atitudes e de sentimentos que caracterizam um personagem” (trad. Eliana Amarante de Mendonça Mendes).

importante destacar como o autor aproxima as noções de literatura infantil e educação, sobretudo ao final da fábula, quando apresenta o diálogo entre os personagens do Sítio. Neste viés, Dona Benta, narrando a fábula para suas crianças, encontra-se em uma posição de mediadora: atua como uma mestra para os personagens e para o público. Narizinho e Emília, ao questionarem o sentido da história que acabam de escutar, são representações de jovens leitores envolvidos na atividade e no mundo. Assim, as crianças, da literatura e da realidade, são apontadas enquanto indivíduos com pensamentos e vontades próprias e não simples receptoras de valores impostos pelos desejos dos adultos (Lopes, 2006, p. 34).

Partindo desta análise, também é válido observar a adaptação de Lobato enquanto um hipertexto que se pauta em um hipotexto (neste sentido, a fábula antiga de Esopo). O processo de transformação,¹¹ refinado por Gérard Genette como “transposição”,¹² ressalta o caráter de reformulação de fontes em novos trabalhos. Finalmente, exposta a fábula lobatiana e o seu lugar consagrado na literatura infantil brasileira, é oportuno examinar o legado de seus sucessores no cenário mais recente das fábulas nacionais voltadas para o público mirim.

4. A FÁBULA EM GUILHERME FIGUEIREDO

Tratando-se do universo fabulístico, é indispensável mencionar a figura de Guilherme de Oliveira Figueiredo (1915-1997). Memorável autor, dramaturgo e tradutor brasileiro, Figueiredo foi um homem complexo, que escreveu sobre as mais diversas áreas do conhecimento (Pereira; Costa; Neves, 2019, p. 172). Dentre os textos escritos por ele, destaca-se o livro *Fábulas de Esopo*, que, na sua terceira edição, reúne 67 transcrições das fábulas esópicas. O autor escreveu, ainda no contexto da literatura infantil, o livro *A arca do senhor Noé*, publicado em 1964.

A sua produção, no entanto, não se restringe ao campo literário da criança. A premiada¹³ peça de teatro *A raposa e as uvas*, por exemplo, pode ser classificada como uma literatura adulta: a obra, inspirada por *Vida de Esopo*¹⁴, trata sobre temas como infidelidade, escravização e violência. Nesta peça, as fábulas são recitadas pelo escravo Esopo, um personagem inspirado no autor cognato, e desempenham papel fundamental na trama.

Posto isso, as fábulas podem ser aplicadas em temas que não estão estritamente relacionados à literatura infantil e, assim como ocorre com os trabalhos de Figueiredo, não se restringem a um estilo de público específico.

¹¹ Cavalcante; Faria; Mendonça, 2017, p. 10: “A transformação [para o crítico Genette] comporta os procedimentos por meio dos quais se opera a passagem de um texto específico a outro. Admitem-se, nesse processo, alterações de estilo ou do gênero literário, desde que não se percam elementos semânticos, isto é, modificações drásticas de conteúdo pertinentes ao texto original”.

¹² Cavalcante; Faria; Mendonça, 2017, p. 10: “Os casos pretensamente ‘neutros’ [i.e., isentos de ‘intenções’ lúdicas ou satíricas], por assim dizer, de *transformação* e imitação foram, então, nomeados como *transposição* e *forjação*” (grifos nossos).

¹³ As peças de Figueiredo foram encenadas em vários países, como Uruguai, Estados Unidos, Cuba, Japão, China, Espanha, dentre outros (Costa; Neves; Pereira, p. 185). No caso de *A Raposa e as uvas*, seu maior sucesso internacional, o autor recebeu certas premiações (*ibid.*).

¹⁴ Romance anônimo, escrito no séc. II d.C., que tem o fabulista Esopo como personagem principal.

4.1. ANÁLISE DA FÁBULA *A CIGARRA E A FORMIGA*, NAS VERSÕES DE FIGUEIREDO E LOBATO

É com a publicação do livro *Fábulas de Esopo* que Figueiredo ganha destaque como um escritor direcionado ao público infantil. Seu livro conta com adaptações de fábulas do autor grego, acompanhadas de muitas ilustrações. Dentre as fábulas presentes no livro, analisaremos, aqui, a conhecida fábula “A Cigarra e a Formiga”:

“A cigarra cantava no verão, enquanto a formiga passava os dias guardando comida para o inverno. Quando o inverno chegou, a cigarra não tinha o que comer e foi procurar a vizinha formiga:

— Formiga, por favor, ajude-me. Não tenho o que comer...

A formiga perguntou:

— O que é que você fazia no verão? Não guardou nada?

— No verão eu cantava... — respondeu a cigarra.

— Ah, cantava? Pois dance, agora!

‘Deve-se prever sempre o dia de amanhã.’” (Esopo, 2019, p. 73, grifo de Guilherme Figueiredo).

Na fábula, é mostrada a situação de escassez de comida no inverno. A formiga, trabalhadora, guardava o alimento zelando pelo próprio futuro, para que não ficasse faminta. Por outro lado, a realidade da cigarra era outra — ela cantava no verão, e não pensou em guardar alimento. Por conta disso, implora por comida para a formiga, que se nega a dar. Assim, ao final tem-se a moral: “deve-se prever sempre o dia de amanhã”, ou seja, é preciso estar preparado para enfrentar possíveis contratempos.

O texto passa por diferentes movimentos, que podem ser descritos pelo sistema de “ação-reação” proposto por Portella (1983), sob o qual há a contextualização do que está acontecendo (situação), a ação dos personagens (ação), a resposta ao que o personagem fez (reação) e a conclusão da narrativa (resultado)¹⁵. Além desses aspectos, existe a moral, que exprime numa frase o que o texto quer transmitir aconselhando.

Sendo assim, a situação apresentada é: “a cigarra cantava no verão, enquanto a formiga passava os dias guardando comida para o inverno”. Recebemos a informação de que a cigarra cantou durante todo o verão. Logo, a cigarra teve um longo período para se preocupar com o seu alimento, mas não o fez. A formiga, pelo contrário, ficou dias inteiros coletando e armazenando comida.

Adicionalmente, em “[...] quando o inverno chegou, a cigarra não tinha o que comer e foi procurar a vizinha formiga”, veio à tona a notícia de que a cigarra procurou o alimento da

¹⁵ O esquema de Portella, no entanto, pode sofrer certa relativização, como indica Souza (2004, p. 49): “É comum, mas não absolutamente, que a situação e o resultado fiquem por conta do narrador e que ação e reação fiquem por conta das personagens. Assim, o narrador age por meio da forma narrativa (situação e resultado) e as personagens interagem por meio do diálogo (reação e ação)”.

formiga apenas quando o inverno chegou. A formiga é apresentada como vizinha da cigarra, o que significa que a cigarra possivelmente viu a formiga trabalhando durante o verão enquanto cantarolava despreocupada e, mesmo assim, não procurou obter o próprio sustento.

Faminta, a cigarra pede comida desesperadamente para a formiga: “— Formiga, por favor, ajude-me. Não tenho o que comer...”, o que pode ser interpretado como a ação da fábula. Ironicamente, a formiga pergunta o que é que a cigarra fez que tomou todo o seu tempo nos dias estivais. Novamente, o fato de que as duas vivem próximas se torna relevante aqui. A formiga viu (ou escutou) a cigarra cantando durante o verão. Logo, sarcástica, perguntou se a cigarra não guardou nenhuma comida — momento de reação, em que a formiga rebate a fala posta anteriormente pela cigarra.

O animal responde que, no verão, cantava. O uso de reticências também cabe ser analisado: a cigarra parece fadigada e a pausa na fala “no verão eu cantava... [...]”, indica que o animal parece repensar, por um breve instante que seja, a escolha de ter passado o verão inteiro emitindo o seu chiado.

Indignada, a formiga diz: “[...] Ah, cantava? Pois dance, agora!”. O deboche da formiga indica que não apenas deixará a cigarra com fome, mas também despreza a escolha tomada pelo inseto durante os ensolarados meses de verão. A interjeição “ah” é amplamente usada para expressar emoções e, no contexto dessa fala, indica indignação e reforça a oralidade presente no gênero fabulístico. A fala relatada se encaixaria, segundo o esquema de Portella (1983), como o resultado da fábula.

Em seguida, somos apresentados à máxima “deve-se prever sempre o dia de amanhã”, um reforço do descuido que a cigarra teve ao não armazenar comida.

Tal texto, na versão de Figueiredo, contém distinções à versão anterior, do escritor Monteiro Lobato. E, antes disso, em relação a Esopo. Como mencionado na seção anterior, Lobato fez duas versões desta fábula — uma, apresentando a formiga como uma grande amiga, e a outra, como uma personagem maldosa. A dualidade da formiga foi uma criação de Lobato, que enxergou a necessidade de haver duas versões diferentes, trazendo dois tratamentos distintos à ação da cigarra.

Se, por um lado, a cigarra não estava fazendo serviços braçais como as formigas, por outro, estava ajudando o dia delas a ser mais alegre com a sua cantoria. Lobato, ainda, compara a situação da cigarra com a dos artistas: eles ajudam a superar as adversidades do dia-a-dia, e, no entanto, não recebem o devido reconhecimento. Assim, em “A cigarra e a formiga boa”, o autor mostra a formiga enquanto ser empático, que hospeda a cigarra com apreço. Já a segunda versão da história, apresenta uma formiga individualista, que não se importa com o estado deplorável da cigarra.

Em Esopo, por sua vez, a fábula se apresentara bem mais curta. Tem-se, como situação, “Era inverno e as formigas estavam arejando o trigo molhado, quando uma cigarra faminta

pôs-se a pedir-lhes alimento” (Esopo, 2018, p. 48 — trad. Maria Celeste Consolin Dezotti). Enquanto Figueiredo não menciona o local próprio em que a formiga se encontra, exceto o fato de que era vizinha da cigarra, Lobato apresenta as personagens num formigueiro, fazendo menção ao local habitado pelos animais no contexto real, com certo caráter educativo — já que o texto de Lobato é visivelmente redigido para o universo infantil —, ao passo que Esopo indica que elas não apenas não se encontravam em casa, mas estavam arduamente arejando o alimento molhado. Ou seja, na versão grega, nem no inverno elas deixaram de trabalhar.

Enquanto ação, em Esopo, tinha-se: “As formigas, então, lhe disseram: ‘Por que é que, no verão, você também não recolheu alimento?’”. Ao passo que, em Figueiredo, quem realiza a ação é a cigarra: “Quando o inverno chegou, a cigarra não tinha o que comer e foi procurar a vizinha formiga. — Formiga, por favor, ajude-me. Não tenho o que comer...”. Nas duas fábulas de Lobato, a ação é marcada pela batida da cigarra na porta. No caso da “A cigarra e a formiga boa”, o animal, agasalhado, atende a cigarra. Em contrapartida, na versão “A cigarra e a formiga má”, a formiga bate a porta no nariz da pobre cigarra, com o intuito de machucá-la.

No que diz respeito à reação, a fábula esópica se apresentava da seguinte forma: “E ela [disse]: ‘Mas eu não fiquei à toa! Ao contrário, eu cantava doces melodias!’”, em resposta ao que a formiga tinha perguntado na ação. No que se refere a Figueiredo, a reação é: “A formiga perguntou: — O que é que você fazia no verão? Não guardou nada?”, em resposta ao apelo da faminta cigarra. Em Lobato, na versão que apresenta a formiga boa, há um agradecimento por parte do inseto aos serviços de cantoria prestados pela cigarra, que aliviavam a labuta, e um convite educado para se abrigar durante o mau tempo.

Na versão da formiga má, no entanto, somos informados de que a formiga tinha grande inveja do canto da cigarra, que era bem-quista por todos. Assim, a reação da formiga é fazer um questionamento para constranger a cigarra, já que esta não tinha alimento guardado.

Nesse sentido, como resultado, tínhamos em Esopo: “Então elas lhe disseram, com um sorriso: ‘Mas se você flautear no verão, dance no inverno!’”. O mesmo recurso humorístico é utilizado em Figueiredo, mas substituindo “flautear”: “Ah, cantava? Pois dance, agora!”. Em Lobato, na narrativa da formiga boa, como resultado da boa conduta da formiga, temos: “A cigarra entrou, sarou da tosse e voltou a ser a alegre cantora dos dias de sol”, já na formiga má: “resultado: a cigarra ali morreu entanguidinha; e quando voltou a primavera o mundo apresentava um aspecto mais triste”.

Nota-se que ocorreram mudanças significativas a partir da fábula anterior, de Esopo, em comparação com a de Lobato e a de Figueiredo. Conforme vimos no item 3 do artigo, pelos conceitos de Gérard Genette (2010, p. 18) seria possível classificar como hipotexto a fábula de Esopo, ou seja, o texto A que serviu como ponto de partida para o texto B, e como hipertexto a fábula de Lobato e, posteriormente, a de Figueiredo. Seguindo esses princípios, as alterações de Lobato e Figueiredo poderiam ser classificadas como transposições.

Uma transposição ocorre, em termos complementares ao dito na nota 10, “[...] quando for operada uma transformação, cujo resultado mantenha proximidade do original, isto é, não haja efeito humorístico” (Cavalcante; Faria; Carvalho, 2017, p. 18). À vista disso, a transposição se mantém coerente com o texto precedente, preservando características fundamentais do texto. Assim sendo, o texto B, que parte do texto A, apresenta características observáveis que o destacam enquanto criação nova e singular. No caso de Lobato, em comparação com o de Esopo, há um enfoque maior na visão do leitor infantil, que distingue a sua fábula e a aproxima do universo da criança.

Analisando o processo de transposição em relação à moral, são observáveis certas distinções entre os autores. A moral da fábula esópica era a que se segue: “a fábula mostra que as pessoas não devem descuidar de nenhum afazer, para não se afligirem nem correrem riscos”. Este epimítio demonstra que toda medida deve ser pensada meticulosamente, para não surgirem imprevistos indesejáveis. A moral na fábula de Guilherme Figueiredo é: “deve-se prever sempre o dia de amanhã”, o que se assemelha, em certo nível, à moral da fábula de Esopo. No entanto, em Lobato, embora as duas fábulas sejam opostas, a moral se mantém sem alterações: “os artistas, poetas, pintores e músicos são as cigarras da humanidade”. Esta máxima é muito diferente da versão amplamente conhecida de Esopo, e, como indicado acima, difere também da versão do Guilherme Figueiredo.

Retomando o princípio da literatura infantil desenvolvido neste artigo, alguns fenômenos são passíveis de observação: a linguagem da versão de Lobato apresenta vários diminutivos (como “cansadinha” e “amiguinha” na versão da boa formiga e “folhinha” e “entanguidinha” na versão da formiga má¹⁶), que remetem à maneira como as crianças se comunicam. Além disso, na obra “A cigarra e a formiga boa”, quando a cigarra está batendo na porta, a onomatopeia apresentada é “tique, tique, tique...”, em oposição ao “toc toc toc” que é mais comum no português. Além de ser escrito de forma mais infantilizada, o som poderia representar, também, o barulho que as cigarras fazem.

Nas fábulas de Esopo e Figueiredo, por sua vez, a moral expressa um vínculo entre as crianças e a literatura, dado que é a partir dela que a interpretação da história fica facilitada. Portanto, o entendimento e apreciação desse tipo de texto é mais bem alcançado. Ademais, as falas da formiga, em “Mas se você flautear no verão, dance no inverno!” e “Ah, cantava? Pois dance, agora!”, também expressam certo teor humorístico, que é prestigiado pelo público infantil.

5. CONCLUSÃO

Buscando estabelecer a relação entre a fábula e a literatura infantil brasileira, o presente artigo procurou destacar, inicialmente, os aspectos estruturais do gênero tradicional

¹⁶ Faz-se interessante notar a redução da utilização dos diminutivos diante da mudança da fábula da boa formiga para a fábula da má formiga. Os diminutivos auxiliam na construção de uma imagem alegre, positiva, enquanto que a diminuição deles ajuda a criar um tom frio, apontando para o fim trágico da cigarra.

da Antiguidade. Em seguida, realizou-se um paralelo com momentos de transformação da literatura infantil na Europa, que muito extraiu das fábulas. Tratando da realidade brasileira, foi pontuada a importância da obra de Lobato que, insatisfeito com as adaptações das fábulas produzidas no Velho Continente, se propôs a “abrasileirar” narrativas por meio de personagens, animais, termos e realidades próprias do país, ao mesmo tempo em que almejava cativar o universo literário infantil.

Exemplificou-se, então, o viés da sua obra direcionada para a infância com a reprodução da fábula “A formiga boa” e “A formiga má”, explorando também a significação da classe artística e o teor educativo dessas histórias lobatianas. Adiante, foi abordada a questão fabulística nas produções de Guilherme Figueiredo e foi dada como exemplo da sua opção de (re)escrita a fábula sobre a cigarra e a formiga. Apresentadas as diferentes versões da “mesma” narrativa, traçou-se a tradição da fábula e a existência do gênero como algo “contínuo”, adaptável ao seu tempo e realidade. Conhecido o desafio de tratar do percurso da fábula e de sua relação com a literatura infantil nacional até o presente em poucas páginas, o trabalho se encarregou de discutir os pontos mais impactantes deste paralelo, tendo ainda evidenciado, sobretudo, a ousadia de Lobato como escritor para jovens leitores.

REFERÊNCIAS

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; FARIA, Maria da Graça dos Santos; CARVALHO, Ana Paula Lima de. Sobre Intertextualidades Estritas e Amplas. *Revista de Letras — Centro de Humanidades*, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza-CE, v. 2, n. 36, pp. 7-22, jul./dez., 2017.

COSTA, Márcia Valeria da Silva de Brito; NEVES, Marie Hélène de Carvalho; PEREIRA, Durval Vieira. Arquivos pessoais e suas potencialidades para pesquisa: o caso do Arquivo Guilherme Figueiredo. *Ponto de Acesso*, Salvador, v. 13, n. 1, pp. 171-192, abr. 2019.

DEZOTTI, Maria Celeste Consolin (org.). *A tradição da fábula: de Esopo a La Fontaine*. São Paulo: Unesp, 2018.

ESOPO. *Fábulas de Esopo*. Adaptação de Guilherme Figueiredo, ilustrações de Alexandre Camanho. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

ESOPO. *Fábulas, seguidas do Romance de Esopo*. Trad. André Malta, Adriane da Silva Duarte. São Paulo: Editora 34, 2017.

ESOPO. “Fábulas”. In: DEZOTTI, Maria Celeste Consolin (org.). *A tradição da fábula: de Esopo a La Fontaine*. São Paulo: Unesp, 2018, pp. 33-79.

FIGUEIREDO, Guilherme. *A Arca do Senhor Noé*. São Paulo: Giroflé, 1964.

FIGUEIREDO, Guilherme. *A Raposa e as uvas*. Cópia digitalizada pelo GETEB — Grupo de Estudos e Pesquisa em Teatro Brasileiro. UFSJ, abril, 2011. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/496728051/Guilherme-Figueiredo-A-raposa-e-as-uvas>. Acesso em: 22 abr. 2024.

GENETTE, Gérard. *Palimpsestos: a literatura de segunda mão*. Tradução: Cibele Braga *et al.* Belo Horizonte: Edições Viva Voz, 2010.

GENETTE, Gérard. *Palimpsestes: la littérature au second degré*. Paris: Éditions du Seuil, 1982.

GIL, Gabriel Castilho de Andrade. *Reformulações da auctoritas de Esopo no projeto poético de Fedro*. 2019. 207 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) — Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2019.

HERODOTUS. *Histories: Book 2*. Translated by A. D. Godley. London/New York: Heinemann/Putnam's Sons, 1920.

LAJOLO, Marisa. *Monteiro Lobato: um brasileiro sob medida*. São Paulo: Moderna, 2000.

LOBATO, José Bento Monteiro. *Fábulas de Narizinho*. São Paulo: Monteiro Lobato e Cia - Editores, 1921.

LOBATO, José Bento Monteiro. *Fábulas*. São Paulo: Monteiro Lobato e Cia - Editores, 1922.

LOBATO, José Bento Monteiro. *Fábulas seguido de histórias diversas*. Porto Alegre: L&PM, 2019.

LOPES, Grasielly. *Fábulas (1921) de Monteiro Lobato: um percurso fabuloso*. 2006. 267 f. Dissertação (Mestrado em Letras) — Faculdade de Ciências e Letras de Assis, UNESP. Assis, 2006.

MENDES, Eliana Amarante de Mendonça. Processos de tradução intralingual. In. *Anais do VI Congresso Internacional da Abralin*. São Paulo: Ideia, 2009, pp. 1161-1170.

PORTELLA, Oswaldo. A fábula. *Revista Letras*, Curitiba, n. 32, pp. 119-136, 1983.

SALEM, Nazira. *História da literatura infantil*. 2. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1970.

SOUZA, Loide Nascimento de. *O processo estético de reescritura das Fábulas por Monteiro Lobato*. 2004. 260 f. Dissertação (Mestrado em Letras) — Faculdade de Ciências e Letras de Assis, UNESP. Assis, 2004.

ZILBERMAN, Regina. *Como e por que ler a literatura infantil brasileira*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

AS RELAÇÕES INTERGERACIONAIS E O(S) FASCISMO(S) DAS DÉCADAS DE 1930 A 1970 EM *SOSTIENE PEREIRA* DE ANTONIO TABUCCHI¹

THE INTERGENERATIONAL RELATIONS AND THE FASCISM(S) FROM THE 1930S TO 1970S IN SOSTIENE PEREIRA BY ANTONIO TABUCCHI

Natália Carvalho Winck²

RESUMO: Neste artigo, serão analisadas as relações intergeracionais exercidas entre os personagens do romance *Sostiene Pereira* no contexto ditatorial do ano de 1938 em Portugal. O objetivo principal deste texto é observar como o comportamento e posicionamento político-social do protagonista da obra se altera após o estreitamento de suas relações pessoais com indivíduos não pertencentes à sua geração. **Palavras-chave:** Literatura italiana. Relações intergeracionais. Fascismo.

ABSTRACT: In this article, the intergenerational relationships exercised between the characters of the novel *Sostiene Pereira* during the dictatorial context of 1938 in Portugal will be analyzed. The main objective of this text is to observe how the behavior and social-political positioning of the novel's protagonist changes after the strengthening of his personal relations with individuals who do not belong to his generation.

Keywords: Italian literature. Intergenerational relationships. fascism.

1. INTRODUÇÃO

Durante a leitura do romance *Sostiene Pereira*, do professor e escritor italiano Antonio Tabucchi, a autora do presente artigo não pôde deixar de notar a preferência de seu narrador extradiegético pelas relações estabelecidas entre um protagonista de meia idade e personagens com cerca de vinte anos a menos que ele, de modo que tais relações acabaram por serem escolhidas como principal objeto de análise para este trabalho.

O objetivo da autora foi, portanto, analisar como, ao longo da narrativa, Pereira passou por um processo de mudança política e social após entrar em contato com Rossi, Marta e doutor Cardoso, indivíduos não pertencentes à sua geração. Tendo sido a obra publicada em 1994, foi de extrema importância buscar compreender, primeiramente, o porquê de sua ambientação em Portugal durante o ano de 1938.

¹ O presente artigo é fruto da pesquisa realizada pela graduada Natália Carvalho Winck durante as disciplinas Prática de Pesquisa em Educação I e Prática de Pesquisa em Educação II (realizadas sob a orientação do Prof. Dr. Luiz Ernani Fritoli) do curso de Licenciatura em Letras Português Italiano, a qual foi apresentada como trabalho de conclusão de curso de graduação no dia 6 de julho de 2023 na Universidade Federal do Paraná.

² Universidade Federal do Paraná (UFPR)

Em seguida, fez-se necessária a análise de alguns personagens em específico: Pereira, Rossi, Marta, doutor Cardoso, o diretor do Lisboa e alguns outros nomes foram mencionados e categorizados em grupos de acordo com seu posicionamento político e social. Antes de analisar os pontos de contato entre os personagens, era preciso observar como se encaixavam na obra e quais seriam suas motivações pessoais.

Além disso, não podíamos deixar de detalhar o contexto histórico do Portugal salazarista, já que o regime ditatorial que se manteve durante mais de quarenta anos no poder permeou de maneira integral o romance em questão. Somente após tal explanação, fomos capazes de nos determos especialmente sobre as relações estabelecidas na obra entre personagens de diferentes gerações, especialmente entre a geração de Pereira e aquela de Rossi, Marta e doutor Cardoso, indivíduos responsáveis pela transformação do protagonista em indivíduo socialmente ativo e revolucionário.

Por fim, o estudo dos conceitos de romance de formação e de relações intergeracionais foram essenciais para o aprofundamento teórico de nossa análise literária. Fazendo uso dos termos específicos de tais áreas, conseguimos, por fim, demonstrar como todos os aspectos previamente mencionados se relacionam no texto em questão.

Gostaríamos de ressaltar que acreditamos ser este um momento oportuno para uma retomada dos estudos de *Sostiene Pereira*, já que vivemos em um contexto de extremos, assim como aquele vivido em 1938, com um ex-presidente recentemente declarado inelegível pelo TSE, uma guerra em andamento na Ucrânia e um conflito em Gaza. Além disso, uma análise intergeracional desta obra ainda não foi apresentada por nenhum outro pesquisador, sendo o nosso trabalho pioneiro na área.

Apresentamos como principais resultados desta pesquisa a confirmação de que *Sostiene Pereira* é um romance de formação às avessas e a convicção de que nosso protagonista passa por um processo de mudança radical graças às relações intergeracionais estabelecidas entre ele, Rossi, Marta e doutor Cardoso ao longo da narrativa.

2. ANÁLISE DO ROMANCE *SOSTIENE PEREIRA*

Sostiene Pereira foi publicado em 1994 por Antonio Tabucchi e, como indicado pelo título, possui como protagonista Pereira, um jornalista português de meia idade. Há muito a ser dito sobre este romance e seu autor, de modo que podemos começar fazendo uso das palavras de sua tradutora brasileira, a professora Roberta Barni:

Tabucchi foi professor de literatura portuguesa e brasileira na Itália, tradutor de diversos autores – entre os quais Carlos Drummond de Andrade – e escritor de sucesso e de fama internacional. (Barni, 2022, n.p.)

Não nos deve causar estranhamento que seu romance seja ambientado em Portugal, já que Tabucchi “[c]hegou inclusive a escrever um livro inteiro em português (Réquiem)”

(Barni). A narrativa se encontra temporalmente situada no mês de agosto de 1938 e nosso protagonista é um jornalista de meia idade, viúvo e sem filhos, que mora na cidade de Lisboa. Logo descobrimos que possui o hábito de conversar com o retrato de sua esposa na entrada de seu apartamento e que é, claramente, um homem solitário.

Conhecemos cerca de cinco pessoas com as quais tem contato: Don António, padre franciscano da Igreja das Mercês, seu confessor e amigo; o diretor do Lisboa, jornal para o qual trabalha, homem que apoia o regime; Silva, amigo intelectual de longa data, que descobrimos ser indiferente à situação política que vivenciam; Manuel, garçom do Café Orquídea, espécie de informante de Pereira sobre as notícias diárias; e doutor Costa, seu médico de confiança.

Embora seja ambientada no Portugal salazarista, a obra foi publicada em 1994, momento de retomada da extrema direita na Europa, após anos de rejeição.

Talvez em virtude do estrondoso sucesso de público (o livro encabeçou durante quarenta semanas a lista dos mais vendidos), houve quem o acusasse de um “timing oportunista”, já que, naquele mesmo período, a Europa vivia, após anos, seu primeiro “refluxo” de direita. (Pouco depois, aliás, Berlusconi venceria as eleições italianas). (Barni, 2022, n.p.)

Oportunista ou não, tal *timing* ressalta a ciclicidade histórica e a importância de artes como a literatura, que se propõem a fazer da história e das vivências individuais uma experiência de identificação e de reflexão sobre a condição humana.

Quanto ao subtítulo da obra, Barni ressalta:

Ao longo do romance, cujo subtítulo é “um testemunho”, vamos conhecendo o protagonista por meio do relato de um narrador não melhor especificado, cujo bordão “afirma Pereira” permeia toda a narrativa. Que testemunho será esse? A quem é transmitido? É um simples relato a um amigo, um testemunho diante da polícia, de um juiz? Não sabemos. Nem saberemos. (Barni, 2022, n.p.)

Mas por que estaria Pereira testemunhando? Nosso protagonista, apesar de idoso e acomodado, conhece três novas pessoas ao longo da narrativa, que farão com que comece a se rebelar contra o sistema em que vive. São esses: Francesco Monteiro Rossi, um jovem italiano revolucionário; Marta, namorada de Monteiro Rossi; e doutor Cardoso, médico de uma clínica de talassoterapia da cidade de Parede.

Esses três personagens são de extrema importância para a narrativa, pois fazem com que nosso protagonista entre em contato com seu novo “eu hegemônico” (Tabucchi, 1997, p. 123), como diria o doutor Cardoso, ou seja, com este seu lado que está insatisfeito com a situação política na qual se encontra seu país. Podemos, portanto, notar como este não é um romance qualquer. A tradutora Roberta Barni o caracteriza da seguinte maneira:

Como num romance de formação às avessas (uma vez que, como dissemos, ele é velho, gordo, indolente e desinteressado), toma aquela coragem para resistir que se

mostra tão positiva, uma mudança que o conduz da morte à vida, da pasmaceira à vitalidade, do silêncio e da estranheza total a um papel ativo, na vida e na sociedade. (Barni, 2022, n.p.)

Alguns outros personagens surgem ao longo da narrativa: uma senhora com perna de madeira que aparece brevemente no capítulo 10, que descobrimos ser uma judia alemã, de origem portuguesa, chamada Ingeborb Delgado; Bruno Rossi, primo espanhol de Monteiro Rossi, que faz parte da resistência contra o regime fascista de Franco; Celeste, porteira do escritório de Pereira, que é uma informante do regime português; Piedade, empregada de Pereira, que está visitando sua irmã em outra cidade e que, portanto, vem apenas mencionada na obra algumas vezes; e Filipa, secretária do diretor do Lisboa, que intercepta o contato entre ele e Pereira.

Por meio destes personagens, Tabucchi constrói alguns tipos sociais da época. Nosso protagonista Pereira é a maior exceção, já que é um personagem muito bem caracterizado ao longo da narrativa. Temos dois principais grupos de pessoas na obra: aqueles que apoiam (ou são indiferentes) ao regime e aqueles que não o apoiam. No primeiro grupo, encontramos personagens como o diretor do Lisboa, Silva e Celeste. O diretor ocupa uma posição privilegiada na sociedade da época, pois coordena um meio de comunicação: o jornal. Sendo assim, podemos suspeitar que faça uso dele para a manutenção do regime. Pereira é responsável pela seção cultural do jornal, de modo que não sabemos como se posicionam os demais jornalistas do Lisboa, responsáveis pelas notícias de cunho político. Entretanto, quando nosso protagonista passa a se rebelar nas suas escolhas de publicação, o diretor rapidamente o incentiva a apreciar mais a literatura portuguesa e a publicar textos que se alinhem com seus ideais.

Silva, por outro lado, é um estudioso que não possui grande importância pública à sociedade da época. Durante o encontro deste personagem com Pereira no capítulo 9, podemos notar que é um homem acomodado, indiferente às imposições do regime. Ele, inclusive, acredita que os portugueses são, de certa maneira, “inferiores” àqueles da Europa do Norte e que pouco importam a liberdade de expressão e a opinião pública:

Ouçá-me bem, Pereira, disse Silva, você ainda acredita na opinião pública?, pois bem, a opinião pública é um truque inventado pelos anglo-saxões, os ingleses e os americanos, eles é que estão nos esculhambando, desculpe o termo, com essa ideia de opinião pública, nós nunca tivemos o sistema político deles, não temos suas tradições, não sabemos o que são as *trade unions*, somos gente do Sul, Pereira, e obedecemos a quem grita mais alto, a quem manda. (Tabucchi, 1997, p. 64)

Celeste, que anteriormente caracterizamos como uma informante do regime português, é uma mulher de origem simples, que trabalha na portaria do prédio do escritório de Pereira. Representa uma parte da população que apoia com veemência o regime salazarista e que se dispõe a informá-lo de toda possível infração. São pessoas que acreditam em um governo que se interessa pelo bem-estar da população e que estão, portanto, dispostas a sustentá-lo como

puderem. Não é difícil pensarmos em pessoas como Celeste quando recordamos, por exemplo, a Alemanha do Führer e as diversas pessoas dispostas a delatarem judeus escondidos.

Quanto ao segundo grupo de personagens da obra, podemos citar especialmente Monteiro Rossi, Marta, Bruno Rossi, doutor Cardoso e Ingeborb Delgado. Rossi, Marta e Bruno representam a juventude rebelde da época, disposta a arriscar a própria vida pelo futuro de seu país. Diferentemente de seus pais ou avós, os jovens do período não tinham “o que perder”, com exceção de suas vidas. Não possuíam filhos ou bens a proteger e estavam, portanto, dispostos a combater o regime como pudessem. Tanto Rossi quanto Bruno morrem realizando tal tarefa e Marta renuncia a seu bem-estar para continuar a agir contra a ditadura.

O doutor Cardoso, assim como Pereira e Silva, é também um intelectual. Cardoso é consciente da situação política nacional e mundial e é crítico a ela, mas não da mesma maneira que os jovens mencionados anteriormente, já que não o faz publicamente. Combate o regime à sua maneira, cumprindo seu papel de “formador de opinião”, dispondo-se a conversar com seus pacientes a respeito da realidade vivenciada por todos naquele momento, da mesma maneira que fez com Pereira.

Ingeborb Delgado, por fim, representa a parte da população mundial que corre risco de vida não por sua rebeldia, mas simplesmente por sua existência. Sendo ela alemã e judia, não está em Portugal apenas para conhecer suas origens, mas procurando segurança. Ao perceber que também não a encontrará ali, decide procurá-la nos Estados Unidos. Diante do exposto, observamos que todos os personagens da obra, de uma maneira ou de outra, relacionam-se com o regime. Uma leitura do romance que não se atente a isso estaria sujeita a uma extrema simplificação de seu enredo e dialogismo.

De acordo com Barni, e tendo em vista especialmente o protagonista da obra, podemos afirmar que:

[O] enredo nos fala de uma tomada de consciência política, discutindo o papel do intelectual numa sociedade totalitarista (ou em qualquer sociedade) e, portanto, sua atuação diante de um poder violento e prevaricador. (Barni, 2022, n.p.)

Como mencionado anteriormente, assumiremos *Sostiene Pereira* como um romance de formação às avessas. Sendo assim, precisamos ter em mente o significado original do termo cunhado por Johann Karl Simon Morgenstern à obra de Goethe *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*:

Morgenstern se mostra plenamente consciente de estar usando o termo *Bildungsroman* pela primeira vez na história da literatura: “Ele deverá se chamar *romance de formação*, em primeiro lugar por causa do seu assunto, porque ele representa a formação do herói em seu começo e em seu desenvolvimento, até um certo estágio de aperfeiçoamento; mas, em segundo lugar, também porque, exatamente através dessa representação, ele fomenta a formação do leitor, numa medida mais ampla do que qualquer outra espécie de romance (Mazzari, 2018, p. 5).

Assim como Wilhelm Meister, Pereira se encontra radicalmente transformado ao fim da narrativa. Em grande medida, como destacado anteriormente, isso é fruto de seu contato com os personagens Rossi, Marta e doutor Cardoso, ou seja, é reflexo das relações estabelecidas entre ambas as gerações.

O que diferencia *Sostiene Pereira* de um romance de formação tradicional, entretanto, é que nosso herói é um homem completamente formado em todos os âmbitos de sua vida e que deverá passar por um processo de “desconstrução”, tornando-se, em certa medida, novamente um jovem em processo de aperfeiçoamento.

3. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

Procuraremos tratar aqui de algumas questões acerca da mentalidade política e filosófica do contexto histórico representado na obra e caracterizar não apenas Portugal e o ano de 1938, mas um conjunto mais abrangente de regimes fascistas das décadas de 1930 a 1970.

Começamos fazendo uso das palavras de Heinz Heimsoeth em *A filosofia no século XX*:

[O homem moderno] sabe muito bem que tem diante de si uma contemporaneidade que, como a de nenhuma outra geração anterior, terá de ser construída por ele próprio através da sua ação, do seu amor pela vida, do seu sentimento dos valores e do seu poder de crítica: numa palavra, pelo seu querer e pelo seu esforço. Sabe que se encontra colocado perante um presente, enfim, que embora defluído do passado, ele tem por missão ultrapassar e vencer, e que, sendo por definição transitório, se acha carregado de futuro. (Heimsoeth, 1982, p. 127)

Sendo assim, é importante termos em mente que tal mentalidade age neste período para o bem e para o mal. Sabemos hoje que tal visão de mundo levou certos homens (Franco, Salazar, Mussolini e muitos outros) a crerem que era seu dever guiar o povo em direção àquilo que, na visão distorcida de mundo de cada um deles, era o bem maior, e se viam “no direito” de impor suas verdades às populações de seus respectivos países (ou até mesmo do mundo).

Quando pensamos concretamente no caso de Portugal, Bruno Cardoso Reis, em seu texto *Salazar e o Vaticano*, mostra-nos como o ditador português “gostava de colaboradores, não de competidores” (Reis, 2006, p. 58), de modo que estava disposto a atender às exigências da Igreja Católica, desde que não entrassem em conflito com sua autoridade:

A necessidade da extinção do CCP [Centro Católico Português] foi defendida publicamente pelo presidente do Conselho como essencial para a consolidação do regime. Ele representaria para o fundador do Estado Novo uma ameaça latente de manutenção, no campo católico, de uma corrente autónoma e potencialmente rival do seu projecto político (...) No fundo, tratava-se de prudentemente queimar a escada por onde o próprio Salazar tinha subido ao poder. Era também uma questão de princípio: a extinção de todos os partidos. (Reis, 2006, p. 60)

O Estado Novo português constituiu-se em três principais momentos:

[O] primeiro, de 1928 a 1932, foi dominado pelas questões financeiras e económicas; o segundo, de 1932 a 1936, centrou-se nas questões políticas e sociais; o terceiro, de 1936 ao fim da segunda guerra, foi marcado sobretudo por preocupações externas. (Reis, 2006, p. 78)

Neste primeiro momento do governo de Salazar, o ditador ainda se relacionava com outros grandes poderes, como Franco e o Vaticano, mas com certa cautela, já que necessitava de seu apoio político e, em específico, financeiro. No segundo momento, com um estado já bem consolidado materialmente e capaz de fornecer ao seu povo certa comodidade financeira, o foco deteve-se sobre questões de âmbito ideológico, buscando uma maior unanimidade populacional. Por fim, entre os anos de 1936 e 1945, a atenção de Salazar voltou-se à atuação do país em relação às políticas mundiais, especialmente após o início da Segunda Guerra em 1939, com o envio de seus jovens para a defesa do fascismo no além-mar.

Fazia sentido que, numa mente tão ordenada como a de Salazar, a uma política de reforço interno do Estado se seguisse uma política de reforço da sua posição externa. E é realmente essa a melhor chave para perceber a política externa de Salazar a partir de 1936. (Reis, 2006, p. 84)

Observamos, no início do romance de Tabucchi, como se dá esta política externa de Salazar, com o envio de militares da juventude salazarista para a Espanha:

A praça estava enfeitada com festões de papel, com luzinhas coloridas amarelas e verdes, presas em fios pendurados de uma janela à outra. Havia umas mesinhas ao ar livre e alguns casais dançavam. Depois viu uma faixa, pendurada em duas árvores da praça, em que havia uma inscrição enorme: “Salve Francisco Franco”. E abaixo, em letras menores: “Salve os militares portugueses na Espanha”. (Tabucchi, 1997, p. 20)

Não é difícil notar, portanto, como o contexto da narrativa se caracteriza por um governo fascista já bem estruturado internamente, com indivíduos de todas as idades dispostos a apoiá-lo. Sendo assim, nosso protagonista Pereira, contrário ao regime salazarista, deve ser sempre muito cuidadoso ao engajar-se em novas relações dentro deste ambiente fascista.

4. AS RELAÇÕES INTERGERACIONAIS

José Maurício Domingues, em seu artigo “Gerações, modernidade e subjetividade coletiva”, publicado pela revista *Tempo social* em 2002, detém-se sobre os estudos de Mannheim, e de outros sociólogos que dialogam com ele, acerca das gerações. As pesquisas do sociólogo húngaro serão uma contribuição importante para a nossa análise literária, já que:

Segundo ele [Mannheim], as gerações se punham antes de mais nada como um tipo de coletividade muito proximamente articulada aos processos históricos de mudança social. (Domingues, 2002, p. 69-70)

Em seu texto, Domingues destaca que as gerações se relacionam não apenas entre si, como também com as mais diversas subjetividades coletivas, gêneros, raças e classes que as circundam e/ou compõem (Domingues, 2002, p. 69). É importante que não percamos isso de vista, uma vez que, mesmo que não seja um dos aspectos mais relevantes, isso pode ser observado na obra de Tabucchi através de figuras como a do diretor do Lisboa, que é não apenas homem, como também branco e de classe alta e que, portanto, ocupa uma posição de poder na sociedade da época. Dessa maneira, mesmo que tenhamos a tendência a considerá-lo pertencente à mesma geração de Pereira, isso não é necessariamente verdade, já que um é autoridade e outro subalterno e possuem visões de mundo diversas.

Na sequência, Domingues ressalta que:

Embora isso não seja em momento algum explicitado, parece evidente que ademais as gerações se definem em seu isolamento e autodeterminação, sem que se ponham em questão as relações entre elas. (Domingues, 2002, p. 70)

Podemos inferir que, por mais que Mannheim não negue a existência das relações entre as gerações, o sociólogo não leva tal questão em consideração ao pensar a gênese de cada uma delas, dando maior importância ao seu “isolamento” e “autodeterminação”. Estudiosos posteriores discordam de tal visão e acreditam ser de grande importância para a formação de grupos geracionais a relação estabelecida entre gerações concomitantes.

Partindo deste ponto de vista, Mannheim introduz, dentre outros, o conceito de “unidades de geração”:

Por outro lado, aqueles grupos concretos fundam “unidades de geração” (*Generationseinheiten*), que podem ser múltiplas, e se enraízam em contatos pessoais, espirituais e emocionais, embora possam ulteriormente tornar-se independentes disso. (Domingues, 2002, p. 70)

Sendo assim, o sociólogo parece indicar que, apesar de constituírem-se grupos concretos pertencentes às mais diversas gerações, não é incomum formarem-se espécies de grupos internos, caracterizados por conexões interpessoais específicas. Tais conjuntos de indivíduos, “unidades de geração”, podem ser até mesmo capazes de desvencilhar-se de seus grupos e gerações naturais.

Pensando-se ainda acerca de características comuns a indivíduos em determinados momentos, Domingues estabelece uma relação entre os conceitos de “memória coletiva”, proposto por Mannheim, e de “habitus”, proposto por Bourdieu:

A eles interessa definir gerações a partir não só de experiências compartilhadas mas também de se organizarem em movimentos coletivos com clara identidade e demarcação, embora sublinhe (ainda apoiando-se em Bordieu) que as gerações se constituem em meio a lutas por recursos escassos, seja no plano material seja no cultural. (Domingues, 2002, p. 71)

As gerações compartilham entre seus membros uma biologia, articulação social, e potencialidades comuns. Definem-se, portanto, pelas relações, experiências, vivências e destinos compartilhados entre si. O sociólogo Michael Corsten, segundo Domingues, chama a nossa atenção especialmente para as experiências coletivas, que seriam responsáveis por construir aquilo que chama de “identidade coletiva”. Dentre tais experiências coletivas, encontra-se, por exemplo, o uso da linguagem próprios de cada geração. Não é difícil notá-lo, já que, frequentemente, ao nos depararmos com as gerações em ascendência, não somos capazes de compreender as gírias e expressões que utilizam, próprias de suas experiências comuns.

Sendo assim, é muito importante destacar que:

“Semânticas históricas” permeiam esses discursos e criam fronteiras entre as gerações, gerando “círculos culturais” de “grupos específicos de idade” que compartilham a “interpretação e a articulação de tópicos” (Corsten, 1999, p. 261-262). (Domingues, 2002, p. 71)

Como mencionado anteriormente, as gerações definem-se, dentre muitos outros aspectos, pelas suas relações. Desse modo, não podemos perder de vista que as gerações coexistem entre si e que, para Corsten (diferentemente de Mannheim), os “processos interativos” entre gerações são de extrema importância para a sua formação. Sendo assim, devemos destacar que, para que possamos chamar um conjunto específico de indivíduos de geração, não basta que compartilhem entre si as características previamente mencionadas, mas que constituam aquilo que os sociólogos chamam de “alto nível de centramento”, ou seja, para que uma geração possa “ser desta forma classificada, deve ser pensada como assumindo forma *plena* somente quando se encontra *ciente* de si mesma” (Domingues, 2002, p. 72).

Tomemos a canção *Geração Coca-Cola*, da banda Legião Urbana, como exemplo. A composição de Renato Russo faz uso de verbos em primeira pessoa do plural para referir-se a um conjunto específico de jovens, que tomam como ponto de partida o período em que vivem para se definir como um conjunto de pessoas político e socio-historicamente definido: “Quando nascemos fomos programados/A receber o que vocês nos empurraram/Com os enlatados dos U.S.A., de nove as seis; Somos os filhos da revolução/Somos burgueses sem religião/Somos o futuro da nação” etc. Chegam até mesmo a se autoproclamar *Geração Coca-Cola*, apropriando-se de uma marca e produto específicos de seu tempo como símbolo característico de sua geração.

Na sequência, o autor destaca a questão dos “estágios de maturação”, apoiando-se em Fortes (1984):

[O] envelhecimento e a passagem de uma idade a outra é um problema que se põe para todas as sociedades. Em particular ele destaca a centralidade disto para a obtenção de direitos e deveres político-jurídicos na sociedade mais ampla. (Domingues, 2002, p. 73)

Sendo assim, Domingues destaca serem de grande importância as questões das “classes etárias” e dos “grupos etários”, as primeiras diretamente relacionadas à maturação e as segundas à idade cronológica. Para exemplificar tais conceitos, podemos pensar que não raramente nos deparamos com alguém que, mesmo tendo uma determinada idade, comporta-se de maneira mais “madura” do que a esperada. Tais “classes”, portanto, não necessariamente encontram-se perfeitamente alinhadas em todos os indivíduos, o que complica uma caracterização definitiva no que diz respeito às gerações.

Nas próximas duas seções do texto, intituladas “Gerações e subjetividade coletiva” e “Gerações e modernidade”, o autor se detém sobre uma análise filosófica acerca das gerações e de suas relações com a subjetividade e a coletividade (termos presentes no título do artigo). Para tal, o autor cita inicialmente os aspectos aos quais devemos nos atentar em relação às gerações:

Com isso, creio que três conjuntos de variáveis analíticas podem ser definidos para a elaboração de uma conceituação ampla e sintética das gerações. Em primeiro lugar a família e as relações de parentesco, que podem ser derivadas mais ou menos diretamente das relações que se traçam no núcleo familiar básico. (...) Em segundo lugar encontramos os coortes – grupos de pessoas nascidas em momentos próximos e que atravessam estágios sucessivos ao mesmo tempo. Para sua definição três elementos são relevantes: a idade biológica, a idade cronológica (quando essa datação se faz presente) e os estágios de maturação. Enfim, em terceiro lugar devemos pôr a experiência vivida e reflexivamente mediada dos indivíduos e coletividades, para a qual as diversas dimensões dos sistemas sociais (...) contribuem decisivamente. (Domingues, 2002, p. 75)

O autor explicita que, apesar da biologia ser um aspecto a se levar em conta quando falamos de gerações, a “construção social das identidades” é igualmente importante. Deve-se também notar que tal conceito torna-se mais fluido em sociedades modernas, de modo que as fronteiras geracionais se tornam menos claras em relação àquelas de sociedades mais conectadas à natureza.

As sociedades modernas encontram-se enveredadas pelos sistemas sociais a que pertencem, de modo que as noções de “estágios de vida” se relacionam diretamente com as concepções próprias aos povos em questão. Sendo assim, o autor faz menção aos rituais de passagem entre períodos específicos da vida dos indivíduos em suas determinadas sociedades. Podemos pensar, por exemplo, em alguns grandes “marcos” da vida de uma pessoa, de acordo com nosso contexto sociocultural: 15 anos, 18, 21, 50 etc.

As gerações, continua Domingues, se caracterizam por ainda outros aspectos, como gênero, raça e classe, todos consequências diretas do Estado em questão, que busca “pela produção da legislação que normatiza muitos aspectos da vida das diversas gerações” (Domingues, 2002, p. 79). Por isso que, por exemplo, os 18 anos são um grande marco em diversos países, como o Brasil, já que são responsáveis por tornarem todo cidadão um “maior de idade” por lei.

Além disso, destaca Domingues

Com frequência no caso das gerações os “adultos” ou mesmo os “velhos”, por razões institucionais e culturais, possuem mais poder dentro de um grande número de sociedades e em parte em função disso são capazes de mobilizar recursos externos, para além das vantagens proporcionadas por sua constituição material e hermenêutica. (Domingues, 2002, p. 80)

Tal questão é de grande importância, quando pensamos em *Sostiene Pereira*. Na relação estabelecida entre o protagonista e Rossi, Pereira é aquele em posição de autoridade, mas o jovem revolucionário é capaz de fazer com que o jornalista repense o modo como atua em sua posição e, ao final do romance, observamos Pereira fazer uso de sua autoridade para agir contra o regime.

É também importante o destaque que faz Domingues ao fato que as gerações não se desenvolvem em um “vazio do espaço”, mas “em espaços concretos, dos quais o tempo é uma variável” (Domingues, 2002, p. 81). No nosso caso específico, damos especial atenção ao Portugal dos anos 1930, país que se encontra em profunda relação com todos os outros países fascistas das décadas de 1930 a 1970, concretamente Espanha e Alemanha.

Por fim, damos também especial atenção à seguinte questão:

Dois fenômenos etários têm chamado em particular a atenção dos pesquisadores mais recentemente: a juventude (cf. Melucci, 1996b, cap. 6; Vianna, 1997), por bastante tempo fenômeno inclusive com foros de exclusividade; e a “Terceira Idade”, que agora atrai os holofotes sobremaneira, em parte devido mesmo ao aumento significativo da expectativa de vida nas sociedades modernas (cf. Featherstone; Wernick, 1995; Debert, 1999). (Domingues, 2002, p. 85)

Não podemos perder de vista que estamos atentos a estes dois grupos em *Sostiene Pereira*, com a juventude representada por personagens como Rossi e Marta, e a “Terceira Idade” (mesmo que sejam, em sua maioria, indivíduos que estão ainda passando pela transição da meia idade para essa e que, portanto, encontram-se inseridos no mercado de trabalho) por personagens como Pereira, Silva e Celeste.

5. AS RELAÇÕES INTERGERACIONAIS ESTABELECIDAS NO ROMANCE

Sostiene Pereira possui como protagonista Pereira, um jornalista português de meia idade, viúvo, católico (embora se considere herético por não crer na ressurreição da carne) e doente do coração. Ao ler um artigo sobre a tese de um estudante de Filosofia da Universidade de Lisboa, chamado Monteiro Rossi, que refletia sobre a morte, nosso protagonista procura entrar em contato com tal estudante, a fim de entender um pouco mais sobre a morte, que tanto o assusta.

Os dois, rapidamente, se conhecem e o jovem acaba por revelar ao protagonista que sua tese é, na realidade, um “copia e cola” de diversos outros filósofos e que da morte não entende tanto quanto possa haver feito parecer. Apesar de tal revelação, Pereira sente-se estranhamente atraído por Monteiro Rossi e se propõe a contratá-lo como seu aprendiz no jornal *Lisboa*, a tarefa do jovem seria aquela de escrever obituários antecipados para escritores que poderiam vir a falecer.

Logo, o protagonista percebe que aquilo que escreve Rossi é simplesmente “impublicável”, pois o jovem tende a escolher personalidades polêmicas para seus obituários e artigos, de modo que tais textos viriam a ser, com toda a certeza, censurados pelo regime. Porém, isso instiga Pereira, que continua a financiar o jovem do seu próprio bolso, mesmo não podendo publicar nenhum de seus textos. Podemos logo notar, portanto, como o contato do protagonista com o jovem acaba por revelar-lhe uma outra faceta sua, que se incomoda profundamente com a situação política que vivencia.

É possível, portanto, exercer uma relação entre a ideia de Corsten relativa aos “processos interativos” entre as gerações com o romance *Sostiene Pereira*. Primeiramente, é importante destacar como Pereira e Rossi observam diversamente o mundo em que vivem:

Olhou à sua volta, mas não viu nenhum literato, afirma. Os literatos estão todos fora da cidade, disse para quebrar o silêncio, talvez estejam de férias, uns na praia, outros no campo, só nós ficamos aqui. Talvez estejam simplesmente em suas casas, respondeu Monteiro Rossi, não devem estar com muita vontade de sair por aí, nos tempos que correm. (Tabucchi, 1997, p. 43)

Rossi apresenta uma visão de mundo muito mais realista em relação àquela de Pereira. Nosso protagonista parece esquecer-se muitas vezes do contexto em que vive, é como se esquecesse que o mundo agora é diferente e, quando se lembra desse fato, é algo que o entristece profundamente. Rossi, por outro lado, por não ter tido a oportunidade de viver a mesma liberdade que Pereira ao longo de sua vida, não se deixa paralisar por esta realização. Muito pelo contrário, as dificuldades parecem fortalecer Rossi em seus ideais.

O narrador dirige muitas vezes nosso olhar para a diferença entre jovens e velhos, por exemplo:

Pensou que o doutor Costa, mesmo sendo um velho conhecido seu, nunca lhe teria feito perguntas tão pessoais e reservadas; evidentemente, os jovens médicos que estudaram em Paris eram mesmo diferentes. (Tabucchi, 1997, p. 115)

Neste caso, podemos notar, ao longo do romance, como o doutor Cardoso, um daqueles jovens personagens que mencionamos anteriormente, é consciente da situação política nacional e mundial e muito crítico à mesma. Neste sentido, Domingues ressalta em seu artigo *Gerações, modernidade e subjetividade coletiva*, que “[g]erações são centrais para a mudança social, sem consistirem em um princípio de organização que possa ser em si e por si tomado para

explicá-la” (Domingues, 2002, p. 82). Justamente por isso, acreditamos ser muito produtiva uma pesquisa como essa, que procura analisar como as relações intergeracionais podem possuir um importante papel em mudanças individuais e sociais.

Por fim, podemos observar, no trecho do romance “Isso fez com que se sentisse melhor, afirma, porque pensou que no fundo era um dos mais novos, e ficou feliz por não ser tão velho, afinal” (Tabucchi, 1997, p. 119), como Pereira almeja para si tal juventude, tal maneira de ver e encarar o mundo. Tal desejo o levará a ousar cada vez mais e mais em suas publicações no jornal e em sua vida pessoal, até o momento culminante da narrativa, em que deverá deixar o país para garantir sua segurança.

Tendo isso em mente, o termo “romance de formação às avessas”, cunhado por Barni, se mostra cada vez mais evidente, uma vez que nosso protagonista passa por “longos processos de autorreflexão e autoteste permanente, com o objetivo de um desenvolvimento harmonioso da personalidade” (Eggensperger, 2023, p. 383). O que o diferencia de um típico *bildungsroman* é que, como sabemos, Pereira já passou previamente por esse processo e que deve agora desconstruir-se para percorrê-lo novamente.

Podemos também nos questionar se “a conflituosa procura de si mesmo” o leva de fato “a uma relação mais equilibrada com o mundo” (Eggensperger, 2023, p. 381), como se esperaria de um tradicional romance de formação. Lendo a obra, não é difícil notar que a relação de Pereira com seu mundo era muito menos conflituosa antes do seu processo de transformação pessoal do que depois dele.

6. CONCLUSÃO

Começamos este artigo com uma análise geral do romance, para sermos então capazes de contextualizá-la historicamente, tanto no que se refere à publicação do livro, quanto ao que toca a narrativa, dando especial destaque aos fascismos das décadas de 1930 a 1970. Na sequência, repassamos a teoria acerca das gerações e das relações exercidas entre elas, para sermos então capazes de analisar como se desenrolam as relações intergeracionais apresentadas na narrativa e a sua relação direta com a construção dos personagens e da trama do romance.

Tendo em mente o conceito de romance de formação, chegamos também à conclusão de que, como mencionado anteriormente, neste romance de formação às avessas, Pereira muda, depois de adulto, radicalmente suas atuações sociais e políticas, graças à influência de Rossi, Marta e doutor Cardoso. Sendo assim, não é difícil notarmos como as relações estabelecidas entre ambas as gerações são responsáveis pela transformação de nosso protagonista em indivíduo politicamente ativo e revolucionário.

REFERÊNCIAS

BARNI, Roberta. Afirma Pereira. *Blog A terra é redonda*, 2022. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/afirma-pereira/>. Acesso em: 23 jun. 2024.

DOMINGUES, J. M. Gerações, modernidade e subjetividade coletiva. *Tempo social*, [S. l.], v. 14, n. 1, pp. 67-89, 2002. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-20702002000100004>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/12374>. Acesso em: 23 jun. 2024.

EGGENSPERGER, Klaus. Romance de formação: as múltiplas variações de um gênero. *Estudos avançados*, v. 37 n. 107, pp. 381-385, 2023. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-4014.2023.37107.025>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/219597/200434>. Acesso em: 23 jun. 2024.

HEIMSOETH, Heinz. *A filosofia no século XX*. Coimbra: Almedina, 1982. Tradução: Cabral de Moncada.

MAZZARI, Marcus Vinicius. Editorial. *Literatura e sociedade*, v. 23 n. 27, 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2237-1184.v0i27p5-8>. Disponível em: <https://revistas.usp.br/ls/issue/view/10760>. Acesso em: 23 jun. 2024.

REIS, Bruno Cardoso. *Salazar e o Vaticano*. Lisboa: ICS. Imprensa de Ciências Sociais, 2006.

TABUCCHI, Antonio. *Sostiene Pereira*. Una testimonianza. Milano: Feltrinelli, set. 1997.

TABUCCHI, Antonio. *Afirma Pereira*. Porto Alegre: TAG, 2020. Tradução: Roberta Barni.

**BECAUSE TENDERNESS DEPENDS ON HOW LITTLE THE WORLD TOUCHES YOU:
ASPECTS OF DISPLACEMENT IN *ON EARTH WE'RE BRIEFLY GORGEOUS*, BY
OCEAN VUONG**

**PORQUE A TERNURA DEPENDE DE QUÃO POUCO O MUNDO TOCA EM VOCÊ: ASPECTOS
DE DESLOCAMENTO EM *ON EARTH WE'RE BRIEFLY GORGEOUS*, DE OCEAN VUONG**

Isabel do Nascimento Santos¹

João Pimentel Santos Santana Coelho²

ABSTRACT: *On Earth We're Briefly Gorgeous* is an epistolary novel by Ocean Vuong that narrates the story of Little Dog through letters he writes to his mother. Not belonging is what constitutes the protagonist and this fact can be related mainly to his nationality, race and sexuality, identity categories which intersect. Vuong's novel is marked by post-colonial features, considering that the consequences of colonialism are remarkably identified. The aim of this study is to analyze aspects of displacement in Vuong's novel, according to Antonsich (2010), Ashcroft; Griffiths; Tiffin (2002), Hooks (1994), Neumann (2022), and Quintana-Vallejo (2021).

Keywords: Ocean Vuong. Displacement. Non-belonging.

RESUMO: *On Earth We're Briefly Gorgeous*, de Ocean Vuong, é um romance epistolar que narra a história de Little Dog através de cartas escritas a sua mãe. O não-pertencimento é o que constitui o protagonista e esse fato está relacionado, principalmente, à nacionalidade, raça e sexualidade, categorias identitárias interseccionais. A obra de Vuong é marcada por traços pós-coloniais, considerando que as consequências do colonialismo são notavelmente identificadas. O objetivo deste estudo é analisar aspectos de deslocamento no romance de Vuong de acordo com o que foi proposto por Antonsich (2010), Ashcroft; Griffiths; Tiffin (2002), Hooks (1994), Neumann (2022) e Quintana-Vallejo (2021).

Palavras-chave: Ocean Vuong. Deslocamento. Não-pertencimento.

1. INTRODUCTION

The epistolary novel *On Earth We're Briefly Gorgeous*, by Ocean Vuong, narrates the story of Little Dog through the letters he writes to his mother, an illiterate woman. In this narrative, Little Dog's family, heritage and relationships take shape in dissecting several themes, such as war, trauma, grief, language, communication, gender and sexuality, racism and memory. As a novel, Vuong's *work* "is a model of modern society, not simply a reflection on it" (Eagleton, 2010, p. 11); centered on the mundane life of ordinary people, it is a constituent part of humanity, not necessarily a simple simple echo of it. Vuong's novel is marked by "the

¹ Universidade Federal da Bahia (UFBA).

² Universidade Federal da Bahia (UFBA).

dialectic of place and displacement” (Ashcroft; Griffiths; Tiffins, 2004, p. 9). The feeling of displacement, addressed here in this essay, is a common matter when it comes to post-colonial literature.

Ashcroft, Griffiths and Tiffins (2004, p. 9, authors’ emphasis) stress that, in post-colonial novels “a valid and active sense of self may have been eroded by *dislocation*, resulting from migration, the experience of enslavement, transportation, or ‘voluntary’ removal for indentured labour”. Still on Ashcroft, Griffiths and Tiffins’ (2004, p. 9) perspective, the connection between place and self is an important component of post-colonial literatures; according to these authors, a trait of post-colonial literatures in the English language is related to the myths of identity, beyond cultural and historical differences. Hence, the concept of *displacement* is deeply connected with the consequences of diaspora in the contemporary world considering the radical dislocation provoked by the oppression experienced in colonialism. Here, *displacement* is taken by a feeling of non-place; a dislocation provoked by the state of being an outsider. Therefore, the aim of this study is to analyze aspects of displacement in this novel, considering the deep and complex relation between the search of a self and non-belonging in *On earth we’re briefly gorgeous* — considering, especially, features related to language, gender and sexuality, and race, in an intersectional perspective.

Ocean Vuong is a Vietnamese American poet, activist and novelist who was born in Saigon, in 1988. Vuong has published poetry and a novel, *On earth we’re briefly gorgeous* being his first prose literary work. His grandfather, a US Navy soldier, met his grandmother during the Vietnam War and they had three children, including Vuongs’ mother. His grandfather went back to the US to visit, but was unable to return when Saigon fell to the communist forces. Years later, his grandmother fled the country when a police officer suspected Vuong’s mother was of mixed race. Vuong’s trajectory of life and the protagonist’s history might overlap in the narrative, based on its similarities.

The starting point of the novel is a letter that the protagonist writes to his own mother addressing his relationship with his family, and the struggles they faced, which are intertwined with his family history and social background. Little Dog’s first words, “Let me begin again (Vuong, 2019, p. 11), suggest the existence of other attempts of communicating with his mother — or with himself, since he writes letters to someone who cannot read —, not necessarily by writing, but by all of the ways he tried during his lifetime. Little Dog admits the incompleteness of communication since, despite aiming to reach his mother, “each word I put down is one word further from where you are” (Vuong, 2019, p. 11). The effort to connect with his mother, writing words that she would not be able to read, is, ironically, one element that separates them. At the same time, he asserts the fact that words are bound to fail in his attempt to reach her. Language fails, and this broken language is an echo of her displacement in the United States, as a victim of diaspora.

The novel, in its epistolary format, does not follow a chronological order. Little Dog's relationship with his mother is the pivotal point in the novel, as it addresses the theme of intergenerational trauma. It all started in the Vietnam War and the traumatic events still echoed in the present. Little Dog writes to Rose, his mother, and their history, as a mother and child, is what has shaped his present and the way he carries himself in the world. In the novel, the passage "You're a mother, Ma. You're also a monster. But so am I— which is why I can't turn away from you (Vuong, 2019, p. 18)" represents this complex dialectic bond. By recounting his family's — mainly his mother and grandmother, Lan — experiences during the Vietnam War, the author is able to construct the recurrence of history and illustrates throughout the narrative how the intergenerational trauma is represented. It is also notable how the author clarifies the relative distance of time, history and its lasting effects as in the passage: "Some people say history moves in a spiral, not the line we have come to expect. We travel through time in a circular trajectory, our distance increasing from an epicenter only to return again, one circle removed." (Vuong, 2019, p. 27). Time, in *On earth we're briefly gorgeous*, is not linear; it is a spiral with an omnipresent past that keeps coming back; to some extent, it is a past-present that comes and goes, visiting the protagonist with hurtful memories that escape his own lifetime.

The fact that the novel does not follow a chronological path reflects the "circular trajectory" (Vuong, 2019, p. 27), especially inside one's conscience: a consonance between the novel's form and content; past and present; self and ancestry. Memory, in Vuong's novel, is an important trait that drives the reader not only through Little Dog's storyline, but also with those who bear traumas much older than the present.

2. TO OPEN A MOUTH, IN SPEECH, IS TO LEAVE ONLY THE BONES: LANGUAGE AS A FRAGMENT OF IDENTITY

Language constitutes an important part of Vuong's novel and a relevant marker when it comes to aspects of displacement that the characters face. For instance, at a certain point, in search of a *bún bò Huế* to prepare a dish, Rose starts mimicking and mooing at an oxtail in a supermarket in order to make herself understood. She, then, asks Little Dog for help, but he does not know how to translate it. At the sound of laughter, Rose recurs to gestures and sounds, and then French. The act of *giving up* on buying an oxtail is not a mere act of *giving up* on a simple task, since this dish is representative of her culture. This situation builds a demarcation between *them*, American English speakers, and *we*, Vietnamese immigrants, considering that the protagonist, at this moment, becomes his family's interpreter. Language, then, assumes the function of a mask, and also a mirror. While speaking English and stripping Vietnamese out of his body, Little Dog reflects his mother's face; it gives her a voice that connects her to the world that she does not belong to. In that sense,

on the one hand, language can certainly be activated in the politics of belonging, demarcating ‘we’ from ‘them’, on the other hand it can also evoke a sense of community, the ‘warm sensation’ to be among people who not merely understand what you say, but also what you mean (Antonsich, 2010, p. 648).

Moreover, as bell hooks (1994, p. 168) highlights, it is not the English language that offends, “but what the oppressors do with it, how they shape it to become a territory that limits and defines, how they make it a weapon that can shame, humiliate, colonize”. When assuming the function of an interpreter, Little Dog instantly puts himself in an in-between culture situation — nonetheless, the in-between is also a non-place.

Vuong also plays with this double nature of language, specially with the meaning of mother tongue. In *On earth we’re briefly gorgeous*, a mother tongue carries all the weight that its speakers bear; it is the expression of a history, and not only of a self. And to Little Dog and his family, “to speak in our mother tongue is to speak only partially in Vietnamese, but entirely in war” (Vuong, 2019, p. 29). To speak in Vietnamese is to evoke a past full of horrors that haunts these survivors throughout their lives. This horrific dimension cannot be excluded from a linguistic one, whereas “the experience of living in the diaspora deprives them of a shared language, a mother tongue, to which they could lay claim in any natural way” (Neumann, 2020, p. 278).

Nonetheless, it is through writing that Little Dog reinvents himself. When writing to his mother, Little Dog realizes that he was, indeed, wrong:

All this time I told myself we were born from war — but I was wrong, Ma. We were born from beauty.

Let no one mistake us for the fruit of violence — but that violence, having passed through the fruit, failed to spoil it (Vuong, 2019, p. 186).

The protagonist, then, realizes, in contact with his own ancestry, that despite the horrors of war, this is not a categorical fate. However, the violence still contaminates the fruit — yet, not deep enough to rotten it. This reinvention is similar to when Lan renames herself and, by doing it so, detains a beauty that only language can restore.

Little Dog’s name, for instance, carries a meaning, specially taking into account that he is so called in the entire book:

I have and have had many names. Little Dog was what Lan called me. What made a woman who named herself and her daughter after flowers call her grandson a dog? A woman who watches out for her own, that’s who. As you know, in the village where Lan grew up, a child, often the smallest or weakest of the flock, as I was, is named after the most despicable things: demon, ghost child, pig snout, monkey-born, buffalo head, bastard—little dog being the more tender one. Because evil spirits, roaming the land for healthy, beautiful children, would hear the name of something hideous and ghastly being called in for supper and pass over the house, sparing the child.

To love something, then, is to name it after something so worthless it might be left untouched—and alive. A name, thin as air, can also be a shield. A Little Dog shield (Vuong, 2019, p. 26).

Hence, the name *Little Dog* represents not only a fragile characteristic, but also the fact that the protagonist received a burden bigger than he, as his name conveys, can bear. In different contexts, this significant gains different connotations; Little Dog becomes a name representative of his identity in the United States: an outsider. A name, imbued of such traits, would prevent any supernatural attack. Little Dog is, therefore, the promise of protection, since these evil spirits, when hearing his name, would spare the child and pass over the house. Furthermore, “Before I was Little Dog, I had another name — the name I was born with” (Vuong, 2019, p. 28), thus, the protagonist becomes Little Dog despite being, at first, someone with a completely different name:

Screaming, ash smudged across my forehead, I was placed in my father’s arms and the shaman whispered the name he had given me. It means Patriotic Leader of the Nation, the shaman explained. Having been hired by my father, and noticing my old man’s gruff demeanor, the way he puffed out his chest to widen his 5ft-2in frame as he walked, speaking with gestures that resembled blows, the shaman picked a name, I imagine, that would satisfy the man who paid him. And he was right. My father beamed, Lan said, lifting me over his head at the hut’s threshold. “My son will be the leader of Vietnam,” he shouted. But in two years, Vietnam—which, thirteen years after the war and still in shambles—would grow so dire that we would flee the very ground he stood on, the soil where, a few feet away, your blood had made a dark red circle between your legs, turning the dirt there into fresh mud—and I was alive.

His first name strongly contrasts with his second name, denoting that the intentions projected by Little Dog’s father represent the rupture provoked by North-American imperialism in Vietnam. It seems to ask what Little Dog and many other Vietnamese people could have been if there was no war. More than the intentions of the protagonist’s family, especially his father, the act of being called by what Lan named him, expecting protection, rather than his first and actual name, expresses a fracture in Vietnam’s history and its people. The symbolic gesture of changing a child’s name can illustrate the abdication of an identity to survive war, which constitutes an act of resistance after all. Little Dog is the name by which the protagonist is called all over the book and the first name — the name his father gave to him in a cultural ritual — is not presented to readers. This fact suggests that Vietnamese people had to modify their perception of reality and also of themselves to survive the advancement of colonialism, and that this dislocation shaped their life experiences.

3. *DON'T DRAW ATTENTION TO YOURSELF. YOU'RE ALREADY VIETNAMESE: IDENTITY MARKERS IN ON EARTH...*

Later, during his adolescence, Little Dog starts working at a tobacco farm without Rose's consent. He then meets Trevor, the farmer's grandson. Eventually, Little Dog and Trevor's relationship evolves to a sexual one, and, at a certain moment, Trevor asks Little Dog "to top him, the way we had been doing it, which we now called fake fucking" (Vuong, 2019, p. 85), but gives up, suggesting that he is not a girl or a bitch, labelling the protagonist as such, as if this sexual position would fit Little dog and not himself. Little Dog attests that

I had thought sex was to breach new ground, despite terror, that as long as the world did not see us, its rules did not apply. But I was wrong. The rules, they were already inside us (Vuong, 2019, p. 86).

Believing that the world could not see the bedroom they were in and therefore believing that their desire was allowed by their privacy, Little Dog assumes that the rules, those that forbid sexual expressions such as this, would not apply; but these same rules of the world were not circumscribed to their privacy. They are bigger than that: they are within their bodies deep enough to interrupt a sexual connection; their isolation is not enough to prevent them from laws that regulate sexual relationships and manifestations of such subaltern bodies. As Little Dog punctuates, "the rules, like streets, can only take you to known places" (Vuong, 2019, p. 132). And, indeed, the rules that regulated his sexual and romantic relationship with Trevor took him to a place long known by the protagonist: a feeling of displacement boosted by the homophobia that Little Dog narrates throughout the narrative, since his childhood.

The moment Little Dog tells his mother he is a queer teenager must be highlighted as well. Quintana-Vallejo (2021) asserts that this novel represents a *queer* coming-of-age, portrayed in the relationship between the protagonist and Trevor, a coming-to-terms with himself, and also with his mother, by means of coming out. Inside a coffee shop, a public space, they have a private conversation, in which the bond between them strengthens. Nevertheless, as he tells her his secret, a stream opens and Rose decides to share one of her secrets too: her husband forced her to abort a child during the Vietnam war and the reasons to do it were related to the hostile conditions faced by them. This scene depicts not only a sharing of the experiences of displacement between them but also the distinct social positions they assume in it: the trauma experienced by him is different from the trauma experienced by his mother, whereas their gender and sexuality demonstrates the different forces that control their imagination.

Furthermore, Vuong's novel lies between an ambiguity when it comes to trauma: letting it go despite the fact that it is always present. On the first page of the book, when both Little Dog and Rose stop at a rest stop in Virginia, Rose is shaken with a taxidermied buck hung that should not be there, since "A corpse should go away, not get stuck forever like that" (Vuong, 2019, p. 15), as Rose herself says. The dead buck, here, works as this exposed trauma, as these

wounds that do not go away; a reminder of the past. Also, the monarchs' migration is used as a metaphor to portray Little Dog's own experience. Dialoguing with a natural process, he dislocates the violent process of being a migrant in contemporaneity:

Female monarchs lay eggs along the route. Every history has more than one thread, each thread a story of division. The journey takes four thousand eight hundred and thirty miles, more than the length of this country. The monarchs that fly south will not make it back north. Each departure, then, is final. Only their children return; only the future revisits the past (Vuong, 2019, p. 14).

The act of flying to a different place and environment constitutes a new perspective of existence, consequently, a new perspective of identity, since migration, here, is not only the departure of one place to another; it expresses a nuanced movement, not a stiffness. Little Dog is a survivor of the diaspora and "Maybe a survivor is the last one to come home, the final monarch that lands on a branch already weighted with ghosts" (Vuong, 2019, p. 17), and, as such, he has the right to speak. Again, the presence of these survivors cannot be dissociated from a past with many other affected people; they share a place, a symbolic one, with those who did not survive.

Regarding his nationality and race, he cannot be perceived as an American nor as a Vietnamese: being a yellow body marks his Asian roots and it works as a showcase, not giving him the possibility of hiding his otherness. Thus, being what you are is not a choice, since it is defined by the interaction with others, as he says: "To be or not to be. That is the question. A question, yes, but not a choice" (Vuong, 2019, p. 49).

However, contradictorily, it's Rose's mixed identity what saves her and her mother from the war execution:

The boy watches this child, the whiteness showing from her yellow body. He could be her father, he thinks, realizes. Someone he knows could be her father—his sergeant, squad leader, platoon partner, Michael, George, Thomas, Raymond, Jackson. He considers them, rifle gripped tight, his eyes on the girl with American blood before the American gun (Vuong, 2019, p. 36).

The soldier empathizes with the mixed child because he could be her father, she could be one of them, and therefore, she could be American. This passage demonstrates the connection between race and nationality and also the role of otherness in building someone's identity — we see ourselves through the eye of the other — and, in the US, as Vuong asserts, a yellow body doesn't have the right to be human since "you are erased before you are given the choice of stating who you are" (Vuong, 2019, p. 60). Racial problematics appear all over the novel in an attempt to approach the alterity that is implied in being a racialized body in a new territory.

However, if the horrors of Vietnam still haunt Little Dog and his family, the US, and specifically Hartford and the protagonist's neighborhood, play an important role in the narrative.

It is not just the place where they live, but also the representation of a present in which the horrors of today take place. Little Dog lies in a dance between present and past — the latter in the form of Lan and Rose and the traumas that they bear. While riding a bike with Trevor, Little Dog examines the streets and people of Hartford:

I saw all the blocks in our city you were too busy at work to know about, blocks where things happened. Things even Trevor, having lived all his life on this side of the river, the white side, the one I was now riding on, never saw. I saw the lights on Asylum Ave., where there used to be an asylum (that was actually a school for the deaf) that caught fire and killed half a ward back in 18- something and to this day no one knows what caused it. But I know it as the street where my friend Sid lived with his family after they came over from India in '95. How his mom, a schoolteacher back in New Delhi, went door-to-door, hobbling on her bloated diabetic feet selling hunting knives for Cutco to make ninety-seven dollars a week—cash. There were the Canino brothers, whose father was in jail for what seemed like two lifetimes for going seventy on a sixty-five in front of a state trooper on 91. That and the twenty bags of heroin and the Glock under his passenger seat. Still, still. There was Marin, who took the bus forty-five minutes each way to work at the Sears in Farmington, who always had gold around her neck and ears, whose high heels clacked like the slowest, most deliberate applause when she walked to the corner store for cigarettes and Hot Cheetos, her Adam's apple jutting out, a middle finger to the men who called her faggot, called her homomaphedite. Who'd say, holding their daughter's or son's hand, "I'm gonna kill you, bitch, I'm gonna cut you, AIDS gonna take you out. Don't sleep tonight, don't sleep tonight, don't sleep tonight. Don't sleep (Vuong, 2019, p. 101-102).

The protagonist grows among the open wounds deep within United States' history and the terror experienced by his family in Vietnam. This long passage denotes that Little Dog's questions are not solitary; his searches, his experiences and his feelings emerge to many other queer and/or migrant people, for instance. As Quintana-Vallejo (2021, p. 288) states, "both Little Dog and Hartford are the stories that make up the city".

FINAL CONSIDERATIONS

Vuong's novel presents aspects that endorse the fragmentation of Little Dog's identity through the experience of being a migrant — or, better, an outsider. Not belonging is what constitutes him and this fact can be related mainly to his nationality, race and sexuality, identity categories which intersect. The attempt of recreating an identity is, therefore, an attempt of recreating a self. Language is a tool that Little Dog uses to bond this fragmented experience. Rewriting the past is a way to rescue features from his ancestrality and also to overcome the traumas caused by numerous violences they witness. The novel takes place as a journey of a boy on becoming himself. When trying to communicate with his mother, the protagonist communicates truly with himself, since "the very impossibility of your [Rose] reading this is all that makes my telling it possible" (Vuong, 2019, p. 81).

Furthermore, the diaspora is not only the search for a place, but also the search of a self in an open space. To quote Vuong in a homonym poem — also called *On earth we're briefly gorgeous* — from another book: “How I wanted to be that sky—to hold every flying & falling at once” (Vuong, 2016, p. 56). Little Dog’s odyssey captures, simultaneously, highs and lows that exist long before the protagonist’s existence. Ancestry, here, is an important feature when it comes to intergenerational trauma, but also resistance.

REFERENCES

- ANTONSICH, Marco. Searching for Belonging - An Analytical Framework. *Geography Compass*, [s. l], v. 4, issue 6, pp. 644-659, jun. 2010. Available at: <https://doi.org/10.1111/j.1749-8198.2009.00317.x>. Access on: 13 nov. 2022.
- ASHCROFT, Bill; GRIFFITHS, Gareth; TIFFIN, Helen. *The empire writes back: theory and practice in post-colonial literatures*. London/New York: Routledge, 2002.
- HOOKS, bell. *Teaching to transgress: education as the practice of freedom*. London: Routledge, 1994.
- EAGLETON, Terry. *The English novel: an introduction*. Malden: Blackwell Publishing, 2010.
- NEUMANN, Birgit. “Our mother tongue, then, is no mother at all - but an orphan”: The Mother Tongue and Translation in Ocean Vuong’s *On Earth We’re Briefly Gorgeous*. *Anglia*, [s. l], v. 138, n. 2, pp. 277-298, 2020. Available at: <https://doi.org/10.1515/ang-2020-0023>. Access on: 13 nov. 2022.
- QUINTANA-VALLEJO, Ricardo. Mapping Queer Diasporas in Literary Second Cities: Benjamín Alire Sáenz, Gabby Rivera, and Ocean Vuong. *Literary Geographies*, [s. l], v. 7, n. 2, pp. 275-291, 2021. Available at: <https://www.literarygeographies.net/index.php/LitGeogs/article/view/305>. Access on: 14 nov. 2022.
- VUONG, Ocean. *Night sky with exit wounds*. [s. l]: Copper Canyon Press, 2016. E-book.
- VUONG, Ocean. *On earth we're briefly gorgeous: a novel*. New York: Penguin Press, 2019. E-book.

■ ■ **TRADUÇÃO**

TRANSLATION

***DOSSIÊ RETRATOS DE MATERNIDADE: CONTOS DE AUTORAS
CONTEMPORÂNEAS EM TRADUÇÃO***

11 RETRATOS DE MATERNIDADE: CONTOS DE AUTORAS CONTEMPORÂNEAS EM TRADUÇÃO

Nylcéa Thereza de Siqueira Pedra¹

Durante o segundo semestre de 2022, ofereci a disciplina Tradução de Ficção ii. Ao definir o programa, optei por fazer um recorte de gênero literário, e também temático. Assim, convidei os quatorze alunos matriculados a dedicarmos nosso semestre à tradução de contos de autoras contemporâneas cujos argumentos versassem sobre diferentes maternidades. Tal escolha considerava a brevidade do conto, que permitiu que cada um dos acadêmicos pudesse traduzir um texto literário completo, e o tema das maternidades dissidentes, ao qual tenho me dedicado nos últimos anos.

Expandindo para além da prática tradutória propriamente dita, a primeira parte da disciplina foi organizada de modo que pudéssemos discutir brevemente alguns elementos teóricos norteadores do recorte escolhido. Lemos alguns textos sobre a teoria do conto, especialmente as proposições de Cortázar, e discutimos o conceito de “boa mãe”, utilizando-nos de alguns capítulos da obra *mamãe desobediente: um olhar feminista sobre a maternidade*, da socióloga espanhola Esther Vivas.

Ao passo que essas discussões eram feitas em sala de aula, os participantes tinham a tarefa de ler e selecionar potenciais contos para tradução. Escolhidos os textos, cada um dos alunos precisaria entrar em contato com a autora (ou com a sua agência literária) para pedir os direitos de publicação da tradução. Essa etapa possibilitou que os acadêmicos pudessem conhecer como se dá o contato e a possibilidade de negociação de direitos autorais no mercado editorial. Se, por um lado, recebemos várias respostas positivas, a ausência dos contos traduzidos pelas discentes Ana Carolina Galvão Appel, Maria Eduarda Lucca Ribeiro e Nádia Luciene Zirolto neste dossiê evidencia que nem sempre se trata de um processo fácil.

Após recebermos os aceites, começamos a traduzir. Embora a tradução de cada conto seja atribuída a quem a assina, gostaria de destacar o caráter de tradução coletiva (ou tradução compartilhada) que permeou a disciplina. A cada encontro, discutíamos conjuntamente soluções para entraves que apareciam nos textos dos colegas. As contribuições feitas nesses encontros certamente enriqueceram a apresentação final de cada uma das traduções. Outra experiência significativa derivada das discussões coletivas foi a consciência de que o ideal de mãe promulgado pelo patriarcado é limitante e que falar de maternidade implica não apenas pensar em um recorte de gênero, mas em questões de classe e aspectos socioculturais.

¹ Professora do Curso de Letras da UFPR.

Como parte final e como exercício de avaliação da atividade tradutória desenvolvida, pedi para que cada um dos acadêmicos fizesse uma apresentação do trabalho que desenvolveu ao longo do semestre. Nela, deveria realizar uma breve contextualização da autora e sua obra, justificar por que o conto escolhido transita no universo das maternidades dissidentes e, finalmente, apresentar algumas questões tradutórias que se interpuseram durante a realização da tradução.

O material que se lê nas próximas páginas foi organizado, então, dessa maneira: um breve estudo introdutório, seguido do conto na língua de partida e do texto traduzido para o português brasileiro. Optamos por apresentar conjuntamente texto de partida e tradução para que o leitor também se sinta convidado a transitar entre as duas línguas e, se assim o quiser, pensar em que escolhas teria feito para as apresentadas.

São contos inquietantes que desencaixam a mãe do eixo da bondade e nos apresentam mulheres complexas que, muitas vezes, vivem experiências-limite na tarefa da maternidade. Esses onze retratos formam um grande mosaico que nos convida a problematizar uma experiência que ainda é entendida como natural. Esperamos que os leitores possam se deixar levar pelo desconforto que eles causam e se entreguem à narrativa de personagens que têm muito a contar.

E, antes de deixá-los com os contos, gostaríamos de registrar o nosso agradecimento aos professores Isabel Jasinki e Luisandro Mendes de Souza, que receberam positivamente a proposta desse dossiê especial para a revista versalete, como também para a Gabriela Esmeraldino Nascimento, que tão generosa e cuidadosamente preparou cada um dos textos.

00572 OU A MÁQUINA DE PRODUZIR FILHOS

Paloma dos Santos Schlemper¹

O tema da maternidade dissidente é ainda pouco discutido, o que torna todavia maior a necessidade de compartilhar textos como o que traduzimos com o objetivo de falar sobre maternidades diferentes do ideal criado pela sociedade, sobre aquelas vivências que são julgadas, que são silenciadas. Como escreve Esther Vivas no livro *Mamãe Desobediente* (2020), o ideal materno atual oscila entre a mãe sacrificada, que cede sua vida para cuidar da família, e a supermulher, que trabalha incansavelmente e ainda cuida dos filhos. Porém, a maternidade é muito mais diversa do que isso, não podemos falar em um maternar único.

O conto 00572 da Julia Rendón, escrito originalmente em espanhol e retirado do livro *Yeguas y Terneros* (2021), aborda essa maternidade dissidente, e é necessário se despir de todos os preconceitos estabelecidos pela sociedade ao adentrar a vida de Catalina. A história é contada por um narrador onisciente que às vezes dá espaço para o discurso indireto livre da personagem, acontece dentro de um quarto, e em poucas páginas a autora suscita muitas reflexões sobre uma mulher que aluga seu ventre. E essa personagem, ao mesmo tempo em que sente uma saudade da liberdade e o desejo de ir ver a filha, sente um pesar por ser seu último contrato.

O social aparece no conto através da pobreza do lugar onde Catalina vive, e também pela forma que ganha dinheiro para sobreviver, sendo uma migrante. A objetificação aparece ao pensar na personagem somente como um útero que gera e gesta filhos para outras pessoas. E são três tipos de maternidades: a Catalina com sua primeira filha, a Catalina com os bebês comprados, e a das mães que pagam essa barriga de aluguel.

A fertilidade como negócio não acontece somente nessa prática, que é ilegal em muitos países, mas também nas fertilizações, no movimento de adiar a gravidez para mais tarde por desejo ou necessidade de precisar trabalhar, e depois ser exposta a diversos procedimentos para conseguir engravidar. Além de que várias das situações apresentadas no conto se assemelham a de mulheres reais que precisam cumprir contratos.

O título 00572, é o código telefônico de Bogotá, então para ligar de Quito (onde mora a personagem Catalina) para Bogotá (onde vive a personagem Maca) é necessário digitar esse código. O título destaca a dor da distância entre mãe e filha.

¹ Graduanda em Letras – Licenciatura Português e Espanhol.

A escritora Julia Rendón nasceu em Quito, a capital do Equador, em 1978, e além de escrever faz traduções, revisões, é artista plástica, professora de oficinas de escrita criativa e mãe de duas meninas. Se graduou no Boston College, fez pós-graduação na Parsons School of Design de Nova York e na Universidad Nacional de las Artes Argentina, além de uma especialização em Escrita Narrativa pelo instituto argentino Casa de Letras. Atualmente mora em Barcelona, na Espanha. É uma autora inédita no Brasil, até então.

Seu primeiro livro publicado foi *La casa está muy grande* (Linda y Fatal Ediciones Argentina, 2015), que contém relatos curtos para adultos. Depois publicou um livro infantil, *La mano de Malena* (Loqueleo/Santillana Equador, 2020), em seguida o livro *Yeguas y Terneros* (Editorial La Caída Equador, 2021), que conta com 18 contos, entre eles 00572. Mais recentemente publicou o romance *Lengua Ajena* (Editorial de Conatus España, 2022). Além disso, vários de seus textos foram publicados em revistas como Revista La Balandra, Entremares Magazine, La Barra Espaciadora, entre outras.

Cabe destacar algumas dificuldades na tradução do conto, pois com cada nova leitura do texto há uma descoberta de significados diferentes, palavras desconhecidas, e dúvidas sobre o seu tom informal. Se faz necessária uma apropriação muito grande do espanhol, toma-se para si a língua estrangeira para tentar transpor todos os elementos necessários para que o leitor tenha as mesmas reflexões e imagens que no texto de partida. Como no texto aparece que Catalina tem saudades de Bogotá, a referência para o significado das palavras foi o espanhol da Colômbia, já que o espanhol é uma língua diversa, com diferenças lexicais em cada um dos países que a utiliza.

Uma das dificuldades foi com a palavra *mamá*, que aparece para se referir às mulheres que estão contratando Catalina como barriga de aluguel, e, segundo a Real Academia Espanhola, na Espanha é utilizada somente como vocativo ou com crianças, porém na América o termo é usado de forma mais natural e em diversas situações. A versão final ficou com o “mãe”, por ser mais comum que o “mamãe”, sendo que este último é mais utilizado por/com crianças, como na variedade peninsular.

O tom informal do texto junto com expressões utilizadas em determinados países causou dificuldades, no texto de partida aparece *pinga*, que segundo a Real Academia Espanhola é um eufemismo para pênis em alguns países, como a Colômbia. Também aparece a expressão *cola*, que normalmente é utilizada com o significado de rabo/cauda de animais, extremidades de objetos, ou de forma coloquial como bunda ou quadril, que é o caso deste conto, o que mostra um uso mais popular da língua.

A expressão *culicagada*, se refere a uma pessoa imatura, jovem, que não têm meios econômicos, é pobre, um zero à esquerda. A solução foi utilizar “jovem imatura e ferrada”, já que em muitos lugares na Colômbia a palavra não tem um significado ofensivo e sim aponta à juventude de alguém, porém é importante também manter o significado de pessoa sem recursos financeiros, pois parece ser a situação da personagem.

Outra expressão utilizada no original é *¡Son una mamada!*, ou seja, são uma chatice, um aborrecimento, é maçante, bobeira, besteira, utilizado pela personagem com o objetivo de reclamar e desdenhar das exigências das mães atuais. A expressão escolhida foi “São um saco!”, comum no português brasileiro.

A palavra *mandil* aparece quando o personagem masculino procura sua roupa embaixo da cama, e alguns dicionários explicam que é um tecido utilizado para proteger a roupa. Existe essa palavra no português com o significado de “avental de cozinheiro”, já os tradutores automáticos traduzem como avental. Porém, considerando que ele trabalha em um consultório, a palavra “jaleco” se adequa melhor, transmite essa proteção da roupa e a associamos diretamente com a medicina.

Após essa pequena apresentação do tema e do conto resta ao leitor adentrar o mundo de Catalina, através de um texto forte e significativo que convida a refletir sobre as formas de maternidade, além de apresentar uma realidade atual.

00572

Iván sale del baño sin camisa, es flaco, tiene poquísimos pelos que, extrañamente, trazan una línea recta desde el medio de su pecho hasta el ombligo. Catalina está en la cama boca arriba y desnuda, cuando lo escucha venir se da la vuelta. Saca la cola arqueando bien la lumbar para que se la vea más grande y abre un poco las piernas. Iván le da una palmadita en una nalga y le dice que está riquísima, luego se agacha a buscar su camisa y su mandil que están debajo de la cama. Antes de ponérselos, se acerca al escritorio de pino y se toma, entera, una de las botellas de agua que hay encima. Está seguro de que Catalina la rellena porque siempre el agua le sabe a grifo. Tiene mucha sed, mientras toma, mira por la ventana con marco de plástico blanco, cubierta con cortinas transparentes. Es un barrio que siempre le pareció sucio y atestado de gente, recuerda que, de chiquito, su papá compraba sus maletines en un local de cueros cercano. Él lo acompañaba arrugando la nariz hasta que cumplió dieciocho años, estaba por ingresar a la facultad de medicina, y, al fin, tuvo la valentía de decirle que no lo quería acompañar más. No sabe qué ven los demás en los edificios y casas coloniales, a él le parecen horribles, invivibles con esas ínfimas ventanas, todo oscuro, anticuado.

Catalina se levanta y se dirige hacia él. Le quita la botella de la boca y se la toma. Tiene el pelo largo y teñido de rubio, y su boca sigue roja por el pintalabios que le compró a una amiga que trabaja en Yanbal, quien le prometió que no se salía por nada. Iván se pone la camisa y Catalina, que ya se ha terminado el agua, se la abotona. La mano de Iván queda muy cerca de su muslo y ella, sabiéndolo, se acerca y la roza. Mientras abotona va moviéndose, así que la mano toca muslo, toca vagina, toca y toca. Iván, como con furia, le agarra por atrás, no por la cola, por las piernas. Sus manos se hunden porque son mucho más chicas que los muslos descomunales de Catalina. Ella ha terminado de abrocharle la camisa y él aprieta mucho y le dice muy bajito que tiene que volver al consultorio. Ella se suelta, camina y se tira en la cama.

—Según mi agenda, entre mañana y pasado te viene el periodo, ¿no? Quiero que la semana que viene empecemos con los exámenes.

—Pero me habías prometido que antes podía ir a ver a Maca— mientras lo dice abre y cierra las piernas, se acaricia el pelo.

—Tienes que quedarte tranquilita, ya te dije.

Catalina ya no mueve las piernas, ahora las tiene cerradas y se tapa con la sábana. Por encima se toca el bajo vientre. Ya no sabe qué decir. Piensa que va a ser más de un año en que no ha visto a su hija. Piensa en Bogotá, en sus amigas, en cómo le gustaría estar allá. Cuando Iván se acerca a darle un beso ella se incorpora y se pone su camiseta. Es fucsia con la imagen ilustrada de un helado con una cereza encima. Le queda apretada. No encuentra su calzón y cuando se para a buscarlo, Iván aprovecha a darle otra nalgada y se va diciéndole que más tarde la secretaria le mandará los detalles de la internación.

Catalina nunca ha tenido problemas en dar a luz, inclusive con Maca, que fue su primera, y con dieciséis años, estuvo en labor de parto solo una hora. Casi ni alcanza a llegar a donde su tía que le ayudó con el puje. No se fue a un hospital, ¡con el tráfico que hay en Bogotá!, seguro iba a terminar pariendo en el taxi. Maca nació con los ojos muy abiertos y nunca lloró. Tenía bastante pelo, muy negro. Apenas salió, Catalina misma la agarró con sus dos manos, estaba resbalosa con esa cosa blanca por todo el cuerpito. Ahora sabe que eso se llama vérnix, Iván se lo explicó. Maca era tan chiquita. Cuando vio para abajo y se dio cuenta de que seguía sangrando se la pasó a su tía y se acuerda claramente que le preguntó si su panza iba a quedar así de floja. Su tía se la llevó a la nena de inmediato y le dijo que la traería en un ratito para que le diera el seno. Maca veía con esos ojos inmensos, seguía sin llorar. Ahora que se acuerda, su hija nunca ha llorado mucho. Ni cuando ella se iba de fiesta y se la dejaba a su tía para que la cuide, ni cuando el padre de Maca le pegaba sin importarle que la niña viera, ni cuando entró a la guardería, ni al primer grado, nada. Y mucho menos cuando se despidieron y Cata le prometió que volvería pronto. Se pregunta si llora a solas. Tiene ganas de hablar con Maca, pero cuando llama el teléfono suena y nadie atiende. Igual, se da cuenta de que a esa hora está en el colegio.

Ningún otro hijo, o más bien dicho, niño, le ha salido con los ojos tan abiertos como los de Maca. Ella les puso nombre a todos, aunque eso no le ha contado ni le va a contar nunca a Iván. Sabe que se enojaría. Siempre le dice que si se llega a encariñar la caga y hasta la ha amenazado con no pagarle si llega a querer a alguno de los niños. Le ha explicado mil veces cómo es el plan. Le ha dicho mil veces qué exámenes son obligatorios, qué ejercicios tiene que hacer, qué tiene que decir, en dónde tiene que parir, con quién no tiene que hablar, qué tiene que contestar a cualquier pregunta, qué fotos debe tomarse, dónde debe estar. También le ha dicho que si la mamá quiere que camine que ella camina, que si la mamá quiere que solo coma carne que se comerá una vaca entera, que si la mamá quiere que se haga vegetariana va a comer lechugas y listo. Es más, desde su oficina le mandan la comida por los nueve benditos

meses. Las mamás de ahora, además, son simplemente jodidas, ni siquiera quieren que comas un helado o te tomes una Coca Cola. ¡Son una mamera! Cuando estuvo embarazada de Maca hasta fumaba hierba y nada malo le pasó. Cierto, y ni hablar de fumar cigarrillos. Iván le tiene recontra amenazada con eso. Un día le dijo que, si lo hace, él mismo se va directo al ministerio a exigir que le quiten la visa de refugiada. Con lo que le costó a ella conseguir esa maldita visa. Todavía siente arcadas cuando se acuerda del olor a oxidado que tenía la pinga del viejo de extranjería que tenía que firmar un último papel que le faltaba para el trámite. Ahí en Quitumbe, en ese baño asqueroso de la oficina de atrás.

De todas maneras, ella nombres sí les pone. ¿Cómo se va a enterar Iván? Lo único que falta es que le haya puesto cámaras en el departamento. Además, ¿cómo no les va a poner nombres? Hablarle a alguien por nueve meses sin llamarlo algo. Cómo más les va a decir: el niño 1, la niña 2, la niña 3. Ella quisiera seguir, pero Iván le ha dicho que este es el último, que ya no es tan joven. Le parece que una liposucción más no aguanta. A Iván le gusta que quede completamente plana.

Se acerca a la ventana y se toma la botella de agua que queda. Mira hacia afuera, hay una nena de unos tres años jugando con un balón desinflado. Tiene sucia la cara y la camiseta rota. Cata busca a la madre en la tienda y en las veredas aledañas, pero no la ve. La niña corre de un lado al otro, esquivando a la gente que pasa. Cata se da cuenta de que tiene un poco de frío en las piernas. Se da vuelta para buscar su jean. Mira el reloj viejo que cuelga encima de la cama. Todavía no da la 1. Quiere esperar un rato para volver a llamar. Capaz hasta puede bajar a comerse una torta o algo.

A los otros hijos, niños, niñas, da lo mismo, no los agarró ella, por supuesto. Nunca sintió si estaban resbalosos, pero se imagina. Todos nacen con esa cosita blanca, solo que en los hospitales, no sabe bien por qué, están empeñados en lavarles lo antes posible. Recuerda lo rica que era la pielcita de Maca, lo calentita que estaba. Lo nerviosa que estaba ella de que se le resbalara. Era una culicagada de dieciséis años, nunca se hubiese imaginado que iba a tener más hijos.

Qué será que quiere la tipa nueva, nena o varoncito. No sabe, pero todas piden parto natural. Sería más fácil una cesárea con anestesia, ¿o no? La última vieja, que quería caminar con ella todas las mañanas en el Parque Metropolitano. Esa era la mamá de Gael, aunque luego cree que lo llamaron Eduardo. Por lo menos, así le decía su mamá luego de las caminatas. Cata se daba cuenta de que a la vieja le daba un poco de pudor hablarle y tocarle la panza, pero de todas maneras lo hacía. Sonrojada lo hacía. Era su hijo, al final, ¿no? Catalina siempre pensó que Eduardo es un nombre más para un adulto. Una persona que nace ya siendo adulta. Este, definitivamente se sentía como un Gael.

Catalina prefiere no bajar. Marca el teléfono de su hija de nuevo.

00572

Iván sai do banho sem camisa, é magro, e tem poucos pelos que, estranhamente, traçam uma linha reta desde o meio do peito até o umbigo. Catalina está deitada nua, de barriga para cima na cama, e se vira quando escuta ele vindo. Empina a bunda arqueando bem a lombar para que pareça maior e abre um pouco as pernas. Iván dá um tapinha e diz que está gostosa, então se agacha para pegar a camisa e o jaleco que estão debaixo da cama. Antes de se vestir, vai até a mesa e bebe, quase inteira, uma das garrafas de água que estão em cima. Tem certeza de que é Catalina quem as enche porque a água sempre tem gosto de torneira. Sente muita sede, enquanto toma a água, olha pela janela de plástico branco coberta com cortinas transparentes. É um bairro que sempre lhe pareceu sujo e cheio de gente, lembra que quando pequeno seu pai comprava malas em uma loja de couro ali perto. Ele ia junto, franzindo o nariz, até que completou dezoito anos, estava prestes a entrar na faculdade de medicina, e, finalmente, teve a valentia de dizer que não queria mais acompanhar o pai. Não consegue entender o que os outros veem em edifícios e casas coloniais, ele acha horríveis, inabitáveis, com aquelas janelas pequenas, tudo escuro, antiquado.

Catalina se levanta e vai até ele. Tira a garrafa de sua boca e bebe. Está com o cabelo comprido e pintado de loiro, e sua boca continua vermelha por causa do batom que comprou de uma amiga que trabalha na Yanbal, ela jurou que não saía por nada. Iván veste a camisa e Catalina, que já terminou de beber a água, a abotoa. A mão de Iván está muito perto de sua coxa e ela, sabendo disso, se aproxima e se encosta. Vai se mexendo enquanto abotoa a camisa, e a mão pega na coxa, roça a vagina, esfrega e esfrega. Iván, como se estivesse furioso, a agarra por trás, não pela bunda, e sim pelas pernas. As mãos dele se perdem porque são muito menores do que as coxas volumosas de Catalina. Ela termina de abotoar a camisa e ele a aperta com força, e diz baixinho que precisa voltar ao consultório. Ela se solta, caminha e se joga na cama.

— Segundo minha agenda, sua menstruação desce entre amanhã e depois, certo? Quero que na próxima semana comecemos os exames.

— Mas você tinha prometido que antes eu podia ir ver a Maca — diz ela, abrindo e fechando as pernas e mexendo no cabelo.

— Você precisa ficar tranqüilinha, já te falei.

Catalina já não está mexendo as pernas, agora está com elas fechadas e se cobre com o lençol. Por cima, toca no baixo ventre. Já não sabe o que dizer. Pensa que vai fazer mais de um ano que não vê a filha. Pensa em Bogotá, nas suas amigas, em como gostaria de estar lá. Ela se levanta e veste a camiseta quando Iván se aproxima para lhe dar um beijo. Sua camiseta é fúcsia com a imagem de um sorvete com uma cereja em cima. Fica apertada. Não encontra a calcinha e quando se detém para procurar, Iván aproveita para dar outro tapa em sua bunda e vai embora dizendo que mais tarde a secretária vai mandar os detalhes da internação.

Catalina nunca teve problemas para dar à luz, inclusive com Maca, que foi sua primeira, aos dezesseis anos, esteve em trabalho de parto somente uma hora. Quase nem conseguiu chegar ao local onde sua tia ajudou com o parto. Não foi a um hospital, com o trânsito de Bogotá!, com certeza terminaria parindo dentro de um táxi. Maca nasceu com os olhos bem abertos e nunca chorou. Tinha bastante cabelo, bem escuro. Mal saiu, Catalina a agarrou com as duas mãos, estava escorregadia com aquela coisa branca por todo o corpinho. Agora sabe que isso se chama vernix, Iván havia explicado. Maca era tão pequeninha. Quando olhou para baixo e percebeu que continuava sangrando entregou a menina para a tia, e se lembra claramente de ter perguntado se a sua barriga ficaria flácida daquele jeito. Sua tia levou a bebê imediatamente e disse que já a traria de volta para que desse o peito. Maca olhava com aqueles olhos imensos, e continuava sem chorar. Agora que se lembra, sua filha nunca chorou muito. Nem quando ela ia para festas e deixava a menina para a tia cuidar, nem quando o pai de Maca batia nela sem se importar que a criança visse, nem quando entrou na creche, nem no primeiro ano, nada. E menos ainda quando se despediram e Cata prometeu que voltaria logo. Se pergunta se a filha chora quando está sozinha. Tem vontade de falar com Maca, porém quando liga o telefone chama e ninguém atende. De qualquer forma, ela se dá conta que a essa hora está na escola.

Nenhum outro filho, ou melhor, bebê, saiu com os olhos tão abertos como os de Maca. Ela colocou nome em todos, ainda que não tenha contado, nem vá contar nunca, a Iván. Sabe que ficaria zangado. Ele sempre diz que se ela criar um vínculo fode tudo e até havia ameaçado não pagar se chegasse a amar alguma das crianças. Havia explicado para ela mil vezes como é o plano. Falou mil vezes quais exames são obrigatórios, quais exercícios ela tem que fazer, o que tem que dizer, onde tem que parir, com quem não deve falar, o que tem que responder a qualquer pergunta, quais fotos deve tirar, onde deve estar. Também falou que se a mãe quer que caminhe ela caminha, que se a mãe quer que coma somente carne, ela come uma um boi inteiro, que se a mãe quer que se torne vegetariana, ela só come salada e pronto. E mais, do seu escritório mandam a comida pelos benditos nove meses. Além disso, as mães de agora são simplesmente umas fodidas, nem sequer deixam você tomar um sorvete ou beber uma Coca-cola. São um saco! Quando ficou grávida de Maca, até fumava maconha e nada de ruim lhe aconteceu. Certo, e nem falar de fumar cigarro. Iván a tem sob ameaça com isso. Um dia lhe disse que se ela fumar ele mesmo vai ao ministério exigir que tirem o seu visto de refugiada. Com o que custou para ela conseguir esse maldito visto. Ainda sente ânsia ao se lembrar do cheiro de ferrugem do pau do velho da embaixada que precisava assinar um último papel que faltava para o processo. Ali em Quitumbe, no banheiro nojentão do escritório de trás.

De qualquer forma, sim, ela os nomeia. Como Iván vai saber? A única coisa que falta é ter colocado câmeras no apartamento. Além disso, como não vai nomeá-los? Falar com alguém por nove meses sem chamar por um nome. Principalmente, como vai dizer: o menino 1, a menina 2, a menina 3. Ela queria continuar, porém Iván disse que este vai ser o último, que ela

já não é tão jovem. Ele acredita que ela não aguenta mais uma lipoaspiração. E Iván gosta que termine o processo com a barriga lisinha.

Chega perto da janela e toma a garrafa de água que sobrou. Olha para fora, há uma menina de uns três anos brincando com uma bola murcha. Está com o rosto sujo e a camiseta rasgada. Cata procura pela mãe na loja e nas calçadas próximas, mas não a enxerga. A menina corre de um lado para o outro, se esquivando das pessoas que estão passando. Cata se dá conta de que sente um pouco de frio nas pernas. Se vira para procurar seu jeans. Olha o relógio velho que está pendurado em cima da cama. Ainda não é uma hora. Quer esperar um pouco para ligar de novo. Talvez possa descer para comer um bolo ou outra coisa.

Aos outros filhos, menino ou menina, dá no mesmo, ela não segurou, é claro. Nunca sentiu se estavam escorregadios, porém imagina. Todos nascem com essa coisinha branca, só que nos hospitais estão empenhados em lavar os bebês o mais rápido possível, não se sabe bem o porquê. Recorda como era gostosa a pelezinha de Maca, como estava quentinha. Como ficou com medo de que escorregasse de suas mãos. Era uma jovem imatura e ferrada de dezesseis anos, nunca havia imaginado que ia ter mais filhos.

O que será que quer a nova mulher? Menina ou menino? Não sabe, porém todas pedem parto natural. Seria mais fácil uma cesárea com anestesia, não é? A última velha, que queria caminhar com ela todas as manhãs no Parque Metropolitano. Essa era a mãe do Gael, embora acredite que tenha chamado o bebê de Eduardo. Ao menos era assim que o chamava sua mãe após as caminhadas. Cata percebeu que a velha tinha um pouco de pudor de falar e tocar na sua barriga, mas, apesar disso, o fazia. Corada, tocava e falava. Afinal, era seu filho, não era? Catalina sempre pensou que Eduardo é um nome mais de adulto. Uma pessoa que nasce já sendo adulta. Ele, definitivamente, se sentia como Gael.

Catalina prefere não descer. Digita novamente o número da filha.

REFERÊNCIAS

ABRAHAMSON, Julia Rendón. 00572. *Yeguas y Terneros*. Cuenca: La Caída, 2021.

VIVAS, Esther. *Mamãe desobediente: um olhar feminista sobre a maternidade*. Tradução: Claudio Cruz, Luciana Carvalho, Marina Waquil e Sandra Navarro. São Paulo: Timo, 2021.

VIVÊNCIAS OUTRAS: TRADUZINDO “ANCHOR BABY”

Isabella B. Veiga¹

Nascida em Luoyang, na China, Ye Chun foi morar nos Estados Unidos ao final da década de 90. Trabalha como professora na Universidade de Providence, em Rhode Island, além de ser escritora, poeta e tradutora literária. Bilíngue, já escreveu livros em inglês e chinês, todos inéditos no Brasil, como *Hao: Stories* (2021), *Travel Over Water* (2005) e 海上的桃树/*Peach Tree in the Sea* (2011), além de ter traduzido e vertido obras do inglês e do chinês. Seus textos literários lhe renderam prêmios como o Berkshire, além de três prêmios Pushcart. É formada em poesia pela Universidade de Virgínia e PhD em Literatura e Escrita Criativa pela Universidade de Missouri.

Seu conto “Bebê Âncora”, publicado em *Hao: Stories*, apresenta um recorte da realidade de uma mulher sob a ótica da maternidade dissidente. A personagem principal é uma mulher chinesa que, grávida, vai para os Estados Unidos, buscando dar à luz a uma criança com cidadania americana. O título do conto se refere a um termo pejorativo comumente usado para se referir a crianças que, possuindo cidadania sob o *jus soli*, possibilitam a estada e a obtenção de um *green card* para membros de sua família. A tradução do próprio título foi um dos maiores desafios para mim como tradutora, pois não há em português expressão que carregue tom pejorativo e xenofóbico equivalente. Assim como essa, outras facetas da maternidade que são normalmente mantidas “debaixo do tapete”, como a gravidez originada de uma relação extraconjugal, a decepção com o gênero do bebê e uma relação mãe-filho codependente, estão presentes no conto sem nenhum rodeio, expondo o lado não tão belo das experiências da maternidade.

Traduzir essas experiências à nossa realidade, assim como vivê-las, não é uma tarefa fácil. A maneira na qual uma história é contada em inglês, quando traduzida para o português, muitas vezes provoca estranhamento, como o uso repetitivo dos pronomes pessoais, recurso estilístico natural da língua inglesa. Da mesma forma, o mantra chinês repetido pela personagem principal — *yi rou ke gang* (em inglês, *to conquer the hard with the soft*), não tem tradução literal em português, mas em seu cerne existe uma semelhança com um ditado nosso — água mole em pedra dura, tanto bate até que fura. Traduzida como *vencer a dureza pela suavidade*, a expressão reflete a forma como as mulheres muitas vezes são criadas e socializadas de forma a evitar confrontos, conseguindo o que querem através da submissão, uma experiência feminina possivelmente universal.

¹ Graduada em Letras. Bacharelado em Português e Inglês (Estudos da Tradução)

Ao passo que essas emoções são expostas de maneira crua no conto, a tarefa de traduzir as palavras mantendo semelhante carga emocional prova ser um desafio. Entretanto, esse trabalho é igualmente necessário e gratificante: representando de forma exemplar experiências maternas geralmente invisibilizadas. O conto é uma leitura catártica para leitoras que já passaram por esse tipo de experiência “invisível”, assim como para leitores não familiarizados com o lado menos romantizado da experiência de ser mãe.

ANCHOR BABY

Actually, there’s something I want to ask you,” he says after bringing the groceries to the living room. “Have you heard of the term anchor baby? Anchor. Do you know what it means?”

She can’t interpret that look of his, nor the tone of his voice. He may suddenly burst into laughter and say something like *Look at your face; I’m joking*. That seems to be the logical conclusion to such a question, which she senses is meant to insult, as it is unfathomable for a man who has been polite to her to suddenly talk like that. This is the second time he helped her carry groceries upstairs. He also knocked on her door once, telling her she’d left her key in the lock.

He shakes his head, his face settling into a semi-grin, like he is recognizing something deeply ironic in the situation. He sits down on the couch without being asked to, his eyes now level with her belly, which is in her thirty-eighth week of pregnancy, fourteen days before she’s due.

She has only vaguely heard of the term before, maybe in the articles she read on the internet while preparing to come here—about raids on the West Coast where this kind of birth service is more developed but also more prone to disasters: women with bursting bellies or suckling newborns taken to police stations for visa fraud or money laundering. Mrs. Liang told her that she was not running a business—she was merely renting out her condo and providing pregnancy and postpartum assistance to her, which was perfectly legal. And what you’re doing—coming here on a tourist visa and giving birth to a child—is perfectly legal too. Just relax and enjoy the rest of your pregnancy and bring home a U.S.-citizen baby, she told her after picking her up at the airport, before leaving her alone in this small condo, which was described as “spacious and luxurious” in the ad and had indeed looked so in the photos.

Now the man sits in the living room that she has decked up a little with a vase of lilies, a bamboo plant, and a few stuffed animals for the baby. He looks at her with a glint in his eyes, as if he’s stimulated by the fact that he has said what he said, and that now there is nothing to stop him from saying more. Or as if he is equally curious to see how she will respond and what he will do next.

But she has not let the term stick. It doesn’t matter what they will call her baby. All that matters is that she will be born a U.S. citizen, not a bastard, as she would have been if she were

born in China. But you can go to Hong Kong or Singapore, Lao Li had said. Why does it have to be America? Because, she'd said, I only want the best for our child.

The man is about Lao Li's age, tall, skinny, with big feet; his floor creaks in the evenings when he moves about in the upstairs condo. Fleeting, she has imagined what he might be like in bed, how he would be different from Lao Li—as she lay alone, among IKEA furniture you see often in China, her body expansive, her skin aglow, with nothing but her own hands to quell her hunger. Besides hunger, there has been a vague trepidation that lurks in the back of her head, the pit of her stomach. Only a couple nights ago, she dreamt of a chicken claw sticking out of her belly, the rest of the chick, or baby, about to spill out.

"I don't know," she says to the man. She must feign ignorance, pretend nothing wrong is going on. Intuition tells her she must not confront. She must look as if she doesn't get it. She is a foreigner, a Chinese—the cultural gap makes his words and behaviors untranslatable.

"I'll look it up for you. You know how to read English, right?" He takes out his cell phone from his pants pocket and starts scrolling and typing on the screen.

She had taken mandatory English from middle school through college, and after finding out she was pregnant, she enrolled at an adult education center to refresh her language skills. If her baby's future is in America, her future will be here too. At least that was what she thought then.

"Why?" she says. "Why do you ask me about this?"

He ignores her question, holding up his cell phone for her to see. "This is what anchor means. Take a look."

She reads the first definition:

anchor

—noun

1. any of various devices dropped by a chain, cable, or rope to the bottom of a body of water for preventing or restricting the motion of a vessel or other floating object, typically having broad, hook-like arms that bury themselves in the bottom to provide a firm hold.

Her daughter, who grows bigger in her belly every day, does not have "broad, hook-like arms." On the sonogram, they look rather short and thin, more like fish fins that help her float than metal arms that "provide a firm hold."

"Why?" she asks again. "Why do you ask?"

"Isn't the baby you're carrying going to be an anchor baby? No offense, but am I wrong?"

If her baby who is due in fourteen days is an anchor, then she is a boat. She does feel like a boat with full-winded sails sometimes, ample, unmoored, navigating unknown waters. Why did she decide to sail all the way and drop her anchor here? To give her child the best. But now America is this real place, just like Lao Li, who used to stand for something—maturity, wealth, confidence, success—all the things that she did not have herself, in the end was revealed to be this real, aged person with large pores and a quick temper. The man sitting in front of her was

also an idea before—a well-mannered gentleman who helped her with groceries and told her she'd forgotten her key—but has now suddenly turned real, sinister.

"I don't know what you mean. I need to cook dinner. I'm eating for two, you know." She tries to smile, to be amiable. There is the saying *yi rou ke gang*, to conquer the hard with the soft. That is what she's got—the soft and yielding, which may appear to be a weakness, but she draws power from it. She has done that with Lao Li, never confronting him, giving him what he wants, in exchange for what she wants. What did she want then? A condo, a savings account, a monthly allowance, an easier life than the working one in which you start as an assistant and climb and climb, not ever able to save enough and buy a one-bedroom. At least she knows what Lao Li wants. What does this man want?

He remains seated, looking at her as though she has said nothing. She glances at the door, which is partially closed. Two people are talking and walking down the stairs—her next-door neighbors, who make either tumultuous love or loud arguments across the wall. If she yells now, they may still be able to hear her.

"That Chinese lady who comes here from time to time. Are you related to her?"

Maybe he is secret police, here to arrest her. And before he does it, showing all his cards, he will torment her first.

"Yes, she is my aunt." To visit my aunt in Maryland, she had told the customs officer when asked the purpose of her visit. Mrs. Liang lives in a house in the suburbs with her postman husband and three children and is always busy. She will chat with her during the car ride to and from the doctor's office and drop her off outside the condo despite an invitation to come up and have some tea. According to their agreement, Mrs. Liang will *zuo yuezi* for her after the baby is born, sleeping on the couch where the man is sitting right now and cooking for her for a month before she takes the baby back to Shenzhen.

"What about the girl before you? Is she your sister?"

"Who? I don't know."

"A woman about your age who was also pregnant. When she had the baby, she disappeared. And the one before her? Your aunt must have lots of nieces."

To conquer the hard with the soft. But how? *What do you want?* Can she simply ask? Is it too hard a question? *Don't hurt me.* Is it too hard a request?

Or should she try the door? Head over to it, open it up, and cry out. But he will outpace her. He will sprint and shut the door before she reaches it. He will clasp her face, push her to the floor, knock her out, rape her, kill the baby. Is there murder in his eyes? She is not sure. She is still hoping he will turn this all into a joke. Just say, *Sorry, I'm pulling your legs. I'm just kidding. I'm . . .* all those English expressions for humor that Americans are so known for.

She is still being hopeful. That's all she can be. She had hoped Lao Li would divorce his wife, and when that did not happen, she hoped she would give him a son, and when it turned out to be a girl, she hoped she would get this done quickly, smoothly, go back, and try again to

have a son. Or try something else. She will hope for something else. If there is nothing else, she will at least have a daughter. “At least you won’t be lonely anymore,” Lao Li said on the phone after she’d told him the baby’s sex, which doctors in China would not let you know. That was all he had to say, and it is true: at least she won’t be lonely anymore when her daughter is born. Now the question is how to get her daughter safely born.

The man watches her, waiting for her to make a move. That must be his strategy. She needs to pee. She feels a wet patch on her panty. She has been feeling it sporadically, just a drip, which can’t mean that her water has broken. For the water to break, she thinks, there has to be more than a drip or two. If it is not pouring, it is squirting. Water where the baby swims. No anchor there, just a tiny, warm lake for her daughter to live. Who is listening right now, kicking, waiting for her to make a decision, a favorable one to alter the situation, to bring safety back to her, let her mature fourteen more days, until she’s ready to come out. Then they will deal with the term anchor baby, a name already given to her.

“Do you want some water?” she asks. What’s softer than water? She will get out of this spot, pinched between the couch and the TV stand, the man’s big feet and long arms reachable to her belly. She will disturb the inevitability in the air. She can see a visible change in the man’s eyes. He is taken by surprise. The mockery in his face is loosening its claws, its “hook-like arms.”

“Yes, water would be good.”

She turns toward the kitchen. He may follow her, corner her inside the kitchen, wave the kitchen knife and slice her open, or turn on the stove and burn her belly. There is no lock in the kitchen. And she needs to pee. She pauses by the kitchen door for just a second, walks on to the bathroom, and locks the door from inside. She sits down on the toilet and strokes her belly. She is alone with her baby here, at least. No intruder in this little room. She might need to give birth to the baby all by herself in this bathroom. She misses her mother. She wants to go back inside her, shut her eyes and dream, even though her mother would be just like her, not knowing what to do. Her mother has never quite known what to do, wearing the look of a lost child that she wants never to wear herself. How far she has come, from that dingy little town to Shenzhen, to America, but what difference does it make—to end up being cornered by a man, to be raped, her baby butchered. She will not let that happen to her. She has gone too far to let that happen. But here she is: the water sliding down her thighs, the warm, pinkish water her baby needs to swim in is abandoning her world. She bends over. It is happening: the water breaking, the cramps, the pain, while she is nowhere near a hospital, separated from her cell phone by a door and a man with contempt on his face.

But she needs to go to the hospital. She cannot imagine giving birth here all by herself. She will pay them cash. Where is her cash? The man could be ransacking her cash right now. Why did she let him in? She has no one but herself to blame if something goes wrong. Everything is already going wrong. Baby in distress. Is the baby still alive? It is still moving, agitated and unsure like herself. She wants to see her gynecologist, the Chinese American woman who

carries herself with ease and confidence. She wants her daughter to be just like her one day, at home with her environment.

“Are you okay?” the man asks outside the bathroom door.

“I’m in labor,” she cries. “I need to go to the hospital.”

“I can help you,” the man says after a pause, “I can take you to the hospital.”

But she cannot trust him, cannot open the door and let chance decide her fate. She will have to do it all by herself. She is howling in pain now, making those awful sounds she does not believe she can make. “Go away. Leave me alone,” she yells at the door in between moans. She will have to make it all by herself.

“I’ll help you,” he says again through the door.

But she will not trust him. She is all on her own now, depending on nothing but this one body that’s splitting into two.

•

Does he mean it? Will he really help? He wants to help. He has helped her with her groceries, has told her she’d forgotten her key. He has no intention to hurt her. He just wanted a chat, about something that was bothering him, to get something off his chest. He is not a criminal. He has never hurt anyone intentionally. He has done nothing except ask a sensitive question so that she will tell him the truth. The truth—that is all he wants, a slight confession, when everyone keeps their secrets to themselves. He wants some truth. Maybe he will give her a piece of truth too, if she gives him one first. An exchange of truth between a man and a woman who would otherwise be total strangers. Nothing personal. Just the truth for once. But what is the point? No point maybe, just this final need to be mean, to be open. Is the only way for him to be open to be mean?

“Listen, I’m sorry I said those things to you. I want to help. Please trust me. I want to help you.”

•

The pain is all there is. The rest ceases to matter. She is squatting on the floor now, which is wet, sleek with the same pinkish water that was inside her. The child is in there, with her big dreamy head: cry if she can, cry with her. She is moaning so loud she’s deaf to it. She is unreachable. She is locked in her pain. No one can hurt her. She is protected by her pain. Her body feels nothing but the pain. That’s all she is, the pain. She, the pain, and the baby who knocks her head on her life’s edge, this thin edge.

•

What’s he going to do? Leaning against the door that’s locked from the inside, listening to a woman’s horrible sound of giving birth, the sound you choose to forget the moment you come into the world. A mother’s sound. His mother, dead for thirty years. You had a big head, your big head wouldn’t come out, too big for me, they had to cut me open. I thought I was going to die. His mother who would say anything out loud, who pinned her suffering like a

gold brooch on her chest, who talked and talked until he was gone, shipped to the war, no more on the receiving end of those verbal spits. You must not die. You must learn to stay alive. You can't be so selfish as to die on me. I've got no one else. Did she really say that? A mother to her only child whom she claimed to love so much she had to hurt. She just couldn't help it. It was not personal. It's not that I'm angry at you. It's only that I love you too much. If I didn't, I wouldn't have said all those things. It's your life, you know, no one else's. If you lose a limb, it's you who will live without a limb for the rest of your life. That's why I'm mad. I'm not going to be there to live with your lost limb for you. She is dead. He is here, with no lost limbs, but with something else missing, something harder to see. His mother knew but she pretended not to know. She would only see her own suffering reflected back to her, which made her angrier, at herself, at him, the extension of her suffering life. Let's die together. Let's drink this trembling glass of pain till it's over. Cheers.

Another birth. Another woman who has no idea what she is doing. Another child coming into the world pre-burdened with pain.

•

She must stay awake to this pain, not overcome by it, not slipping under. She must trust that her body knows what it is doing. Her body has outsmarted her again and again—conceived a child weeks before she even knew, made her throw up and then eat this and that so that the baby could grow, made her laugh and cry so that the baby could learn to feel, made her reckless and afraid so that the baby could have a will. The baby must be pushing too, with her little arms and legs and blind fists, beating, flailing, reaching for the light. She must follow her body, which is breaking itself.

•

Is the weeping from inside him? His mother had kept her last breath until she saw him. She had waited, with such a will, holding that tenuous, tenacious breath, to touch his hand, to tell him that she had loved him more than anything else in this world, despite everything, and he said, I know. He forgave her. Or maybe she didn't say anything, just looked at him, with those embittered eyes, so accustomed to bitterness that bitterness was in everything they saw. Eyes that looked at him, and then suddenly were looking at nothing. I've done my best, he read in her eyes. I wish I could have done better, but I've tried.

He slips to the floor against the door. His mother had pushed and pushed, and his head was caught in the narrow canal. He could have died, but was kept alive, brought to this moment to be a door apart from a birth taking place.

"You can do it," he says to the door. "Breathe, breathe."

He feels as if he is once again crawling in the birth canal, the strangling tunnel toward life, his mother's heart pumping blood, her moans drowning his own. He will make it out somehow, as there is no turning back.

•

She sees the crown, the creamy black moss. She takes loud, shuddering breaths as her body continues to push and break. She sees the earthy head, the close-eyed face, blood-streaked, stunned, wrinkly. The baby is skidding out, mouth agape, gasping for air.

From beneath her body, she takes hold of this red child, who tenses, gathering her might into a howl. An announcement or protest? For hunger or fear? She palms her lopsided head and puts her to her breast. The baby smells her, groping for her nipple, and latches on. She holds her there, rocking lightly. Their voyage has just begun.

BEBÊ ÂNCORA

“Na verdade, queria te perguntar uma coisa,” diz ele, após trazer as sacolas de compras até a sala de estar. “Você já ouviu falar no termo *bebê âncora*? *Âncora*. Sabe o que significa?”

Ela não consegue interpretar aquele olhar, nem o tom de sua voz. Talvez, de repente, ele caia na gargalhada e diga algo como: *Olha só sua cara; estou brincando*. Essa parece ser a conclusão lógica a uma pergunta como aquela, que ela entende ser para ofender, pois é incompreensível que um homem que havia sido educado com ela fale assim de repente. Essa é a segunda vez que ele a ajuda a carregar as compras até o andar de cima. Ele também bateu uma vez em sua porta, avisando que ela havia esquecido a chave na fechadura.

Ele balança a cabeça, seu rosto descansando em um semi-sorriso, como se visse algo de profundamente irônico na situação. Ele se senta no sofá sem ser convidado, seus olhos agora na mesma altura que a barriga dela, uma barriga de trinta e oito semanas, quatorze dias até o parto.

Ela já ouviu falar vagamente do termo, talvez nos artigos que leu na internet enquanto se preparava para vir para cá – sobre batidas policiais na costa oeste, onde esse tipo de serviço pré-natal é mais desenvolvido, mas também mais propenso a desastres: mulheres com barrigas estourando ou com recém-nascidos mamando levadas para delegacias por fraude de visto ou lavagem de dinheiro. A sra. Liang disse a ela que não estava operando um negócio – estava meramente alugando seu apartamento e fornecendo assistência pré e pós-natal, o que era completamente legal. E o que você está fazendo – vindo para cá com um visto de turista e dando à luz a um bebê – também é perfeitamente legal. Relaxe, aproveite o resto da sua gravidez e traga para casa um bebê com cidadania americana, ela disse após buscá-la no aeroporto, antes de deixá-la sozinha nesse apartamento pequeno, descrito como “espaçoso e luxuoso” nos anúncios e que, pelas fotos, parecia ser mesmo.

Agora o homem senta na sala de estar que ela decorou um pouquinho com um vaso de lírios, uma planta de bambu e alguns bichinhos de pelúcia para o bebê. Ele olha para ela com um brilho no olhar, como se se sentisse estimulado pelo fato de que disse o que disse, e que agora nada o impedia de dizer mais. Ou como se nutrisse a mesma curiosidade para ver como ela irá responder e o que ele fará em seguida.

Mas ela não deixou o termo afetá-la. Não importa do que vão chamar o seu bebê. Tudo o que importa é que ela vai nascer uma cidadã americana, não uma bastarda, como teria sido se nascesse na China. Mas você pode ir para Hong Kong ou Singapura, disse Lao Li. Por que tem que ser para os Estados Unidos? Porque, disse ela, eu só quero o melhor para a nossa filha.

O homem tem mais ou menos a idade de Lao Li, é alto, magro, com pés grandes; o piso dele range todas as noites quando ele anda por seu apartamento no andar de cima. De passagem, ela já imaginou como ele seria na cama, como seria diferente de Lao Li - ao deitar-se sozinha, em meio a móveis da IKEA, comuns de se ver na China, seu corpo em expansão, sua pele iluminada, sem nada além das próprias mãos para saciar sua fome. Além de fome, havia uma vaga inquietação escondida no fundo de sua mente, na boca do estômago. Poucas noites atrás, ela sonhou com um pé de galinha saindo de sua barriga, o resto do pintinho, ou do bebê, prestes a vazar.

“Eu não sei”, diz ela ao homem. Ela deve fingir ignorância, como se nada de errado estivesse acontecendo. Sua intuição lhe diz que ela deve evitar o confronto. Ela deve parecer que não está entendendo. Ela é uma estrangeira, uma chinesa – a diferença cultural torna as palavras e os comportamentos dele intraduzíveis.

“Vou pesquisar pra você. Você sabe ler em inglês, né?” Ele tira o celular do bolso da calça e começa a digitar e deslizar os dedos na tela.

Ela havia tido aulas obrigatórias de inglês desde o ensino fundamental até a faculdade, e após descobrir que estava grávida, matriculou-se em um curso para adultos para refrescar as lembranças do idioma. Se o futuro de seu bebê será nos Estados Unidos, o futuro dela será aqui também. Pelo menos era o que pensava na época.

“Por quê?” diz ela. “Por que você me pergunta sobre isso?”

Ele ignora a pergunta, erguendo o celular para ela ver. “Esse é o significado de *âncora*. Dá uma olhada.”

Ela lê a primeira definição:

âncora

—*substantivo*

1. qualquer um dos vários aparelhos lançados ao fundo de um corpo d'água por uma corrente, cabo ou corda para prevenir ou restringir o movimento de uma embarcação ou outro objeto flutuante, geralmente com braços largos, como ganchos, que se enterram ao fundo para proporcionar suporte firme.

Sua filha, que cresce mais em sua barriga a cada dia, não tem “braços largos, como ganchos”. No ultrassom, eles parecem curtos e finos, mais parecendo barbatanas de peixe que a ajudam a flutuar do que braços de metal que “proporcionam suporte firme”.

“Por quê?” pergunta ela novamente. “Por que essa pergunta?”

“O bebê que está gestando não vai ser um bebê âncora? Sem ofensa, mas estou errado?”

Se o seu bebê que nascerá em quatorze dias é uma âncora, então ela é um barco. Às vezes ela se sente mesmo como um barco com as velas a todo vapor, amplo, sem amarras, navegando águas desconhecidas. Por que ela decidiu navegar todo esse caminho e lançar sua âncora aqui? Para dar o melhor à sua filha. Mas, agora, os Estados Unidos são esse lugar real, assim como Lao Li, que costumava representar – maturidade, riqueza, autoconfiança, sucesso – todas as coisas que ela mesma não tinha, no fim se revelou ser essa pessoa real, envelhecida, com poros abertos e um temperamento forte. O homem sentado à frente dela também já foi só uma ideia – um moço bem-educado que a ajudou com as compras e a avisou que havia esquecido a chave – mas agora, de repente, tornou-se real, sinistro.

“Não sei o que quer dizer com isso. Preciso fazer o jantar. Estou comendo por duas, sabe.” Ela tenta sorrir, ser agradável. Existe a expressão *yì rou kè gāng*, vencer a dureza pela suavidade. É isso que ela tem – a suavidade e a complacência, que podem parecer fraquezas, mas são de onde ela tira sua força. Foi o que ela fez com Lao Li, nunca o confrontando, dando a ele o que quer, em troca do que ela quer. O que ela queria na época? Um apartamento, uma poupança, uma pensão mensal, uma vida mais fácil do que a vida de trabalho, na qual você começa como assistente e vai subindo e subindo, nunca conseguindo economizar o suficiente para comprar um apartamento de um quarto. Pelo menos ela sabe o que Lao Li quer. O que esse homem quer?

Ele continua sentado, olhando-a como se ela não tivesse falado nada. Ela lança um olhar para a porta, que está entreaberta. Duas pessoas conversam e descem as escadas – seus vizinhos de porta, que sempre ou fazem amor turbulento, ou discutem alto do outro lado da parede. Se ela gritar agora, talvez ainda consigam ouvi-la.

“Aquele mulher chinesa que vem aqui de vez em quando. Você é parente dela?”

Talvez ele seja da polícia secreta e esteja aqui para prendê-la. E antes de fazer isso e mostrar sua verdadeira face, ele irá atormentá-la.

“Sim, ela é minha tia.” Visitar minha tia em Maryland, ela havia dito ao fiscal da alfândega quando perguntada sobre o motivo de sua visita. A sra. Liang mora em uma casa no subúrbio com seu marido carteiro e três filhos, e está sempre ocupada. Conversava com ela durante o percurso de ida e volta do consultório médico e a deixava do lado de fora do apartamento, apesar do convite para subir e tomar um chá. Conforme o combinado, a sra. Liang fará *zuo yuezi* para ela após o bebê nascer, dormindo no sofá onde o homem está sentado e cozinhando para ela por um mês, antes de ela levar o bebê de volta para Shenzhen.

“E a moça antes de você? É sua irmã?”

“Quem? Não conheço.”

“Uma mulher mais ou menos da sua idade que também estava grávida. Quando teve o bebê, ela sumiu. E a outra antes dela? Sua tia deve ter várias sobrinhas.”

Vencer a dureza pela suavidade. Mas como? *O que você quer?* Ela pode simplesmente perguntar isso? Seria uma pergunta muito dura? *Não me machuque.* Seria um pedido muito duro?

Ou será que deveria tentar a porta? Ir até ela, abri-la e gritar. Mas ele será mais rápido. Ele vai correr e fechar a porta antes que ela a alcance. Ele vai agarrar seu rosto, empurrá-la ao chão, fazê-la desmaiar, estuprá-la, matar seu bebê. Há sangue nos olhos dele? Ela não tem certeza. Ela ainda tem esperança de que ele transforme isso tudo em uma brincadeira. Apenas diga, *Desculpa, estou tirando uma com a sua cara. Estou só brincando. Estou...* todas essas expressões de humor pelas quais os americanos são tão conhecidos.

Ela ainda tem esperança. É tudo o que ela pode fazer. Ela teve esperança de que Lao Li se divorciaria de sua esposa e, quando isso não aconteceu, teve esperança de que pudesse dar um filho a ele e, quando acabou sendo uma menina, teve esperança de que aquilo acabaria logo, sem complicações, para voltar e tentar de novo ter um filho. Ou tentar outra coisa. Ela terá esperança em outra coisa. Se não houver mais nada, pelo menos ela terá uma filha. “Pelo menos você não vai mais ficar sozinha,” disse Lao Li pelo telefone após ela contar o sexo do bebê, algo que os médicos na China não revelavam. Era tudo que ele tinha a dizer, e é verdade: pelo menos ela não ficará mais sozinha quando sua filha nascer. Agora, a questão é como fazer com que sua filha nasça em segurança.

O homem a observa, esperando ela fazer alguma coisa. Essa deve ser a estratégia dele. Ela precisa fazer xixi, e sente uma parte molhada na calcinha. Ela tem sentido isso ocasionalmente, só uma gota, o que não pode significar que sua bolsa tenha estourado. Para a bolsa estourar, pensa, é preciso haver mais do que uma ou duas gotas. Se não está escorrendo, está esguichando. Água onde o bebê está nadando. Sem âncora ali, apenas um laguinho morno para sua filha viver. Sua filha que está ouvindo tudo, chutando, esperando que ela tome uma decisão favorável que altere a situação, que a deixe em segurança, que a deixe maturar por mais quatorze dias, até estar pronta para sair. Só então elas irão lidar com o termo *bebê âncora*, uma designação já dada a ela antes de nascer.

“Você quer uma água?” pergunta ela. O que é mais suave do que água? Ela irá sair desse lugar, espremida entre o sofá e o suporte da TV, os pés grandes e braços longos do homem ao alcance de sua barriga. Ela irá perturbar a inevitabilidade do ar. Ela enxerga uma mudança visível nos olhos do homem. Ele é pego de surpresa. O deboche em seu rosto está afrouxando suas garras, seus “braços como ganchos”.

“Sim, água seria uma boa.”

Ela volta-se para a cozinha. Ele pode segui-la, encurralá-la ali dentro, brandir uma faca e cortá-la, ou ligar o fogão e queimar sua barriga. A porta da cozinha não tranca. E ela precisa fazer xixi. Ela para em frente à porta da cozinha só por um instante, vai até o banheiro e tranca a porta por dentro. Ela senta-se no vaso e acaricia sua barriga. Pelo menos aqui ela está sozinha com seu bebê. Sem intrusos aqui dentro. Pode ser que ela precise dar à luz ao bebê nesse banheiro, completamente sozinha. Ela sente saudades de sua mãe. Quer voltar para dentro dela,

fechar os olhos e sonhar, apesar de que sua mãe estaria igual a ela, sem saber o que fazer. Sua mãe nunca soube muito bem o que fazer, trazendo o olhar de uma criança perdida que ela nunca quis ter. Quão longe ela chegou, desde aquela cidadezinha suja até Shenzhen, depois até os Estados Unidos, mas que diferença isso faria – acabaria encurralada por um homem, estuprada, seu bebê esquartejado. Ela não deixará isso acontecer com ela. Já chegou longe demais para deixar isso acontecer. Mas aqui está ela: a água escorrendo pelas coxas, a água morna e rosada na qual seu bebê precisa nadar, está abandonando seu mundo. Ela se curva. Está acontecendo: a bolsa estourando, as cólicas, a dor, enquanto ela não está nem perto de um hospital, separada de seu celular por uma porta e um homem com desprezo no rosto.

Mas ela precisa ir ao hospital. Ela não se consegue imaginar dando à luz aqui, sozinha. Ela os pagará em dinheiro. Onde está o seu dinheiro? O homem pode estar saqueando o dinheiro dela agora mesmo. Por que ela o deixou entrar? Ela não pode culpar ninguém além de si mesma se algo der errado. Tudo já está dando errado. Bebê em apuros. Sua filha ainda está viva? Ainda está se mexendo, agitada e insegura como ela mesma. Ela quer ver sua ginecologista, a mulher chinesa-americana que se porta com naturalidade e confiança. Ela quer que sua filha seja assim como ela um dia, que se sinta à vontade onde quer que esteja.

“Você tá bem?” pergunta o homem, do lado de fora do banheiro.

“Estou em trabalho de parto” chora ela. “Preciso ir ao hospital.”

“Eu posso te ajudar” diz o homem, após uma pausa. “Posso te levar ao hospital.”

Mas ela não pode confiar nele, não pode abrir a porta e deixar a sorte decidir o seu destino. Ela terá que fazer tudo sozinha. Ela agora uiva de dor, soltando aqueles sons horríveis que ela não acredita ser capaz de soltar. “Vai embora. Me deixa em paz,” grita ela em direção à porta, em meio a gemidos. Ela vai ter que conseguir sozinha.

“Eu te ajudo” diz ele novamente através da porta.

Mas ela não irá confiar nele. Ela está completamente sozinha, sem depender de nada além desse único corpo que agora se divide em dois.

•

Ele está falando sério? Vai ajudar mesmo? Ele quer ajudar. Ele já a ajudou com as compras, avisou que ela esqueceu a chave. Não tem intenção de machucá-la. Só queria conversar sobre algo que o estava incomodando, desabafar. Ele não é bandido. Nunca machucou ninguém por querer. Ele não fez nada além de uma pergunta delicada para que ela falasse a verdade. A verdade – era só isso que ele queria, uma pequena confissão, quando todo mundo guarda seus segredos a sete chaves. Ele quer um pouco de verdade. Talvez ele dê a ela alguma verdade também, se ela fizer isso primeiro. Uma troca de verdades entre um homem e uma mulher que, de outra forma, seriam estranhos. Nada pessoal. Só a verdade, pelo menos uma vez. Mas qual o objetivo? Talvez não tenha objetivo, só essa necessidade final de ser babaca, de ser sincero. Será que o único jeito dele ser sincero é sendo babaca?

“Olha, me desculpa por ter falado aquilo pra você. Eu quero ajudar. Por favor, confia em mim. Eu quero te ajudar.”

•

A dor é tudo o que existe. O resto deixa de ter importância. Ela está agachada no chão, que está molhado, reluzente com a mesma água rosada que estava dentro dela. A criança está ali dentro, com sua cabeça grande e sonhadora: chore se conseguir, chore com ela. Ela geme tão alto que já nem se escuta. Está inalcançável. Está trancada em sua dor. Ninguém pode machucá-la. Sua dor a protege. Seu corpo não sente nada além da dor. Ela é só isso, a dor. Ela, a dor, e o bebê que bate a cabeça na borda de sua vida, essa tênue borda.

•

O que é que ele vai fazer? Se escorando em uma porta trancada por dentro, ouvindo o som horrível de uma mulher dando à luz, o som que você escolhe esquecer no momento em que vem ao mundo. O som de uma mãe. A mãe dele, morta há trinta anos. Você tinha uma cabeça grande, seu cabeção não saía, grande demais para mim, eles tiveram que me abrir. Achei que eu fosse morrer. A mãe dele, que dizia em voz alta o que bem entendia, que usava o próprio sofrimento como um broche de ouro no peito, que falava e falava até ele ir embora, convocado para a guerra, sem mais ser alvo daqueles cuspes verbais. Você não pode morrer. Você precisa aprender a ficar vivo. Você não pode ser egoísta e morrer. Não tenho mais ninguém. Ela disse mesmo isso? Uma mãe a seu único filho, que ela dizia amar tanto que precisava machucar. Ela só não conseguia evitar. Não era pessoal. Não é que eu esteja com raiva de você. É só que eu te amo demais. Se não amasse, não teria falado tudo aquilo. A vida é sua, sabe, de mais ninguém. Se perder um braço, é você que vai ter que viver sem braço pelo resto da vida. É por isso que estou brava. Não vou estar lá para viver sem braço no seu lugar. Ela está morta. Ele está aqui, sem nenhum braço faltando, mas com outra coisa faltando, algo mais difícil de se ver. A mãe dele sabia, mas fingiu não saber. Ela só via o próprio sofrimento refletido de volta para ela, o que a deixava com mais raiva, de si mesma, dele, a extensão de sua vida sofrida. Vamos morrer juntos. Vamos beber esse copo trêmulo de dor até o fim. Saúde.

Mais um nascimento. Mais uma mulher que não faz ideia do que está fazendo. Mais uma criança vindo ao mundo já carregando o fardo da dor.

•

Ela precisa continuar consciente dessa dor, sem se deixar dominar por ela, sem se entregar. Precisa confiar que seu corpo sabe o que está fazendo. Seu corpo já havia mostrado que sabia mais do que ela várias e várias vezes – concebeu uma criança semanas antes dela descobrir, fez ela vomitar e depois comer isso e aquilo para que o bebê pudesse crescer, fez ela rir e chorar para que o bebê aprendesse a sentir, fez ela agir com imprudência e sentir medo para que o bebê pudesse ter vontade própria. O bebê deve estar empurrando também, com seus bracinhos e perninhas e punhos cegos, batendo, esperneando, tentando alcançar a luz. Ela deve seguir o seu corpo, que está se quebrando.

•

O choro vem de dentro dele? Sua mãe havia esperado para vê-lo antes de dar seu último suspiro. Havia esperado com uma vontade tão forte, segurando aquele suspiro tênue e tenaz, só para pegar a mão dele, para dizer que ela o havia amado mais do que qualquer outra coisa nesse mundo, apesar de tudo, e ele disse, eu sei. Ele a perdoou. Ou talvez ela não tenha dito nada, só olhou para ele, com aqueles olhos amargurados, tão acostumados com a amargura, que a amargura estava em tudo o que viam. Olhos que olhavam para ele e então, de repente, não olhavam para mais nada. Eu fiz o melhor que pude, ele leu em seus olhos. Queria poder ter agido melhor, mas tentei.

Ele desliza até o chão contra a porta. Sua mãe havia empurrado e empurrado, e sua cabeça ficou presa no canal estreito. Ele poderia ter morrido, mas foi mantido vivo, trazido até esse momento para estar a uma porta de distância de um parto acontecendo.

“Você consegue” ele diz à porta. “Respira, respira.”

Ele sente como se estivesse se arrastando de novo pelo canal vaginal, o canal estrangulante em direção à vida, o coração de sua mãe bombeando sangue, os gemidos dela abafando os seus. De alguma forma ele vai conseguir, já que não há como voltar atrás.

•

Ela vê o topo da cabecinha, o musgo escuro e brilhante. Ela respira alto, estremecendo, à medida que seu corpo continua empurrando e se quebrando. Ela vê a cabeça barrenta, o rostinho de olhos fechados, ensanguentado, atordoado, enrugado. O bebê escorrega para fora, a boca aberta, ansiando por ar.

Por debaixo de seu corpo, ela segura essa criança vermelha, que se retrai, reunindo suas forças em um uivo. Um anúncio ou um protesto? De fome ou de medo? Ela segura a cabecinha torta e a coloca em seu peito. O bebê sente seu cheiro, tateia em busca do mamilo e engata. Ela a segura ali, balançando levemente. A viagem das duas acaba de começar.

REFERÊNCIAS

YE, Chun. *Anchor Baby. Hao: Stories*. Nova York: Catapult, 2021. pp. 47-55.

“NOS CEM PÂNTANOS, EM MEIO A UM ÔNIBUS DE TURISTAS BRANCOS”: A MATERNIDADE PANTANOSA DE WANJIKŪ WA NGŪGĨ

Everton Mitherhofer Bernardes¹

Wanjikū wa Ngũgĩ é uma escritora queniana e professora de escrita na Vermont College of Fine Arts, nos Estados Unidos. Sua obra inclui contos e ensaios não ficcionais publicados em diversas antologias, revistas literárias e jornais, além dos romances *The Fall of Saints* (2014) e *Seasons in Hippoland* (2021). Mestre e bacharela em Literatura e Escrita Criativa, cursa atualmente o doutorado em Inglês e Escrita Criativa na Universidade do Estado da Geórgia. Além do Quênia e dos Estados Unidos, também viveu na Finlândia, na Eritreia e no Zimbábue. Wanjikū foi criada em meio à literatura, já que não é a única escritora da família. Seu pai, Ngũgĩ wa Thiong’o, é um dos principais escritores da história do Quênia, e seu irmão, Mũkoma wa Ngũgĩ, também segue a profissão.

Em “Cem acres de pântano” [“Hundred acres of marshland”], Wanjikū wa Ngũgĩ nos apresenta a um tipo de maternidade dissidente que, além de gênero, também envolve raça, classe e imperialismo – um conjunto recorrente, mas não raro deixado de lado. No conto, a narradora-personagem é uma mulher queniana que relata sua história pessoal desde sua infância ao lado de uma área pantanosa onde aprendeu a nadar, passando pela criação como mãe solo de Ted, seu filho não planejado, até a nova amizade inspiradora com uma mulher tailandesa.

Dentro de um ciclo de maternidades solo na família, sugerindo o teor estrutural da condição, a protagonista é abandonada pelo pai da criança, contando apenas com a ajuda da mãe e da tia e com os estigmas sociais de ter engravidado antes do casamento. No entanto, abandonar sua individualidade em troca de uma condição de vida melhor para seu filho se torna uma possibilidade quando ela conhece um turista estadunidense rico que deseja se casar com ela. Em meio às promessas de dar melhores oportunidades para Ted e de ter seus sonhos individuais realizados, ela aceita a proposta e cruza o Atlântico.

A protagonista inicia o conto relatando a manhã em que visita pela primeira vez Au, sua nova amiga tailandesa que conhecera já nos Estados Unidos. Ao longo do trajeto, a narradora processa as estradas que a guiaram até sua situação atual – frustrada por não ter realizado seus sonhos por conta das tarefas como mãe solo pobre e, posteriormente, esposa em um casamento infeliz; distante da mãe e do filho, que não puderam se mudar com ela para os Estados Unidos;

¹ Doutorando em Linguística – USP.

seguindo as aspirações que o marido empurrava para ela; uma vida de espera pelo momento em que tudo se resolverá. Au, por outro lado, lhe parecia diferente – segura de si, aberta e gentil –, servindo como modelo para que a protagonista reveja suas prioridades. Em uma epifania dentro do ônibus, ela decide que seguirá seus sonhos, e não mais cederá às expectativas criadas pela sociedade, pela família e pelo marido sobre ela. No entanto, uma revelação ao chegar à casa de Au põe em xeque todo o futuro que ela sonhara naquele curto trajeto.

A primeira dificuldade de tradução se encontra já no título do conto. *Marshland* é um termo utilizado para um tipo de zona úmida inexistente no Brasil, pois está associado a uma área alagada com vegetação baixa. O tipo mais conhecido de zona úmida no nosso país, o pântano, é associado frequentemente a uma vegetação alta. No entanto, não seria a primeira vez que esse tipo de vegetação se tornaria um problema de tradução. Ao traduzir *By the Bog of Cats...*, peça de 1998 da dramaturga irlandesa Marina Carr, Alinne Balduino P. Fernandes² justifica sua escolha por traduzir *bog* por pântano:

(...) O termo linguístico em português que mais se aproxima de *bog*, um tipo de solo de turfa, cuja terra é esponjosa e composta estritamente de material vegetal morto, seria “paúl”. Um *bog* é um tipo de zona úmida, como os charcos, mangues e pântanos brasileiros e os “paúls” portugueses. No entanto, para fins de tradução de uma peça a ser encenada no Brasil, o termo “paúl” não só é obscuro para o público brasileiro como não transmitiria as ressonâncias simbólicas presentes em *bog* para ouvidos irlandeses. (...) A escolha da tradução de *bog* como “pântano” (*swamp*, em inglês) se deu pelo fato de o termo ser, em português do Brasil, o termo guarda-chuva dos tipos de zonas úmidas (...). (Fernandes, 2017, p. 170-171)

A *marshland* de Wanjikū wa Ngũgĩ está muito próxima, em termos simbólicos, do pantanal brasileiro. Trata-se de um local de vida e de alegria – diferente do *bog* de Marina Carr. Existem, afinal, dois imaginários sobre pântanos: um de ordem quase colonial, que nos faz associá-los aos *swamps* de língua inglesa – lugares escuros com mata densa, muitas vezes carregando um imaginário de mistério e melancolia –; e outro que podemos associar à fauna e flora brasileira, atrelado a lagoas e rios. É essa última acepção que está mais próxima da *marshland*.

Outro problema de tradução foram as constantes menções e sugestões a gravidez e gestação ao longo do conto, já que o tema é tão presente na vida da protagonista. O mais difícil de traduzir se encontra na cena em que ela está em uma boate ouvindo, dançando e cantando músicas que a remetem à sua terra natal. Ao se referir às memórias, a narradora diz:

(...) suddenly the entire club would be dream-dancing to his raspy voice that brought memories of the lagoon into focus. The air **pregnant** with memories (...) (Grifo meu.)

² FERNANDES, Alinne Balduino P. Pós-fácio. In: CARR, Marina. *No Pântano dos Gatos*. Tradução: Alinne Balduino P. Fernandes. São Paulo: Rafael Copetti Editor, 2017. pp. 169-178.

A definição mais comum de *pregnant* é “grávida”, mas também pode significar “repleto de”, que é precisamente a aplicação na passagem. Para tentar recriar a ambiguidade do termo, tentei utilizar o verbo gestar, me aproximando mais da primeira definição de *pregnant* dada acima, mas, ainda assim, mantendo um segundo significado que coubesse na passagem – o de “carregar”.

(...) de repente, a boate inteira estava dançando alucinada ao som da voz rouca dele, trazendo à minha mente as memórias da lagoa. O ar **gestando** memórias (...) (Grifo meu.)

Por fim, outra decisão tradutória está relacionada a uma diferença estilística que o português oferece, mas que é impossível no inglês: o uso oportuno do sujeito na frase. Enquanto na língua inglesa o sujeito é obrigatório em quase todas as situações, no português ele pode ser facilmente ocultado. Valendo-me disso, ao longo do conto omiti tanto quanto possível o uso do sujeito *eu* quando se referia à narradora. Justifico isso pelo apagamento que ela sofre dentro de sua própria vida, sendo sempre apresentada ou como esposa ou como mãe, mas nunca como algo que fosse pessoal dela própria. No entanto, mantive o uso do pronome *eu* tanto quanto possível em um único momento do texto: durante a epifania, quando a narradora se coloca em evidência pela primeira vez em sua vida:

Mas na metade do caminho até a casa dela, contemplei uma mudança de pensamento. Eu não esperaria que as coisas se desenrolassem sozinhas na minha vida. Eu não esperaria alguém segurar a minha mão nos meus sonhos. Em vez disso, eu mergulharia no bayou da América. Enfermagem. Escrita. Ted. Tudo fazia sentido. Eu terminaria o curso de enfermagem. Escreveria nos finais de semana. Traria o Ted. Os sonhos dele seriam diferentes. Eu faria com que eles se realizassem. Isso também libertaria a minha mãe. Epifania. De repente, eu estava cheia da esperança que havia escapado de mim há tanto tempo, desde a minha chegada.

“Cem acres de pântano” é uma obra que nos faz refletir não apenas sobre a situação da maternidade não planejada e suas consequências para a mãe solo, mas as questões socioeconômicas em torno dela – sendo a maior parte das mulheres nessa situação negras e pobres, além da incidência tão alta em países do Sul Global. Esperamos que a obra de Wanjikū wa Ngũgĩ desperte o interesse em ouvir vozes de autoras de fora do eixo sobre o tema, em especial aquelas pertencentes a minorias, de modo a compreendermos as diversas facetas assumidas pelas maternidades dissidentes ao redor do mundo.

HUNDRED ACRES OF MARSHLAND

Even I find it hard to believe that I learned how to swim in a low-lying wetland with grassy vegetation. Down the hill from my house was what seemed like hundreds of acres of marshland. The sky with a blue so prominent that even when dark clouds gathered it was difficult

not to make out the azure bouncing off the clear waters of the lagoon. I spent half my life swimming, even with passers-by who rested their weary feet in the cool of the water. A week after Ted, my now five-year-old son, was born, the lagoon was waiting for me to wash away the fatigue of motherhood. This was before I boarded the plane to the land where I began the wait. Waiting for Ted to join me. Waiting for my life to come together in the way I had envisioned so many times while lying on the green grassland by the lagoon. Like the photos I had seen of my neighbor's daughter's life in America.

These days there is hope only in my dreams, when someone gently pulls my hand and leads me towards my aspirations. And then I wake up in stone-cold Newark.

I mention the lagoon because lately I have been visiting it in my mind during waking hours. Mostly I wonder if Ted has been swimming. But on this particular morning, my attention is on myself. It feels as if someone is ripping my intestines out. I know it's the French fries. My body has waged a war with food in this new country. Not so new, its been a year already. Right now, I have an immediate problem. The thing is, although most of last night is a blur, I do remember that after the third glass of wine I made promises. To Au, my Thai friend. She is the one I blame for this revolution taking place in my head. I would much rather wallow in dreams about my grassy marshland than make social calls. I do sometimes feel the need to reach out. And then I feel guilty because I know it's his voice, my husband's, in my head telling me to make more of an effort. It's hard to describe how heavy my body feels these days. My pen is lighter. So I sit in a café and fill paper with haikus. A habit I have always entertained, and one my husband used to find endearing. Now he likes to be practical. His words not mine.

This morning, I watched him set off to work through my half-shut eyelids. I pretend to be asleep when his morning ritual takes place. Mostly so I don't have to listen to his rants, and his enduring wish to be in my position. Free. He says it as if it was an expensive virtue only available to some. What he really means to say is that two incomes are better than one. Many unpleasant words come to me for him, but I am bound by this contract I have with him, and to say them would only add to the wall we have been building between us.

In any case, on this particular morning, I have other things to worry about, like the djembe drumbeat playing inside my head, sounding like a hundred cracking bullwhips. And yet, I had made a promise to visit Au this morning. Where I come from, you just don't wave off an invitation. That's another reason I did not mention this to my husband. He would have thrown all that culture out, dismissed it like the American in him does. Or maybe it's his age. Add ten years to mine. I may regret not having his input on this visitation rite, though I suspect Thailand is like Kenya. The way you become friends with anyone tells you a whole lot about how they were raised. Take for instance my first meeting with Au.

I met her in my "Intro to Nursing" class. On the third week of class, she sat next to me. I only noticed her dark hair and lopsided walk later. In the moment she sat down, her presence

was distracting, or rather the smell emanating from the bag at her feet. The lecturer's drawled words lacked the emotion needed to engage us, so it was easy to put one's attention elsewhere.

"Do you want?" The woman asked me.

"Want what?"

"The food," she said, pointing to the brown bag on the floor.

An hour later, sitting on the wooden bench outside the classroom, I leaned back on the hallway wall as the sweet spice mixed with pepper lingered in my mouth. The cook—Au from Bangkok. The other two smacking their lips were also foreigners. India. Nigeria. It was about six o'clock and it made sense to proceed to the bar located across the street from the metro trains. There is nothing like a watering hole located near transportation home. That was yesterday. And what a difference a day makes. Now I had a friend. And friends come with obligations.

Yet, on this morning my feet were dragging. I walked to the bus-stop, taking deliberate steps, because if I didn't, my feet would surely turn back home to the two-bedroom apartment that my husband was planning to eventually buy. Well, that is not what he had told me when I was wallowing in the countryside of Limuru in Kenya. The place I was born, opposite the marshes, where as kids we kicked and flapped in the water, a swimming technique frowned upon here in America.

I remember holding on to the reeds as I learned how to survive in the water, though in reality there was no danger of drowning, for my feet easily found the soft clay just beneath the water, which made it seem like walking on a soft mattress.

With every step I took towards Au's, I swore my jeans got smaller. Just the other day, as I slipped on the same pair of jeans, my husband had enquired about their size. Read *my weight*. Maybe they shrunk in the washing-machine, I said. He asked too much after my body. I knew what he really wanted; but I knew better than to have another child. Least of all before I had managed to bring Ted over. When Ted came I was going to take him to the local YMCA for swimming and hope he would enjoy it more than I had. You see, it was unlike the lagoon where we had spent hours chatting our lives away. That simple life now seemed a hundred years away. America was different. Besides, everyone worked three or four jobs. As my husband says: There is no time in America.

My husband's friends became mine when I first arrived. But I only saw them on Thanksgiving and Labor Day. I tried to make my own friends, when we made our way past midnight to the Shake'n'Drink night club in New York, where all the Kenyans in Newark drove once a month, to dance to songs of yesteryears. Kamaru. Madice. Kenny Rogers too: suddenly the entire club would be dream-dancing to his raspy voice that brought memories of the lagoon into focus. The air pregnant with memories; we screamed out the words, and those words we didn't know, we made up. But we kept up with the rhythm, one we knew so well. It was a rhythm of memory, of our country, of our childhood, of the place where we had crafted

our dreams. In my case, back to the lagoon. For a few hours I enjoyed the connection to Kenya, but the feeling quickly dissipated after the last call for drinks. Then the shoulders stooped, and silence followed the walk to the trains and buses that sobered everyone up.

So I stopped going. Besides, Jack Daniels could come home to me, in the comfort of reality shows, in between my dreaded homework on nursing ambitions. They told everyone that America needs nurses. God knows my husband had said it enough times to me. If only I could run away. To where? That was the problem.

For no particular reason, the morning I trekked to take bus 45 to Au's house reminded me of the morning I left for the promised land. My mother, who single-handedly raised me, had thrown a party. The "my- daughter-is-going-to-be-someone-after-all" kind of party for those who had looked down on me when I stayed home before and after my Ted was born. That was the other thought I entertained on the way to visit Au. Would it better if Ted were here? He was born with a brain older than his years, so he liked to argue, and we constantly exchanged opinions, with me trying to get him to see reason. "He is very much your son," my mother would say. "Copyright," my aunt said. Whom else could they compare him to except me?

I met his father before I graduated high school, a year after he had. A Kenyan like me, he had done well on his university entrance exam. But that was not the only reason I took to him. He was cliché; tall and dark. Back then that was all I had on my list. So I gave in; but Ted had other plans, like being born to me at the wrong time. His father felt the same way and disappeared. My father had done something similar. "Men," my aunt said.

But I finally found a partner, not on university grounds because I never made it there. Out on the hundred marshes, I met him among a bus of white tourists. Looks were a thing of the past. He promised to support us—me, Ted and my haikus—since his dreams were already manifest.

That's why upon arrival, and the discovery that my husband had just been selling me his aspirations, I did not throw a tantrum. Besides, he had recently been promoted to manage the Starbucks near our apartment. That's where I did the writing. It will be something one day. Like a book. I knew this.

Just as I knew I was not a morning person. I had not communicated this effectively to Au. But halfway to her house, I entertained a change of mind. I would not wait for things to unfold in my life. I would not wait for someone to hold my hand in my dreams. Instead I was going to dive into America's bayou. Nursing. Writing. Ted. It all made sense. I would complete nursing school. I would write on weekends. I would bring Ted over. His dreams would be different. I would make them happen for him. It would also free my mother. Epiphany. Suddenly I was filled with the hope that had escaped me for so long since my arrival.

Elated, I arrived at Au's house. It was, like my house, sparsely furnished. A brown couch sat on a brown carpet. To the left was the dining-table. She asked me to join her there.

It was only 11 a.m. and the table was filled with food. Rice. Shrimps. Noodles. This was another thing I had not told her. I could only stand strong smells in the afternoon. That's how I found myself on the floor of her green-decorated bathroom—the toilet rug, shower curtain, toothpaste holder. In my house, blue was the color. I gave up the contents of my stomach before I had a chance to fill it with Au's food.

I asked her, later as I lay on the couch, if she had invited her other friends. Which ones? she asked. I understood her. Her quiet manner sprang from her. This other persona, the one who cooked for strangers, invited them to her house, was simply a symptom of America. She did not visit clubs, but she longed for home.

This occurred to me at the exact time I realized the throwing-up had been going on for over a month. And then it occurred to me. Another Ted was on the way. Clearly my dreams would have to wait.

CEM ACRES DE PÂNTANO

Até eu acho difícil de acreditar que aprendi a nadar em uma planície gramada pantanosa. Descendo a montanha, dava para ver da minha casa o que pareciam ser cem acres de pântano. O céu de um azul tão proeminente que, mesmo quando se juntavam nuvens escuras, era difícil não distinguir o anil saltando das águas claras da lagoa. Passei metade da minha vida nadando, mesmo com os passantes querendo descansar os pés exaustos no frescor da água. Uma semana depois que o Ted, meu filho agora de cinco anos, nasceu, a lagoa estava esperando que eu fosse lavar a exaustão da maternidade. Isso foi antes de eu embarcar no avião para a terra onde comecei a esperar. Esperar o Ted se juntar a mim. Esperar a minha vida se ajeitar, do jeito que imaginei tantas vezes deitada no prado verde ao lado da lagoa. Como havia visto nas fotos da vida que a filha da minha vizinha levava na América.

Ultimamente só há esperança nos meus sonhos quando alguém gentilmente puxa a minha mão e me leva na direção das minhas aspirações. Então, eu acordo na gélida Newark, Nova Jérsei.

Menciono a lagoa porque recentemente a tenho visitado na minha mente enquanto estou acordada. Fico me perguntando principalmente se o Ted tem nadado. Mas hoje de manhã, a atenção está sobre mim. É como se alguém estivesse arrancando o meu intestino. Eu sei que é culpa das batatas fritas. Meu corpo deflagrou uma guerra contra a comida desse novo país. Não tão novo, já faz um ano. Agora eu tenho um problema urgente. É que, apesar de a maior parte da noite passada ser um borrão, me lembro que depois da terceira taça de vinho acabei prometendo umas coisas. Para a Au, minha amiga tailandesa. Na verdade, é ela quem culpo por essa revolução acontecendo na minha cabeça. Preferia mil vezes me sentar e chafurdar nos meus sonhos sobre meu pântano gramado em vez de ir a compromissos sociais. Às vezes fico assim. Sinto a necessidade de ir atrás das pessoas. Aí me sinto culpada porque sei que é a voz

dele, a do meu marido, na minha cabeça, me dizendo que preciso me esforçar mais. É difícil descrever quão pesado tenho sentido meu corpo ultimamente. Minha caneta é mais leve. Então, me sento num café e preencho papéis com haikus. Um hábito que sempre tive, e que ele, meu marido, costumava achar cativante. Agora, ele gosta de ser prático. Palavras dele, não minhas.

Hoje de manhã assisti meu marido ir pro trabalho através das minhas pálpebras entreabertas. Ele não percebeu. Gosto de fingir que estou dormindo durante o ritual matinal dele. Principalmente porque assim não preciso ouvir as suas reclamações, nem a sua enorme vontade de estar no meu lugar. Livre. Ele fala como se eu tivesse comprado isso com dinheiro. Como se fosse uma virtude cara disponível apenas para poucos. O que ele realmente quer dizer é que dois salários são melhores do que um. Penso em muitas palavras ofensivas para dizer a ele, mas estou amarrada pelo contrato que temos, e dizê-las só se somaria ao muro que estamos constantemente construindo entre nós.

De qualquer forma, especificamente na manhã de hoje, tenho outras coisas para me preocupar, tipo esse djembê batucando na minha cabeça, parecendo os estalos de cem chibatadas. Ainda assim, eu prometi que visitaria a Au hoje de manhã. De onde eu venho, você não pode simplesmente recusar um convite. Essa é a outra razão pela qual não falei nada para o meu marido. Ele teria jogado toda essa cultura fora, dispensando-a, como bom americano que é. Ou talvez seja por causa da sua idade. Dez anos mais velho que eu. Talvez eu me arrependa de não ter pedido a opinião dele sobre o rito de visita. Mas suspeito que a Tailândia deva ser que nem o Quênia. O jeito que você se torna amiga de alguém pode dizer muito sobre a forma como a pessoa foi criada. Veja, por exemplo, o dia em que conheci a Au.

Eu a conheci na minha aula de “Introdução à Enfermagem”. Na terceira semana de aula, ela se sentou ao meu lado. Só depois fui perceber o cabelo preto dela e seu jeito desengonçado de andar. Na hora em que se sentou, fiquei distraída com a presença dela, ou melhor, com o cheiro que emanava do pacote sob seus pés. A professora continuou falando. As palavras dela não tinham a emoção necessária para nos envolver no mundo da enfermagem, então ficava fácil de prestar atenção em outra coisa.

– Você quer? – A mulher me perguntou.

– Quero o quê?

– A comida. – Ela disse, apontando para o pacote marrom no chão.

Uma hora depois, sentada no banco de madeira fora da sala de aula, me encostei na parede do corredor enquanto o tempero doce misturado com pimenta continuava na minha boca. A cozinheira: Au, de Bangkok. As outras duas pessoas lambendo os beijos também eram estrangeiras. Índia. Nigéria. Era por volta das seis e fazia sentido que fôssemos ao bar do outro lado da rua do metrô. Não há nada como um lugar para beber perto de um transporte para casa. Isso foi ontem. E que diferença faz um dia. Agora eu tenho uma amiga. E com amigas vêm obrigações.

Ainda assim, de manhã meus pés estavam se arrastando. Andei cuidadosamente até o ponto de ônibus, do contrário meus pés com certeza se virariam para o outro lado e voltariam para casa, para o apartamento de dois quartos que meu marido estava pensando em comprar algum dia. Bem, não foi isso que ele havia me dito quando eu estava chafurdando no interior de Limuru, no Quênia. O lugar onde nasci, em frente aos pântanos, onde ficávamos chutando e batendo os braços na água quando crianças, uma técnica de natação malvista aqui na América.

Eu me lembro de ficar segurando as folhas de junco quando estava aprendendo a sobreviver na água, quando na verdade não havia qualquer perigo de me afogar, já que meus pés encontravam facilmente o barro logo abaixo da água, o que fazia parecer que eu estava andando em um colchão fofo.

A cada passo que dava até a casa da Au, podia jurar que meu jeans ia ficando mais apertado. Outro dia, quando coloquei o mesmo jeans, meu marido me perguntou o tamanho dele. Viu o *meu peso*. Talvez ele tenha encolhido na máquina de lavar, eu disse. Ele estava perguntando demais sobre o meu corpo. Eu sabia o que ele realmente queria. Mas já estava esperta demais para querer outra criança. Ainda mais antes de conseguir trazer o Ted. Quando ele chegasse, eu iria colocá-lo no YMCA aqui perto para ele aprender a nadar, torcendo para que aproveitasse mais do que eu. Sabe, era diferente da lagoa, onde passávamos horas da nossa vida jogando conversa fora. Aquela vida simples agora parecia ter ficado cem anos para trás. A América era diferente. Além disso, todo mundo tinha três ou quatro trabalhos. Como diz o meu marido: não existe tempo na América.

Os amigos do meu marido viraram meus quando eu cheguei. Mas só os via no Dia de Ação de Graças e no Dia do Trabalhador. Tentei fazer amigos sozinha quando íamos, depois da meia-noite, a uma boate em Nova York. Todos os quenianos de Newark iam para Nova York uma vez por mês para dançar as músicas dos velhos tempos. Kamaru. Madice. Kenny Rogers, também: de repente, a boate inteira estava dançando alucinada ao som da voz rouca dele, trazendo à minha mente as memórias da lagoa. O ar gestando memórias; gritávamos as palavras, e as palavras que não sabíamos, inventávamos. Mas mantínhamos o ritmo, porque esse sim nós conhecíamos muito bem. Era um ritmo de memória, nosso, do nosso país, da nossa infância, de volta às memórias do lugar onde traçamos nossos sonhos. E, para mim, de volta à lagoa. Por algumas horas eu aproveitava a conexão com o Quênia, mas o sentimento rapidamente se dissipava depois que anunciavam que o bar estava fechando. Assim, os ombros se curvavam e o silêncio seguia a caminhada até os trens e ônibus, deixando todo mundo sóbrio.

Aí parei de ir. Além do mais, dava para levar um Jack Daniels para casa e assistir aos meus reality shows, em meio à minha maçante tarefa de casa sobre minhas ambições como enfermeira. Disseram para todo mundo que a América precisava de enfermeiros. Deus sabe quantas mil vezes meu marido me disse isso. Se eu ao menos pudesse fugir. Para onde? Esse era o problema.

Sem motivo algum, a manhã em que caminhava para pegar o ônibus 45 até a casa da Au me lembrou da manhã em que parti para a terra prometida. Minha mãe, que havia me criado sozinha, deu uma festa para mim. O tipo de festa “minha filha vai finalmente se tornar alguém na vida”, para mostrar pra todo mundo que tinha desdenhado de mim por eu ter ficado em casa antes e depois de o Ted nascer. Isso era outra coisa que fiquei pensando enquanto ia visitar a Au. Seria melhor se o Ted estivesse aqui? Ele nasceu com um cérebro mais velho do que ele próprio, então gostava de discutir, e nós dois sempre trocávamos opiniões, eu tentando fazê-lo raciocinar direito. “Ele puxou você”, minha mãe costumava dizer. “Uma cópia”, dizia minha tia. Como se tivessem mais alguém com quem compará-lo além de mim.

Conheci o pai dele antes de terminar o Ensino Médio, um ano depois que ele havia terminado. Um queniano como eu, ele tinha conseguido uma boa nota para entrar na universidade, uma ambição minha. Mas não foi só por isso que fiquei a fim dele. Ele era clichê; alto e escuro. Na época, era só isso que tinha na minha lista. Então eu cedi, mas o Ted tinha outros planos, tipo nascer de mim na hora errada. O pai dele sentiu a mesma coisa e desapareceu. O que não foi uma surpresa, já que meu pai tinha feito coisa parecida. “Homens”, disse a minha tia.

Mas finalmente encontrei um parceiro. Não na universidade, já que eu nunca cheguei lá, mas sim nos cem pântanos, em meio a um ônibus de turistas brancos. Aparências eram coisas do passado. Ele prometeu nos apoiar – eu, Ted e os meus haikus –, pois os sonhos dele já haviam se tornado realidade.

Por isso que, ao chegar e descobrir que meu marido estava vendendo para mim suas próprias aspirações, eu não tive um ataque de raiva. Além disso, ele tinha sido recém-promovido a gerente do Starbucks perto do nosso apartamento. Era lá que eu escrevia. Um dia, vai dar em algo. Tipo um livro. Eu sabia disso.

Assim como sabia que não gostava de manhãs. Eu não havia dito isso à Au. Mas na metade do caminho até a casa dela, contemplei uma mudança de pensamento. Eu não esperaria que as coisas se desenrolassem sozinhas na minha vida. Eu não esperaria alguém segurar a minha mão nos meus sonhos. Em vez disso, eu mergulharia no bayou da América. Enfermagem. Escrita. Ted. Tudo fazia sentido. Eu terminaria o curso de enfermagem. Escreveria nos finais de semana. Traria o Ted. Os sonhos dele seriam diferentes. Eu faria com que eles se realizassem. Isso também libertaria a minha mãe. Epifania. De repente, eu estava cheia da esperança que havia escapado de mim há tanto tempo, desde a minha chegada.

Eufórica, cheguei à casa da Au. Era, assim como a minha casa, esparsamente mobiliada. Um sofá marrom em cima de um tapete marrom. À esquerda ficava a mesa de jantar. Ela me convidou para me sentar ali com ela.

Ainda eram 11 horas da manhã, a mesa já estava cheia de comida. Arroz. Camarões. Macarrão. Mais uma coisa que eu não havia dito a ela. Eu só conseguia suportar cheiros fortes à tarde. Foi assim que me encontrei no chão do seu banheiro verde e decorado – o tapete de

banheiro, cortina do box, suporte para pasta de dentes. Na minha casa, era tudo azul. Botei para fora tudo o que estava no meu estômago antes mesmo de poder enchê-lo com a comida da Au.

Perguntei a ela, depois, deitada no sofá, se ela havia convidado seus outros amigos. Quais?, ela perguntou. Eu a entendi. Seu jeito quieto saltou dela. Essa outra persona, que cozinhava para estranhos, que os convidava para a casa dela, era apenas um sintoma da América. Ela não ia a boates, mas sentia saudades de casa. Isso ficou claro para mim no mesmo momento em que percebi que os vômitos estavam ocorrendo fazia mais de um mês. Aí me dei conta. Outro Ted estava a caminho. Obviamente, meus sonhos teriam de esperar.

REFERÊNCIAS

FERNANDES, Alinne Balduino P. Pós-fácio. In: CARR, Marina. *No Pântano dos Gatos*. Tradução: Alinne Balduino P. Fernandes. São Paulo: Rafael Copetti Editor, 2017. pp. 169-178.

NGŨGĨ, Wanjikũ wa. Hundred Acres of Marshland. In: BUSBY, Margaret (ed.). *New Daughters of Africa: An international anthology of writing by women of African descent*. Oxford: Myriad Editions, 2019, edição Kindle.

MA(R)TERNIDADE DISSIDENTE EM UM CONTO DE VIRIDIANA CARILLO

Maria Eduarda Lemes¹

O conto “Crianças de Água”, originalmente intitulado “Niños de agua”, é de autoria da talentosa mexicana Viridiana Carrillo. A escritora de 39 anos, que hoje vive na cidade de Santiago, Chile, é graduada em Língua e Literatura Hispânicas pela Universidad Autónoma de Sinaloa. Sua primeira publicação, a coletânea de contos *Antes del juego*, data de 2021 e retrata, entre variadas temáticas, a maternidade por diferentes ângulos.

Em sua trajetória como escritora, Viridiana Carrillo buscou conciliar profissão e maternidade quebrando com paradigmas que tinha em mente sobre o labor da escrita e a criação de uma criança. Ainda que sua obra aborde o tema da maternidade, a mexicana não faz dela uma autobiografia.

“Niños de agua”, agora podendo ser também “Crianças de água”, enquadra-se, a seu modo, na temática das maternidades dissidentes ao apresentar ao público leitor uma história delicada, sensível e dolorosa sobre a impossibilidade de se gerar filhos e também a dor de se perder uma criança ainda em gestação, pensando nos “(...) filhos mortos que ninguém quer trazer ao mundo porque é impensável entregar um corpo assim...”.

A culpa é outro elemento fortemente presente ao longo da narrativa – “Tudo o que começa a se decompor, a dar indícios de morte repentina, é minha culpa.” –, o que retrata de maneira direta, mas não bruta, como é a realidade de mulheres que sofrem pressão da sociedade em que vivem, de seus companheiros e de si mesmas por não poderem gerar um filho.

Toda a ambientação do conto e léxico remetem ao cenário praiano e à água de modo geral, além de apresentar especificidades e peculiaridades da língua e cultura hispano-americana que podem gerar alguns impasses quanto à tradução para o português. Percebemos que o conto aqui trabalhado expõe em determinadas passagens um perceptível fluxo de consciência da personagem, o que implica em um vocabulário que tende ao coloquial e ao pessoal.

A maior preocupação presente no processo de tradução, sem dúvidas, foi garantir que a linguagem escolhida condissesse o mais proximamente possível com o original, mas que também fizesse sentido para o leitor de língua portuguesa, de modo a não interferir no texto além do necessário e de maneira respeitosa, observando com cuidado como dar voz ao conto sem que os “ecos” da estrutura da língua espanhola se sobressaíssem na leitura em língua portuguesa.

¹ Graduada em Letras – Licenciatura Português e Espanhol.

Seja em qual língua o conto for lido, que sua narrativa possibilite uma reflexão acerca das maternidades e suas ausências na vida das mulheres hoje. Dar à luz às maternidades dissidentes e trabalhar com suas narrativas é possibilitar um caminho para o diálogo aberto e a interação entre vivências, que sempre existiram, mas sobre as quais pouco ou nada se falava.

NIÑOS DE AGUA

Habíamos adquirido la costumbre de viajar cada fin de semana a la playa cercana. Primero a la bahía, donde puedo bañarme sin temor porque el oleaje es amable, nada traicionero. Me gusta sentarme en la orilla, el agua me cubre los muslos, y suelo escarbar la arena con mis manos buscando almejas.

Alberto casi siempre, antes del atardecer, dice que vayamos al muelle cercano al faro. Sé que lo dice porque quiere ir a ese brazo de río que se une al mar. Así que va preparando sus carnadas, anzuelos, sedales, y yo voy echando las almejas en un balde para cocinarlas una vez en casa. Sé que ya no podré estar en el agua: por un lado el agua turbia y profunda del río, por otro el oleaje alto, con corrientes impredecibles, de mar abierto.

Se trata de estar horas sin hacer nada. Imagino al niño que no tenemos caminando de un lugar a otro, con juguetes para escarbar y construir, queriendo entrar al agua y al mismo tiempo huyendo de ella, Alberto podría enseñarle a nadar, yo no sé hacerlo. Tampoco puedo tener hijos, o Alberto no puede, no sé quién de los dos y no importa, ya no, ya sabemos que esto es solo para nosotros. Por eso camino, leo, me duermo, a veces me acerco al faro y nunca llego hasta allá: está dentro de una zona de acceso privado, un complejo donde debo pagar por entrar y, aunque no es costoso, él jamás aceptaría que pasáramos la tarde ahí. Odia las multitudes.

Cuando comienza a pescar voy adormeciéndome con el ruido del carrete, me enfoco en escucharlo como si fuera una pequeña chicharra, me concentro en el muelle: provoca una sensación mesiánica de caminar sobre el agua. Lo bello es su brevedad: si fuera grande sería un puente y los puentes no me gustan, carecen de un borde a la nada o lo desconocido, en cambio ahí el agua parece llegar y llevarte a un lugar mejor. En ocasiones, y quizá dependa del cielo, pienso en arrojar algo desde ese filo de muelle. Veo a Alberto con sus movimientos mecánicos de enrollar, desenrollar, jalar, maldecir y siento que está a un paso, a solo un paso de caer. Yo también lo estoy, me imagino hundiéndome, no cayendo de golpe, sino hundiéndome de a poco, como si una marea de río me subiera por el cuerpo. Eso es natural. Así podría pasar el tiempo a no ser por esas interrupciones guturales que Alberto hace cuando saca un pez, lo deja caer a mi lado y en lugar de levantarme e irme observo su movimiento convulso. Me da lástima. Desearía salvarlo y sin embargo permanezco inmóvil.

Esa muerte vuelve todo peligroso aunque yo esté tirada y gire la cabeza para no ver los brincos del pez. ¿Y si fuera yo? ¿Si de manera inconmensurable el agua entrara y fuera yo la que agoniza? Alberto se agacha, veo cómo rompe, tirando hacia atrás, el cuello del animal. ¿Le

enseñaría al niño el término del sufrimiento? Cierro fuerte los ojos, el ruido de su cuello roto es insoportable a pesar de que apenas es audible. Es un acto grotesco, sí, pero es también misericordia, en ocasiones los gestos de gran nobleza tienen que ver con romper un cuello, incluso el propio. Si fuera yo: bajo el agua no se escucharía el crujido del hueso, ni el grito.

Regresamos a casa. Durante todo el camino me llega el olor de sus manos. Veo sus uñas sucias, con rastros de sangre seca y tierra de las lombrices que usa de carnada. Seguro ensuciará cada cosa que toque, como el volante, la palanca de cambios, mi pierna desnuda. Entramos, deja los pescados en la mesa de la cocina, despiden ya un hedor insoportable, fuerte, a mar oscuro, viscoso, que devora. Siento náuseas.

—No quiero limpiarlos —le digo cansada, enfebrecida de sol.

Me mira con fastidio mientras se lava las manos usando una gran cantidad de detergente. Tallando con fuerza sus dedos.

—Yo los pesqué, tú los limpias, así funciona —se lava con tal intensidad que salpica dejando unos charquitos sucios en el piso, que me obligarán a limpiarlo, tal como si un pez hubiera intentado un escape.

Son casi una decena. No recordaba que fueran tantos. Todos grises, ásperos y con ese hedor de muerte prematura, incredulidad guardada en el fondo del agua violenta. —Es que no quiero, no me siento bien, siento náuseas.

—Pues entonces se pudrirán ahí. Estoy cansado.

Cierra la llave del agua y se mete al cuarto.

Que la comida se pudra por mi negligencia lo posiciona en un nivel moral superior e inalcanzable desde el cual puede reprocharme cualquier cosa. Lo mismo si olvido la ropa dentro de la lavadora varios días o algo al fuego hasta que se quema la olla. Todo lo que comience a descomponerse, a dar indicios de muerte repentina, es mi culpa.

Saco los pescados y los vacío en el fregadero, abro el grifo para lavarlos, quitarles esa agua despreciable en la que nacieron y murieron sin ninguna importancia. Engañados mientras yo estaba encima de ellos, pudiendo regresarlos a su mar, evitarles la asfixia, y lo que hice fue dejar que me vieran. Suplicantes, ¿o es que yo también suplico?

Tomo un cuchillo, un pescado con la otra mano sintiendo la piel de lija, una piedra plana, con una especie de aleta como espina agresiva. Meto la punta del cuchillo en el orificio del vientre y tiro. Sus vísceras pequeñas, lodosas e insignificantes brotan. Los enjuago. Arranco con furia las agallas.

De tres en tres los guardo en el congelador, para olvidarlos. Percibo en mis manos ahora ese hedor, como si el mar estuviera renaciendo en cada dedo, sin darme tregua. Me voy a dormir queriendo no pensar. No soñar con agua.

Pasaron semanas hasta que me pidió cocinar unos. Los sumergí en agua para descongelarlos. La forma seguía siendo plana, el corte que yo hice: una mueca plateada, de labios finos.

—Son carnívoros, ¿verdad?

—No lo sé.

—Lo digo por los dientes, parecen pirañas.

O lo decía por el tamaño de esa boca, una boca así es capaz de engullir con rapidez. Ser una ventosa en el pie o en el torso e impedir que un cuerpo salga a la superficie: si no lo engancha, lo succiona. Se deja pisar y se ata a él, como un ancla.

En la sartén los peces inflaron sus ojos volviéndolos blancos hasta que los vi reventar. El fuego parecía intensificar el hedor. Los serví y él comía con avidez, flores blandas, de carne clara. Dijo que estaban deliciosos.

El cielo de hoy es suave y transparente. El calor no molesta: ilumina o refleja. Decidimos ir a la playa, voy guardando en los bolsos lo que siempre me corresponde: toallas, protector solar, agua, comida, trajes de baño, dos, tres, por si acaso. Alberto guarda lo de siempre: cañas, anzuelos como cucharas de una o varias puntas, y moscas, peces plásticos, lombrices.

Llegamos directamente al muelle, ¿para qué la bahía si ya es un poco tarde? dice, yo me resigno tirándome en las tablas, sin sentir el mar en mis muslos y sin imaginar. Escucho que lanza el anzuelo, recoge, tira. A lo lejos, no mucho, el faro. Veo pequeñas personas en su punta, deben estar mirando lo inalcanzable del agua, la insignificancia que soy tendida por debajo de ellos, en unas tablas. O no, solo fotografías, risas, cosas de familia, eso.

Él se agita más de lo normal, recoge con fuerza el anzuelo y dice Es grande, es algo grande. Me reincorporo sin mucha emoción, a veces dice lo mismo y es nada, así que espero mientras lo veo de espaldas, luchando con algo intangible, una fuerza que pareciera arrojarlo al agua; resiste, jala, Ya viene, lo veo, viene, es grande. Saca una mantarraya pequeña, me aterra. Maldice. La oscila un poco y la pone a la altura de mi cara, veo de frente la cara de la mantarraya y es claramente la de un niño, boquea, tiene el anzuelo perforándole un costado de lo que bien pudiera ser una mejilla de niño. Boquea, yo grito que la devuelva, intenta con temor quitarle el anzuelo, pero no puede, boquea, Devuélvela, siento ganas de llorar y yo misma boqueo.

—¡Cállate, eso intento! —me grita.

La cara blanca, concentrada en lo alto de ese cuerpo extraño y triangular: una inquietante súplica, la extrañeza del dolor ajeno, como un hijo recién nacido incapaz de respirar. Los hijos ahogados que nadie quiere sacar porque no hay manera de entregar un cuerpo así, si se han llenado de agua lo justo es que el mar los retenga, nada de cuerpos morados y henchidos. Logra quitarle el anzuelo y la arroja al agua como si fuera un plato, escucho un sonido de vasija hueca, apenas la veo ondular sus aletas y hundirse. Lloro sin hacer ruido, es un llanto líquido, sin congestión, solo lágrimas que se escurren. Algo parece irrecuperable dentro de esa agua turbia.

Lloro por el niño que parecía ser y el hombre que no será. Lloro por lo indefinido de un cuerpo en el agua. Alberto me toma del brazo, me levanta de golpe, me dice que es hora de irnos. No puedo entender si está molesto, decepcionado o si quiere darme una falsa tranquilidad.

—¿Viste? Parecía un niño. ¿Lo viste? —quiero dejar de llorar y sigue ese escurrimiento que parece deshacerme—. ¿Lo viste?

—Para la próxima deberíamos ir al faro, ¿no crees?, a pasear solamente. No debe ser tan caro pasar la tarde ahí —me dice mientras comienza a guardar los anzuelos y carnadas, ignorando lo que acabo de preguntarle.

Yo asiento. Me abraza sin mucha emoción, porque quién sabe, el muelle siempre lo estará llamando. ¿Y el faro? pienso. El faro el faro, me lo repito rápido, para dejar de lado el muelle y su cercanía con todo lo vivo debajo y la muerte por encima, en cambio el faro salva, resiste. Aun si no vamos nunca.

—Sí, buena idea —le digo, mientras le ayudo a recoger, mientras me cuesta un poco respirar y comienzo a olvidar aquel rostro en el agua.

CRIANÇAS DE ÁGUA

Tínhamos adquirido o costume de viajar todo fim de semana para a praia vizinha. Vamos à baía, onde posso entrar sem medo, porque a maré é calma, nada traiçoeira. Gosto de sentar na beira, a água me cobre as coxas e costumo escavar a areia com minhas mãos procurando mariscos.

Alberto quase sempre diz para irmos à doca próxima ao farol antes do entardecer. Sei que ele diz isso porque quer ir a esse braço de rio que se une ao mar. Assim, vai preparando suas iscas, anzóis, linhas de pesca, e eu vou jogando os mariscos num balde para cozinhá-los em casa. Sei que já não poderei estar na água: por um lado a água turva e profunda do rio, por outro, a maré alta, com correntes imprevisíveis, de mar aberto.

É estar horas sem fazer nada. Imagino o filho que não temos caminhando de um lugar a outro, com brinquedos para cavar e construir, querendo entrar na água e ao mesmo tempo fugindo dela (Alberto poderia lhe ensinar a nadar, porque eu não sei). Também não posso ter filhos, ou Alberto não pode, não sei quem de nós dois e não importa, não mais, já sabemos que isso é coisa nossa. Por isso caminho, leio, durmo, e às vezes me aproximo do farol e nunca chego até lá: está dentro de uma zona de acesso privado, um complexo onde devo pagar para entrar e, embora não seja caro, Alberto jamais aceitaria que passássemos a tarde ali. Odeia multidões.

Quando começa a pescar, vou adormecendo com o barulho do carretel, me concentro em escutá-lo como se fosse uma pequena cigarra, me concentro na doca: provoca uma sensação messiânica de caminhar sobre a água. O mais bonito é a sua brevidade: se fosse grande seria uma ponte e eu não gosto de pontes, carecem de uma borda ao nada ou ao desconhecido. Na doca, ao contrário, a água parece chegar e te levar a um lugar melhor.

Em algumas ocasiões, e talvez dependa do céu, penso em jogar algo daqui dessa beirada da doca. Vejo Alberto com seus movimentos mecânicos de enrolar, desenrolar, puxar, xingar e sinto que está a um passo, a um só, de cair. Eu também estou, me imagino afundando, não caindo de uma vez, mas sim afundando aos poucos, como se uma ondulação me subisse pelo corpo. Isso é natural. Poderia passar o tempo assim, a não ser por essas interrupções guturais que Alberto faz toda vez que pesca um peixe, o deixa cair ao meu lado e ao invés de me levantar e sair, observo seu movimento convulso. Me dá pena. Desejaria salvá-lo, no entanto, permaneço imóvel.

Esta morte torna tudo perigoso ainda que eu esteja deitada e vire a cabeça para não ver os espasmos do peixe. E se fosse eu? Se de algum modo a água me entrasse de um jeito incomensurável e fosse eu quem agonizasse? Alberto se agacha, vejo como quebra, puxando para trás, a cabeça do animal. Ensinaria ao nosso filho o fim do sofrimento? Fecho os olhos com força, o barulho dele quebrando o peixe é insuportável, apesar de quase inaudível. É um ato grotesco, sim, mas é também misericordioso, em ocasiões os gestos de grande nobreza têm a ver com acabar com uma vida, inclusive a própria. Se fosse eu: sob a água não se escutaria o estalo, nem o grito.

Voltamos para casa. Durante o caminho sinto o cheiro das suas mãos. Vejo suas unhas sujas, com resto de sangue seco e terra das minhocas que usa de isca. Com certeza vai sujar tudo que toque, como o volante, o câmbio, minha perna nua. Entramos, deixa os peixes na mesa da cozinha, que soltam um cheiro insuportável, forte, de mar escuro, viscoso, que embriaga. Sinto náuseas.

— Não quero limpá-los — lhe digo, cansada da praia.

Me olha emburrado enquanto lava as mãos usando uma grande quantidade de detergente. Esfrega os dedos com força.

— Eu pesquei, você limpa, é assim que funciona — se lava com tal intensidade que deixa uns pingos sujos caírem no chão, me obrigo a limpá-lo, como se um peixe tivesse tentado escapar.

São quase uma dezena. Não lembrava que eram tantos. Todos cinzas, ásperos e com esse cheiro de morte prematura, incredulidade guardada no fundo da água violenta.

— Mas eu não quero, não me sinto bem, estou enjoada.

— Pois então que apodreçam aí. Estou cansado.

Fecha a torneira e entra no quarto.

Que a comida apodreça por minha negligência o coloca em um nível moral superior e inalcançável desde o qual pode me criticar por qualquer coisa. O mesmo acontece se eu esqueço a roupa dentro da lavadora vários dias ou algo no fogo até que queime a panela. Tudo o que comece a se decompor, a dar indícios de morte repentina, é minha culpa.

Pego os peixes e os jogo na pia, abro a torneira para lavá-los, tirar deles a água desprezível na que nasceram e morreram sem nenhuma importância. Enganados enquanto eu estava em cima deles na doca, podendo devolvê-los ao mar, evitando sua asfixia, e o que fiz foi deixar que viessem até mim. Suplicantes. Ou sou eu quem suplico?

Pego uma faca, um peixe com a outra mão sentindo a pele de lixa, uma pedra plana, com uma espécie de barbatana como espinha agressiva. Enfio a ponta da faca no orifício do ventre e puxo. Brotam suas vísceras pequenas, lodosas e insignificantes. Enxáguo. Arranco as tripas com fúria.

De três em três, os guardo no congelador, para esquecê-los. Agora percebo em minhas mãos esse cheiro, como se o mar estivesse renascendo em cada dedo, sem me dar trégua. Vou dormir querendo não pensar. Não sonhar com água.

Passaram semanas até que Alberto me pediu para cozinhar alguns peixes. Os coloquei na água para descongelar. A forma seguia sendo plana, o corte que eu fiz: um sorriso prateado, de lábios finos.

— São carnívoros, né?

— Não sei.

— Digo pelos dentes, parecem piranhas.

Ou dizia pelo tamanho dessa boca, uma boca assim é capaz de engolir com rapidez. Ser uma ventosa no pé ou no torso e impedir que um corpo saia à superfície: se não o fissa, o suga. Se deixa pisar e se ata a ele, como uma âncora.

Na frigideira os olhos dos peixes inflaram até ficar brancos e explodir. O fogo parecia intensificar o cheiro. Os servi, e Alberto comia com avidez, flores macias, de carne clara. Disse que estavam deliciosos.

O céu de hoje é suave e transparente. O calor não incomoda: ilumina ou reflete. Decidimos ir à praia, vou guardando na bolsa o de sempre: toalhas, protetor solar, água, comidinhas, biquínis, dois, três, por via das dúvidas. Alberto arruma o de sempre: varas, anzóis como colheres de uma ou várias pontas, e moscas, peixes plásticos, minhocas. Chegamos diretamente à doca. Pra que ir à baía se já é tarde? diz, eu me resigno atirando-me nas tábuas, sem sentir o mar nas minhas coxas e sem imaginar. Escuto que lança o anzol, pega, tira. Ao longe, não muito, o farol. Vejo pequenas pessoas na sua ponta, devem estar olhando a margem inalcançável da água, o insignificante que sou estendida debaixo deles, em umas tábuas. Ou não, só fotos, risadas, coisas de família, nada além disso.

Ele se agita mais do que o normal, agarra com força o anzol e diz É grande, é algo grande. Me levanto não muito animada, às vezes ele diz a mesma coisa e não é nada, assim que espero enquanto o vejo de costas, lutando com algo intangível, uma força que parecia lançá-lo à água; resiste, puxa, Está vindo, eu vejo, está vindo, é grande. Tira uma arraia pequena, me aterroriza. Xinga. A balança um pouco e a coloca na altura do meu rosto, vejo a cara da arraia

de frente e parece claramente o rosto de um bebê, suspira, tem um anzol perfurando uma lateral que podia muito bem ser a bochecha de um bebê. Suspira, eu grito que a devolva ao mar, tenta com temor tirar o anzol dela, mas não consegue, suspira, Devolve ela, sinto vontade de chorar e eu mesma suspiro.

— Cala a boca, estou tentando! — grita.

A cara branca, concentrada no alto desse corpo estranho e triangular: uma inquietante súplica, a estranheza da dor alheia, como um filho recém-nascido incapaz de respirar. Os filhos mortos que ninguém quer trazer ao mundo porque é impensável entregar um corpo assim, se estão cheios de água, o certo é que o mar os retenha, nada de corpos roxos e inchados. Consegue tirar o anzol e a lança ao mar como se fosse um prato, escuto um som de vasilha vazia, apenas vejo ondular suas barbatanas e afundar. Choro em silêncio, é um choro líquido, sem congestão, só lágrimas que escorrem. Algo parece irrecuperável dentro dessa água turva. Choro pelo bebê que parecia ser e pelo homem que não será. Choro pelo indefinido de um corpo em água. Alberto me pega pelo braço, me levanta com tudo, me diz que é hora de irmos. Não consigo entender se está chateado, decepcionado ou se quer me passar uma falsa tranquilidade.

— Viu? Parecia um bebê. Viu? — quero parar de chorar e continua esse escoamento que parece me desfazer. — Você viu?

— Na próxima deveríamos ir ao farol, não acha? Só para passear. Não deve ser tão caro passar a tarde ali — me diz Alberto enquanto começa a guardar os anzóis e iscas, ignorando o que acabo de perguntar.

Eu aceito. Me abraça sem muita emoção, porque quem sabe, a doca sempre o chamará. E o farol?, penso. O farol, o farol, repito rápido, para deixar de lado a doca e seu entorno, com tudo o que vivo às escondidas e a morte pairando; e em troca, o farol liberta, resiste. Mesmo que nunca tenhamos ido até lá.

— Sim, boa ideia — digo, enquanto o ajudo a recolher as coisas, ainda com dificuldade de respirar, começo a esquecer aquele rosto na água.

REFERÊNCIAS

CARRILLO, Viridiana. Niños de agua. *Antes del juego*. Ciudad de México: Nitropress, 2020. pp. 37-42.

YE CHUN E O CONTO “MILK”: UMA PROPOSTA DE TRADUÇÃO

Rayne Karla de Lima¹

Ye Chun / 叶春 autora e tradutora literária bilingue chinesa-americana, nasceu em Luoyang, China, e se mudou para os Estados Unidos, em 1999. Desde então, publicou livros como o de poesia *Lantern Puzzle* (2015), o romance chinês 海上的桃树 (*Peach Tree in the Sea*) (2011), e a coletânea de contos *Hao: Stories* (2021), além de ser responsável por diversas traduções. A autora já recebeu vários prêmios por sua escrita, entre eles, o *Pushcart Prize*. No livro *Hao* estão os três contos vencedores do prêmio: “Milk”, “A drawer” e o que dá título ao livro.

Os contos da coletânea abordam mães chinesas e chinesas-americanas e os problemas que enfrentam com a língua, racismo e sexismo. A autora, inédita no Brasil, no conto “Milk”, traz sob quatro perspectivas uma mesma cena. O conto tem como foco central, a vida de uma mulher, mãe, que juntamente com seu filho sai do interior e vai para a cidade à procura do marido para avisá-lo sobre sua má sorte e que a família passaria por dificuldades.

Sem qualquer tipo de renda, a mulher busca outros meios para ter dinheiro para conseguir se alimentar, assim, faz com que seu filho, criança de cinco ou seis anos, venda rosas nas ruas; em uma dessas ocasiões, a criança recebe a negativa de um homem que acaba agredindo-a. Em forma de acalento, a mãe amamenta a criança, ação que causa reações diversas nas pessoas ao seu redor, desencadeando o desenvolvimento do conto. Aqui, encontramos a dualidade: para a mãe, há a esperança de que consiga amamentar por mais tempo, para os que assistem à cena, choque e desprezo.

Um dos espectadores que mais se chocou com essa cena foi um homem que retornava para sua casa e, de tão abismado, tira uma foto. O homem ao postar a imagem na internet critica o fato de uma criança tão grande ainda estar mamando. Por fim, temos a reação sobre o episódio da amamentação, uma mãe lactante, que por estar sofrendo com os efeitos da amamentação, como cansaço, mastites e peitos rachados, reflete ao ver a cena da mãe amamentando uma criança tão grande, enquanto ela tenta interromper a amamentação de seu filho bebê.

No exercício da tradução, não ocorreram tantos problemas como eu esperava, apenas alguns pela falta de conhecimento da área, como “*breast pads*”; senti dificuldade em expressões da língua inglesa como: “*give and take*” que ao longo do conto aparece duas vezes, por

¹ Graduanda em Letras – Bacharelado em Português e Inglês (Estudos da Tradução).

exemplo. A primeira no original era “*enjoy this little pleasure of giving and taking*” que foi resolvido como ‘aproveitar a troca entre eles’ e “*They were locked in the cycle of give and take*” e que também ganhou a mesma ideia de troca em ‘Estavam presos em um ciclo de troca.’ Além disso, tive dificuldades com o termo usado pelas crianças, o “*Mimi*”, pois não encontrava tantas ocorrências da palavra e quando encontrava era de diversos significados, como gatinhos ou poderia ser um meme. Em primeiro momento foi estabelecido que ficaria como no conto original, em revisões posteriores houve a sugestão de deixar como ‘Mama’ para que trouxesse a ambiguidade em que a criança poderia estar pedindo o peito ou chamando a mãe; em pesquisas recentes foi encontrado o uso de mimi como uma gíria para seio.

A relação da nossa sociedade com o ideal de mãe é a mãe perfeita que serve os filhos e é devota ao marido em tudo, e, como reforça Esther Vivas em *Mamãe desobediente*, “sempre põe os interesses dos filhos e filhas antes dos próprios, pois ela supostamente não os tem.” (2021, p. 19), entretanto isso não é a realidade ou desejo para a maioria das mulheres. A maternidade dissidente traz uma nova representação de maternidade no qual a mulher trata de assuntos “não-normativos” como a depressão pós-parto, maternidade solo, a negação em contribuir com a ideia de que uma gravidez e toda maternidade é perfeita. No conto de Ye Chun, traduzido por mim, isso fica claro através da amamentação. Seja pela mãe que amamenta o filho em público e lida com os olhares repreensores ou pela mãe que apenas queria ter o seu corpo de volta. “Leite” nos faz refletir sobre o papel da mulher, em especial, a mulher que é mãe e o porquê a amamentação ainda é um assunto polêmico ao falarmos sobre as escolhas de uma mulher.

MILK

The boy follows the man, eyes on his pants, and mumbles, “Sir, please buy a rose, buy a rose for your girlfriend.” The man’s legs move faster; the boy grabs one of them, wraps his skinny arms and legs around it and presses his small buttocks on the man’s leather shoe and says the words again to the leg.

The spring afternoon has gone sultry, the air recalling the texture of rotten fruit. The man is on his way to a sales meeting. He did not meet his sales quota, and, before the child approached him, had been rehearsing his explanations in his head. He tries to shake his leg free, but the child tightens his grip. People circle past them: a few giggle; a few gape to see how he reacts. His face flushes. He bends down and snatches the child’s wrists and tosses him away from his leg. The child looks up at his face for the first time, shocked, as though he has just realized that he was not merely dealing with a leg, but an unpredictable man several times his size. He must also have sensed what’s coming: the man kicks him, the shoe landing on his small rib cage. The child flips over on the pavement, groans, curls into a ball, and cries, “Mama, Mama—”

A woman runs toward them on the pavement, yelling in some rural dialect the man can't quite understand. But judging by her tone, he is sure she's calling him names or cursing him in the worst possible way. She kneels down by the child, picks him up, and clasps him to her chest. The child's cry turns into wail; he looks as heartbroken as any other wailing child, though the pathetic rose is still clutched in his hand. The woman strokes his ribs. Sallow-faced, ill-dressed, she must have been lurking somewhere by the roadside, blending right in with other urban poor the man has stopped paying attention to.

People gather around them, gawking like their eyes have finally found a free feast. The man's head buzzes, his face grows hot. "Are you his mother?" he shouts down at the woman. "What kind of mother lets her child pester people on the street?"

Then he turns, quickly, not wanting to hear one single word from the woman. He walks away as fast and steady as his body can manage, controlling the impulse to run, and slows down only after he is sure the woman's gaze no longer reaches him. Then he breathes and it feels like the first real breath he has taken since he bent down to grab the child—his wrist thin like a chicken's neck. The man has never felt comfortable watching vendors wring chicken necks in the market. He will grimace and avert his eyes. I'm not a bad person, he imagines saying to the woman whose face still seems to hover right in front of him, its misery and rage so sharp that it reduces the dusty street, dusty plastic-looking palm trees, dusty pedestrians with their idiotic stares to nothing but a stage setting. I'm not a bad person. He imagines the woman's face softening and him taking a ten-yuan bill from his wallet and stuffing it in the child's grimy hand. Then, like an uncle, he will hold the child up and make faces at him till he laughs.

But he knows that's not what he will do. He will keep walking and rehearse his explanations for the failure to meet the sales quota and pray he keeps his job. That is all he can do and will do. He takes another breath. As the air infused with humidity, dust, and exhaust fills his lungs, the city distorts—its skyscrapers, shops, multi-lane streets, vehicles losing their edges and density, fattening with the incessant despairs and high hopes steaming out of people's heads. All around him the city is swelling, and his feet are hardly touching the ground. He has become a splinter the city is about to push out of its inflated flesh.

•

The woman carries the crying child to the side of the pavement, under a palm tree. The child murmurs, "Mimi, mimi." The woman sighs, lifting her blouse, and the child presses his mouth to her breast. People gawk and shake their heads. She lowers her eyes and sees their shoes—tennis shoes, leather shoes, canvas shoes, high-heels, sandals, flats—nice shoes that know where their feet are taking them. She shields the child's face with a hand: it's better he doesn't see any of these shoes, better still he forgets where they are. The blind fortune-teller told her that this was a hard time for them, but things would get better in three years. "Luck star will then shine above your son's head." The man raised his opaque eyes. She paid him five yuan

and that was all she got—a promise of a turn of fortune in three years. Can she keep her milk flow that long? She felt foolish. She needed the five yuan for food, not a fortune that would not turn until three years from now. But still, three years is better than five or ten, or no luck at all.

She came to the city to look for her husband, whom she has not heard a word from since he left after the Spring Festival. She called the construction company he worked for; they said they hadn't seen him since he'd left for home before the festival. She went to the village fortune-teller, giving him her husband's year, month, date, and hour of birth and, as payment, a bucket of frogs her son had helped her catch. The old man flipped the brittle pages of his yellow book, wrote down four columns of words with ink and brush, squinted his eyes at a brittle page again, and shook his head: "His longevity star is clouded this year. I see possible falling, a tall building, and serious or fatal injury." She held her breath. "A building in the south," he added, "in the city where he builds those tall buildings."

The woman took her son to the city. She found the construction company. They told her the same thing they had said on the phone. She told them what the fortune-teller had told her. They asked her to go talk to other construction companies. There are tons of them in the city, they told her, and her husband could be working for any of them now. She and her son wandered around the city, looking up at scaffoldings to see whether he was there. It was hard to tell. They all looked alike from down here—a helmet, a little torso, a pair of doll arms and legs. She waited with her son on the roadside for them to come down. She asked them about her husband. They shook their heads or mentioned another company or building under construction for her to check. At night, she and her son slept behind park bushes or under viaducts. She didn't want to go back to her village until she found her husband and warned him of his ill fortune ahead. She would make sure he went home with them, where there are no tall buildings and the inevitability of falling.

She had no money left so she begged. She tried to tell people her story, but they walked away. "They think we're fake," an old beggar woman from the same province told her. "They don't care about us, but some still pity children. Have your son sell flowers. That may still work." So she picked a less-bruised rose from a flower shop's trashcan and had her son sell it like other children on the street—except that people don't pity children either.

She has kept her milk flow for a time like this, a time that she always knew would come. The child's shoulders stop shuddering. His fingers loosen around the rose that lies by his feet like congealed blood. She looks up at the scaffolding across the street and the small figures of construction workers printed on the sky. Any of them can be her husband or could have been her husband. One dizzying misstep up there will be a step into the nothing down below, and if that happens, you won't even see his body.

She wishes she had a place to go, a private place where she could lie down with her son, close her eyes, enjoy this little pleasure of giving and taking, this little numbing sensation that

is slowly spreading over her body. Any time now she's going to close her eyes. The shoes, legs, and wheels around them will disappear. She and her son will turn into some gossamer matter, hide somewhere in the air, until things get better for them.

•

A man is walking in this direction. He sees the mother and son on the side of the pavement under a palm tree. He takes out his smartphone from his messenger bag, pauses in front of them for a second, and snaps a shot. The woman doesn't even notice, her eyes drooped, her half-exposed breast coarse-skinned and sallow-colored like her complexion. The boy is obviously too big for this: he looks like he has tried his best to curl himself in her arms, but most of his legs still spill onto the pavement. Only the utter unselfconsciousness of his closed-eye suckling resembles that of a baby.

The man goes back to his apartment and makes instant noodles and sits down in front of his computer. He has recently started a blog called Critical Eye, a title he's having second thoughts about and considering changing into something less literal. He posts social commentaries, often in the form of snapshots he takes with his smartphone on the street. Though his blog has not gotten much traffic, he has noticed a quickening of his senses as he goes about his daily life. He is no longer a passive passerby, his life no longer a fuzzy parade of routines and a job that organizes his hours into rest, work, wants, and small gratifications.

Now he freezes moments he finds provocative, forms opinions, and makes them visible to anyone surfing his way. Sometimes, sitting in his cubicle or walking home from work, he feels he is simultaneously inhabiting the city and roaming a space ungoverned by gravity, where he's just about as free as one can be. But when he posts his blog entries, his photos and words gone public, he cannot help but feel an unease, a weak-hearted uncertainty that his posts will be scrutinized and attacked.

After he uploads the photo, he comments: "We are a decade into the 21st century and our country is becoming one of the strongest economic powers in the world, yet, here in our city that we claim to be a world-class metropolis, a woman is nursing a five- or six-year-old on the street as though they were in a remote 19th-century village. Why is this happening?"

He clicks Post and slurps his noodles. He was going to simply write, "This doesn't look good—nursing such a big child in public," but thought it would be too simplistic. He checks some of the blogs and websites he frequents and then checks back to see whether he has gotten any comments. There are none. He surfs more and checks back again. Still none. No response is almost worse than a negative response. He thought this post would provoke: the photo alone should catch attention and his commentary should generate a public debate.

He puts his computer into sleep mode and goes to bed. He dreams of a woman lying so close to him he can feel the buzzing heat and electricity radiating from her body. It's his ex-girlfriend, who by now must have become someone else's wife and maybe even a mother. But

somehow, she has come back to him. Has she kept a key to his apartment? Did she sneak in, tiptoe to his bed, and lie down by him? Gently, she palms his head with one hand and with the other cups her breast to his mouth. His penis swells up, and as her hand slides down him, he sucks on her nipple and milk flows out. The liquid only surprises his tongue for a second before it calls back an ancient euphoria—he feels as if he were soaring into a galaxy of burning stars and becoming part of its radiance and order, fervor and harmony. As he comes, he wakes up. His ex-girlfriend is not with him. He is alone in his small, stuffy room. His computer sits on the desk like a large toad. His dirty clothes litter the floor. The air smells of semen, sweat, and greasy hair. In his mouth he tastes nothing but fetid breath.

But still he remembers the smooth, luscious milk on his tongue and the wondrous feeling of soaring and peace. He closes his eyes and tries to will the true-to-life sensation back into being—his ex-girlfriend's flesh blended with his, her breast throbbing in front of his face. He opens his mouth, closes his lips around the nipple where the elixir will flow onto his parched tongue.

•

A woman surfing the internet stumbles upon the photo on the man's blog. She once lived in that city; now she is living abroad. Since she became a mother, she has wished she were there instead of here—if nothing else, she would at least have someone to talk to in her native tongue, another mother raising a child. The boy being nursed in the photo is much bigger than her son, who has finally fallen asleep on her lap. She is weaning him. She has nursed him for eighteen months, has suffered cracked nipples, plugged ducts, and bouts of mastitis. But her son's demand for her breasts has not dwindled. He wants to nurse before sleep, before nap, after sleep, after nap, during the middle of sleep and nap and during other activities. He grabs her breasts as if they were his. She wants her body back. She craves spicy food and caffeinated tea, wants to wear dresses, not nursing bras and breast pads. She wants her body to be touched by her husband, and when that happens, she doesn't want her breasts to leak milk.

Her husband is not at home again. Got some work to finish, he said on the phone. When he does come home, he sleeps on the couch in the living room, says he needs his sleep so he can get up and work and support the family. It suited her at the beginning, when she loved to snuggle with her son alone on the big bed, her body willingly letting its white ribbon of milk flow into his mouth, as though his intake was also her intake, her giving so complete it merged into taking. They were locked in the cycle of give and take, forming a circle with no beginning or end to allow another's entrance. When her husband touched her, she recoiled from the intrusion. When he held the baby, the baby screamed for her. He spends less and less time with them.

When she asks him to change the baby's diaper, or give him a bath, or take him out for a walk, "because he's your son too," he looks vexed. He fumbles the diaper on the baby loosely

and poop leaks out and she has to wash him again. The walks he takes with the baby tend to be short, “because he was screaming the entire time and people thought I kidnapped him.” Once she caught him holding the baby upside down, dangling in front of his legs, big-headed like a frog, with blood pooling in his puffy face, too startled or strained to make a sound. She had just finished her weekly shower and instinctively knew she needed to be gentle. She crouched down to take hold of the baby’s head and eased him into her arms, putting his wronged face to her wet breast. “That’s enough,” she then said to her husband, still suppressing a scream in her throat. “Just leave!”

Maybe it’s all her fault—she pushed him away. And it’s all her fault, too, that the baby is addicted to her milk. Didn’t she give him her breast when she wanted him to go back to sleep so she could sleep longer, give it when she wanted him to take a nap so she could rest, give it again when he was fussy so she could have some peace? She has been weaning him for weeks now, slowly cutting down the sessions, first daytime, then night. Now they’ve come to the last and most trying session—the one he has been depending on to fall asleep at night. Earlier, he battled with her, reaching for her breast, and when pushed away, reaching again. He bawled and whimpered. She stuffed cotton balls in her ears. She rocked and sang and yelled and patted him, until he finally drifted off in exhaustion.

She’s surfing the internet because there is nothing else she can do right now. There is a lot to do—dishes need to be cleaned, toys need to be picked up, soiled clothes need to be washed, but she is afraid if she moves, the child will wake up and want to nurse again. The whole battle will repeat, and she’s too tired for that. And she knows her breasts will be filling up soon. She will need to go to the bathroom sink and squirt the milk out instead of giving it to her son, who wants it so much and can’t understand why his mother is denying him the very thing that she used to offer him so abundantly.

She sees the photo of the countrywoman nursing her big son on the street in the city where she used to live, and heat leaps up her eyes before she knows it. She looks at her baby: his lips open to a zero; his blue-veined eyelids tremble as though there is a storm below. She holds him to her face, crying as silently as she can. But the child wakes up, gazes at her, alarmed. He reaches his little fingers to her cheek, as if to find out through touch what she is actually doing. It must be an expression he hasn’t seen much before, even though he has made it thousands of times in his one and a half years of life. He stares at her. He is about to cry himself, his little face already folding into those familiar creases. She tries to stop herself, wiping her eyes. “I’m okay,” she says to him. “I’m okay.” But she continues to shudder. Her milk is filling up. The child smells it and lifts his mouth to the breast close to it, but he hesitates, examines her face, afraid she will push him away again. Her cry must have something to do with that. He is making the connection. But it’s all too much for him. His sorrowful face lifts to her breast. “Mimi, mimi,” he pleads.

LEITE

O menino segue o homem e, com os olhos fixos à sua calça, sussurra, “Senhor, por favor, compre uma rosa, compre uma rosa para sua namorada.” As pernas do homem caminham mais rápido; o menino agarra uma delas, envolve seus braços finos e pernas ao redor do homem, pressionando sua bundinha contra o sapato de couro e repete as mesmas palavras junto à perna.

A tarde de primavera ficou abafada, o ar lembrando a textura de uma fruta podre. O homem está a caminho de uma reunião de vendas. Ele não atingiu a meta, e, antes da criança se aproximar dele, ensaiava em sua cabeça explicações. Ele tenta chacoalhar a perna, mas a criança reforça o aperto. As pessoas passam por eles: alguns riem, outros olham pasmos para ver a reação do homem. Ele fica vermelho de vergonha. O homem se abaixa e arranca a criança da sua perna pelos pulsos, arremessando-a para longe. A criança encara o homem pela primeira vez, surpresa, como se tivesse acabado de perceber que não estava lidando apenas com uma perna, e sim com um homem imprevisível, do dobro do seu tamanho. Da mesma maneira, ele sentiu o que viria a seguir: o homem o chuta, o sapato atinge o seu pequeno tórax. A criança rola sobre o asfalto, geme, se enrola como uma bola, e chora, “mamãe, mamãe.”

Uma mulher corre em direção ao asfalto, gritando em um dialeto rural que o homem não consegue entender muito bem. Mas julgando pelo tom da voz, ele tem certeza de que ela o está xingando ou o amaldiçoando da pior forma possível. Ela se ajoelha ao lado da criança, pega-a no colo e a segura junto ao peito. O choro se torna um lamento; ela parece estar tão desolada, assim como qualquer outra criança que lamentasse, embora a patética rosa continuasse agarrada à sua mão. A mulher acaricia suas costelas. Rosto inchado, mal-vestida, ela deveria estar se escondendo em algum lugar pela sarjeta, misturando-se com outros pobres aos quais o homem não prestou atenção.

As pessoas se reúnem ao redor deles, com os olhos fixos, como se tivessem finalmente encontrado um banquete grátis. A cabeça do homem lateja, e seu rosto começa a se avermelhar. “Você é a mãe dele?” esbraveja. “Que tipo de mãe deixa sua criança importunar as pessoas na rua?”

Ele se vira, rapidamente, não querendo escutar nenhuma palavra da mulher. Se afasta o mais rápido e firme que seu corpo consegue, se controlando do impulso de correr, e diminui a velocidade somente quando tem certeza de que o olhar da mulher não lhe alcança mais. Então, respira e parece que é a sua primeira respiração desde que se abaixou para pegar a criança – seus pulsos tão finos quanto o pescoço de uma galinha. O homem nunca se sentiu confortável ao ver vendedores torcerem o pescoço de frango na feira. Faz uma careta e evita olhar para a cena. Eu não sou uma pessoa má, ele se imagina dizendo para a mulher cuja feição parece estar ainda bem à sua frente, sua miséria e fúria tão agudas que reduzem a rua empoeirada, as palmeiras com aspecto de plástico empoeirado e os pedestres empoeirados com seus olhares idiotas olhando nada mais que um cenário. Eu não sou uma pessoa má. Ele imagina o rosto

da mulher relaxando e ele pegando uma nota de dez yuans de sua carteira e enfiando na mão encardida da criança. Então, como um tio, ele o seguraria e faria caretas até ele rir.

Mas ele sabe que não é isso que vai fazer. Ele vai continuar andando e ensaiando suas explicações pelo fracasso na meta de vendas e rezando para não perder o emprego. Isso é tudo que pode fazer e que fará. Respira mais uma vez. Com o ar infundido de umidade, poeira e fumaça de escapamento preenchendo seus pulmões, a cidade se distorce – seus arranha-céus, lojas, ruas largas e veículos perdem suas bordas e densidade, engordando com o incessante desespero e enormes esperanças que saem fumegantes das cabeças das pessoas. Ao redor dele, a cidade está inchada e seus pés mal conseguem tocar o chão. Ele se tornou um estilhaço que a cidade está prestes a arrancar de sua carne inchada.

•

A mulher carrega a criança chorando para a margem do asfalto, embaixo de uma árvore. A criança sussurra “Mama, mama”. A mulher suspira, levantando sua blusa e a criança pressiona a boca contra o seu peito. As pessoas olham fixamente e balançam a cabeça. Ela abaixa o olhar e olha os sapatos – tênis, sapatos de couro, tênis de lona, salto alto, sandálias, sapatilhas – calçados bonitos em que os pés sabem para onde vão. Ela protege o rosto da criança com uma mão: é melhor que ele não veja esses calçados, melhor ainda se ele esquecer onde estão. O cego clarividente lhe havia dito que eram tempos difíceis para eles, mas tudo melhoraria em três anos. “A estrela da sorte brilhará sobre o seu filho.” O homem levantou os olhos opacos. Ela pagou a ele cinco yuans e era tudo o que tinha – uma promessa de fortuna em três anos. Ela consegue produzir leite por tanto tempo? Se sentia boba. Precisava de cinco yuans para comida, não para uma fortuna que só viria daqui a três anos. Mas ainda assim, três anos é melhor que cinco ou dez, ou sorte alguma.

Ela veio para a cidade à procura do marido, de quem não tinha notícias desde que ele partiu depois do Festival da Primavera. Ela ligou para a empresa de construção em que ele trabalha; eles disseram que não o viam desde que foi embora para casa antes do festival. Ela foi à vila do clarividente, dando a ele o ano, mês, dia e horário de nascimento do marido e, como pagamento, um balde de sapos que seu filho ajudou a pegar. O velho virou as páginas frágeis de seu livro amarelo, escreveu quatro colunas de palavras com tinta e pincel, apertou os olhos para a página delicada mais uma vez e acenou com a cabeça negativamente: “Sua estrela de longevidade está obscurecida este ano. Vejo uma possível queda, um edifício alto e ferimento sério ou fatal.” Ela prendeu a respiração. “Um prédio no Sul,” ele complementou, “na cidade onde ele constrói esses prédios altos.”

A mulher levou seu filho para a cidade. Ela encontrou a empresa de construção. Eles disseram a mesma coisa que haviam dito na ligação. Ela disse a eles o que o clarividente havia contado para ela. Eles pediram que ela fosse conversar com outras empresas de construção. Havia milhares delas na cidade, eles disseram, e seu marido poderia estar trabalhando para alguma delas agora. Ela e o filho vagavam pela cidade, olhando para os andaimes para ver se

ele estava lá. Era difícil dizer. Todos pareciam iguais dali debaixo – capacete, torso pequeno, um par de braços e pernas de boneca. Ela ficou com o filho à margem da rodovia esperando eles descerem. Perguntou a eles sobre o marido. Apenas acenaram em negação com a cabeça ou mencionaram outra empresa ou prédio em construção para ela verificar. À noite, ela e a criança dormiam atrás de arbustos do parque ou embaixo de viadutos. Ela não queria voltar para sua vila até que encontrasse o marido e o avisasse sobre a má sorte que chegava. Queria se certificar de que ele ia embora com eles, para onde não há nenhum edifício alto e inevitavelmente uma queda.

Ela não tinha dinheiro, então pedia. Tentava contar sua história às pessoas, mas elas a ignoravam. “Elas acham que estamos mentindo”, uma velha pedinte da mesma província disse a ela. “Elas não ligam para a gente, mas alguns podem sentir pena de criança. Faça seu filho vender flores. Talvez funcione.” Então ela pegou as rosas menos machucadas no lixo de uma floricultura e fez seu filho vender assim como outras crianças na rua – mas as pessoas também não sentem pena de crianças.

Ela manteve a produção de leite em tempos difíceis, tempos que ela sempre soube que chegariam. Os ombros da criança param de tremer. Os dedos dela soltam a rosa que repousa sobre o seu pé como sangue coagulado. Ela olha os andaimes do outro lado da rua e as pequenas figuras de construtores impressas no céu. Qualquer um deles pode ou poderia ter sido seu marido. Um passo em falso seria um passo para o nada, e se isso acontecesse, não seria possível nem mesmo ver o corpo.

Ela queria ter um lugar para onde ir, um lugar privado em que conseguiria deitar com a criança, fechar os olhos, aproveitar o momento de afeto entre eles, a sensação entorpecente se espalhando aos poucos pelo seu corpo. A qualquer momento ela vai fechar os olhos. Os sapatos, pernas e máquinas ao redor deles vão desaparecer. Ela e o filho irão se transformar em uma teia de aranha, escondidos em algum lugar no ar, até que tudo melhore para eles.

•

Um homem anda nessa direção. Ele vê a mãe e o filho na calçada embaixo de uma árvore. Retira o celular de sua pochete, para em frente a eles por um segundo, e tira uma foto. A mulher nem percebe, seus olhos baixos, seu peito quase exposto, de pele grossa e cor amarelada, como sua aparência. O menino obviamente é grande demais para isso: ele olha como se tentasse se enrolar nos braços dela, mas parte de suas pernas ainda escorrem sob a calçada. Somente no torpor de mamar com os olhos fechados ele se assemelha a um bebê.

O homem volta para o apartamento em que vive e faz macarrão instantâneo, sentando-se em frente ao computador. Recentemente iniciou um *blog* chamado *Olhar Crítico*, nome que ele não gosta muito e considera mudar para algo menos literal. Posta comentários sociais, frequentemente na forma de fotos que captura com o seu celular nas ruas. Apesar de não receber muitas visualizações, notou um aumento de percepções em sua rotina diária. Ele não é um

passante passivo, sua vida não se resume a um desfile longo de rotinas e um trabalho que organiza as horas em descanso, trabalho, vontades e gratificaçõeszinhas.

Agora congela momentos que acha provocativos, forma opiniões e as torna visíveis para quem quer que esteja navegando pelo *blog*. Às vezes, sentado em seu cubículo ou voltando para casa após o trabalho, sente que está simultaneamente habitando a cidade e vagando por um espaço não governado pela gravidade, no qual é tão livre quanto pode ser. Entretanto, quando publica em seu *blog*, suas fotos e palavras se tornam públicas, não consegue evitar se sentir inquieto, e com o coração descompassado, incerto se seus *posts* serão escrutinados e atacados.

Após postar a foto, ele comenta: “Estamos a uma década do século XXI e o nosso país está se tornando uma das potências mais fortes do mundo, e mesmo assim, aqui em nossa cidade, que alegamos ser uma metrópole de classe mundial, uma mulher está amamentando uma criança de cinco ou seis anos na rua como se estivessem em uma vila remota do século XIX. Por que isso está acontecendo?”

Ele clica em Postar e come o macarrão. Ia escrever algo simples, “Isso não é bom – amamentar uma criança tão grande em público,” mas pensou que ia ser muito simplista. Confere outros *blogs* e sites que gosta e volta para o próprio *blog* para verificar se tem algum comentário. Não há nenhum. Ele navega na internet mais um pouco e volta para verificar novamente. Nada. Nenhuma resposta é quase pior que uma resposta negativa. Ele pensou que seu *post* ia provocar: a foto chamaria atenção por si só e seu comentário geraria debate público.

Coloca seu computador em modo de hibernação e vai para a cama. Sonha com uma mulher deitada tão próxima a ele que conseguia sentir um calor ardente e uma eletricidade exalando do corpo dela. É a sua ex-namorada, que agora deve ter se tornado a esposa de alguém e talvez até seja mãe. Mas, de alguma forma, ela voltou para ele. Ela havia ficado com uma chave do apartamento dele? Entrou de forma sorrateira na ponta dos pés e deitou com ele? Gentilmente, ela segura a cabeça dele com uma mão e com a outra leva seu seio à sua boca. O seu pênis se avoluma, e enquanto a mão dela desliza para baixo, ele chupa seu mamilo e o leite escorre. A surpresa ao sentir o líquido em sua língua dura apenas um segundo, até que retorna à uma antiga euforia – ele sente como se estivesse voando para uma galáxia de estrelas ardentes, tornando-se parte de seu brilho e ordem, fervor e harmonia. Ao atingir o ápice, ele acorda. A ex-namorada não está com ele. Se vê sozinho em um pequeno e abafado quarto. O computador está na mesa como um grande sapo. As suas roupas imundas sujam o chão. O ar tem cheiro de sêmen, suor e cabelo oleoso. Em sua boca só há um hálito fedorento.

No entanto, ele ainda lembra do suave e delicioso leite em sua língua e do maravilhoso sentimento de voar e de ter paz. Fecha os olhos e tenta fazer com que a sensação daquela vida irreal volte a existir – a carne da sua ex-namorada colada com a dele, seus seios pulsantes em frente ao seu rosto. Ele abre a boca, fecha os lábios ao redor do mamilo, onde o elixir irá verter em direção à sua boca seca.

•

Uma mulher navegando na internet encontra a foto no *blog* do homem. Ela já viveu naquela cidade; agora vive no exterior. Desde que se tornou mãe, já desejou estar lá e não aqui – além disso, teria pelo menos alguém com quem conversar em sua língua nativa, outra mãe criando uma criança. O menino sendo amamentado na foto é muito maior que o seu filho, que finalmente dormiu em seu colo. Ela o está desmamando. Ela amamentou por oito meses, e sofreu com mamilos rachados, ductos entupidos, e crises de mastite. Porém, a procura do filho por seus peitos ainda não diminuiu. Ele quer mamar antes de dormir, antes da soneca, depois de dormir, depois da soneca, no meio do sono e da soneca, e durante outras atividades. Agarra os peitos dela como se pertencessem a ele. Ela quer seu corpo de volta. Deseja uma comida apimentada e chá com cafeína, quer usar vestidos, não sutiãs de amamentação e absorventes para o peito. Quer o corpo de volta para ser tocada pelo marido, e quando isso acontecer, não quer que de seus seios vaze leite.

O marido não está em casa de novo. Tenho um trabalho para terminar, disse ele ao telefone. Quando ele vem para casa, dorme no sofá da sala, diz que precisa dormir para poder ir trabalhar e sustentar a família. No início, ela se adaptou a isso, quando gostava de se aconchegar com seu filho sozinha na cama grande, seu corpo deixando voluntariamente um jato de leite escorrer na sua boca, como se sua ingestão fosse também a ingestão dela, uma doação completa que se funde no ato de dar o peito. Estavam presos em um ciclo de troca, formando um círculo sem início ou fim para permitir a entrada de outra pessoa. Quando seu marido a tocava, ela se afastava pela invasão. Quando ele segurava o bebê, o bebê logo gritava por ela. Cada vez mais, o marido passava menos tempo com eles.

Quando ela pede a ele para trocar a fralda do bebê, dar banho ou levar para passear, “porque é seu filho também,” ele se irrita. Ele se atrapalha com a fralda que fica solta e o cocô vaza e ela tem que lavar o bebê. As caminhadas que tem com o bebê são curtas, “porque ele ficou gritando o tempo inteiro e as pessoas pensavam que eu sequestrei ele.” Uma vez, ela o pegou segurando o bebê de cabeça para baixo, pendurado na frente de suas pernas, cabeçudo como um sapo, com sangue na cara inchada, assustado ou tenso demais para soltar um som. Ela tinha acabado de terminar seu banho semanal e instintivamente sabia que precisava ser gentil. Ela se agachou para pegar a cabeça do bebê e o acalmou em seus braços, grudando seu rosto ofendido em seu peito molhado. “Já chega!”, ela disse ao marido, reprimindo a vontade de gritar “Sai daqui!”

Talvez a culpa seja dela – ela que o afastou. E é tudo culpa dela, incluindo o fato de que o bebê esteja viciado no leite dela. Não foi ela quem deu o peito a ele quando queria que voltasse a dormir para que ela dormisse mais, quando queria tirar uma soneca e ela queria descansar, quando estava irritado e ela queria um pouco de paz? Ela vem desmamando ele há semanas, aos poucos diminuindo as sessões, primeiro de dia, e depois à noite. Agora eles chegaram à última e mais difícil sessão – da que depende para dormir à noite. Mais cedo,

ele lutou com ela, alcançando seu peito, e quando empurrado para longe, alcançou novamente. Ele berrou e choramingou. Ela enfiou bolas de algodão nos ouvidos. Embalou, cantou, gritou e deu palmadinhas nele, até que ele finalmente dormiu de exaustão.

Ela está navegando pela internet porque não há mais nada o que fazer agora. Tem muito a ser feito – lavar a louça, pegar os brinquedos, a roupa suja precisa ser lavada, mas ela tem medo de que, se ela se mover, a criança acorde e precise mamar novamente. A batalha se repetiria e ela está cansada demais para isso. E sabe que seus peitos encheriam logo. Precisaria ir à pia do banheiro e esguichar o leite fora em vez de dar ao seu filho que deseja tanto, e que não consegue entender por que sua mãe está negando a ele aquilo que ela sempre ofereceu em abundância.

Ela vê a foto de sua compatriota amamentando o filho grande na rua na cidade onde vivia, e o calor salta-lhe aos olhos antes que percebesse. Ela olha o seu bebê: os lábios abertos como um peixe fora d'água; as pálpebras azuladas tremem como se houvesse uma tempestade embaixo. Ela o segura em frente ao seu rosto, chorando o mais silenciosamente possível. Mas a criança acorda, olha para ela, alarmada. Ele alcança seus pequenos dedos nas bochechas dela, como se tentasse descobrir através do toque o que ela realmente está fazendo. Deve ser uma expressão que ele não conhecia antes, mesmo que ele a tenha feito diversas vezes em seu um ano e meio de vida. Ele a encara. Ele mesmo está a ponto de chorar, seu rostinho já dobrando naqueles vincos familiares. Ela tenta se conter, limpando os olhos. “Eu estou bem,” ela diz. “Eu estou bem.” Mas continua trêmula. Seu peito está enchendo. A criança sente o cheiro e levanta a boca perto do peito, mas hesita, analisa o rosto da mãe, com medo de que ela o afaste de novo. O choro dela deve ter algo a ver com isso. Ele está fazendo a conexão. Mas tudo isso é demais para ele. O rosto tristonho se eleva até o peito dela. “Mama, mama,” ele implora.

REFERÊNCIAS

VIVAS, Esther. *Mamãe desobediente*: um olhar feminista sobre a maternidade. Tradução: Claudio Cruz, Luciana Carvalho, Marina Waquil e Sandra Navarro. São Paulo: Timo, 2021.

YE, Chun. Milk. *Hao*. Nova York: Catapult, 2021. pp. 56-63.

ENTRE PALAVRAS E BELEZA: A NARRATIVA MULTIFACETADA DE ANDREA BRUCHWITZ

Felipe Hoffman¹

Andrea Bruchwitz, escritora independente, blogueira e redatora para a galeria de arte LUMAS, tem uma forma inusitada de enxergar a sua vocação: em uma entrevista de 2018 para o *blog* feminista K.H.², ela afirma que sua vida gira em torno da beleza das palavras. No entanto, a relação de Andrea com a beleza, de um lado, e com as palavras, de outro, teve diferentes graus de importância ao longo de sua carreira, uma vez que já trabalhou como modelo por um período em que morou na Ásia, além de ter atuado como colunista para revistas femininas.

Essa sua forma singular de enxergar a vida fica clara quando uma amiga lhe pede para escrever um texto respondendo à pergunta “O que é beleza para você?”, como ela relata em seu *blog* em inglês³. Após ter queimado a mão enquanto fazia comida e ter se surpreendido com a capacidade do corpo de se curar por conta própria, descreve a forma como enxerga a beleza nas coisas mais banais: “*Vivemos em um corpo vívido, pulsante, autocurável, milagroso e inexplicável que já foi menor que um grão de areia. Esta é uma das mais elevadas visões de beleza que já vi, senti e experimentei.*”

Após a experiência de ter sido mãe, e também em decorrência do isolamento imposto pela pandemia de coronavírus nos últimos anos, Andrea começou a se dedicar com mais afinco ao seu amor às palavras e, por conseguinte, à sua carreira de escritora. É nesse contexto em que surge a obra “Mama, du bist nicht allein!” (2021) (em tradução livre, “Mamãe, você não está sozinha!”) – coletânea de relatos sobre a maternidade de onde foi retirado o presente conto.

Através de uma narrativa em terceira pessoa, por vezes se utilizando do discurso indireto livre, Andrea faz o que sabe de melhor: com uma linguagem simples e convidativa, ela transforma o doloroso relato de uma mãe que não sente amor pelo seu bebê em razão de um grave quadro de depressão pós-parto em uma tocante história sobre a maternidade dissidente, que agora tenho o prazer de traduzir.

¹ Graduando em Letras. Bacharelado Português e Alemão (Estudos da Tradução).

² HEILEN, Katharina. Autorin Andrea Bruchwitz über Perlen statt Plunder, Mode und ästhetischen Minimalismus, Katharina Heilen, 22 de novembro de 2018. Disponível em: <https://katharinaheilen.com/autorin-andrea-bruchwitz-ueber-perlen-statt-plunder-mode-und-aesthetischen-minimalismus/>. Acesso em: 06 fev. 2023.

³ BRUCHWITZ, Andrea. Hey You! You Have a Beautiful Soul. Mindful Mag. 26 de janeiro de 2022. Disponível em: <https://www.mindful-mag.com/single-post/hey-you-you-have-a-beautiful-soul>. Acesso em: 06 fev. 2023.

Chama a atenção a naturalidade com que a autora trata do tema, que se faz presente já no título do conto. Aqui, longe de ser tido como algo natural para todas as mães, o amor da mãe por seu filho é apresentado como algo que precisa ser cultivado, assim como uma planta que precisa de cuidados para crescer e se desenvolver.

Nesse sentido, embora os verbos “wachsen” em alemão e “crescer” em português sejam frequentemente usados para se referir ao desenvolvimento dos seres vivos, é importante notar que eles não possuem exatamente o mesmo significado. O verbo “wachsen” é geralmente usado para descrever o desenvolvimento orgânico dos seres vivos como um todo, enquanto o verbo “crescer” se refere não apenas ao desenvolvimento orgânico, por exemplo, de uma planta, mas também a uma intensificação de emoções, como o título “O amor cresce com o tempo” poderia sugerir. Portanto, embora ambos os verbos possam ser usados em alguns contextos para descrever o desenvolvimento de seres vivos, cada um tem suas próprias nuances e diferenças em relação ao outro. Essa diferença representou um desafio para a tradução do título, que, pelas razões acima, também poderia ser “O amor se desenvolve com o tempo”.

Além disso, uma vez que na língua alemã o discurso formal se faz mais presente e é utilizado em mais contextos comunicativos do que no português brasileiro, a tradução dos pronomes de tratamento também representou um desafio, que foi contornado na tradução através do uso do respectivo pronome de tratamento mais comumente utilizado em contextos semelhantes no Brasil.

Uma vez amenizado o choque cultural que a tradução literal de tais pronomes poderia causar nos leitores brasileiros, deu-se prioridade ao choque causado pelo próprio conteúdo do relato. Nesse sentido, vale destacar um estranhamento que talvez seja inevitável para o leitor brasileiro: o fato de que, nos países de língua alemã, prioriza-se sempre que possível o parto normal em detrimento da cesárea. A insistência da equipe médica em tentar forçar Antonia a fazer um parto normal quase lhe custou a vida e a deixou com profundos traumas, mas essa é a prática obstétrica adotada nesses países.

Como fica claro a partir da leitura da obra *Mamãe desobediente*, de Esther Vivas, a gravidez, o parto e a amamentação são atos extremamente feministas. O conto de Bruchwitz reflete esse sentimento, enfatizando a importância de cultivar um vínculo amoroso entre mãe e filho, que não deve ser entendido como algo que acontece de forma automática. Isso reforçaria o mito da “boa mãe” tratado por Vivas ao abordar a pressão social que as mulheres sofrem para se encaixarem nesse papel idealizado de mãe perfeita e dedicada exclusivamente à maternidade. Ela argumenta que esse mito é prejudicial para as mulheres, que muitas vezes acabam se culpando e se sentindo inadequadas quando não conseguem cumprir essas expectativas irreais.

Embora aborde temas universais como o vínculo materno, tal conto também lida com questões culturais e obstétricas específicas da Alemanha, o que apresenta desafios de tradução e compreensão para leitores de diferentes países e línguas. É notável, portanto, a capacidade

da obra de Bruchwitz de superar esses desafios e se conectar com diferentes públicos. Sua tradução, por conseguinte, deve refletir essa universalidade, a fim de tornar a mensagem de Bruchwitz acessível para o leitor brasileiro – tarefa esta que espero ter sido bem-sucedida.

LIEBE BRAUCHT ZEIT ZUM WACHSEN

«Der Muttermund ist keine zwei Zentimeter geöffnet.»

«Was? Noch nicht weiter?», fragt Antonia erschöpft.

«Leider nein», antwortet die Ärztin.

«Wir können die PDA erst einleiten, wenn es ungefähr vier Zentimeter sind. Es tut mir leid, Frau Meiss.»

«Wie lange dauert das?», presst Antonia unter Schmerzen hervor.

«Nicht mehr lange. Aber für eine Periduralanästhesie ist es noch zu früh, sonst kann es zu Komplikationen bei der Geburt kommen.»

Die Ärztin wirft einen kurzen Blick auf den Monitor.

«Aber keine Sorge, Ihrem Baby geht's gut.»

Antonia starrt nach oben an die Decke und krallt ihre Hand in die Matratze, dann wandert ihr Blick zur großen Wanduhr. Es ist schon acht Uhr morgens.

«Oh Gott, es tut so weh», stöhnt sie, «ich will doch einfach nur die PDA haben.»

Seit mehr als acht Stunden kämpft Antonia mittlerweile gegen Höllenschmerzen im Unterleib an. Mit jeder neuen Minute verstärkt sich der Schmerz und fühlt sich stechender, schlimmer und tiefer an. Es scheint beinahe, als wolle das Baby ihren Körper in zwei Teile reißen.

«Nein, ich kann nicht mehr! Es reicht! In den anderen Sälen kommt seit Mitternacht ein Baby nach dem anderen zur Welt, aber hier ist kein Ende in Sicht und ich will--»

Die letzten Worte verschluckt Antonia hinter einem großen Kloß im Hals, und wie so häufig in den letzten Stunden fängt sie bitterlich an zu weinen. Sie schluchzt vor Schmerzen, Erschöpfung, Müdigkeit und Hilflosigkeit.

Dieses Kind soll doch einfach nur rauskommen, denkt sie, und es ist ihr vollkommen egal, auf welche Art und Weise.

Bereits nach der Ankunft im Krankenhaus ahnte Antonia, dass sie keine leichte Geburt haben würde. Als sie mit ihrem Mann aufgeregt an der Rezeption ankam, wurde sie von den Krankenschwestern noch liebevoll belächelt. Eine Schwester zwinkerte ihr zu und sagte mit einem triezenden Unterton, dass die meisten Paare beim ersten Kind viel zu früh im Krankenhaus seien.

«Kommen Sie, Frau Meiss, ich bringe Sie erstmal auf ein Zimmer», sagte die nichts ahnende Schwester, «dann können Sie sich ausruhen und etwas schlafen.»

Doch schon im nächsten Moment, als Antonia vor der Rezeption zusammenbrach und ihre Schreie durch den ganzen Flur hallten, war die Schwester alarmiert und holte den Stationsarzt.

«Es geht gleich los! Sofort in den Kreißsaal!», rief der Arzt.

Genau in diesem Moment, als die Uhr um Mitternacht schlug, begannen die schlimmsten Stunden ihres Lebens, denn trotz eines unermüdlichen Kampfes öffnete sich der Muttermund die ganze Nacht lang keinen Zentimeter.

Es geht gleich los?

Von wegen.

Antonia bekam zwar ein leichtes Schmerzmittel verabreicht, allerdings konnte sie die Wirkung davon rocht im Geringsten spüren.

«Die Ärzte geben mir Buscopan?», rief sie wütend.

«Soll das jetzt ein Witz sein? Das nehme ich gegen Regelschmerzen. Diese Wehen sind tausendmal schlimmer als meine stärksten Regelschmerzen!»

Zu diesem Zeitpunkt müsste es etwa vier Uhr morgens gewesen sein.

In den darauffolgenden Stunden saß Antonia in einer Geburtsbadewanne, um sich zu entspannen, doch der Muttermund blieb hart und verschlossen. Danach kamen die Ärzte auf die Idee, ihre Wehenschmerzen mit Lachgas zu lindern, aber schon nach wenigen Minuten brüllte Antonia vor Schmerzen nicht mehr in den Raum hinein, sondern in die transparente Atemmaske.

Es war wie in einem Horrorfilm.

Von der darauffolgenden Medizin, die nun endlich den Muttermund öffnen sollte, wurde Antonia speiübel. Ihre Hebamme hatte einmal gesagt, dass man vor der Geburt möglichst viel essen solle, und so kam alles in mehreren Schüben wieder raus, bis auf den allerletzten Bissen.

Antonia musste sich fünfmal übergeben, vermutlich wegen der unverträglichen Medizin, vielleicht aber auch wegen der zunehmenden Angst, diese Geburt nicht zu überleben.

«Mir reicht's, kann ich jetzt die PDA haben? Es ist acht Uhr morgens.»

Antonia richtet sich entschlossen auf und winkt ihren Ehemann ans Bett heran.

«Ich kann nicht mehr, Jonas, es hilft alles nichts», protestiert sie und schaut bettelnd zu den Ärzten.

«Bitte... bitte!»

Jonas starrt sie mit geröteten Augen an und streichelt ihr liebevoll die Stirn. Auch ihm scheint die Frage durch den Kopf zu gehen, wie seine Frau nach einer schlaflosen Nacht mit entleertem Magen ein Kind zur Welt bringen soll.

«Schatz, du bekommst eine PDA», sagt er tröstend, «aber wir müssen erstmal auf vier Zentimeter kommen, okay?»

Antonia lehnt sich erschöpft zurück und zieht sich die dünne Decke über den Kopf. Während ihrer Schwangerschaft hatte sie alle Frauen belächelt, die während einer Geburt nach Schmerzmitteln oder sogar einer Anästhesie verlangten. In ihrer positiven Zuversicht war Antonia davon überzeugt gewesen, dass man das Gebären eines Kindes auch ohne Narkose

schaffen würde, und ein wenig Schmerz gehörte doch zu einer Geburt dazu. In ihrer ganzen Familie gab es nur schnelle Ruck-Zuck-Geburten mit wenig Aufsehen. Anästhesie, Medikamente und riskante Spritzen ins Rückenmark - das erschien ihr alles übertrieben. Immerhin gebarten Frauen seit Jahrtausenden auf natürliche Art und Weise ihre Kinder, sagte Antonia dann stets zu ihren Freundinnen, das konnte doch alles nicht so schwer sein.

Nie wieder in ihrem ganzen Leben wird sie solch absurde Dinge sagen, denkt sie, und krallt sich wieder in die dünne Matratze hinein.

«Ich kann nicht mehr, wann ist das endlich vorbei?», ruft sie hysterisch.

«Frau Meiss, wir haben es fast geschafft. Sie beide müssen jetzt nochmal stark sein», mahnt der Arzt und schaut Jonas mit Nachdruck an.

Antonia lehnt sich verzweifelt zurück und schließt die Augen, während sie die streichelnde Hand ihres Mannes am Unterarm spürt. Sie versucht mit aller Mühe, ihre Aufmerksamkeit von den Wehen wegzulenken und sich auf die zarten Berührungen von Jonas zu konzentrieren.

Aushalten, einfach nur aushalten, bis alles vorbei ist.

Und nach zwei weiteren qualvollen Stunden ist es endlich soweit: Um zehn Uhr morgens erbarmt sich ihr Körper und öffnet den Muttermund vier Zentimeter weit. Ein Anästhesist drückt ihr die rettende Spritze in die Wirbelsäule, dann breitet sich eine angenehme Taubheit im Rücken aus und legt sich sanft über den Bauchnabel, den Unterleib und die Oberschenkel. Mit müden Augen schaut Antonia zu Jonas und greift nach seiner Hand. Die Schmerzen lassen nach.

Endlich Ruhe.

«Jonas? Bist du da? Ich spüre... wieder irgendetwas», stottert Antonia.

Voller Entsetzen reißt sie ihre Augen auf und krümmt den Oberkörper nach vorne. Noch immer liegt sie im gleichen Bett, im gleichen Zimmer, und der Muttermund bleibt verschlossen. Seit der Ankunft im Krankenhaus sind mittlerweile sechzehn Stunden vergangen und die Geburt zieht sich in den Nachmittag des nächsten Tages hinein. Das Krankenhauspersonal hat sie einen Moment alleine gelassen, damit sie sich ausruhen kann.

«Entschuldigung? Hallo?», ruft Antonia in Richtung des Flures.

«Ich glaube, meine PDA lässt nach!»

Mit entsetzten Augen springt Jonas von seinem Stuhl auf und rennt in den Flur, um Hilfe zu holen. Der Stationsarzt betritt den kleinen Raum mit einem Klemmbrett in der Hand.

«Die PDA... mal sehen... Frau Meiss, das kann nicht sein», sagt der Arzt flüchtig und schüttelt mit dem Kopf.

«Doch, das kommt bestimmt vom Wehenverstärker», wimmert Antonia.

«Hey! Meine Frau hat starke Schmerzen», zischt Jonas mit einem wütenden Unterton, «das denkt man sich doch nicht aus! Sie zittert am ganzen Körper, sehen Sie das nicht?»

«Doch, aber die Dosierung sollte--»

«Holen Sie jetzt den Anästhesisten», sagt Jonas ungeduldig und tritt an den Arzt heran.

Antonia wischt sich mit der Hand eine Träne von der Wange und bewegt kaum sichtbar ihre Lippen.

Danke.

Mittlerweile ist sie am Ende ihrer körperlichen Kräfte angelangt und hat schon längst das Gefühl für Raum und Zeit verloren. Niemals hätte sie gedacht, dass die Geburt ihrer Tochter so langsam und schmerzhaft vorangehen würde.

Als der Anästhesist den Raum betritt, eilt Jonas zu ihm und bittet ihn darum, den Katheter zu überprüfen. Antonia kann das Geschehen mit trüben Augen wahrnehmen, aber die Silhouetten und Gesichter verschwimmen langsam ineinander.

«Meine Frau hat wirklich starke Schmerzen», hört sie ihren Mann vorwurfsvoll sagen, und dann glaubt sie sogar, ihn weinen zu hören.

Im nächsten Moment spürt sie ein heftiges Piksen und Ruckeln am unteren Rücken.

«Wie kann das passieren?», schimpft jemand verärgert.

Tatsächlich ist der Führungskatheter verrutscht und die Betäubung hat nachgelassen.

«Was ist passiert?», fragt sie verwirrt.

«Es wird gleich besser», flüstert Jonas leise.

Antonia verspürt den inneren Drang, sich lauthals über das medizinische Personal zu beschweren, und wütend in die Runde zu brüllen, aus welchem Grund sie sich diese Horrorschmerzen ausdenken sollte. Doch schon beim Luftholen erinnert sie ihr schwacher Körper daran, dass sie ihre letzten Kräfte nicht verschwenden darf.

Als sie ihren Kopf niedergeschlagen nach rechts zum Fenster neigt, bemerkt sie, dass es draußen dunkel wird.

«Die zweite Nacht», jammert sie leise.

Nach einigen Minuten kommt der Stationsarzt in den Raum und tritt mit erwartungsvoller Miene an sie heran.

«Frau Meiss, Sie sollten jetzt nichts mehr spüren. Die zweite PDA ist gelegt.»

«Ja, langsam geht's besser. Gott sei Dank.»

«Wollen wir es nochmal probieren?»

«Was? Wie? Noch ein Versuch?»

«Ja, Ihrem Baby geht es wunderbar und der Muttermund ist schön weit geöffnet. Wir wären dann soweit.»

Antonia blickt die motivierend nickende Hebamme an und sucht in den müden Augen von Jonas nach einem Anhaltspunkt. Was erwarten all diese Menschen, denkt sie, nachdem sie ihre letzten Energiereserven in den letzten zwanzig Stunden längst aus sich rausgebrüllt hat.

«Die Schmerzen sind immerhin weg», brummt sie.

Nein, sie kann jetzt nicht mehr abwägen oder angemessen reagieren, sondern muss nur noch ein einziges Mal funktionieren, damit sich dieser Albtraum endlich dem Ende zuneigt.

«Gut, von mir aus.»

In diesem Moment bemerkt Antonia, dass etwas in ihrem Inneren immer leiser wird und langsam verschwindet. Vorfreude, Ungeduld, Frustration, Hoffnung und Wut - all das weicht einer sonderbaren Gleichgültigkeit. Antonia spürt innerlich rein gar nichts mehr. Es fühlt sich an, als würde sie ihren schwachen Körper runter sich lassen und ihre Präsenz in der Gegenwart mit einem Schalter ausknipsen, einfach nur, um diese Geburt irgendwie zu überleben.

«Kommen Sie, nur noch einmal! Sie schaffen das!»

Die Geburt hat sich in die zweite Nacht hineingezogen. Antonia war schon am frühen Abend am Ende ihrer körperlichen Kräfte, aber nun fühlt es sich an, als ob sie keinen einzigen Tropfen Leben mehr in sich trägt.

«Ich habe doch gesagt, ich will einen Kaiserschnitt», schluchzt Antonia.

Verzweifelt blickt sie in die verschwommenen Gesichter über dem Bett, doch niemand hört auf sie, und es scheint ihr unmöglich, all die verstörenden Gedanken auszusprechen, die ihr gerade durch ihren Kopf gehen.

Seht ihr alle nicht, wie schlecht es mir geht?

Wie lange soll ich mich noch für dieses Baby opfern?

Warum wollt ihr mich zu einer natürlichen Geburt drängen?

Die Hebamme tritt näher an sie heran und nimmt ihre Hand.

«Nur noch einmal, Frau Meiss! Los! Sie schaffen das!»

«Nein, ich will einfach nur, dass das Kind rauskommt! Die zweite PDA lässt auch schon wieder nach Antonia würde so gerne lauter protestieren, weinen, brüllen und wütend den Raum verlassen, aber sie ist in ihrem geschundenen Körper gefangen und kann kaum noch reagieren.

«Es muss aufhören», schreit Antonia.

Plötzlich steigen Todesängste ihre Kehle hoch. Es fühlt sich an, als würde ihr Körper in einen bewusstlosen Schutzmodus verfallen, indem es nur noch ums reine Überleben geht. Kurz vor der Ohnmächtigkeit ruft Antonia noch einmal die gleichen Worte.

«Ich will einen Kaiserschnitt. Gebt mir dieses Dokument... ich unterschreibe.»

Mit Tränen in den Augen schaut Antonia zu Jonas und wirft ihm einen flehenden Blick zu. Ohne Worte erzählen ihre glasigen Augen davon, wie hilflos sie ist und was nun getan werden muss.

Jonas nickt ihr liebevoll zu und packt den Arzt an der Schulter.

«Haben Sie nicht gehört? Sie will einen Kaiserschnitt!»

Antonia atmet erleichtert auf.

«Hören Sie? Wir machen jetzt einen Kaiserschnitt. Meine Frau liegt seit zwei Nächten in den Wehen. Jetzt, sofort!»

«Sind Sie beide sicher? Frau Meiss...?»

Mit einem hastigen Nicken und einer Handbewegung, die eine Unterschrift andeutet, verlangt Antonia nach dem Dokument. Ein Kaiserschnitt ist zwar das letzte, was sie sich gewünscht hat, aber sie muss dieses Baby einfach nur gebären, loswerden, abgeben, und den Höllenschmerz nach mehr als dreißig Stunden beenden.

Das Papier macht leise Knittergeräusche, die schwarzen Buchstaben verschwimmen vor ihren Augen und kurz nach dem Unterschreiben knickt Antonia benommen weg. Dann geht alles ganz schnell Antonia nimmt einen anderen Raum wahr, mit grellen Lampen und fremden Gesichtern, und dann noch mehr Taubheit am ganzen Körper.

« Jetzt gut festhalten», sagt die Hebamme irgendwann.

«Ist es endlich vorbei? »

«Sehen Sie, hier ist Ihre Tochter. »

Als ihr das Mädchen auf die Brust gelegt wird, versucht Antonia mit aller Mühe, in die Gegenwart zurückzufinden, doch ihre Augen fallen zu.

«Schatz, du hast es geschafft», flüstert Jonas.

Wenige Momente später hört sie das glückliche Schluchzen ihres Mannes, der seine Tochter zum ersten Mal in den Armen hält.

«Sie ist wunderschön», sagt er überwältigt.

Doch Antonia kann dem Baby keine Aufmerksamkeit schenken und fällt beinahe in einen Dämmerschlaf.

«Es ist endlich vorbei», murmelt sie erleichtert.

Kurz vor dem Einschlafen realisiert Antonia, dass sie gerade zum ersten Mal ihre Tochter auf der Brust gespürt hat, doch sie empfindet keinerlei Freude oder Überwältigung, kein Mutterglück und vor allem keine Liebe.

Nichts.

«Mensch, Frau Meiss! Sie sollten zufüttern! Das Baby verliert doch mit jedem Tag mehr an Gewicht.»

Die Krankenschwester stellt Antonia ein Glas Wasser ans Bett und beobachtet das Neugeborene, dann tritt sie näher an die Krippe heran und deckt das Mädchen zu.

«Danke, aber ich möchte nicht zufüttern», antwortet Antonia genervt und verdreht die Augen.

In den letzten drei Tagen hat sie sich schon mehrmals mit der Schwester angelegt. Die beiden können sich seit der Geburt nicht leiden.

«Warum nicht? Es wäre das Beste für Ihr Baby.»

«Weil Lily dann noch schlechter meine Brust nimmt. Meine Güte, das Stillen ist schon schwer genug.»

«Das ist ja genau das Problem. Mit dem Stillen klappt es bei Ihnen so gut wie gar nicht. Das Baby nimmt die Brust nicht mal.»

Mit einem Kopfschütteln verlässt die Krankenschwester den Raum und zieht die Tür hinter sich zu.

«Jaja, ich weiß, ich mache alles falsch», murmelt Antonia.

Seit der Geburt liegt sie ganz alleine in diesem winzigen Zimmer, ohne ihren Mann, ihre Eltern oder ihre Schwestern. Wegen der strengen Sicherheitsmaßnahmen während der Corona Pandemie ist jeglicher Besuch untersagt.

«Ich war so naiv... ich bin davon ausgegangen, dass du einfach trinkst», sagt sie trotzig zu ihrer Tochter.

Lily schläft selig in der Krippe neben ihrem Bett. Antonia beobachtet das kleine Mädchen eine Weile und zuckt plötzlich zusammen.

«Autsch!»

Ein stechender Schmerz fährt durch ihre rechte Brustwarze, und Antonia presst sich die flache Hand auf den Mund, um keinen Laut von sich zu geben.

Sie fürchtet den Moment, in dem die Krankenschwester wieder hereinkommt und ihr Lily auf die Brust legt, um das schmerzhaftes Stillen erneut zu probieren. Es klappt einfach nicht.

Die Krankenschwester sagte ihr beim letzten Mal mit einem bevormundenden Unterton, dass die Muttermilch von ganz alleine fließen würde, wenn man das Baby nur richtig anlegt, in der richtigen Position, mit viel Gefühl und Zärtlichkeit.

«Vielleicht nimmt ein perfektes Baby in einer perfekten Welt sofort die Brust, aber ich habe scheinbar keine perfekten Brustwarzen», antwortete Antonia genervt.

Wegen der Kaiserschnittnarbe kann sie das Baby nicht alleine hochheben, und so ist sie dem Krankenhauspersonal völlig hilflos ausgeliefert. Jeder Bewegungsversuch ohne fremde Hilfe scheitert kläglich. Ihre Wunden im Unterleib brennen vor Schmerzen und sie kann sich nur mit Mühe bewegen. Durch den Schweiß und das tagelange Liegen sind ihre Haare mittlerweile so verheddert, dass sie mit einer normalen Haarbürste nicht mehr durchkommt.

Noch immer trägt Antonia den blauen Krankenhauskittel und ihre liebevoll gepackte Krankenhaustasche hat sich als völlig nutzlos erwiesen. Am vorigen Abend wollte sie ein neues Paar Socken anziehen, doch ihre Füße waren völlig aufgequollen. Die eingepackten Unterhosen drückten auf die Kaiserschnittnarbe und der Wollpullover hatte einen zu engen Halsausschnitt. Lieber hätte sie ein großes Stilloberteil mit einem weiten Ausschnitt einpacken sollen.

«Wahrscheinlich bin ich die Einzige, die schon beim Packen alles falsch gemacht hat», murmelt Antonia, «ich will endlich hier raus».

Dummerweise darf ihr wegen der Corona-Pandemie auch niemand etwas vorbeibringen. Sie greift nach ihrem Smartphone, doch dann legt sie es seufzend wieder beiseite. Die Telefonate mit ihrer Familie sind nicht so aufmunternd, wie sie sich anfangs erhofft hat, denn ständig soll sie bloß etwas über das Baby erzählen. Noch immer wartet Antonia darauf, dass jemand nach einer zweitägigen Geburt, bei der sie mehrmals Todesängste hatte, nach ihrem Wohlbefinden fragt.

Du Arme! Hauptsache, dem Baby geht's gut!

Wenn du Lily anschaust, vergisst du den Schmerz, oder?

Klappt es mit dem Stillen? Nimmt die Kleine endlich die Brust?

Nein, sagt Antonia dann im Geiste, ein solches Trauma verschwindet nicht einfach, nur weil sie verzückt ein Baby anschaut. Es ist enorm anstrengend, darauf zu antworten, ob sie schon an den kleinen Babyfüßen gerochen und sich vollends verliebt hat. Nein, nein, und nochmals nein.

Noch immer empfindet sie nur Gleichgültigkeit, Erschöpfung und Verdruss gegenüber Lily.

Wenn die Kleine auf ihrer Brust einschläft, spürt Antonia nicht die erhoffte, alles umfassende Mutterliebe. Dazu hängt ihr die schreckliche Geburt noch viel zu stark in den Knochen.

Plötzlich rinnen zwei Tränen über ihre Wangen, und dann bemerkt sie, dass sie zumindest eines in den letzten Tagen dazugelernt hat: leise zu weinen.

Die Geburt ihres Kindes sollte eigentlich der schönste Moment in ihrem Leben werden, aber nun liegt sie vollkommen alleine und hilflos in einem sterilen Zimmer und fühlt sich wie eine Gefangene im eigenen Körper. Der Kontrast zwischen Erwartung und Realität hätte größer nicht sein können.

«Warum immer ich?», schluchzt Antonia und dreht sich auf die andere Seite, mit dem Rücken zu ihrer Tochter.

Scheinbar bestraft sie das Universum mit schlimmen Symptomen, die keine andere Frau auf dem Planeten erleidet.

Schon während der Schwangerschaft hatte Antonia ähnliche Gedanken, denn sie litt unter furchteinflößenden Beschwerden, von denen ihr niemand vorher erzählt hatte. Als schwangere Frau hatte sie nicht den berühmten «Glow» im Gesicht, eher im Gegenteil: Antonia fühlte sich wie eine kränkliche Großmutter, die schon nach wenigen Treppenstufen keuchen und sich andauernd hinsetzen musste. Ihre Haut spielte vollkommen verrückt und sie hatte von morgens bis abends Rückenschmerzen. Zudem litt sie unter Sodbrennen und etwas Merkwürdiges geschah mit ihrem Schließmuskel, denn es gab Momente, in denen der Stuhl einfach durchrutschte, direkt in die Unterwäsche hinein.

Nein, in keinem Mama-Blog oder Ratgeberbuch hatte sie jemals davon gelesen.

Im Geburtsvorbereitungskurs gaben einige Frauen erst nach wiederholtem Nachfragen zu, dass sie mit ähnlichen Problemen zu kämpfen hatten - oder mit anderen Sorgen, von denen Antonia glücklicherweise verschont blieb. Es waren die gleichen Frauen, die anfangs davon schwärmten, wie wundervoll eine Schwangerschaft sei.

Antonia fand es verblüffend, was für ein verklärtes Bild des Schwangerseins in großen Teilen der Gesellschaft kursierte - und wie das Leben von ohnehin schon leidenden Frauen dadurch erschwert wurde. Nur durch ständiges Nachbohren fand sie allmählich heraus, dass nicht jede Frau ihre Schwangerschaft in vollen Zügen genießt.

Nein, nicht jede Frau ist mit einem kugelrunden Bauch und geschwollenen Füßen übergücklich.

Viele Frauen setzen sich eher mit der Frage auseinander, wann diese unangenehme Phase endlich aufhört. Nicht nur während der Schwangerschaft, sondern auch nach der Geburt.

«Verdammt, es reicht mit diesem Schöngerede», flucht Antonia und rappelt sich im Krankenhausbett auf.

Mit zitternden Händen greift sie nach dem Smartphone, um ihre Schwester anzurufen. Vanessa arbeitet als Krankenschwester in einem anderen Krankenhaus und lässt sich durch nichts aus der Ruhe bringen.

«Vanessa?»

«Huhu», flötet ihre Schwester, «alles gut bei dir?»

Antonia beißt sich auf die Lippen. Sie weiß nicht genau, was sie gerade tut, aber ihre Stimme redet von ganz alleine weiter.

«Geht so... kannst du diese Woche bei uns schlafen?»

«Was ist denn los?»

«Die Entlassung ist erst in drei Tagen, aber ich muss hier raus. Das Krankenhaus ist schrecklich und ich möchte in meinem eigenen Bett gesundgepflegt werden.»

«Oh, okay! Geht es der Kleinen denn gut?»

«Ja... es ist wegen mir. Ich bin total alleine und das Baby... ich weiß auch nicht. Es klappt einfach gar nichts. Ich soll Lily versorgen, aber ich habe keine Ahnung, wie das gehen soll. Und ich fühle gar nichts für dieses Baby.»

Vanessa hält einen kurzen Moment inne, dann ändert sich die Tonalität ihrer Stimme.

«Ich verstehe... lass mich ein paar Anrufe machen, ja? Ich bin für dich da und komme so schnell wie möglich.»

«Danke. Ich drehe durch, wenn du mich hier nicht rausholst. Ich fühle mich wie in einem Gefängnis.»

«Wir schaffen das, okay? Ich hole dich nach Hause. In erster Linie muss es dir als Mutter gutgehen, damit es deinem Kind gutgehen kann.»

«Ja, ich weiß», stammelt Antonia, «aber ich kann einfach nichts mit ihr anfangen. Sie ist mir immer noch total fremd, das ist doch komisch.»

«Keine Sorge, das geht vielen Müttern so. Du bist nicht die Einzige. Du bleibst bitte erstmal in deinem Bett liegen und ruhst dich aus, bis ich dich zurückrufe. Verstanden?»

An der Reaktion ihrer Schwester erkennt Antonia, dass sie tatsächlich nicht die einzige Mutter ist, die mit ihren Muttergefühlen hadert. Vanessa verändert in einigen Situationen ganz subtil ihre Art zu sprechen. Der Klang ihrer Worte hört sich dann professioneller an und sie spricht mit einer routinierten Autorität. Das macht sie nur bei Themen, die ihr häufiger im Krankenhausalltag begegnen.

«Toni, ich rufe dich so schnell wie möglich zurück!»

«Danke», antwortet Antonia erleichtert, dann umschließt sie das Smartphone mit beiden Händen und drückt es an ihr Herz.

Zum ersten Mal seit der Geburt spürt sie ein heftiges Gefühl in sich aufsteigen, das sie mit einem schweren Schlucken wieder herunterdrängen will. Doch die hochwirbelnde Emotion gelangt an die Oberfläche, und mit einem Mal wird Antonia bewusst, dass sie tatsächlich nicht die geringste Form von Mutterliebe empfindet. Es herrscht eine große Leere in ihrem Herzen, obwohl sie sich so sehr darauf gefreut hat, endlich Mutter zu werden. Antonia hat seit Jahren darauf hingearbeitet, schwanger zu werden, und Lily war ein lang ersehntes Wunschkind.

Nur im vertrauten Gespräch mit ihrer Schwester kann sie die verstörenden Gedanken zulassen und sich ernsthaft damit auseinandersetzen: Warum fällt es ihr so schwer, sich emotional auf dieses Baby einzulassen? Und vor allem: Wie kann man als Mutter sein eigenes Kind nicht lieben?

Wie die meisten Frauen ging Antonia davon aus, dass sich Mutterliebe ganz von selbst mit der Geburt des Kindes entfaltet, doch dem war nicht so. Die ersten Tage und Wochen im

eigenen Zuhause waren für Antonia enorm anstrengend und die große Leere in ihrem Herzen verschwand nicht. Jeden Morgen, wenn sie ihre Tochter ansah, fühlte sie sich wie ein gefühlloser Roboter, der das Baby mechanisch wickeln, umziehen, schaukeln und stillen musste.

Antonia konnte mit dem Finger nicht auf die Ursache zeigen, aber sie vermutete, dass die traumatische Geburt etwas mit ihrer Psyche angestellt hatte. War sie währenddessen in eine Art Schutzmodus gerutscht, aus dem sie alleine nicht mehr herauskam? Allerdings sagte ihre Schwester, dass auch Frauen mit einer unkomplizierten in solch ein Gefühlsloch fallen konnten.

Vielleicht wurde Antonia wegen den anhaltenden Schmerzen beim Stillen auch von einer längeren Wochenbettdepression heimgesucht. Wer wusste das schon? Und welchen Unterschied würde es machen, diese dunkle Zeit zu benennen?

Während der Schwangerschaft hatte Antonia gelesen, dass jede siebte Frau von einer Wochenbettdepression betroffen war - aber sie hatte damals nur die Augen verdreht und den Artikel schnell wieder beiseitegelegt. Sie fand den Gedanken verrückt, dass man sein eigenes Kind nach der Geburt nicht lieben konnte. Niemals hätte sie gedacht, dass sie selbst einmal davon betroffen sein könnte.

Auch zu Beginn des zweiten Monats fühlte Antonia mit jedem neuen Tagesanbruch eine dunkle Leere in sich. Ihr eigener Körper war ihr völlig fremd und sie musste immerzu darauf achten, keine hektischen Bewegungen zu machen, um sich vor Stößen zu schützen.

Jonas nahm häufiger erst gegen Mitternacht seine erste warme Mahlzeit ein. Er wollte seiner ausgelaugten Frau möglichst viel Arbeit abnehmen, und dennoch musste er mit gebrochenem Herzen dabei zusehen, wie schlecht es ihr ging. Er kam emotional einfach nicht mehr an sie heran.

Es war keine leichte Zeit für die kleine Familie.

Auch Antonias Mutter äußerte gelegentlich ihre Bedenken: «Du verhältst dich merkwürdig, Kind. Du bist doch gar nicht mehr wirklich hier, oder?»

Doch Antonia zuckte nur emotionslos mit den Schultern und konzentrierte sich schnell wieder auf das, was nötig war: funktionieren, funktionieren, funktionieren. Wickeln, Umziehen, Schaukeln, Stillen, und alles wieder von vorne.

Lediglich mit ihrer Schwester sprach sie heimlich über ihre Zweifel, und das erschien ihr schon schwer genug. Es ergab für sie keinen Sinn, noch mehr unwissende Leute einzuweihen, weder ihre Mutter noch ihren Ehemann.

Was hätten die beiden auch tun sollen?

Immerhin sahen sie alle, dass in ihrem Leben das absolute Chaos herrschte. Beim Stillen musste Antonia vor Schmerzen weinen, denn Lily biss die offenen Wunden an ihren Brustwarzen immer wieder auf, und jedes Mal verkrampfte sich ihr Körper von oben bis unten. Antonia schlief kaum und fand keine Zeit mehr zum Essen oder Duschen. Die kleine Lily war rund um die Uhr auf sie angewiesen, denn sie wollte ständig umsorgt und gestillt werden.

Abgesehen davon, dass Antonia auch im zweiten Monat noch keine emotionale Bindung zu ihrer Tochter spürte, fühlte sie sich zunehmend in die Enge getrieben. Gelegentlich schäumte sie vor Eifersucht, wenn Jonas spontan das Haus verließ oder kurz bei einem Freund vorbeischaute.

Einfach losgehen und alles liegen lassen, das würde für Antonia in den nächsten Jahren nicht mehr möglich sein. Dieser Gedanke jagte ihr eine fürchterliche Angst ein und nahm ihr die Luft zum Atmen.

Acht Wochen nach der Geburt eskalierte die Situation, denn Antonia konnte die schützende Fassade nicht länger aufrechterhalten. Es geschah an einem regnerischen Mittwochnachmittag, als ihre Mutter zu Besuch war. Die beiden tranken gemeinsam einen Tee und irgendwann stand Antonia auf, um die Zuckerdose aus dem Küchenschrank zu holen. Dabei offenbarte sich eine große Packung Milchpulver.

«Mensch, Antonia», rief ihre Mutter empört, «du musst dein Baby doch stillen.»

Mit einem vorwurfsvollen Kopfschütteln stellte sie ihre Teetasse ab und wartete auf eine Erklärung ihrer Tochter.

«Ach Mama, lass mich einfach», antwortete Antonia genervt.

Mit einer leichten Handbewegung wollte sie das unangenehme Thema abhaken und weiter über die angenehm trivialen Alltagsprobleme ihrer Mutter sprechen.

«Nein, ehrlich! Du kannst doch kein Milchpulver nehmen. Was tust du deinem Kind da an? Meine Güte!»

«Mama», zischte Antonia, «ich habe weniger als drei Stunden geschlafen.»

«Dein Baby braucht deine Muttermilch und die ganzen Antikörper», protestierte ihre Mutter, «das ist wie eine natürliche Impfung. Du willst doch kein krankes Kind mit lauter Allergien großziehen.»

In diesem Moment zuckte Antonia vor Schmerzen zusammen. Die Wunde an ihrer linken Brustwarze, an der sich gerade eine Blutkruste gebildet hatte, flammte wieder auf. Antonia verstand das Warnsignal ihres Körpers.

«Mama, es reicht jetzt!», schimpfte sie.

«Ich wollte dir eigentlich nicht erzählen, dass ich eine Stillpause mache, weil ich wusste, dass du mich verurteilst! Ich habe mich sogar geschämt, aber weißt du was? Das ist mir alles völlig egal. Ich muss gar nichts! Ich muss mir selbst nichts beweisen, und vor allem muss ich dir nichts beweisen. Ich kann selbst über meine Brüste und meinen Körper entscheiden und ich mache nichts mehr, was mir wehtut. Das habe ich viel zu lange gemacht. Wenn ich momentan nicht stillen will, dann ist das eben so. Punkt. Das heißt nicht, dass ich selbstsüchtig bin, oder eine schlechte Mutter.»

«Aber Antonia, ich wollte doch nur--»

«Was wolltest du, Mama? Du hast seit der Geburt immer nur gefragt, wie es Lily geht. Lily, Lily, Lily! Denkst du wirklich, dass ich die schreckliche Geburt sofort wieder vergesse, nur weil ich das Baby angucke? Das ist völliger Blödsinn! Warum erwartet ihr alle von mir, dass ich so tue, als hätte es diese Horrorgeburt nie gegeben? Ich habe langsam echt genug davon, dass es immer nur um das Baby geht. Ich habe wirklich gelitten, und ich dachte sogar, ich muss sterben.»

Und genau in diesem Moment, als Antonia in die glasigen Augen ihrer Mutter blickte, platzte der innere Knoten mit einem lauten Knall. Ihre Seele öffnete sich und das verletzte «Ich» drang zurück an die Oberfläche. All die Schutzmechanismen der letzten Wochen brachen in sich zusammen und Antonia verstand plötzlich, dass sie ihre ambivalenten Emotionen zulassen musste, um vorwärts zu kommen. Sie musste ihre negativen Gefühle endlich annehmen und sich eingestehen, dass ihr kleines Baby in vielerlei Hinsicht für Enttäuschung, Wut und Erschöpfung sorgte.

Und vor allem musste sie akzeptieren, dass Mutterliebe nicht bei allen Frauen naturgegeben war.

Niemals hätte sie damit gerechnet, denn ihre Eltern waren über dreißig Jahre lang glücklich verheiratet. Seit ihrer Kindheit kannte Antonia nur Harmonie und bedingungslose Unterstützung innerhalb der Familie - und dennoch war gerade sie es, die keine Mutterliebe empfinden konnte.

Sie gehörte nun einmal zu dieser Gruppe von Frauen, ob sie es wollte oder nicht.

Die Erfahrungen der letzten Wochen lehrten sie, dass sich einige Frauen der Mutterschaft langsam annähern mussten, um die Liebe zum eigenen Kind aus dem Nichts zu erschaffen. Es war noch nicht abzusehen, wie lange es bei ihr dauern würde, vielleicht einen Monat oder ein ganzes Jahr. Antonia wusste lediglich, dass sie ganz vorsichtig und geduldig sein musste, vor allem in solch schwierigen Zeiten, in denen sie sich selbst nicht mehr wiedererkannte.

«Tut mir leid, das wollte ich nicht», sagte ihre Mutter bedrückt und riss sie aus ihren Gedanken heraus.

«Wenn du nicht stillen möchtest, dann ist das natürlich deine Entscheidung. Ich wusste nicht, dass es so schlimm wehtut. Sonst ist aber alles in Ordnung?»

«Ist schon gut, Mama», antwortete Antonia sanft.

Es war ein innerer Kampf, der so aufreibend und intensiv war, dass sie die ganze Wahrheit nur in die vertrauten Hände ihrer Schwester legen wollte.

Antonia stellte die Zuckerdose leise auf den Tisch und beugte sich etwas nach vorne, um ihren Tee zu süßen. Beim Hochschauen bemerkt sie, dass ihre Schwester stillschweigend im Türrahmen stand.

Vanessa hatte die Situation beobachtet und nickte ihr aufmunternd zu.

Es ist in Ordnung, Toni, du musst ihr nicht alles erzählen.

Dafür bin ich doch da.

«Schau» mal, Mama, da kommt ein Überraschungsgast!»

Mit einem sanften Lächeln bedankte sich Antonia bei ihrer großen Schwester und winkte sie erleichtert in die Küche herein.

In ihren abendlichen Telefonaten hatten Antonia und Vanessa schon mehrmals darüber gesprochen, wie viele Mütter diesen Kampf heimlich mit sich austrugen - und warum in den Vorbereitungskursen nur selten darüber gesprochen wurde.

Es war ein harter Weg, den Antonia in den darauffolgenden Wochen gehen musste, aber sie nahm sich viel Zeit und meisterte die Herausforderung in ihrem eigenen Tempo. Nach der Stillpause tastete sie sich ganz vorsichtig an die nächsten Versuche heran. Mit dem Wissen, dass sie selbst über ihren Körper entscheiden und jederzeit wieder aufhören konnte, klappte es auf Anhieb mit dem Stillen, und mit jeder Woche kam ein wenig mehr Routine dazu.

Dann wollte Antonia vorsichtig erkunden, wie die Liebe zu ihrem Kind im Alltag aussehen könnte und sich daran langsam gewöhnen. Mit jedem Tagesanbruch entschied sie sich erneut dazu, ihr Baby lieben zu wollen, und sie sagte jeden Morgen ganz bewusst die Worte «Ich liebe dich» zu ihrer Tochter, sogar in jenen Momenten, in denen sie noch nichts fühlen konnte. Von Tag zu Tag glaubte Antonia mehr daran, dass sie eine wundervolle Mutter sein würde, obwohl sie die Bindung noch nicht intensiv spüren konnte und sich stetig vorarbeiten musste. Es war doch ebenso in engen Freundschaften, Partnerschaften und Ehen, dachte Antonia, dass die Verbundenheit zwischen zwei Menschen über einen längeren Zeitraum hinweg wuchs und sich irgendwann in Liebe verwandelte.

Bei manchen Müttern war es ganz genauso.

So geschah es auch bei Antonia und Lily, denn nach einer Weile gluckste das Baby sie jeden Morgen hocheifrig an und Antonia erwiderte die Begrüßung mit einem strahlenden Lächeln.

Dadurch begann Antonia nach einer Weile, die Worte «Ich liebe dich» tatsächlich in ihrem Herzen zu fühlen. Es geschah über einen längeren Zeitraum hinweg, mit enorm viel Geduld, Willenskraft und Zuversicht.

Mutter und Tochter erschufen ihre gegenseitige Bindung im stillen Einverständnis, und zwar solange, bis sich Antonia ein Leben ohne Lily nicht mehr vorstellen konnte.

Und so kam der wundervolle Tag, an dem Antonia bemerkte, dass sie ihre kleine Tochter wirklich über alles liebte, und dass Liebe manchmal nur etwas Zeit zum Wachsen braucht.

O AMOR CRESCE COM O TEMPO

— O colo do útero mal dilatou dois centímetros.

— O quê? — Ainda nada? — pergunta Antonia exausta.

— Infelizmente não —, responde a médica.

— Só podemos iniciar a peridural após uma dilatação de cerca de quatro centímetros.

Sinto muito, Antonia.

— E isso demora? — murmura Antonia sob fortes dores.

— Não muito. Mas ainda é muito cedo para a anestesia peridural. Se aplicada antes, pode haver complicações no parto.

A médica lança um breve olhar ao monitor.

— Mas não se preocupe, seu bebê está bem.

Antonia olha para o teto e se agarra ao colchão, e então volta seu olhar para o grande relógio na parede. Já são oito da manhã.

— Meu Deus, dói tanto — geme — só quero tomar a peridural.

Antonia sente uma dor infernal no abdômen há mais de oito horas. A dor se intensifica e a cada minuto parece mais aguda e mais profunda. Parece até que o bebê quer rasgar seu corpo em dois.

— Eu não aguento mais! Já chega! Desde meia-noite nasce um bebê após o outro nos outros quartos, e por aqui isso parece não ter fim. Eu quero...

Antonia engoliu as últimas palavras com um enorme nó na garganta e, como tantas vezes nas últimas horas, começou a chorar amargamente. Ela soluça de dor, exaustão, cansaço e desamparo.

“Só quero que esta criança saia”, pensa, e não dava a mínima para como isso se daria.

Logo que chegou ao hospital, Antonia já desconfiou que não seria um parto fácil. Quando ela e o marido chegaram animados à recepção, as enfermeiras sorriram carinhosamente para ela. Uma delas piscou e disse, brincando, que a maioria dos pais de primeira viagem chegam ao hospital cedo demais.

— Venha, Antonia, primeiro vou levá-la para um quarto — disse a enfermeira inocentemente —, então você pode descansar e dar uma dormida.

Mas no momento seguinte, quando Antonia desabou em frente à recepção e seus gritos ecoaram por todo o corredor, a enfermeira se assustou e chamou o médico da ala.

— Tá começando! Já para a sala de parto! — gritou o médico.

Nesse exato momento, quando o ponteiro bateu meia-noite, começaram as piores horas de sua vida, porque apesar de uma luta incansável, o colo do útero não havia dilatado nem um centímetro a noite toda.

Tá começando?

Nada disso.

Embora Antonia tivesse tomado um analgésico leve, ela não sentiu nem um pinga do seu efeito.

— Os médicos estão me dando Buscopan!? — gritou com raiva. — É sério isso!? Eu tomo isso para cólica. Essas contrações são mil vezes piores do que minhas cólicas!

A essa altura, deveria ser por volta das quatro da manhã.

Nas horas que se seguiram, Antonia sentou-se em uma banheira de parto para relaxar, mas o colo do seu útero permaneceu duro e fechado. Depois disso, os médicos tiveram a ideia de usar óxido nítrico para aliviar as dores das contrações, mas, passados alguns minutos, Antonia não estava mais gritando na sala, e sim na máscara respiratória transparente.

Era como em um filme de terror.

O remédio que se seguiu, que finalmente deveria dilatar o colo do útero, deixou Antonia com fortes náuseas. Sua doula uma vez lhe disse para comer o máximo possível antes do parto, então tudo saiu em várias golfadas, até a última mordida.

Antonia teve que vomitar cinco vezes, provavelmente por causa da intolerância ao remédio, mas talvez também pelo medo crescente de não sobreviver ao parto.

— Já chega, posso receber a peridural agora? São oito da manhã.

Antonia se endireita decidida e acena para o marido na cama.

— Não aguento mais, Jonas, nada resolve — protesta e olha suplicante para os médicos.

— Por favor... por favor!

Com os olhos vermelhos, Jonas a encara e carinhosamente acaricia sua testa. Ele também parece estar se perguntando como sua esposa vai dar à luz depois de uma noite em claro com o estômago vazio.

— Querida, você vai receber a peridural — ele disse, reconfortando-a —, mas primeiro precisamos de quatro centímetros, ok?

Exausta, Antonia se inclina para trás e cobre a cabeça com o fino cobertor. Durante a gravidez, ela havia ridicularizado todas as mulheres que pediam analgésicos ou mesmo anestesia durante o parto. Com seu otimismo, Antonia estava convencida de que o parto poderia ser feito sem anestesia, e que um pouco de dor fazia parte do processo. Toda a sua família teve partos rápidos e sem complicações e furor. Anestesia, medicamentos e injeções arriscadas na medula espinhal - tudo parecia excessivo para ela. “Afiml, há milhares de anos as mulheres dão à luz naturalmente”, Antonia dizia sempre às amigas, “não pode ser tão difícil assim”.

Nunca mais na vida direi esses absurdos, pensa, e se agarra novamente ao fino colchão.

— Eu não aguento mais, quando isso vai acabar? — grita histericamente.

— Antonia, estamos quase lá. Agora preciso mais uma vez que vocês sejam fortes — avisa o médico e olha enfaticamente para Jonas.

Desesperada, Antonia se deita novamente e fecha os olhos enquanto sente a mão do marido acariciando seu punho. Ela se esforça para desviar sua atenção das contrações e se concentrar no toque carinhoso de Jonas.

Esperar, apenas esperar até que tudo isso acabe.

E depois de mais duas horas excruciantes, finalmente chegou o momento: às dez da manhã, seu corpo se compadece dela e dilata o colo do útero quatro centímetros. Um anestesista aplica a injeção salvadora em sua coluna, então ela sente uma agradável dormência se espalhar por suas costas e se instalar suavemente sobre seu umbigo, abdômen e coxas. Antonia olha para Jonas com os olhos cansados e segura sua mão. A dor diminui.

Enfim, paz.

— Jonas? Você está aí? Estou sentindo... de novo —, gagueja Antonia.

Ela arregala os olhos horrorizada e inclina a parte superior do corpo para a frente. Ainda está na mesma cama, no mesmo quarto, e o colo do seu útero continua fechado. Já se passaram 16 horas desde que chegaram ao hospital e o parto se arrasta pela tarde do dia seguinte. A equipe a deixou sozinha por um tempo para que ela pudesse descansar.

— Com licença? Alguém aí? — grita Antonia na direção do corredor.

— Acho que minha peridural está perdendo o efeito!

Com os olhos horrorizados, Jonas pula da cadeira e corre para o corredor para buscar ajuda. O médico da ala entra na pequena sala com uma prancheta na mão.

— A peridural.... vejamos... Antonia, não pode ser —, diz o médico furtivamente e balança a cabeça.

— Sim, com certeza vem da ocitocina — choraminga Antonia.

— Ei! Minha esposa está com muitas dores —, sibila Jonas em tom raivoso — ninguém simplesmente inventa esse tipo de coisa! Ela está tremendo toda, não está vendo?

— Sim, mas a dosagem deve...

— Chame agora o anestesista — diz Jonas impaciente e se aproxima do médico.

Antonia enxuga uma lágrima da bochecha com a mão e mal mexe os lábios.

Obrigada.

Nesse meio-tempo, ela chegou ao fim de suas forças físicas e perdeu completamente sua noção de espaço e tempo. Nunca havia imaginado que o parto de sua filha seria tão lento e doloroso.

Quando o anestesista entra na sala, Jonas corre até ele e pede que verifique o cateter. Com a visão turva, Antonia percebe o que está acontecendo, mas as silhuetas e os rostos vão se confundindo lentamente.

— Minha esposa está com muita dor — ela ouve o marido dizer em tom de reprovação, e então até pensa que o escuta chorar.

No momento seguinte ela sente uma violenta pontada e puxões na parte inferior das costas.

— Como pode uma coisa dessas? — repreende alguém com raiva.

Na verdade, o cateter-guia havia escorregado e a anestesia perdido o efeito.

— O que aconteceu? — pergunta confusa.

— Já vai passar — sussurra Jonas.

Antonia sente vontade de reclamar da equipe médica aos gritos e perguntar raivosamente para todos ali por que razão ela estaria inventando essa dor horrível. Mas logo que consegue recuperar o fôlego, sua fraqueza a faz lembrar de que não valeria a pena usar suas últimas forças para isso.

Ao inclinar a cabeça desanimada para a direita em direção à janela, percebe que está escurecendo.

— A segunda noite — lamenta em voz baixa.

Depois de alguns minutos, o médico da ala entra na sala e se aproxima com um olhar esperançoso.

— Antonia, você já não deve sentir mais nada. A segunda peridural está sendo aplicada.

— Sim, aos poucos está melhorando. Ainda bem.

— Podemos tentar de novo?

— O quê? Como assim? De novo?

— Sim, o seu bebê está bem e o colo do útero está bem dilatado. Acho que chegou a hora.

Antonia olha para a doula, que assente em tom encorajador, e procura uma pista nos olhos cansados de Jonas. “O que essas pessoas esperam”, pensa, depois de ter esgotado todas as suas energias nas últimas vinte horas.

— Pelo menos não sinto mais dores — resmunga.

Ela já não consegue mais ponderar ou reagir de forma adequada, e precisa funcionar só mais uma vez para que esse pesadelo finalmente acabe.

— Por mim, tudo bem.

É quando Antonia percebe que algo dentro dela vai se aquietando cada vez mais e aos poucos vai desaparecendo. Antecipação, impaciência, frustração, esperança e raiva dão lugar a uma estranha indiferença. Antonia não sente absolutamente mais nada. É como se deixasse seu corpo fraco para trás e desligasse sua presença naquele instante com um botão apenas para sobreviver de alguma forma ao parto.

— Vamos, só mais uma vez! Você consegue!

O parto se arrastou até a segunda noite. Antonia já estava no fim de suas forças físicas no início da noite, mas agora sente como se já não tivesse sequer uma gota de vida.

— Mas eu disse que queria cesárea — soluça Antonia.

Desesperada, ela olha para os rostos borrados do outro lado da cama, mas ninguém a escuta e parece impossível expressar todos os pensamentos perturbadores que passam por sua cabeça.

Vocês não veem como estou mal?

Quanto tempo mais vou me sacrificar por esse bebê?

Por que vocês querem me forçar a fazer parto normal?

A doula se aproxima dela e pega sua mão.

— Só mais uma vez, Antonia! Vamos! Você consegue!

— Não, eu só quero que a criança saia! A segunda peridural já está perdendo o efeito!

Antonia adoraria reclamar mais alto, chorar, gritar e sair raivosamente da sala, mas está presa a um corpo debilitado que mal consegue reagir.

— Já chega! — grita Antonia.

De repente, sente o medo da morte subir-lhe a espinha. Sente como se seu corpo estivesse entrando em um modo de proteção inconsciente, tratando meramente de sobreviver. Pouco antes de desmaiar, Antonia grita novamente as mesmas palavras.

— Eu quero uma cesárea. Me dá aqui o documento... eu vou assinar.

Com os olhos cheios d'água, lança um olhar suplicante para Jonas. Sem precisar de palavras, seu olhar vidrado revela como ela está indefesa e o que precisa ser feito agora.

Jonas acena para ela amorosamente e puxa o médico pelo ombro.

— O doutor não ouviu? Ela quer uma cesárea!

Antonia dá um suspiro de alívio.

— Ouviu? Vamos fazer uma cesárea agora. Minha esposa está em trabalho de parto há duas noites. Agora! Já!

— Vocês têm certeza? Antonia...?

Com um rápido aceno e um gesto com a mão sugerindo uma assinatura, Antonia pede o documento. Uma cesárea era a última coisa que ela queria, mas tudo o que precisa é dar à luz e acabar com essa dor infernal depois de mais de trinta horas.

O papel se dobra suavemente, as letras pretas ficam borradas diante de seus olhos, e, logo depois de assiná-lo, Antonia desaba em transe. Então tudo acontece muito rápido, percebe uma sala diferente, com luzes fortes e rostos estranhos, e depois ainda mais dormência por todo o corpo.

— Agora segura firme — diz a doula a uma certa altura.

— Já acabou?

— Olha só, aqui está a sua filha.

Quando a menina é colocada em seu peito, Antonia tenta com todas as suas forças encontrar o caminho de volta para o presente, mas seus olhos se fecham.

— Querida, você conseguiu — sussurra Jonas.

Algum tempo depois, ela ouve o marido soluçando de alegria ao segurar a filha nos braços pela primeira vez.

— Ela é linda — diz emocionado.

Mas Antonia não consegue dar atenção ao bebê e quase cai em um sono crepuscular.

— Até que enfim — murmura aliviada.

Pouco antes de adormecer, Antonia percebe que segurou a filha no peito pela primeira vez, mas não sente nenhum tipo de alegria ou êxtase, nem felicidade em ser mãe e, sobretudo, nenhum amor.

Nada.

— Nossa, Antonia! Você precisa dar de mamar! Ela está perdendo peso a cada dia que passa.

A enfermeira coloca um copo d'água ao lado da cama de Antonia e observa a recém-nascida, depois se aproxima do berço e a cobre.

— Obrigada, mas não quero — responde Antonia irritada enquanto revira os olhos.

Nos últimos três dias ela brigou várias vezes com a enfermeira. As duas não se dão bem desde o parto.

— Por que não? Seria o ideal para o seu bebê.

— Porque a Lily vai pegar meu peito com muita força. Meu Deus, amamentar é muito difícil.

— É exatamente esse o problema. Você não está conseguindo amamentar. Ela mal pega no peito.

Com um aceno de cabeça, a enfermeira sai do quarto e fecha a porta.

— Sim, eu sei que estou fazendo tudo errado — murmura Antonia.

Desde que Lily nasceu, Antonia está deitada sozinha em um quarto minúsculo, sem o marido, os pais ou as irmãs. Devido às rígidas medidas de segurança durante a pandemia de coronavírus, todas as visitas estão proibidas.

— Fui tão ingênua... pensei que você só fosse mamar e pronto —, diz ela desafiadoramente à filha.

Lily dorme tranquilamente no berço ao lado de sua cama. Antonia observa a menina por um tempo e de repente estremece.

— Ai!

Uma dor lancinante percorre seu mamilo direito e Antonia cobre a boca com a mão para não gritar.

Ela teme a hora em que a enfermeira voltará e colocará Lily em seu peito para mais uma dolorosa tentativa de amamentação. Isso simplesmente não está funcionando.

A enfermeira disse a ela da última vez, em tom de superioridade, que o leite sairia por si só se ela simplesmente pegasse o bebê corretamente, na posição certa, com muito amor e delicadeza.

— Talvez um bebê perfeito em um mundo perfeito pegue o peito de imediato, mas aparentemente eu não tenho mamilos perfeitos — respondeu Antonia, irritada.

Em razão da cicatriz da cesárea, ela não consegue levantar a bebê sozinha, ficando à mercê da equipe do hospital. Qualquer tentativa de se mover sem ajuda falha miseravelmente. Suas cicatrizes no abdômen ardem e ela tem dificuldade para se mover. Por causa do suor e de ficar ali deitada por dias, seu cabelo ficou tão embaraçado que não consegue mais penteá-lo com uma escova de cabelo normal.

Antonia ainda está vestindo a camisola azul do hospital e sua bolsa cuidadosamente arrumada acabou sendo completamente inútil. Na noite anterior ela quis colocar um novo par de meias, mas seus pés estavam muito inchados. As calcinhas que trouxera pressionavam a cicatriz da cesárea e o decote do suéter de lã estava desconfortavelmente apertado. Ela deveria ter trazido uma blusa de amamentação com um decote largo.

— Provavelmente sou a única que fez tudo errado ao preparar a mala — murmura Antonia —, preciso sair daqui o quanto antes.

Infelizmente, ninguém pode levar nada para ela por causa da pandemia de coronavírus. Pega o celular, mas o deixa de lado com um suspiro. Os telefonemas para sua família não são tão animadores como ela esperava no começo, porque só querem falar sobre a Lily. Antonia ainda espera que alguém pergunte sobre seu estado após um parto de dois dias, em que ela pensou que fosse morrer várias vezes.

Pobrezinha! O mais importante é que o bebê está bem!

Quando você olha para a Lily, você esquece da dor, não é mesmo?

Como está indo a amamentação? A pequenina já está pegando o peito?

Não, diz Antonia mentalmente, esse trauma não desaparece só porque está olhando extasiada para um bebê. É muito cansativo para ela responder se já sentiu o cheirinho dos pezinhos da bebê e se apaixonou completamente. Não, não e não.

Ainda só sente indiferença, exaustão e desprazer em relação à Lily.

Quando a pequenina adormece em seu peito, Antonia não sente o amor maternal incondicional que esperava. Ela ainda sente o terrível parto pesar em seus ossos.

De repente, duas lágrimas correm por seu rosto, e então ela percebe que aprendeu pelo menos uma coisa nos últimos dias: a chorar em silêncio.

O nascimento da sua filha deveria ser o momento mais belo de sua vida, mas agora ela está completamente sozinha e desamparada em um quarto estéril e se sente como uma prisioneira em seu próprio corpo. O contraste entre expectativa e realidade não poderia ser maior.

— Por que sempre eu? — Antonia soluça e se vira para o outro lado, dando as costas para a filha.

Aparentemente, o universo a castiga com sintomas terríveis que nenhuma outra mulher no planeta sofre.

Antonia teve pensamentos semelhantes durante a gravidez, pois sentia sintomas assustadores, sobre os quais ninguém havia lhe contado antes. Quando estava grávida, ela não tinha o famoso “brilho nos olhos”, muito pelo contrário: Antonia se sentia como uma avó doente que começava a ofegar depois de apenas alguns passos e tinha que ficar sentada o tempo todo. Sua pele a deixava completamente enlouquecida e tinha dores nas costas da hora que acordava até a hora de dormir. Também sofria de azia e algo estranho estava acontecendo com seu esfíncter, pois havia horas em que as fezes simplesmente escapavam, indo direto para sua calcinha.

Não, ela nunca tinha lido sobre isso em nenhum *blog* ou livro sobre maternidade.

No curso de preparação para o parto, algumas mulheres admitiram apenas após repetidas perguntas que haviam lidado com problemas parecidos - ou com outras preocupações de que Antonia foi felizmente poupada. Foram as mesmas mulheres que inicialmente falaram de como a gravidez era maravilhosa.

Antonia achou incrível a imagem glorificada da gravidez que circula em grande parte da sociedade - e como a já sofrida vida das mulheres ficou ainda mais difícil com isso. Foi só por meio de constantes pesquisas que ela descobriu gradualmente que nem toda mulher aproveita sua gravidez ao máximo.

Não, nem toda mulher fica feliz com uma barriga redonda e pés inchados.

Muitas mulheres estão mais preocupadas com a questão de quando essa fase desagradável finalmente terminará. Não só durante a gravidez, mas também após o parto.

— Droga, chega dessa conversa fiada — diz Antonia e se levanta da cama do hospital.

Com as mãos trêmulas, ela pega o celular e liga para a irmã. Vanessa trabalha como enfermeira em outro hospital e nada tira sua tranquilidade.

— Vanessa?

— Ei! — diz docemente sua irmã — tudo bem com você?

Antonia morde os lábios. Ela não sabe muito bem o que está fazendo, mas sua voz continua falando sozinha.

— Tudo bem... você pode dormir com a gente esta semana?

— O que foi?

— A alta é só daqui a três dias, mas preciso ir embora. O hospital é horrível e eu quero me recuperar na minha própria cama.

— Ah, tudo bem! A pequenina está bem?

— Sim... é por causa de mim. Estou totalmente sozinha e a Lily... a Lily eu não sei. Simplesmente nada funciona. Eu deveria cuidar dela, mas não tenho ideia de como fazer isso. E eu não sinto nada por ela.

Vanessa fica calada por um momento, e então muda o tom de voz.

— Entendo... me deixa fazer algumas ligações, ok? Estou aqui para o que você precisar e irei para aí o mais rápido possível.

— Obrigada. Eu vou enlouquecer se você não me tirar daqui. Eu me sinto como se estivesse na prisão.

— Vai ficar tudo bem, ok? Vou te levar para casa. Em primeiro lugar, como mãe, você deve estar bem para que sua filha possa estar bem.

— Sim, eu sei —, gagueja Antonia — mas simplesmente não consigo me relacionar com ela. Ela ainda é uma estranha para mim, isso é muito esquisito.

— Não se preocupe, muitas mães se sentem assim. Você não é a única. Por favor, fique na cama e descanse até eu ligar de volta, entendido?

Pela reação da irmã, Antonia percebe que na verdade não é a única mãe que briga com seus sentimentos maternos. Em algumas situações, Vanessa muda sutilmente a forma de falar. O tom de suas palavras soa mais profissional e ela fala com a autoridade de uma pessoa experiente. Ela só faz isso com assuntos com os quais lida com mais frequência na rotina do hospital.

— Tonia, te ligo o mais rápido possível!

— Obrigada — responde Antonia aliviada, depois aperta o celular com as duas mãos e o pressiona contra o peito.

Pela primeira vez desde o parto, sente uma sensação forte subir-lhe a espinha, que ela tenta empurrar novamente para baixo engolindo com força. Mas o turbilhão de emoções vem à tona e, de repente, Antonia percebe que na verdade não sente o mínimo de amor maternal. Há um grande vazio em seu coração, embora ela estivesse tão ansiosa para finalmente ser mãe. Antonia vinha tentando engravidar há anos, e Lily era uma criança muito desejada.

Somente em uma conversa íntima com a irmã ela poderia admitir os pensamentos perturbadores e lidar com eles com seriedade: por que é tão difícil para ela se envolver emocionalmente com o bebê? E mais ainda: como pode uma mãe não amar sua própria filha?

Como a maioria das mulheres, Antonia supunha que o amor materno se desenvolveria naturalmente com o nascimento de um filho, mas não foi bem assim. Os primeiros dias e semanas em casa foram extremamente cansativos para Antonia, e o grande vazio em seu coração não foi preenchido. Todas as manhãs, ao olhar para a filha, ela se sentia como um robô insensível, trocando as fraldas e as roupinhas, embalando e amamentando mecanicamente o bebê.

Antonia não poderia apontar o dedo para a causa, mas suspeitava que o parto traumático tivesse mexido com sua psique. Haveria ela, nesse meio-tempo, caído em uma espécie de modo protetor do qual não conseguia mais sair sozinha? No entanto, sua irmã disse que mesmo mulheres com um parto descomplicado podem cair nesse buraco emocional.

Talvez Antonia também sofresse de uma depressão pós-parto prolongada por causa da dor persistente durante a amamentação. Quem poderia saber? E que diferença faria dar um nome para esse período sombrio?

Durante a gravidez, Antonia havia lido que uma em cada sete mulheres sofre de depressão pós-parto – mas na época apenas revirou os olhos e logo deixou o artigo de lado. Achava loucura pensar que uma mãe não poderia amar seu próprio filho depois que ele nascesse. Nunca teria pensado que ela mesma poderia ser afetada por isso.

No início do segundo mês, Antonia ainda sentia um vazio enorme a cada novo amanhecer. Sentia que seu próprio corpo era completamente estranho e sempre tinha que tomar cuidado para não fazer movimentos bruscos.

Jonas costumava fazer sua primeira refeição quente por volta da meia-noite. Ele queria livrar sua esgotada esposa de todo o trabalho possível, e ficou com o coração partido de ver como ela estava mal. Ele simplesmente não conseguia se aproximar dela emocionalmente.

Não foi um período fácil para a pequena família.

A mãe de Antonia ocasionalmente expressava suas preocupações: — Você anda estranha, filha. Sinto que você não está mais aqui, sabe?

Mas Antonia apenas dava de ombros sem demonstrar qualquer emoção e rapidamente se concentrou no que era necessário: trabalhar, trabalhar, trabalhar. Trocar fralda, trocar a roupa, embalar, amamentar e tudo de novo.

Apenas com a irmã ela falava secretamente sobre suas dúvidas, e isso já lhe parecia bastante difícil. Não fazia sentido para ela envolver sua mãe e seu marido nisso.

O que os dois poderiam ter feito?

Afinal, todos viam que em sua vida reinava o caos absoluto. Antonia chorava de dor ao amamentar, pois Lily mordida as feridas abertas em seus mamilos, e toda vez que mamava seu corpo tinha espasmos que iam dos pés à cabeça. Antonia mal dormia e não encontrava mais tempo para comer ou tomar banho. A pequena Lily dependia dela 24 horas por dia, 7 dias por semana, porque queria atenção e mamar constantemente.

Além de não sentir um vínculo afetivo com a filha já no segundo mês, Antonia se sentia cada vez mais encurralada. Ocasionalmente, ela espumava de ciúmes quando Jonas saía de casa espontaneamente ou parava na casa de um amigo.

Ir embora e deixar tudo para trás já não seria mais possível para Antonia nos próximos anos. Esse pensamento a aterrorizou e a deixou sem ar.

Oito semanas após o parto, a situação piorou porque Antonia não conseguiu mais manter a fachada protetora. Isso foi em uma chuvosa tarde de quarta-feira, quando sua mãe havia ido visitá-la. As duas estavam tomando chá e, num dado momento, Antonia se levantou para pegar o açucareiro no armário da cozinha. Foi quando sua mãe viu um grande pacote de leite em pó.

— Nossa, Antonia —, exclamou indignada — você precisa amamentar a sua filha!

Balançando a cabeça em reprovação, colocou a xícara de chá na mesa e esperou que a filha se explicasse.

— Ah, mãe! Me deixa! — respondeu Antonia, irritada.

Com um leve aceno de mão, ela queria descartar o assunto incômodo e continuar falando sobre os problemas cotidianos de sua mãe, agradavelmente triviais.

— Não, é sério! Você não pode usar leite em pó. O que você está fazendo com a sua filha? Meu Deus!

— Mãe —, sibilou Antonia — eu dormi menos de três horas.

— Sua filha precisa do leite materno e dos anticorpos — protestou sua mãe — é como uma vacina natural. Você não quer criar uma criança doente, cheia de alergias.

Nesse momento, Antonia estremeceu de dor. A ferida no mamilo esquerdo, que acabara de formar uma crosta de sangue, inflamou novamente. Antonia entendeu o sinal de alerta de seu corpo.

— Mãe, já chega! — repreendeu. — Na verdade, eu não queria dizer que estava dando um tempo na amamentação porque sabia que você iria me julgar! Até fiquei com vergonha, mas quer saber!? Eu não me importo. Não preciso fazer nada! Não preciso provar nada para mim mesma e, o mais importante, não preciso provar nada para você. Posso tomar decisões sobre meus seios e meu corpo sozinha e não faço mais nada que me machuque. Fiz isso por muito tempo. Quando eu não quero amamentar, eu não amamento. E ponto final. Isso não significa que eu seja egoísta ou uma mãe ruim.

— Mas Antonia, eu só queria...

— Queria o quê, mãe? Desde que a Lily nasceu, você só pergunta como ela está. Lily, Lily, Lily! Você realmente acha que apenas olhar para o bebê vai me fazer esquecer do parto terrível como em um passe de mágica? Isso é um completo absurdo! Por que vocês esperam que eu finja que esse parto horrível nunca aconteceu? Estou realmente ficando cansada do fato de que tudo tem que girar em torno do bebê. Sofri muito e até pensei que ia morrer.

E nesse exato momento, enquanto Antonia olhava nos olhos vidrados de sua mãe, o nó interno se rompeu com um estrondo. Sua alma se abriu e o “eu” ferido saiu novamente à superfície. Todos os mecanismos de proteção das últimas semanas entraram em colapso e Antonia de repente entendeu que deveria extravasar suas emoções ambivalentes. Ela teve que finalmente abraçar seus sentimentos negativos e reconhecer que seu bebê estava causando decepção, raiva e exaustão de várias formas.

E, acima de tudo, teve que aceitar que, para muitas mulheres, o amor materno não é algo natural.

Ela nunca teria esperado isso, porque seus pais estavam casados e felizes há mais de trinta anos. Desde a infância, Antonia conheceu apenas a harmonia e o apoio incondicional da família - e, no entanto, agora ela não conseguia sentir o amor maternal.

Agora, querendo ou não, ela fazia parte desse grupo de mulheres para quem o amor materno não é algo natural.

As experiências das últimas semanas a haviam ensinado que algumas mulheres precisaram se aproximar lentamente da maternidade para desenvolver amor por seu próprio filho a partir do nada. Não havia como dizer quanto tempo isso levaria. Talvez um mês ou um ano. Tudo o que Antonia sabia era que tinha que ter muito cuidado e paciência, principalmente nesses momentos tão difíceis em que ela não reconhecia mais a si mesma.

— Sinto muito, eu não queria isso — disse sua mãe desanimada, tirando-a de seus pensamentos.— Se você não quer amamentar, é claro que a decisão é sua. Eu não sabia que doía tanto. No mais, está tudo bem?

— Está tudo bem, mãe. — respondeu Antonia gentilmente.

Foi uma luta interior tão cansativa e intensa que só queria colocar toda a verdade nas mãos confiáveis de sua irmã.

Antonia pôs o açucareiro na mesa silenciosamente e se inclinou um pouco para a frente para adoçar o chá. Ao olhar para cima, ela percebe sua irmã parada silenciosamente na porta.

Vanessa havia observado a situação e deu a ela um aceno encorajador.

Está tudo bem, Tonia, você não precisa contar tudo a ela.

Estou aqui para isso.

— Olha, mãe, uma convidada surpresa!

Com um sorriso meigo, Antonia agradeceu à irmã mais velha e, aliviada, acenou para que ela entrasse na cozinha.

Em seus telefonemas noturnos, Antonia e Vanessa conversaram várias vezes sobre quantas mães travam essa batalha secretamente consigo mesmas - e porque isso era raramente falado nos cursos de maternidade.

Foi um caminho difícil que Antonia trilhou nas semanas seguintes, mas ela o fez com calma e encarou o desafio em seu próprio ritmo. Após a pausa na amamentação, as tentativas seguintes foram com muita cautela. Sabendo que ela poderia tomar decisões sobre seu corpo e parar quando quisesse, a amamentação fluiu e tornou-se um pouco mais rotineira a cada semana que passava.

Então Antonia quis explorar cuidadosamente como poderia ser o amor por sua filha na vida cotidiana. Queria se acostumar aos poucos com isso. A cada amanhecer, ela tomava uma decisão renovada de amar sua filha e dizia conscientemente as palavras “eu te amo” a ela, mesmo nas horas em que ainda não conseguia sentir nada. Dia após dia, Antonia acreditava cada vez mais que seria uma ótima mãe, embora ainda não pudesse sentir o vínculo intensamente e tivesse que se esforçar para continuar. “Também é assim nas amizades íntimas, nos relacionamentos e nos casamentos”, pensou Antonia, “o vínculo entre duas pessoas cresce com o tempo e acaba se transformando em amor”.

Para algumas mães, foi exatamente isso que aconteceu.

Foi o que aconteceu com Antonia e Lily, porque depois a menina começou a rir alegremente para ela todas as manhãs, e Antonia retribuía a saudação com um sorriso radiante.

Com o passar do tempo, Antonia realmente começou a sentir as palavras “eu te amo” em seu coração. Isso só aconteceu após um longo período, com muita paciência, força de vontade e confiança.

Mãe e filha criaram seu vínculo por meio de um acordo silencioso, a ponto de Antonia não conseguir mais imaginar sua vida sem Lily.

E assim chegou o belo dia em que Antonia percebeu que realmente amava sua filha mais do que tudo, e que às vezes o amor só precisa de um pouco de tempo para crescer e se desenvolver.

REFERÊNCIAS

BRUCHWITZ, Andrea. Liebe braucht Zeit zum Wachsen. In: BRUCHWITZ, Andrea. *Mama, du bist nicht allein*. Wahre Kurzgeschichten über die Herausforderung des Mutterseins. Munique, 2021. Kindle.

VIVAS, Esther. *Mamãe desobediente*: um olhar feminista sobre a maternidade. Tradução: Claudio Cruz, Luciana Carvalho, Marina Waquil e Sandra Navarro. São Paulo: Timo, 2021.

REVELANDO O INSTINTO

Rafaela Botega¹

Mónica Crespo nasceu em Bergara, País Basco, Espanha. É professora na Universidade Nacional de Educação a Distância (UNED) no País Basco, e dá aulas de escrita criativa. *Las Madres Secretas* é seu primeiro livro de contos publicado em 2017 pela editora Base, na Espanha. A obra foi finalista do prêmio Setenil e do prêmio Tigre Juan, nas edições de 2018. O conto “O Instinto” faz parte dessa coletânea.

A leitura desse e outros contos do livro possibilita a reflexão sobre diversos temas, mas sobretudo sobre a maternidade. Crespo traz à tona mães que estavam escondidas, como a narradora do conto traduzido. Por não corresponder a um ideal materno imposto pela sociedade, a mãe de primeira viagem, que não é nomeada, representa muitas mães mundo afora. A protagonista enfrenta o que pode ser uma depressão pós-parto e relata sua luta psicológica através de uma narrativa intensa. A tensão circunda a figura da filha, que, ainda bebê, é vista como um monstro pela mãe, que hesita em amar a criança.

Enquanto ocorre uma espécie de metamorfose com a criança desde a perspectiva da mãe, daí o tom fantástico da narrativa, se ilustra o sofrimento materno com a amamentação, a depressão pós-parto, o instinto materno, a visão da mãe como heroína, que deve ser capaz de aguentar tudo pela filha. Esse panorama em que a narradora está inserida incita questionamentos sobre o papel da mulher como mãe.

Assim como a protagonista do conto, muitas mães sofrem diante do que se tem como ideal de boa mãe. No original em espanhol, registra-se a expressão *mala madre*, usada pela narradora quando expressa sua culpa diante das dificuldades com a amamentação. Essa expressão foi traduzida para a *culpa de não ser uma boa mãe*, que apela ao sentido de incapacidade de se alcançar um ideal. Ainda que de formas diferentes, nos dois idiomas a mãe é submetida a uma idealização e a um apagamento. Esse apagamento da mulher quando toma a posição de mãe é normalizado e romantizado, mas deve ser superado em prol da qualidade de vida da mãe e do bebê. Além de uma questão de saúde, se trata de uma questão política de libertação do controle patriarcal sob a vida das mulheres.

Por se tratar de um relato psicológico, temos pistas temporais e nuances da ambientação do conto guiadas pelas lembranças e emoções da narradora. A história se passa na casa da

¹ Graduanda em Letras. Licenciatura Português e Espanhol.

família, entre idas e vindas rotineiras à escola e ao pediatra. Apesar da aparente monotonia, o turbilhão de emoções sentido pela mãe transforma um ambiente que deveria ser acolhedor numa prisão obscura.

É muito interessante a provocação feita pela autora em deixar algumas questões em suspenso para que o leitor possa tirar as suas próprias conclusões. A leitura do conto é indicada para aqueles que quiserem provar um pouco do turbilhão de emoções que a maternidade pode causar ou mesmo ampliar a compreensão a respeito de outras mães marginalizadas, despertando um olhar mais empático para as questões da maternidade.

EL INSTINTO

Al principio no me di cuenta de lo que ocurría ni de lo que llegaría a ocurrir. Yo le daba el pecho a mi bebé. Preciosa, recién nacida, tan blancas y sonrosadas eran sus manitas apoyadas en mi seno. Fue creciendo y cada vez se hizo más fuerte. Había días que me dolía cuando la amantaba y la sentía aferrada a mí como si tuviera dientes. Yo apretaba los puños y seguía dándole de mamar porque creía que era lo mejor para ella. Había ocasiones en las que lloraba de dolor. Mientras ella dormía saciada yo temía, como un animal aterrado, volver a escuchar su llanto reclamando más alimento.

En ocasiones, llegaba a hurgar en su boca buscando alguna encía abierta por la que apuntara algún extremo blanquecino y afilado que lo explicara, hasta que ella lloraba, y yo me veía a mí misma y veía a mi niña estirada sobre mis rodillas, con mis dedos urgentes en su boca, retorciendo sus labios, volviéndolos hacia arriba.

Oía su llanto desgarrador, me abrazaba a ella apretándola contra mi pecho, atravesada por la culpa de ser una mala madre; una madre tal vez loca, de ser una desequilibrada que maltrata a su criatura. Y mi llanto se unía al suyo y ambas llorábamos la misma pena entrelazada al unísono, hasta que nos calmábamos y sentía en su respiración la confianza reparada. Entonces me decía a mí misma que nunca más, que eran cosas mías, que era demencial. Que era el cansancio, el revuelo de hormonas tras el parto, la falta de experiencia. Que era cuestión de tiempo, que llegaría a ser como ellas, como las buenas madres del parque que paseaban sus bebés rollizos. Que algún día sería una de ellas e interrogaría a la recién llegada con un bebé escuálido sobre si comía bien, si dormía bien, si aún tomaba pecho, si había comenzado con las papillas de cereales, porque cuántos meses tiene, está un poco pequeña para su edad, ¿no? Yo algún día sería una de ellas y estaría al otro lado, del lado de las buenas madres en formación, cochecito junto a cochecito, cerrando filas frente a la nueva aún insegura. Y sobre ella caería toda la culpa y la vergüenza que atesoraba cada tarde frente al escuadrón de carros con bebés prietos y rosados. Mientras tanto, yo, como cada tarde, esperaba pasar la prueba y, una vez más, con una breve despedida y un regusto amargo iniciaba el camino de regreso a casa, mientras el verde del parque cuajado de pequeños puntos carnosos se volvía lejano.

Me levanté y me acerqué a la cuna. Aceché su respiración observando cualquier señal de alerta, de gesto o movimiento en su cara de bebé aún sin rostro. Dormía plácida, y en su boquita sonrosada se entreveían sus encías desnudas e inocentes. Un llanto sordo humedeció mis mejillas. La tomé entre mis brazos, me sumergí en su olor y me sentí complacida por primera vez, después de meses, por el deber cumplido, por ver crecer a mi niña sana y hermosa, a pesar de todo. A pesar del dolor y del miedo, yo era su madre. Hasta el día en que me mordió. Apretaba y succionaba, succionaba y retorció mi pezón hinchado y dolorido entre sus encías y era tal su voracidad que no podía satisfacerla. Yo sostenía con el brazo izquierdo a mi niña sobre el pecho y mordía con desesperación los nudillos de mi mano derecha. Ya no me quedaba más leche y ella estaba rabiosa. Por un momento su boca liberó mi pezón amoratado para súbitamente, abalanzarse sobre él y morderlo con tanta fiereza que me hizo sangrar. Grité y la aparté de mí, casi se me cayó de los brazos. Sujeté mi pecho con la mano en la que antes hincaba mis propios dientes. Doblada sobre mí misma, doblada sobre ella, lloré hasta que la imagen de mi hija tras las lágrimas se volvió monstruosa e insondable; y lo vi, agazapado, palpitando en ella.

Por un instante, mi llanto, mi dolor, el tiempo, se detuvo. Hasta que ella comenzó a llorar con desgarró y sequé mis lágrimas y pude ver la imagen limpia de mi hija, ese llanto conocido que me conmovía y me disparaba hacia ella con todos mis instintos alerta. Y ellos se ocuparon de todo y me convirtieron de nuevo en madre que ama y protege a su cachorro por encima de todo. Y aunque todavía era muy pequeña, decidí que ya era el momento, y la desesperación, que es un resorte que te salva o te empuja al vacío, en este caso, me quiso salvar; quiso salvarnos a ambas.

Me dirigí a la cocina y preparé un puré con las frutas que me parecieron más maduras y varias galletas, tal y como había oído muchas veces detallar al escuadrón de las buenas madres del parque en sus conversaciones sobre si era mejor la manzana roja o verde o si era mejor no echarle manzana porque seca o porque lo que sea. Si a ellas les funcionaba, también valdría para mi niña. La tomé en mi regazo, y tras muchos pucheritos y movimientos de un lado a otro evitando la cuchara, lo fue tomando; primero con rechazo y luego con fruición.

Acudí a la pediatra y le expliqué que ya no tenía leche suficiente y que llevaba varios días dándole frutas. A ella pareció no extrañarle y me animó a hacerlo siempre que completara con cereales y leche de continuación, cuyo nombre me apuntó en un papel con el membrete de la consulta y una letra ininteligible. A la salida estrujé el papel en una bolita y lo tiré. Mi hija era diferente y solo yo me ocuparía de ella. No le hablé de mi seno vendado, ni de cómo mi hija se había aferrado ávida a mi pecho sangrante. Quién me iba a creer. Pensaría que estaba loca. Yo, verdaderamente, temía enloquecer.

Mi marido que viajaba cada dos o tres semanas a Brasil, y permanecía allí otras dos semanas, me trataba como una madre obsesiva y nerviosa. Veía en su mirada la reprobación y el brillo acerado de la duda. A menudo me preguntaba si necesitaba ayuda y me sugería que tal vez fuera buena idea que su madre viniera de Toledo para ayudarme con la niña, que total a Madrid

no le costaba nada acercarse y que me veía muy cansada. Yo me negaba con frases que tejían cortinas de humo sobre mi angustia y mi terror. Sonreía ensayando un efecto tranquilizante de seguridad afianzada, de madre experta, en cada una de nuestras despedidas. Pero de nuevo, las mismas palabras, ¿estarás bien?, ¿segura?, y yo estiraba aún más las comisuras de los labios hacia arriba. No podía permitir que Doña Pilar viniera, aunque total a Madrid no le costara nada acercarse desde Toledo. Y mi madre, tan lejos, cómo contarle.

Lo peor llegó cuando le empezaron a salir los dientes. Estaba rabiosa, como todos los niños, con fiebre, las encías inflamadas y el culito irritado. Nada nuevo bajo el sol, dijo la pediatra ante mi mirada de concentrada expectación. Había algo que nadie percibía, ni siquiera su padre. Yo esperaba que entre viaje y viaje, él se diera cuenta y así podríamos compartir la carga. Dicen que a los niños, cuando se les ve todos los días, no se aprecian sus cambios. Yo esperaba, con la respiración contenida, que él lo dijera, la mirara y viera lo que yo veía; que al cogerla y abrazarla, lo sintiera. Sintiera lo que yo sentía. Esa oscuridad rugiendo quedamente en ella. Pero no. Para él todo estaba bien, yo siempre exageraba, especialmente desde que había nacido la niña. Me había convertido en una mujer excéntrica y obsesiva. Pero cómo explicarle a él lo que solo sabe una madre. La niña estaba rabiosa y punto. Eso era todo. Y por eso mordía, eso era todo. Pero yo la sentía. Me seguía con la mirada como un lobo a su presa.

Durante los meses siguientes intenté alejarme de ella. La mantenía en su cuna o en el parque de juegos, que trasladaba a donde yo estuviera, con todos sus juguetes y sus muchos mordedores. Me sentaba en el suelo frente a ella y la observaba tras la red del parque. Ella me miraba con la fijeza penetrante con la que solo saben mirar algunos animales. Las dos lo sabíamos. Y ella me decía sin palabras que me pertenecía, que era carne de mi carne, y carne era lo que quería. Yo entonces no soportaba más su mirada, me ahogaba en un sollozo y me iba a otra habitación para que no me viera. Pero aún sentía su presencia pegada a la piel, y también su demanda.

La niña fue creciendo sana, y fuerte, era alegre e inquieta y yo creí que todo se había silenciado o había desaparecido o nunca había existido. Había días en los que pensaba que tan solo habían sido delirios de madre primeriza, angustiada por el cansancio, las ausencias del marido, los llantos nocturnos, las noches en vela y todo el cansancio acumulado que, en ocasiones, nubla la razón y distorsiona el entendimiento, como me había transmitido mi marido de parte de Doña Pilar. Sí, mi hija era preciosa, vivaz y despierta. Nada malo podía haber en ella.

Un sábado a mediodía, entré a la cocina y la encontré sentada en el suelo de espaldas a la puerta. El trasluz del ventanal difuminaba su figura. Había un silencio extraño y un deglutir viscoso que solo comprendí cuando seguí el rastro de sangre que había dejado desde la encimera blanca hasta la barbilla, manos y boca ensangrentadas de mi hija. Ella me miró con ojos brillantes y satisfacción oscura. Yo di un paso atrás, antes de que el asco y las arcadas me mantuvieran encorvada y me pudiera acercar para retirar los restos de hígado y sangre de las manos y ropa

de mi hija. No dije nada. La tomé en brazos y la llevé al cuarto de baño. La desnudé lentamente, tratando de comprender, y la sumergí en el agua templada y jabonosa. A mi niña le brillaban los ojos. Esa luz terrible que yo conocía y que creí que no volvería a encontrar de nuevo en ella. Sus mofletes estaban arrebolados de placer. Limpié con mano temblorosa la sangre seca de su cara hasta que apareció la piel blanca, limpia, inocente. Mientras la veía chapotear y jugar en el agua con su pez de goma, apoyé la cabeza en el borde de la bañera y pensé en el futuro, en qué ocurriría a partir de ese momento, en qué sería de ella, qué sería de mí, de nosotras, ahora que había sucedido.

Con el paso del tiempo lo entendí. Recordé el embarazo, aquellos terribles meses en los que la debilidad me iba devorando y en los que, bajo la mirada atónita del médico que seguía la gestación, perdía peso en vez de ganarlo. Me indicaba mucho reposo e infinidad de vitaminas y complementos nutricionales, además de una serie de dolorosas inyecciones que aún no sé qué tipo de beneficio se suponía que me iban a aportar. Pero mi estado de debilidad era el mismo y mi vientre, apenas abultado, parecía más bien hundirse. Sin embargo, ella estaba bien. Nació una niña preciosa, con un peso adecuado, sin ningún defecto o deficiencia. Todo normal. Y cuando la sacaron de mi interior y oí su llanto, supe que era ella, que era mi niña.

Cuando la llevo al colegio temo por los demás niños de su clase. Siempre la llevo bien alimentada, pero aun así, una ansiedad sorda me golpea. Cada mañana, va de mi mano sin dejar de parlotear y dando saltitos entrecortados, mirándome con esos enormes ojos negros de pestañas largas y densas. Yo siempre la escucho con atención y contesto a todas y cada una de sus preguntas. Es tan curiosa que a menudo me arranca una carcajada que no puedo contener. A pesar de mi estado permanente de alerta. Ella tiene otra manera de asomarse al mundo.

Esta mañana, cuando llegamos a la puerta del colegio, la abracé y ella se enrolló a mi cuello con sus bracitos blandos y prietos. Me rozó la cara con su mejilla y cuando despegó sus labios y dijo adiós, su aliento, ese olor nauseabundo y ferroso, me estremeció de repulsión y la aparté con brusquedad. Vi cómo una de las madres, de las buenas madres, esbozaba con las cejas un gesto de desaprobación que arrugó su frente. Me sobrepuse y entregué un caramelo de menta a mi hija. Esperé a que las puertas se cerraran tras ella para emprender el camino de vuelta a casa. No sé cuánto tiempo vamos a aguantar así. Ni cuánto tiempo podré soportarlo. Cómo contener esa naturaleza en un ser tan pequeño.

No le quito el ojo de encima cuando juega con sus amiguitas del colegio. Al menor gesto sospechoso yo me lanzo sobre ella, y claro, muchas madres piensan que estoy completamente loca; pero ya me he acostumbrado a sus miradas y cuchicheos. Ellas no tienen ni idea. A veces, la pillo chuperreteando con fruición los dedos de una amiguita, se echa sobre ella sujetándole la mano con esa fuerza que solo yo conozco, impidiéndole escapar mientras llora desconsolada buscando a su madre. Y yo veo cómo la llama nace y crece en los ojos de mi hija y oigo el sonido de un gorgoteo incesante que si no corro a detener será imparabile. Como ahora corro

hacia los columpios y libero a la niña, y le digo que solo es un juego, que ella solo quería jugar. Pero la niña huye despavorida con pucheros y un hipo incontrolado que se quiebra entre el miedo y la congoja. Me llevo a mi hija aparte para reñirla, para explicarle, una vez más, que no puede hacerlo; la amenazo, le suplico que no lo vuelva a hacer. Abro el bolso y saco una pequeña caja de plástico azul, tomo entre mis dedos asqueados una pieza y se la doy. Ella la deglute ansiosa y voraz, y yo miro para otra parte, vigilando que nadie nos vea: una madre en el parque reprendiendo a su hija. Solo que cuando ella se acerca para abrazarla y darle un beso, la madre gira la cabeza para evitar el olor de su boca menuda de labios brillantes.

—Mamá.

—¿Qué, tesoro?

—¿Tú a mí me quieres?

Sé que no debo amenazarla y reñirla tan duramente, y que la niña que acabo de rescatar está perfecta, tan solo un poco asustada o tal vez, confusa. Pero no esperaba la pregunta.

—Pues claro, cariño, ¿por qué dices eso?

Un temblor en la voz me delata. Mi hija me mira fijamente con esos enormes ojos negros para los que no hay secretos.

—Ya sabes que no me gusta que hagas eso.

—¿El qué?

Me lo pregunta adoptando un aire inocente que no sé si identificar como fingido.

—Lo sabes.

Continuamos caminando en silencio. Mis mandíbulas se aprietan con fuerza, la una contra la otra. Conozco perfectamente los juegos de mi hija y me enfurecen. Pero no puedo decirle nada. Yo sé que su naturaleza la pone a salvo, al otro lado de sí misma donde la ocupa toda, agazapada, y la llena por completo haciendo desaparecer los ojos dulces que se vuelven metálicos, llenos de llamas negras.

—Es tarde, nos vamos a casa.

Pero en el mismo y preciso instante en que la última sílaba sale por mi boca, un estremecimiento de angustia me sacude y me encojo como quien espera un golpe. Y espero la pregunta que no tarda en llegar:

—Mami, ¿qué hay hoy para cenar?

Oigo sus pasos afelpados acercándose a mi cama. Se asoma al borde de las sábanas. Siento su respiración sobre mi boca y esa intensidad conocida. Abro los ojos y me encuentro con los suyos. Me toma de la mano, juntas atravesamos el vano oscuro de la puerta del dormitorio, y como cada noche, salimos a cazar. Ella es quien elige. Yo la guío y trato de contenerla para que pase desapercibida. Cuando sucede miro para otro lado. Ella es otra. Yo soy otra. Todo lo que sucede en unos minutos le sucede a otra, en otro lugar.

Escucho el gorgotear en su garganta y los gritos ahogados, ajenos. Pero no oigo nada y cuando regresamos juntas a casa, ella vuelve a mirarme con sus ojos oscuros; aquietados. Ella, tranquila, yo aterrada. Ahora ya no temo que se vuelva contra mí como cuando era una cría ansiosa, ahora temo por mí. Temo por que algún día no pueda soportarlo más. Porque este amor es una pesada carga, un mandato que condena, un dolor sangrante y áspero. Temo por si algún día la otra mira mientras bajo mi niña y unas piernas se sacuden, por si la otra la golpea con una piedra que encuentra justo al lado del cuerpo convulso y aplasta el cráneo de su propia hija, por si la otra mira los dos cuerpos tendidos y siente el peso de la piedra abandonando su mano.

O INSTINTO

No início, não me dei conta do que acontecia ou do que iria acontecer. Eu dava o peito para a minha bebê. Linda, recém-nascida, suas mãozinhas apoiadas no meu seio eram tão brancas e rosadas. Ela foi crescendo e se tornando cada vez mais forte. Tinha dias que doía quando a amamentava e a sentia aferrada a mim como se tivesse dentes. Eu cerrava os punhos e continuava dando de mamar porque acreditava que era o melhor para ela. Havia ocasiões em que eu chorava de dor. Enquanto ela dormia saciada, eu temia, como um animal assustado, voltar a escutar seu choro pedindo por mais alimento.

Às vezes, eu chegava a fuçar na sua boca procurando uma gengiva aberta pela qual apontasse alguma extremidade branca e afiada que explicasse o que acontecia, até que ela chorava, e eu me via a mim mesma e via minha menina esticada sobre os meus joelhos, com meus dedos urgentes na sua boca, revirando seus lábios, virando-os do avesso. Ouvia seu choro devastador, me abraçava a ela e a apertava contra o meu peito, atravessada pela culpa de não ser uma boa mãe. Talvez uma mãe louca, uma desequilibrada que maltrata sua filha. E meu choro se unia ao dela e nós duas chorávamos a mesma dor entrelaçada ao uníssono até que nos acalmávamos e eu sentia a confiança reparada na sua respiração. Então eu dizia a mim mesma que nunca mais, que eram coisas da minha cabeça, que era loucura. Que era o cansaço, a enxurrada de hormônios após o parto, a falta de experiência. Que era questão de tempo, que eu chegaria a ser como elas, como as boas mães do parque que levavam seus bebês roliços para passear. Que algum dia eu seria uma delas e interrogaria a recém-chegada com um bebê esquelético perguntando se comia bem, se dormia bem, se ainda mamava no peito, se ela já tinha começado com as papinhas de cereais, porque ela está com quantos meses?, está pequena para a idade, não é mesmo? Eu, algum dia, seria uma delas e estaria do outro lado, do lado das boas mães em formação, carrinho atrás de carrinho, formando fila na frente da novata ainda insegura. E sobre ela cairia toda a culpa e a vergonha que eu acumulava todas as tardes enfrentando o esquadrão de carrinhos com bebês comprimidos e rosados. Enquanto isso, eu esperava passar pela prova todas as tardes e, mais uma vez, com uma breve despedida e um gosto amargo na boca, iniciava o caminho de volta para casa, enquanto o verde do parque, coalhado de pequenos pontos carnosos, ficava distante.

Levantei e me aproximei do berço. Conferi a sua respiração observando qualquer sinal de alerta, de gesto ou movimento na sua cara de bebê ainda sem rosto. Ela dormia plácida, e na sua boquinha rosada, suas gengivas nuas e inocentes se revelavam. Um choro surdo umedeceu minhas bochechas. Tomei a menina nos meus braços, me submergi no seu cheiro, o que me agradou pela primeira vez depois de meses, pelo dever cumprido, por ver a minha bebê crescer saudável e linda, apesar de tudo. Apesar da dor e do medo, eu era sua mãe. Até o dia em que ela me mordeu. Apertava e sugava, sugava e retorcia meu mamilo inchado e dolorido entre suas gengivas com uma voracidade que eu não podia satisfazer. Segurava minha menina sobre o peito com o braço esquerdo, e mordida desesperada as juntas da minha mão direita. Eu já não tinha mais leite e ela estava raivosa. Por um momento, sua boca soltou meu mamilo arroxeadado para, de repente, avançar sobre ele de novo e morder com tanta força que me fez sangrar. Gritei e a afastei de mim, quase que a menina caiu dos meus braços. Segurei meu peito com a mão em que antes fincava meus dentes. Curvada sobre mim mesma, curvada sobre ela, chorei até que, depois das lágrimas, a imagem da minha filha ficou monstruosa e insondável; e o vi escondido, palpitando nela.

Por um instante, meu choro, minha dor e o tempo se detiveram. Até que ela começou a chorar desesperadamente e sequei minhas lágrimas e pude ver a imagem clara da minha filha, esse choro conhecido que me comovia e me levava em disparada até ela com todos meus instintos em alerta. E eles se ocuparam de tudo e me converteram de novo em mãe que ama e protege seu filhote acima de tudo. E apesar de ela ser muito pequena, decidi que já era o momento, e o desespero, que é uma mola que te salva ou que te lança ao vazio, nesse caso, quis me salvar; quis salvar nós duas.

Me dirigi até a cozinha e preparei uma papinha com as frutas que pareciam mais maduras e várias bolachas, do mesmo jeito que muitas vezes eu tinha escutado o esquadrão das boas mães do parque detalhar nas suas conversas sobre se era melhor a maçã gala ou verde, ou se era melhor não colocar maçã, porque resseca ou pelo que for. Se para elas dava certo, também daria certo para minha filha. A coloquei no meu colo, e depois de muita birra e movimentos de um lado para o outro evitando a colher, ela foi comendo; primeiro com rejeição e depois com gosto.

Fui até a pediatra e expliquei que já não tinha leite suficiente e que fazia vários dias que dava frutas para a menina. Ela pareceu não estranhar e me incentivou que o fizesse sempre e que completasse com cereais e fórmula, e anotou o nome num papel timbrado do consultório com uma letra ilegível. Na saída, fiz uma bolinha com o papel e joguei fora. Minha filha era diferente, e só eu tomava conta dela. Não falei do meu peito com curativo, nem de como a minha filha tinha se agarrado ansiosa ao meu peito sangrante. Quem iria acreditar em mim? Pensariam que eu estava louca. Eu, na verdade, temia enlouquecer.

Meu marido, que viajava a cada duas ou três semanas ao Brasil, e ficava lá outras duas, me tratava como uma mãe obsessiva e nervosa. Via no seu olhar a reprovação e o reflexo da

dúvida. Ele sempre me perguntava se precisava de ajuda e me sugeria que talvez fosse uma boa ideia que a sua mãe viesse de Toledo para me ajudar com a menina, que, enfim, não custava nada que ela viesse a Madri, e que achava que eu estava muito cansada. Eu me negava com frases que teciam cortinas de fumaça sobre minha angústia e terror. Sorria ensaiando um efeito tranquilizante de segurança consolidada, de mãe *expert*, em cada uma de nossas despedidas. Mas de novo, as mesmas palavras, você tá bem?, sério?, e eu esticava ainda mais os cantos dos lábios para cima. Eu não podia permitir que a Dona Pilar viesse, ainda que, enfim, não custasse nada para ela vir de Toledo. E minha mãe, tão longe, como contar para ela?

O pior aconteceu quando começaram a sair os dentes da criança. Estava raivosa, como todos os bebês, com febre, as gengivas inflamadas e o bumbum assado. Nada novo debaixo do sol, disse a pediatra diante do meu olhar de concentrada atenção. Tinha algo que ninguém percebia, nem sequer seu pai. Eu esperava que entre uma viagem e outra ele se desse conta e assim poderíamos dividir a carga. Dizem que quando vemos as crianças todos os dias não apreciamos suas mudanças. Eu esperava, com a respiração contida, que ele dissesse isso, que a olhasse e visse o que eu via; que sentisse o que eu sentia ao pegá-la e abraçá-la. Que sentisse o mesmo que eu. Essa escuridão rugindo silenciosamente nela. Mas não. Para ele tudo estava bem, eu sempre exagerava, especialmente desde que a menina tinha nascido. Eu tinha me convertido numa mulher excêntrica e obsessiva. Mas como explicar para ele o que só uma mãe sabe? A menina estava raivosa e ponto. Era isso mesmo. E por isso mordida, era isso mesmo. Mas eu a sentia. Ela me seguia sendo acompanhada pelo olhar de um lobo que segue sua presa.

Durante os meses seguintes, eu tentei me afastar dela. A mantinha no berço ou no cercadinho, que mudava para onde eu estivesse, com todos seus brinquedos e seus muitos mordedores. Me sentava no chão na frente dela e a observava pela rede do cercado. Ela me olhava com a firmeza penetrante com a que só sabem encarar alguns animais. Nós duas sabíamos. E ela me dizia sem palavras que me pertencia, que era carne da minha carne, e carne era o que ela queria. Eu, então, não suportava mais seu olhar, me afogava em um soluço e ia para outro cômodo para que ela não me visse. Mas ainda sentia a sua presença colada na minha pele e também sua demanda.

A menina foi crescendo saudável e forte, era alegre e inquieta e eu acreditei que tudo estava silenciado, tinha desaparecido ou nunca existido. Tinha dias em que pensava que apenas tinham sido delírios de mãe de primeira viagem, angustiada pelo cansaço, as ausências do marido, os choros noturnos, as noites em claro e todo o cansaço acumulado que, às vezes, turva a razão e distorce o entendimento, como meu marido tinha me dito usando as palavras da Dona Pilar. Sim, minha filha era linda, ativa e esperta. Não podia ter nada de errado com ela.

Um sábado ao meio-dia, entrei na cozinha e a encontrei sentada no chão, de costas para a porta. A luz da janela ofuscava sua figura. Havia um silêncio estranho e um deglutir viscoso que só entendi quando segui o rastro de sangue que o fígado bovino tinha deixado do balcão

até o queixo, mãos e boca ensanguentados da minha filha. Ela me olhou com olhos brilhantes e satisfação obscura. Dei um passo para trás, antes de que o nojo e a ânsia me mantivessem encurvada e que não pudesse me aproximar para tirar os restos de fígado e sangue das mãos e da roupa da minha filha. Não disse nada. Peguei minha filha no colo e a levei ao banheiro. Tirei sua roupa lentamente, tentando entender, e a submergi na água morna e cheia de espuma. Os olhos da minha menina brilhavam. Aquela luz terrível que eu conhecia e que acreditei que não encontraria de novo nela. Suas bochechas estavam coradas de prazer. Com as mãos trêmulas, limpei o sangue seco do seu rosto até que sua pele branca apareceu, limpa, inocente. Enquanto via minha filha batendo na água e brincando com seu peixe de borracha, apoiei a cabeça na borda da banheira e pensei no futuro, no que aconteceria a partir daquele momento, no que seria dela, no que seria de mim, de nós duas, agora que isso tinha acontecido.

Com o passar do tempo, eu entendi. Lembrei da gravidez, daqueles terríveis meses em que a fraqueza ia me devorando e perdia peso ao invés de ganhar, sob o olhar atônito do médico que acompanhava a gestação. O médico me indicava muito repouso e uma infinidade de vitaminas e complementos nutricionais, além de uma série de injeções doloridas que até hoje não sei que tipo de benefícios me trariam. Mas o meu estado de fraqueza era o mesmo e meu ventre, um pouco inchado, parecia que estava derretendo. Contudo, ela estava bem. Nasceu uma menina linda, com um peso adequado, sem nenhum defeito ou deficiência. Tudo normal. E quando a tiraram de dentro de mim e eu ouvi seu choro, soube que era ela, era minha menina.

Quando a levo para a escola, temo pelas outras crianças da sua sala. Sempre a levo bem alimentada, mas, ainda assim, uma ansiedade surda me golpeia. Toda manhã ela solta da minha mão sem deixar de tagarelar e saltitar, me olhando com aqueles olhos pretos enormes, de cílios longos e densos. Eu sempre escuto a menina com atenção e respondo todas as suas perguntas. Ela é tão curiosa que, muitas vezes, me arranca uma gargalhada que não posso conter. Apesar do meu estado permanente de alerta. Ela tem outra forma de se apresentar ao mundo.

Esta manhã, quando chegamos à porta do colégio, a abracei, ela se enrolou no meu pescoço com seus bracinhos macios e densos. Roçou meu rosto com seu queixo e, quando descolou seus lábios e disse tchau, seu hálito, aquele odor nauseante e ferroso, me fez estremecer de repulsa e a afastei de forma brusca. Vi como uma das mães, das boas mães, esboçava com as sobrancelhas um gesto de desaprovação que enrugou sua testa. Me recompus, e entreguei uma bala de menta para minha filha. Esperei que as portas se fechassem atrás dela para refazer o caminho de volta para casa. Não sei quanto tempo vamos aguentar desse jeito. Nem quanto tempo poderei suportar. Como conter essa natureza em um ser tão pequeno?

Não tiro os olhos dela quando brinca com as amiguinhas da escola. Ao menor gesto suspeito, me jogo sobre ela, e claro, muitas mães pensam que eu estou completamente louca; mas já me acostumei com seus olhares e cochichos. Elas não fazem ideia. Às vezes, pego a menina chupando os dedos de uma amiguinha com gosto, ela se lança sobre a outra menina

e segura a mão dela com aquela força que só eu conheço, impedindo que a criança escape enquanto chora desconsolada procurando pela mãe. E eu vejo como a chama nasce e cresce nos olhos da minha filha e ouço o som de um murmúrio incessante que se eu não corro para deter, ficará incontrolável. Como agora, eu corro até os balanços e libero a outra menina, e falo para ela que é só brincadeira, que ela só queria brincar. Mas a menina corre apavorada choramingando, com um soluço incontrolável entre o medo e o cansaço. Levo minha filha comigo para um canto para repreendê-la, para explicar, mais uma vez, que ela não pode fazer aquilo; a ameaça, suplico que ela não volte a fazer aquilo. Abro a bolsa e tiro um pote azul pequeno de plástico, pego um pedaço pequeno com meus dedos enrijecidos de nojo e dou para ela. Ela engole ansiosa e voraz, e eu olho ao redor, controlando para que ninguém nos veja: uma mãe no parque repreendendo sua filha. Só que quando ela se aproxima para abraçar a mãe e dar um beijo nela, a mãe vira a cabeça para evitar o cheiro da sua boca pequena de lábios brilhantes.

—Mamãe.

—O quê, querida?

—Você me ama? Sei que não devo ameaçá-la ou reprimi-la tão duramente, e que a menina que acabei de resgatar está bem, apenas um pouco assustada ou talvez confusa. Mas eu não esperava a pergunta.

—Claro que sim, meu amor, por que a pergunta?

Um tremor na voz me delata. A minha filha me olha fixamente com aqueles olhos pretos enormes para os quais não há segredos.

—Você já sabe que eu não gosto que faça isso.

—Isso o quê?

Perguntava adotando um ar inocente que eu não saberia dizer se era fingimento.

—Você sabe.

Continuamos caminhando em silêncio. Aperto as minhas mandíbulas com força, uma contra a outra. Conheço perfeitamente os jogos da minha filha e eles me enfurecem. Mas eu não posso falar nada. O que a salva é sua própria natureza, eu sei. Ela se apodera do seu outro lado, de forma oculta, e a preenche por completo, fazendo desaparecer os seus olhos doces que se tornam metálicos, cheios de chamas negras.

—Está tarde, vamos pra casa.

Mas, no mesmo e preciso instante em que a última sílaba sai da minha boca, um estremecimento de angústia me sacode e eu me encolho como quem espera um soco. E espero a pergunta que não tarda em chegar:

—Mamãe, o que tem pra jantar?

Ouçõ seus passos delicados se aproximando da minha cama. Ela se aproxima da beira do lençol. Sinto a sua respiração sobre a minha boca e aquela intensidade conhecida. Abro os olhos e dou de cara com os seus. Ela me pega pela mão, atravessamos juntas o vão escuro da

porta do quarto, e como toda noite, saímos para caçar. Ela é quem escolhe. Eu a guio e trato de contê-la para que passe despercebida. Quando acontece, olho para o outro lado. Ela é outra. Eu sou outra. Tudo o que acontece naqueles minutos acontece com outra, em outro lugar.

Escuto o borbulhar na sua garganta e os gritos afogados, alheios. Mas não ouço nada e quando voltamos juntas para casa, ela volta a me olhar com seus olhos escuros; mansos. Ela, tranquila, eu aterrada. Agora já não temo que se volte contra mim, como quando era uma cria ansiosa. Agora temo por mim. Temo que algum dia não consiga mais suportar. Porque esse amor é uma carga pesada, um mandato que condena, uma dor sangrante e áspera. Temo que algum dia a outra olhe enquanto umas pernas se sacodem embaixo da minha menina, que a outra dê um golpe nela com uma pedra que encontre logo ao lado do corpo convulso, e esmague o crânio da sua própria filha. Temo que a outra olhe os dois corpos estendidos e sinta o peso da pedra abandonando a sua mão.

REFERÊNCIAS

CRESPO, M. El Instinto. *In: Las Madres Secretas*. Barcelona: Editora Base, 2017. E-book Kindle

UMA DECOMPOSIÇÃO DA MATERNIDADE

Aléxia Milena Gusso dos Santos¹

Lara Ehrlich (autora até então inédita no Brasil) nasceu nos Estados Unidos em 1981, e atualmente mora em Connecticut com seu marido e filha. Além de seus contos já terem aparecido em diversas revistas literárias estadunidenses, recentemente teve publicadas pela editora Red Hen Press doze de suas histórias, reunidas no volume intitulado *Animal wife: stories*, do qual selecionamos o conto que se encontra traduzido nessa coletânea, “Burn Rubber”. A autora também é a fundadora do projeto Thought Fox Writes Den e apresentadora do *podcast* Writer Mother Monster, que oferece a escritoras-mães solidariedade, apoio e conselhos.

Em “Burn Rubber”, ou aqui traduzido, “Queima Borracha”, a protagonista abandona sua casa, emprego, marido e filha para viver sozinha dentro de seu carro. Dentro desse espaço, dessa espécie de prisão acolhedora, a personagem passa por um processo de decomposição mental e física, em busca de sua própria identidade, anulada por anos de casamento e maternidade. Fugindo em alta velocidade para lugar nenhum na paisagem capitalista de Chicago, ela é obrigada a conviver consigo mesma, com seus pensamentos, impulsos, memórias, com seu corpo e seus cheiros, com suas fraquezas e com suas crueldades para se reconstruir como indivíduo.

Um dos temas (e talvez o principal) da narrativa é o apagamento da identidade da mulher após a maternidade. Não por acaso, a personagem principal não tem um nome próprio: é apenas referida uma vez pela narradora como “a mãe”. A única personagem a quem é dada um nome é a filha, Nora; sabendo disso, a autora nos permite fazer um movimento socialmente comum e reduzir a protagonista a “mãe de Nora”. Em *Mamãe desobediente*², Esther Vivas explora essa mesma questão: “A maternidade oprime, absorve. Como aproveitá-la e aprender com ela sem ser consumida? Sem ficar reduzida a “mãe” ou “mãe de”? Eis aqui o dilema de muitas feministas que não quiseram renunciar a ter crias.” (2021, p. 65). Podemos observar, no conto, explicitamente a origem desse apagamento quando a narradora nos diz, “Ela tinha planejado estudar fora do país. Seu marido prometeu que eles viajariam. [...] Ao invés disso, tinham comprado uma casa, tido uma filha”. Suas ambições e preferências foram relegadas por tanto tempo até o ponto em que a personagem já não consegue mais lembrar nem mesmo “o que desejava ser na época da faculdade” ou o que “gosta de comer”. Sequer sua sexualidade sobreviveu; sobre sua libido, a narradora conclui: “Levou anos, mas ela tinha aprendido a se conter”.

¹ Graduanda em Letras – Bacharelado Português e Inglês (Estudos da Tradução).

² VIVAS, Esther. *Mamãe desobediente: um olhar feminista sobre a maternidade*. São Paulo: Timo, 2021.

A ambivalência da maternidade é outra questão importante explorada no conto. A protagonista, ao mesmo tempo em que parece querer escapar da maternidade (“Depois que sua filha nasceu, estivera impaciente para voltar ao trabalho, onde era boa em alguma coisa”), não consegue, a princípio, abandonar Nora completamente de sua jornada, fazendo frequentes visitas furtivas de carro a sua escola para se certificar de que ela está bem. Além disso, podemos notar certo ressentimento da protagonista em relação à filha. Ao contrário dela, Nora ainda tem o privilégio de ter ambições, “Ela quer ser arqueóloga, artista de circo, escritora, uma médica como seu papai”, de ter tempo para desenvolver habilidades, como aprender espanhol, o que a mãe tanto deseja. Esse mesmo contraste do potencial em desenvolvimento rápido da filha com o potencial sufocado (pelo patriarcado, pela maternidade, pelo capitalismo) da mãe é explicitado de forma sucinta pela narradora em uma única sentença, “Cada soberana respiração de sua filha acabou fazendo dela uma mulher redundante”. Sobre esse mesmo tema, Esther Vivas (2021, p. 66) cita Adrienne Rich:

meus filhos me causam o sofrimento mais estranho que eu já experimentei. Trata-se do sofrimento da ambivalência: a alternância mortal entre o ressentimento amargo e o nervosismo sem limites, e a maior gratificação e ternura. [...] Talvez seja um monstro – uma antimulher –, um ser sem vontade, conduzido, e sem recursos para experimentar os consolos normais e atraentes do amor, da maternidade e da alegria nos outros.

Algumas escolhas de tradução que tivemos que fazer foram referentes a adequar alguns termos que, se traduzidos literalmente ou mantidos no original, não fariam sentido para o leitor brasileiro. É o caso do CD do curso de espanhol que a personagem ouve no carro, chamado originalmente “Rosetta Stone”. Embora exista atualmente no Brasil um software de ensino de línguas com o mesmo nome, pensamos que seria uma referência muito obscura; assim, escolhemos traduzir como “Espanhol para Iniciantes”, nome que se faz autoevidente. Similarmente, quando a protagonista considera para quem ligar quando atropela um coelho na rodovia, trocamos “animal control” por “Controle de Zoonoses”. Nos momentos finais do conto, quando ela pensa em dar a sua filha doente um “flat ginger ale”, ou seja, um refrigerante de gengibre sem gás, comumente usado nos Estados Unidos para aliviar náuseas, decidimos substituir a bebida por “chá de gengibre”.

Tomamos a liberdade de substituir o nome de duas regiões mencionadas no texto para que a leitura ficasse mais fluida; assim, “from Evanston’s putty-colored estates to the South Side’s hotels in desrepair” foi traduzido como “dos casarões beges da zona norte até os hotéis caindo aos pedaços da zona sul”; tomamos o cuidado de substituir “Evanston” por “zona norte” e “South Side” por “zona sul” respeitando a geografia da área de Illinois. Mais uma vez pela fluidez da leitura, traduzimos “on to the park where the heaving ash trees lull her into a Zen-like state” por “em direção ao parque, onde o balanço das árvores a embalam em um estado

de quietude”. Decidimos traduzir “ash trees”, literalmente, “freixos”, por apenas “árvores”, pelo fato de a espécie não ser comum no Brasil e não ter um significado imediato para o leitor brasileiro; todas as outras menções a “heaving ash trees” ao longo do conto foram traduzidas do mesmo modo, “o balanço das árvores”. Já no caso de “Zen-like state”, “um estado (do tipo) zen”, pensamos que “um estado de calma” não deixaria a desejar na manutenção do sentido e faria com que a leitura ficasse mais fluida do que com a alternativa literal.

Duas expressões foram objeto de muita discussão e acabaram sendo traduzidas de forma literal. É o caso do próprio título, “burn rubber”, expressão que faz referência ao ato de dirigir muito rápido; “queimar borracha” é uma expressão que existe em português brasileiro, embora não seja muito usada – como alternativa pensamos em “cantar pneu” ou “queimar pneu”, que descartamos por não soar tão bem, como título, quanto a alternativa que acabamos escolhendo. Acreditamos que “queima borracha”, apesar de não ser imediatamente claro para o leitor (e considerando que talvez isso seja um bônus ao invés de um ônus), se fará entender uma vez que ele tenha lido o conto e encaixe o título em seu contexto. A outra expressão é “bumper to bumper”, que aparece três vezes no texto, e cujo significado principal seria o modo como os para-choques quase se tocam num engarrafamento. Como a expressão “para-choque com para-choque” não existe no nosso idioma, pensamos em substituí-la apenas por seu significado, “no engarrafamento, ...”, mas não ficamos satisfeitas com a perda da força imagética da expressão (força imagética reforçada ainda mais pela autora por meio de suas reiteraões), preferindo mantê-la e arriscar causar no leitor um certo estranhamento com a tradução literal da expressão, confiando na possibilidade de que esse estranhamento seja produtivo.

Esperamos que a leitura de “Queima Borracha” traga ao leitor questionamentos, certos incômodos, e talvez algumas respostas sobre as múltiplas complexidades presentes na ficção e na realidade vivida da maternidade. E como em toda literatura, que ela ou ele se veja em certas partes do texto, se descubra nelas, ou, não se vendo, que procure descobrir a/o outra/o.

BURN RUBBER

In the middle of the night, the mother empties her car onto the lawn. Goodbye, gym clothes, old car seat, clothes she’s been meaning to dry clean. She crawls into the back seat, where she hasn’t been since college when her boyfriend accompanied her home for spring break. They’d snuck out of her parent’s house to the nature reserve parking lot. She’d gone down on him as headlights swept through the woods.

The seats are crusty. Cheez-Its grind to powder under her knees. The vacuum gasps. She scrubs the windows until she can see herself in them, the night mess of her hair. She wipes down the dash and hangs a new pine air freshener from the rearview mirror. Her fingers twitch across her nightgown. Her neighbors’ houses are dark.

She uncoils the hose from the garage and swamps the car until it glistens. Turns the stream on herself, shocking her hot skin. At close range, the pressure pounds into her, but she welcomes the cleansing pain. In the morning, she will have bruises.

Bumper to bumper, she sits in silence. Her silk shirt digs into her armpits. She used to listen to NPR, but pop is easier to digest. Her brain is going dark.

Breathing deep the scent of pine, she turns on Rosetta Stone, which she never has the patience to finish. Her daughter still sings the Spanish songs she learned in daycare.

She creeps forward, flanked by indistinguishable hotel façades; chain restaurants; blank office buildings; billboards for box stores, politicians, furniture. One is blank except for the words “Your Message Here.” The ruler edge of the horizon remains constant, as if she is not moving at all. In high school, she blasted Nirvana with the windows down. In college, she road-tripped thousands of miles across back roads. Now, the car shakes on the highway, and she hasn’t driven above fifty in years.

She runs the noon status meeting daydreaming of speed. After her daughter was born, she was eager to get back to work where she was good at something. She’d been surprised by her aptitude for selling greeting cards. She can’t remember what she’d wanted to be in college.

During her lunch hour, she tours Lincolnwood, snacking on Danish samples from the bakery where she never buys anything. She drives through the Starbucks, and on to the park where the heaving ash trees lull her into a Zen-like state. At Borders, she browses the self-help aisle.

Bumper to bumper on the highway with the windows sealed, she screams and screams.

The lights are on in the kitchen, where her daughter is setting the table without having been asked. Only six, and already so disciplined. She wants to be an archaeologist, a circus performer, a writer, a doctor like her daddy.

Some experts say it’s good for girls to have working moms. For her daughter to see her as more than just a mother. She often thinks she should struggle more with work-life balance. Her daughter’s every sovereign breath has made her redundant.

She gathers the groceries, leaving one bag in the car. It contains five packages of Oreos, dry shampoo, diapers, and cherry-red Abandon lipstick she didn’t pay for.

Her car’s purr invades her dreams and thrums in her blood. Her husband didn’t note the bruises. They used to walk around the house naked; she’d sneak up behind him as he washed dishes and run her finger up his ass crack.

Now, she braids her daughter’s hair. Packs Nora’s lunch and watches out the window to make sure she gets on the kindergarten bus okay.

It’s a relief to slip into the driver’s seat and move toward something again.

During her lunch break, she curls up on the back seat. Rain blurs the windows. She scrapes the cream filling from an Oreo with her teeth. She is naked beneath the blanket she has

stowed here. Today's silk shirt – again with too-tight sleeves – serves as a pillow. She sleeps better in the car than in her own bed, where her husband breathes too loud.

Power lines sway in the rain. She twists the top off another Oreo. Lunch hour ends. She drifts in and out of a dream about the nature reserve, the owl's gaze cutting through the car windows like headlights, the ground littered with bones. She had been afraid of her own ravenous hunger. At the beginning, she'd ride her husband until he fell asleep, and then lie awake, her body humming. It had taken years, but she'd learned to hold back. Now she's the one who turns away.

Umbrellas crowd into the rain and car doors slam around her. Tires screech on wet pavement. Headlights turn the insides of her eyelids red. She has never fully appreciated the day's slow descent. It would make a nice poem, best expressed in Spanish. She still doesn't know Spanish.

Her husband calls. She doesn't have to answer to hear his voice, the one he adopts when counseling patients. Take some time for yourself, he'd tell her. But she doesn't need his permission. She twists apart two more Oreos. She should be making dinner. Her husband was raised on meat and potatoes; Nora's a picky eater. She's forgotten what foods she likes.

The lights in the parking lot shut off. She almost wishes she'd brought a book, but it's better this way. She tries to remember how to be alone with herself.

She merges onto the highway, grinding the gas pedal into the bones of her bare foot. The car begins to rattle. At fifty, sixty, seventy, it shakes as if coming apart, groaning in the thrall of speed. She skirts the other cars. Their horns rupture the silence, the gas pedal jams against the floor. The horns fade into mournful goose calls behind her. Past her office, past her daughter's school, past her house on the cul-de-sac, waving her silk shirt out the window like a racing flag.

As the sun rises, she glides along Lake Shore Drive from Evanston's putty-colored estates to the South Side's hotels in disrepair. On her left, the lake. She turns on Rosetta Stone. She'd planned to study abroad. Her husband promised they'd travel. But the dog – long since dead – had needed hip surgery. They'd bought a house, had a daughter, instead.

She will prevail this time, until she dreams in Spanish. In Hyde Park, she turns around and starts back up Lake Shore., repeating simple phrases. *No entiendo. ¿Te gustaría bailar conmigo? Estoy perdido. ¿Dónde está el baño?* She rolls down the windows, inviting the wind to scramble her hair. The sun heats her head, suffusing the car with the scent of scalp.

She turns on her phone just long enough to see that she has six messages and turns it off again without listening. She orders a cheese Danish with her coffee. Then two. The cashier is too chatty; her words spill across the counter and pool on the floor. She lurches back, as if to protect her shoes. The soft motor purr permeates the bakery, becoming a growl that makes her bones throb. She spins away from the cashier midsentence. The bell above the door jangles behind her as she runs for the car.

In the Borders parking lot, she watches the shoppers go in and out.

She puts on her makeup and checks into Skype for the noon status meeting, which she runs as smoothly as if she were at the conference table. Her team is convinced she's on a sales trip. While they talk, she admires how the stolen lipstick sets off her eyes.

She sleeps in the lot behind the shuttered Stop & Shop. As a teen, she and her girlfriends had hung out here for hours, smoking on the curb, daring each other to shoplift perfume. One evening, a car packed with older boys pulled up alongside them. Her friend got in and they drove away. The girls waited, shivering on the hot pavement and arguing about whether to call the police. They did nothing, until the car finally swung through the lot again, releasing their friend to the curb, giddy and glassy-eyed. She'd wondered, though never asked, what could have made her friend look that way. She pulls the blanket to her chin, breathing in the pine air.

She rockets through her neighborhood's quiet zone blasting Nirvana, flouting the ordinance she'd helped pass. Parks behind the bushes across from the elementary school. The air freshener is losing its potency. She wraps it in a tissue to preserve the last trace of pine. In its place, she hangs a coconut freshener, aura of the Caribbean. Nora gets off the bus laughing, carrying lunch, hair braided. She wants to kick the gas and slam windshield-first into the school's brick wall.

She orders at the Starbucks drive-through, then pushes on toward the heaving ashes. She grinds the gas pedal into her foot until the car begins to shake. A rabbit darts into the road.

She swerves, splashing coffee across her legs, and careens to a stop. Tries and fails to resist looking in the rearview mirror where the stunned creature drags itself in a circle. Its hindquarters are crushed, its eyes wide and staring. She should call animal control – or put it out of its misery. She should wrap it in her silk shirt and take it to the vet. Move it out of the road, at least. She opens the door.

It's like blowing a hole in an airplane midflight. She gasps, shuddering. Her hands go white, the road breaks into static. The soft motor purr becomes a growl, then a roar of blood in her ears. The seatbelt digs into her gut. She releases the buckle, but the roaring pressure holds her fast. She pushes against it, swings her legs into the wide-open air and retches. Coffee seeps down her tan slacks. The thump of bass as another car swerves, windows down, around the rabbit and the ash trees and the children playing in the park. The roar, the smell of burnt coffee. Her pants are dry clean only.

She slams the door. The air pressure seems to level out again, and the roar quiets. Her breathing slows. She slumps against the seat, watching the rabbit crawl for the trees.

A car wash is restorative. She welcomes the thrust of the water, the slap of the rags, the heavy spurt of the hoses. When she signs the bill through the car window, she asks if they have pine air fresheners, but there's only bubblegum. She takes three.

She'd never before appreciated the accessibility of everyday things: coffee, cash, fast food, gas. If only bathrooms had drive-through, and liquor stores. She pays strangers to buy her white wine and pees in Tupperware. She tosses her toilet paper at the edge of the park. Scrubs her armpits with baby wipes and washes her hair out the window, dry shampoo flaking onto the pavement. Dental gum strips the grit from her teeth. She finds drive-through salads inadequate, but needs the nutrients. She makes most of what she has, like those shows about confronting the wild with nothing more than a ball of string and a tarp.

She turns down unfamiliar streets, only to end up on the highway again.

The radio dies. At first, she welcomes the silence. Then, she becomes aware of her stomach gurgling, her throat constricting. She forgets to breathe and sighs in gusts. The air conditioner whistles. The brake pedal squeaks. Something rattles in the back, but she can't find its source.

She stops for hitchhikers, just for conversation. Some ask what happened to her, and she pretends not to speak English. She only takes them as far as the state line.

She watches the shoppers go in and out until Borders closes. She must have missed the status meeting. She hoards her lipstick in the glove compartment. Behind the shuttered Stop & Shop, she sleeps deeply now.

Nora gets off the bus. Braids, lunchbox, backpack. She used to want to paint every day after daycare. She'd squeeze out all the colors and mix them into gray with fingers. "Paint with me, Mama," she'd demand. She'd painted anything her daughter wanted.

In the last year, Nora had decided she'd rather draw with pencils, by herself. She sat beside her daughter, waiting for a moment she might be useful, her hand on Nora's back.

She sits long after the buses clear. Her diaper is wet, but hasn't reached capacity. She's down to one roll of toilet paper. Out of gum.

Bumper to bumper, she cracks the window. It draws in exhaust from the truck ahead.

When she takes the car for an oil change, the mechanic asks her to wait in the lobby. There's a television and a coffeepot, he says, as if to tempt her. When she says she'd prefer to stay in the car, he just shakes his head and steps aside so she can drive onto the platform. She rises like a Viking maiden on a funeral pyre.

Past hotel façades, chain restaurants, blank offices, billboards, toward the ruler edge of the horizon. She should bust through the state line and drive until she runs out of gas, until she stumbles from the bowels of the car onto unfamiliar ground. Instead, she exits toward Starbucks, Borders, the heaving ashes.

Diapers fester on the back seat. Hitchhikers refuse riders. Her teeth are loose, and she doesn't remember the last time she Skyped into work. She has become intimate with the sweet and sour scent of her body, her moldering, below ground stink. Her breath, her greasy scalp, her moist armpits and ripening vagina, like sourdough bread baking.

She parks across from the school as the buses line up, their windows fogged with breath. The doors open, and as the kids step off the bus, she almost expects them to go up in flames the second they touch the ground. She grips the wheel, but they file onto the sidewalk and drag their feet toward school. The doors close without her daughter.

She doesn't remember the last time she turned on her phone. She digs it out of a tissue mound, but the battery's dead.

Nora is home sick, or missed the bus, or she was plucked from the sidewalk by a carful of boys. A motherless child is easy prey.

The last bubblegum air freshener has faded. Her legs stick to the seat. Her fingers are puffy on the wheel, her nails ragged. She avoids her face in the rearview mirror.

Her house is dark. She inches forward, scraping the lawn, straining to see into the living room window that only reflects her own car. It would be so easy to slip inside. She could take a shower, eat a hot meal, watch TV.

Nora appears on the front steps. She is wearing pajamas. Her feet are bare, her cheeks flushed. Her hair feathers around her head. She looks a little lost, as though she's been sleepwalking. Ever disciplined, she remains on the steps. She is not allowed out of the house alone. Rocks on her heels, regarding the car like a wary animal.

It's good for girls to learn self-sufficiency, to have ambitious moms. She should scoop Nora into the house and administer chicken soup and flat ginger ale. They'd watch cartoons, and she'd curl protectively around Nora's body, pressing it into her own. She should turn off the ignition. Apologize, at least. Push back against the roar. But if she gets out, it will mean she has arrived.

She hits the locks and tears off the lawn, grinding the gas pedal into her foot until it aches.

As she rounds the cul-de-sac, she tries and fails to resist looking in the rearview mirror where Nora is running across the raw lawn. Running for the road.

QUEIMA BORRACHA

De madrugada, a mãe esvazia seu carro no gramado. Adeus, roupas de academia, cadeirinha velha, roupas que ia deixar na lavanderia para lavar a seco. Ela rasteja até o banco de trás, onde não tinha estado desde a época da faculdade, quando seu namorado a acompanhou de volta para casa nas férias de julho. Eles saíram escondidos da casa de seus pais para o estacionamento da reserva florestal. Ela tinha chupado ele enquanto luzes de faróis atravessavam a mata.

Os bancos estão encrustados. Cheetos esfarelam sob seus joelhos. O aspirador arfa. Ela esfrega as janelas até conseguir ver-se nelas, a desordem noturna de seu cabelo. Passa um pano no painel e pendura um aromatizante de pinho no espelho retrovisor. Seus dedos trêmulos alisam sua camisola. As casas dos vizinhos são um breu.

Ela desenrola a mangueira da garagem e molha o carro até que ele brilhe. Vira o jato para si mesma, pegando de surpresa sua pele quente. À queima roupa, a pressão a fustiga, mas ela acolhe com prazer a dor catártica. Pela manhã, ela vai ter hematomas.

Para-choque com para-choque, ela se senta em silêncio. A camisa de seda aperta suas axilas. Ela costumava ouvir a estação NPR, mas pop é mais fácil de digerir. Seu cérebro está começando a ficar um breu.

Respirando fundo o cheiro de pinho, aperta play no Espanhol para Iniciantes, que ela nunca tem a paciência de terminar. A sua filha ainda canta as músicas em espanhol que aprendeu na creche.

Ela avança furtivamente, ladeada por fachadas de hotéis indistinguíveis; restaurantes de fast food; inexpressíveis prédios de escritórios; outdoors com propagandas de atacarejos, políticos, móveis. Um está em branco, exceto pelas palavras “Sua Mensagem Aqui”. O limiar reto do horizonte permanece constante, como se ela não estivesse nem se movendo. No ensino médio, escutava Nirvana bem alto com as janelas abertas. Na faculdade, viajava milhares de quilômetros por entre estradas secundárias. Agora, o carro treme na rodovia, e ela não dirigia acima de oitenta quilômetros por hora há anos.

Ela comanda a reunião do meio-dia sonhando acordada com a velocidade. Depois que sua filha nasceu, ela estivera impaciente para voltar ao trabalho, onde era boa em alguma coisa. Tinha ficado surpresa com a sua aptidão para vender cartões comemorativos. Ela não consegue se lembrar o que desejava ser na faculdade.

Durante sua hora de almoço, passeia por Lincolnwood, beliscando umas amostras grátis de doce folhado da padaria onde ela nunca compra nada. Ela dirige passando pela Starbucks, em direção ao parque, onde o balanço das árvores a embalam em um estado de quietude. Na livraria Borders, dá uma olhada na seção de autoajuda.

Para-choque com para-choque na rodovia com as janelas fechadas, ela grita e grita.

As luzes estão acesas na cozinha, onde sua filha está arrumando a mesa sem que ninguém precise pedir. Só seis anos, e já tão disciplinada. Ela quer ser uma arqueóloga, uma artista de circo, uma escritora, uma médica como seu papai.

Alguns especialistas dizem que é bom para as meninas terem mães que trabalham fora. Para que sua filha possa vê-la não apenas como mãe. Ela sempre pensou que deveria ter mais dificuldade em equilibrar sua vida pessoal com sua vida profissional. Cada soberana respiração de sua filha acabou fazendo dela uma mulher redundante.

Ela pega as compras, deixando uma sacola no carro. Dentro tem cinco pacotes de Oreos, xampu a seco, fraldas e um batom vermelho-cereja da marca Abandon pelo qual ela não pagou.

O ronronar do carro invade seus sonhos e reverbera em seu sangue. Seu marido não notou os hematomas. Eles costumavam andar pela casa nus; ela ia de fininho atrás dele enquanto ele lavava a louça e dava uma passada de dedo no meio da sua bunda.

Agora, ela faz uma trança no cabelo da sua filha. Embala o almoço de Nora e fica olhando pela janela para ter certeza de que ela entre direitinho no ônibus da creche.

É um alívio sentar no banco do motorista e ir em direção a alguma coisa de novo.

Durante seu horário de almoço, ela se encolhe no banco de trás. A chuva embaça as janelas. Ela raspa o recheio de creme de um Oreo com os dentes. Está nua debaixo do cobertor que ela tinha escondido. A camisa de seda de hoje – outra com mangas apertadas demais – serve de travesseiro. Dorme melhor no carro do que na sua própria cama, onde seu marido respira alto demais.

Fios de energia balançam na chuva. Girando a mão, ela tira a parte de cima de um Oreo. A hora do almoço termina. Num estado semiconsciente, sonha com a reserva florestal, o olhar fixo da coruja atravessando as janelas do carro como luzes de faróis, o chão repleto de ossos. Ela ficara com medo da sua própria fome voraz. No começo, cavalgava seu marido até ele cair no sono, e então ficava deitada com os olhos abertos, seu corpo zumbindo. Tinha levado anos, mas ela tinha aprendido a se segurar. Agora é ela quem vira para o outro lado.

Sombrinhas se amontoam na chuva e portas de carros batem com força ao seu redor. Pneus cantam no asfalto molhado. Luzes de faróis deixam o interior de suas pálpebras vermelho. Ela nunca apreciou completamente o lento passar do dia. Faria um bom poema, especialmente se escrito em espanhol. Ela ainda não sabe espanhol.

Seu marido liga. Ela não precisa atender para ouvir sua voz, a que ele adota quando vai aconselhar pacientes. Tire um tempo para si mesma, ele diria. Mas ela não precisa da sua permissão. Girando a mão, separa mais dois Oreos. Deveria estar fazendo o jantar. Seu marido cresceu comendo carne e batatas; Nora é fresca para comida. Ela esqueceu de que comidas gosta.

As luzes no estacionamento se apagam. Quase deseja ter trazido um livro, mas é melhor assim. Ela tenta se lembrar de como é estar sozinha consigo mesma.

Ela entra na rodovia, pisando fundo no acelerador contra os ossos de seu pé descalço. O carro começa a sacudir. A oitenta, noventa, cem, ele treme como se fosse desmontar, rangendo sob o poder da velocidade. Ela passa tirando uma fina dos outros carros. Suas buzinas rompem o silêncio, o acelerador pressiona contra o chão. As buzinas se transformam em tristes grasnados de ganso atrás dela. Passando pelo seu escritório, passando pela escola de sua filha, passando pela sua casa na rua sem saída, fazendo tremular sua camisa de seda para fora da janela como uma bandeira de corrida.

Enquanto o sol nasce, ela desliza pela rodovia Lake Shore, dos casarões beges da zona norte até os hotéis caindo aos pedaços da zona sul. À sua esquerda, o lago. Aperta play no Espanhol Para Iniciantes. Ela tinha planejado estudar fora do país. Seu marido prometeu que eles viajariam. Mas o cachorro – há muito morto – precisara de uma cirurgia no quadril. Ao invés disso, tinham comprado uma casa, tido uma filha.

Ela vai persistir dessa vez, até que sonhe em espanhol. Chegando ao Hyde Park, ela faz o retorno na Lake Shore, repetindo frases simples. *No entiendo. ¿Te gustaría bailar conmigo? Estoy perdido. ¿Dónde está el baño?*. Ela abaixa os vidros, convidando o vento a bagunçar seu cabelo. O sol aquece sua cabeça, impregnando o carro com o cheiro de couro cabeludo.

Ela liga seu celular só tempo suficiente para ver que tem seis mensagens e o desliga de novo, sem ouvi-las. Pede um doce folhado de queijo com seu café. E depois dois. A moça do caixa fala demais; suas palavras se espalham pelo balcão e empoçam no chão. Ela dá um passo para trás, como se quisesse proteger seus sapatos. O ronronar suave do motor permeia a padaria, se tornando um rosnado que faz seus ossos latejarem. Ela dá as costas para a atendente, que continua falando. O sino em cima da porta faz um barulhinho atrás dela enquanto ela corre para o carro.

No estacionamento da livraria Borders, fica olhando os clientes entrarem e saírem.

Ela faz a sua maquiagem e entra no Skype para a reunião do meio-dia, que ela comanda facilmente, como se estivesse na própria mesa de conferências. Sua equipe tem certeza de que está numa viagem de negócios. Enquanto eles falam, ela admira como o batom roubado realça seus olhos.

Ela dorme no estacionamento vazio atrás do mercado Stop & Shop. Quando era adolescente, ela e suas amigas tinham passado muito tempo aqui, fumando na calçada, desafiando umas às outras a roubar perfume. Uma noite, um carro cheio de meninos mais velhos parou perto delas. Sua amiga entrou e eles foram embora. As meninas esperaram, tremendo sobre o asfalto quente e discutindo sobre chamar ou não a polícia. Não fizeram nada, até que o carro finalmente apareceu no estacionamento de novo, libertando a amiga delas na calçada, tonta e com o olhar vidrado. Ela tinha se perguntado, embora nunca em voz alta, o que poderia ter deixado sua amiga daquele jeito. Ela puxa o cobertor até o queixo, respirando o ar de pinho.

Ela passa como um foguete pela zona silenciosa da sua vizinhança, ouvindo Nirvana bem alto, zombando do decreto que ela mesma tinha ajudado a aprovar. Estaciona atrás dos arbustos do outro lado da rua da escola primária. O aromatizador está ficando fraco. Ela o embrulha em um lenço para preservar o último vestígio de pinho. No seu lugar, pendura um de coco, aura do Caribe. Nora sai do ônibus rindo, carregando sua lancheira, cabelo com tranças. Ela quer pisar no acelerador e bater em cheio contra a parede de tijolos da escola.

Ela faz um pedido no *drive-thru* da Starbucks, depois vai em direção ao balanço das árvores. Pisa fundo no acelerador até que o carro começa a tremer. Um coelho irrompe na estrada.

Ela desvia o carro, esparramando café nas suas pernas, e freia derrapando. Tenta e não consegue resistir olhar pelo espelho retrovisor, onde a criatura aturdida se arrasta em círculos. Suas patas traseiras estão esmagadas, seus olhos arregalados. Ela deveria ligar para o Controle de Zoonoses – ou acabar com seu sofrimento. Deveria enrolá-lo na sua camisa de seda e levá-lo ao veterinário. Tirá-lo do meio da estrada, pelo menos. Ela abre a porta.

É como abrir um buraco num avião em pleno voo. Ela respira com dificuldade, tremendo. Suas mãos empalidecem, a estrada emite um som estático. O ronronar suave do motor se torna um rosnado, depois um ruído de sangue em seus ouvidos. O cinto de segurança aperta sua barriga. Ela solta a fivela, mas a pressão ruidosa a segura com força. Ela resiste, põe suas pernas para fora do carro e quase vomita. Café escorre pela sua calça social marrom. A vibração grave da onda sonora à medida que outro carro desvia, com as janelas abertas, do coelho e das árvores e das crianças brincando no parque. O ruído, o cheiro de café queimado. Sua calça só se lava a seco.

Ela bate a porta com força. A pressão do ar parece voltar ao normal de novo, e o ruído se aquieta. Sua respiração desacelera. Ela se deixa relaxar contra o banco, olhando o coelho se arrastar em direção às árvores.

Uma lavagem de carro é revigorante. Ela aceita com prazer a propulsão da água, os estalos dos esfregões, os esguichos fortes das mangueiras. Quando paga a conta pela janela do carro, pergunta se eles têm aromatizadores de pinho, mas eles só têm de chiclete. Ela leva três.

Ela nunca tinha dado valor à acessibilidade das coisas do dia a dia antes: café, dinheiro, fast food, gasolina. Quem dera banheiros tivessem *drive-thru*, e lojas de bebidas. Ela dá dinheiro a estranhos para comprarem vinho branco para ela e faz xixi em Tupperwares. Descarta seu papel higiênico nos arredores do parque. Esfrega suas axilas com lençinhos umedecidos e lava seu cabelo colocando a cabeça para fora da janela, xampu a seco caindo em flocos no asfalto. Chiclete tira a crosta dos seus dentes. Ela acha saladas de *drive-thru* impróprias, mas precisa dos nutrientes. Faz o máximo que pode com o que tem, como naqueles programas de TV sobre enfrentar a selva com apenas um rolo de barbante e uma lona.

Ela percorre ruas desconhecidas, só para acabar na rodovia de novo.

O rádio estraga. Num primeiro momento, ela aceita com prazer o silêncio. Depois, se torna consciente do gorgolejar de seu estômago, da sua garganta apertando. Ela esquece de respirar e solta longos suspiros. O ar-condicionado assobia. O pedal do freio range. Alguma coisa faz um barulho na traseira, mas ela não consegue descobrir o quê.

Ela dá carona a mochileiros, só para conversar. Alguns perguntam o que aconteceu com ela, e ela finge não falar inglês. Ela só os leva até a fronteira estadual.

Fica olhando os clientes entrarem e saírem até que a Borders feche. Deve ter perdido a reunião. Esconde seu batom no porta-luvas. Atrás do Stop & Shop, ela dorme profundamente agora.

Nora sai do ônibus. Tranças, lancheira, mochila. Ela costumava querer pintar todos os dias depois da creche. Espremia todas as cores e as misturava com os dedos até tudo ficar cinza. “Pinte comigo, mamãe,” ela exigia. Ela pintava tudo o que sua filha quisesse.

No último ano, Nora tinha decidido que preferia desenhar com lápis, sozinha. Ela sentou do lado de sua filha, esperando por um momento em que poderia ser útil, sua mão repousando nas costas de Nora.

Ela fica até muito depois que os ônibus vão embora. Sua fralda está molhada, mas ainda não está cheia. Ela só tem mais um rolo de papel higiênico. O chiclete acabou.

Para-choque com para-choque, ela abre um pouco a janela. A fumaça do escapamento do caminhão em frente entra pela fresta.

Quando leva o carro para uma troca de óleo, o mecânico pergunta se ela quer esperar na recepção. Tem uma televisão e uma garrafa de café, ele diz, para tentar convencê-la. Quando ela diz que prefere ficar no carro, só balança a cabeça, dando um passo para trás para que ela possa dirigir até a plataforma. Ela ascende como uma donzela viking numa pira funerária.

Passando por fachadas de hotéis, restaurantes de fast food, inexpressíveis escritórios, outdoors, em direção ao limiar reto do horizonte. Ela deveria romper a fronteira estadual e dirigir até ficar sem combustível, até despencar das entranhas do carro e esbarrar em território desconhecido. Ao invés disso, ela sai em direção à Starbucks, à Borders, ao balanço das árvores.

Fraldas apodrecem no banco de trás. Mochileiros recusam caronas. Seus dentes estão moles, e ela não se lembra da última vez em que entrou no Skype para uma reunião de trabalho. Se tornou íntima do odor agridoce do seu corpo, do seu fedor putrefato, subterrâneo. Seu hálito, seu couro cabeludo oleoso, suas axilas úmidas e o azedo de sua vagina, como fermento de pão.

Ela estaciona do outro lado da rua da escola enquanto os ônibus se enfileiram, suas janelas embaçadas e úmidas. As portas se abrem, e no momento em que as crianças saem do ônibus, ela quase espera que sejam consumidas por chamuscas no segundo em que seus pés toquem o chão. Aperta com força o volante, mas elas formam fila na calçada e lentamente seguem em direção à escola. As portas se fecham sem a sua filha.

Ela não se lembra qual foi a última vez que ligou seu celular. O desenterra de uma pilha de lenços de papel, mas está sem bateria.

Nora ficou doente e está em casa, ou perdeu o ônibus, ou foi recolhida da calçada por um carro cheio de garotos. Uma criança sem mãe é presa fácil.

O último aromatizador de chiclete não tem mais cheiro. Suas pernas se colam ao assento. Seus dedos estão inchados no volante e suas unhas, quebradiças. Ela evita seu rosto no espelho retrovisor.

Sua casa é um breu. Ela avança devagar, rente ao gramado, tentando ver através da janela da sala com dificuldade, mas ela apenas reflete seu próprio carro. Seria tão fácil apenas entrar. Poderia tomar um banho, comer uma comida quente, assistir TV.

Nora aparece nos degraus na frente da casa. Ela está de pijama. Seus pés estão descalços, suas bochechas vermelhas. Seus cabelos flutuam ao redor da sua cabeça. Ela parece um pouco perdida, como se estivesse sonâmbula. Sempre disciplinada, permanece nos degraus. Ela não tem permissão para sair de casa sozinha. Pega de surpresa, analisa o carro como um animal desconfiado.

É bom para as meninas aprenderem autossuficiência, terem mães ambiciosas. Ela deveria pegar Nora no colo, levá-la para dentro de casa e dar a ela canja de galinha e chá de gengibre. Elas assistiriam desenho animado, e ela abraçaria Nora de forma protetora, pressionando o corpo dela contra o seu. Ela deveria desligar a ignição. Se desculpar, pelo menos. Resistir ao ruído. Mas se ela sair, vai significar que ela chegou.

Ela trava as portas e arranca do gramado, pisando fundo no acelerador contra seu pé, até começar a doer.

Enquanto dá a volta na rua sem saída, ela tenta e não consegue resistir olhar pelo espelho retrovisor, onde Nora está correndo pelo gramado malcuidado. Correndo em direção à estrada.

REFERÊNCIAS

EHRLICH, Lara. Burn rubber. *Animal wife: stories*. Pasadena: Red Hen Press, 2020. pp. 90-97.

VIVAS, Esther. *Mamãe desobediente: um olhar feminista sobre a maternidade*. São Paulo: Timo, 2021.

FILHA E MÃE: DESENCONTROS DISSIDENTES

Tatiane Marques de Oliveira¹

Brenda Ríos nasceu em Acapulco, México, em 1975. É ensaísta, poeta e tradutora. O presente relato: “Quiero hablar con Dios pero apareces tú, madre” foi publicado no livro *Maneras de escribir y ser / no ser madre (2021)*, uma coletânea de relatos com a temática da maternidade em que várias vozes, de diferentes autoras, compartilharam uma história diferente, seja do lugar de mãe ou o de filha.

Traduzir o presente relato apresentou desafios, não apenas por sua escrita estar recheada de referências e expressões, mas sobretudo pelo conteúdo, por se tratar de um texto no qual todos podemos nos reconhecer. Esse processo de tradução passou por profundas páginas nas quais a cada leitura algo novo aparecia; vocês verão, se verão, nesta filha que é a voz principal do texto e serão, assim como eu, seduzid@s pela escrita da autora. Como podemos verificar no relato: “É nesse “reconhecimento” que acontece o literário, o que tem valor artístico: há uma palavra genuína que ajuda a desvelar o que não sabíamos que estava coberto”.

O presente relato está inserido dentro da temática que hoje se entende por “maternidades dissidentes”, que diz respeito às experiências maternas que divergem do que imaginamos ser uma experiência natural da maternidade, uma experiência de vida que está em conflito com o que comumente entendemos por “instinto materno”. Como já podemos verificar na primeira parte do texto: “Passei metade da minha vida me defendendo, abrindo meu caminho entre uma avalanche de familiares, de um exército de tias enormes e poderosas, das advertências paternas e maternas, para que me casasse e tivesse filhos. Não queriam outra coisa de mim. Com o tempo, eles se resignaram, que é a maneira mais triste de aceitar as decisões de alguém”. Veremos uma mãe que não responde a esse ideal materno, bem como, essa voz da citação acima, que é uma filha que nega esse lugar da maternidade. Em outras palavras, o próprio texto é, com excelência, um relato de dissidência. Será a partir do relato dessa voz principal que iremos esbarrar com uma mãe dissidente e uma não-mãe, uma filha, que nega e relata esse lugar.

No que diz respeito à tradução, imprimir o estilo da autora foi uma das tarefas mais desafiadoras e relacionais. Colocar-se no lugar do outro sem anular a sua voz foi o mais intrigante. Ríos constrói esse relato com muitos detalhes, seu texto possui uma cadência de períodos intercalados com muitas vírgulas, as quais estão sempre isolando e intencionando,

¹ Graduada em Letras. Bacharelado Português e Espanhol.

tensionando a profundidade de seu texto. Foi complexo manter esse recurso tão essencial para a narrativa.

Nesse sentido, é no contato com outra língua que percebemos o nosso Outro mundo. Por exemplo, nos deparamos com a passagem “sólo había de comer tortillas con salsa de chile” e reconhecer nessa sentença o nosso “feijão com arroz”, um prato que, como aquele é o mais básico da culinária de seu país, foi algo divisor. Frente a isso, tive que escolher entre traduzir para “feijão com arroz” ou manter as “tortillas con salsa de chile”. A escolha foi manter como no texto de partida, permitir que o leitor esbarre com o estrangeiro, sinta, quem sabe, um certo estranhamento e não se esqueça que está frente a uma tradução, que está, em alguma dimensão, frente à outra cultura, mas que de alguma maneira partilhamos de um lugar comum e que nisso se construa um espaço para o reconhecimento, um espaço em tradução.

Portanto, estou imensamente feliz de poder trazer esse texto para o português e para o público brasileiro, que assim como o de partida também é latino e compartilha, de alguma maneira, desta cultura patriarcal na qual as famílias latino-americanas estão submetidas, tema central no presente relato. Nele veremos mulheres, solteiras, casadas, viúvas, mães dissidentes, que são atravessadas por uma cultura que as colocam em um lugar marginal e que aqui ganham voz, a sua dor ganha uma voz que é a mesma de muitas mulheres. Por fim, trata-se de um relato que, pela forma como é contado, ganha o estatuto de literário e que, por isso, tem a potência de exprimir a vida de muitas mulheres.

QUIERO HABLAR CON DIOS PERO APARECES TÚ, MADRE

a)

El título de este texto es una paráfrasis del verso de Anne Sexton: *Mother, each time I talk to God, you interfere*. Y sí, las madres son las pulcras intervencionistas de la historia Grande y Pequeña de nuestras vidas. Son un Dios más poderoso que Dios porque tienen, en efecto, un campo de acción directo y sin escalas: están ahí, cuidan, protegen, alimentan pero también definen, siegan, cortan de tajo todo lo que podría haber sido hermoso. Son el trauma vivo a todo color, lo invisible detrás de los telones oscuros de nuestra identidad, la voz que creemos propia. Son la sombra y la luz hasta que logramos crear nuestra propia oscuridad y la capacidad de iluminarnos.

No tuve hijos. Logré cortar esa cuerda milagrosa de la obligatoriedad, el amor forzado, el amor institucional; corté la línea de sangre que debía cumplir, no hice lo que debí hacer porque eso, sólo eso, era lo que me esperaba. No quise ser el peso, la figura excelsa, el pastel de betún para nadie. Todos alaban el amor que es posible conocer únicamente por la experiencia misma. Una experiencia endiosada. La maternidad es lo más divino que existe, afirman. Lo sagrado, lo intocable.

Una amiga cercana me contó que su esposo, una vez que nació su único hijo, dejó de mirarla igual y de tocarla. Tardaron dos años en recuperar su vida sexual. Ella dejó de ser el objeto de deseo para convertirse en <<la madre de su hijo>>: una estampa hermosa para el hombre promedio latinoamericano, católico o no, de la clase social que sea.

Yo pasé la mitad de mi vida defendiéndome, abriéndome camino entre un alud de familiares, de un ejército de tías enormes y poderosas, de las advertencias paternas y maternas, para que me casara y tuviera hijos. No querían otra cosa de mí. Con el tiempo se resignaron, que es la manera más triste de aceptar las decisiones de alguien.

b)

Pude haberlo hecho. Tendría un hijo o hija de veintitrés, veinticuatro años ahora. Iría a la universidad, tendría novia, novio, un empleo, quién sabe. Sería yo una madre terrible, odiosa, sobreprotectora, eso no lo sé. Nadie sabe qué tipo de madre será hasta que lo es, supongo. En un mundo paralelo me habría animado, por qué no. Las mujeres podemos hacer todo, insisten. Nos ponen el traje de heroínas desde pequeñas si crecemos en familias con cierta autoestima y un poco de conciencia del otro.

De niña conocí muchos niños pobres. El hijo de la señora que nos ayudaba en la casa, a quien su madre lo castigaba con el cable de la plancha, con la misma con la que dejaba impecable mi uniforme y la ropa de trabajo de mis papás, era un niño asustadizo, sujeto al malhumor materno. Ese niño tenía mi edad. Y ya sabía lo que era no ser querido.

Una vez mi hermano y yo fuimos a la casa de enfrente de la nuestra. Vivía una familia muy humilde que la cuidaba y sus hijos tenían nuestra edad. Estábamos jugando y llegó la hora de la comida. Nos invitaron a quedarnos. Mi hermano y yo supimos disimular la sorpresa: sólo había de comer tortillas con salsa de chile. Era todo. Comimos, agradecimos y fuimos a nuestra casa. No dijimos nada de eso. Pero fuimos conscientes de que la pobreza era algo que sucedía: unos están mejor que otros. A unos los castigan con severidad y a otros no. Mi hermano era blanco y con pecas. Todos lo amaban. Era travieso. Lo celebraban. Yo, en cambio, a pesar de ser la mayor, era tímida. Fui a cinco escuelas en la primaria, mi hermano a seis. No hicimos amigos que duraran. Él, al menos, con ese carisma pronto fue amigo de los chicos del barrio, la mayoría hijos de personas que se dedicaban a vender algo en la playa o que empleados de hoteles. Mi timidez me mantuvo en mi cuarto. No me dejaron aprender a andar en bicicleta. No me dejaban salir a menos que fuera con mis primos. Fui una chica <<de casa>> como hasta los quince o diecisiete años. Nunca le dije a nadie, por ejemplo, que el tipo que mi papá tenía en la casa para ayudar con lo que hiciera falta, que debía llevarnos a la escuela y así, le gustaba quitarme la ropa y pasar su lengua por mi vagina; yo debía tener unos ocho años. Mi papá lo iba a despedir después pero no por eso. Eso nadie lo supo. No sabía que era algo anormal. Tampoco tuve vergüenza. Pero sí sé que prefería guardarme lo que me pasaba para mí misma. Nos cuidaron muchas chicas, a mi hermano y a mí, algunas más buenas que otras. Hubo crueles.

Mis padres trabajaban todo el día. En la casa el cuidado paterno era un sacrificio que se sentía en todas partes. Pagar la casa, cuidarnos, el uniforme listo, las comidas a la hora. La rutina es lo que hace ser a una familia, entendí: los horarios para comer, la hora de llegada de los padres, ir a la escuela. El día que esa rutina se rompió mis padres serían enemigos en una guerra sangrienta y tan exitosa que destrozaron lo que tenían, incluyéndonos. Mientras eso pasaba, yo estuve en mi cuarto años enteros. Leyendo de prestado. No recuerdo mucho. No fue traumático. Cuidaba a mi hermano cuando era pequeño pero luego dejó de serlo y a él, como niño, le tocó la calle. A mí, como niña, me tocó la casa.

Nadie nos dice qué va a ser definitivo para nuestra experiencia cuando crecemos. No sabemos amar, no sabemos comparar. No sabemos qué es bueno, qué no lo es. Crecí con dos padres cansados. Y con distintas maneras de entender dar amor y disciplina. Mi hermano se casó con una mujer que le da órdenes y yo elegí no quedarme encerrada en el cuarto. Me habían dicho demasiado tiempo cuál era mi lugar. Y no era suficiente. No sabía bien a bien qué quería pero sí sabía que debía buscarlo. Al menos. Me lo debía.

c)

<<Al día siguiente, en el desayuno, le preguntó a su mamá: ¿Soy feo? Ella suspiró. Bueno, hijo, a mí no te pareces. ¡Los padres dominicanos! ¡Qué joyas!>> dice Junot Díaz en *La maravillosa vida breve de Óscar Wao*. Bueno, pensé yo, no sólo los padres dominicanos. Una vez mi madre me miró muy intensamente y yo la miré de vuelta y dijo: Ay, hija, de haber sabido que saldrías inteligente habría comido mejor, pero entonces no teníamos mucha información como ahora. Yo me quedé muda. Así las cosas.

<<Ella era mi mamá dominicana del Viejo Mundo y yo su única hija, la que había criado sola, sin ayuda de nadie, lo que significaba que era su deber aplastarme.>> Díaz sabe bien cómo puede tratar una madre a su hija: la agarra bien, la destruye y la hacer sentir una mierda. Forma parte del crecer librarse de eso. Una vez que la hija se <<zafa>> de la madre puede ser ella misma. He conocido a muchas mujeres adultas, exitosas, que no lo logran: la madre sigue ahí, dentro, ocupando el espacio censor y militar que le fue asignado: un altar invisible que ocupa territorio como el más gordo de los budas.

El personaje de Díaz describe no sólo a un tipo de madre de orden geográfico sino a una madre de Orden Universal, insiste:

Si no se criaron como yo, entonces no saben, y si no saben probablemente sea mejor que no juzguen. No tienen idea del control que ejercen nuestras madres, incluso las que nunca están presentes... sobre todo las que nunca están presentes. No saben lo que es ser la hija dominicana perfecta, lo cual es una forma amable de decir la esclava dominicana perfecta. No saben lo que es ser criada por una madre que nunca ha dicho una sola palabra positiva en la vida, ni sobre sus hijos ni sobre el mundo; siempre suspicaz, criticando y arrancando los sueños de raíz.

No quiero hablar de la cantidad de veces que escuché a alguien decir: Pude haber sido tal y cual cosa pero mi madre me dijo que no era bueno, que no valía la pena. Las madres arropan mientras ponen para siempre esa mano en el cuello. Un amor de asfixia, pero que nos enseñan a valorar y poner por encima de la Patria y los dioses y de una misma en la escuela primaria; un valor otorgado por todos, amigos, familiares, medios de comunicación, *mass media*, la cultura pop. Nosotros somos un tiro al blanco y las madres la flecha que acierta. Siempre. Es un cliché que funciona.

Las madres saben. Sospechan. Presienten. Pero sobre todo, califican. Dicen ese hombre no es bueno. Ese proyecto no te conviene. No confíes, te van a timar. Ten cuidado con todas tus amigas que te dicen Querida o Amiguita. Ésas son las peores, fue una Amiguita la que se fue con tu padre, no lo olvides.

Y sí, las madres son tan sabias, tan conocedoras de lo peor de la vida real que parece que salen a medianoche y tienen reuniones con otras madres en el mundo porque lo saben todo, todo. Coño, si la

CIA

o la

KGB

supieran lo que saben ellas no habría necesidad de oficinas de inteligencia del Estado.

Pero, con todo, yo aún tenía un poco de fe. A los treinta años me dio el famoso golpe del relojito biológico y quise un hijo; no se pudo. Mi exesposo estaba obsesionado con ser el mejor músico del país o del mundo, da igual, y no quería ser padre. Al final nos separamos, no por eso sino por otras cosas. Lo de los hijos fue la punta del iceberg. Doce años después de esa historia sucede que yo no tuve hijos y él se casó con una mujer que tenía dos. Así que él tampoco tuvo hijos pero cría éstos. No me sentí ni bien ni mal. Me dio una especie de conciencia de los juegos del destino, sólo eso.

En *Apegos feroces* Vivian Gornick, una escritora de origen judío, crecida y radicada en Nueva York, cuenta su relación con su madre. Es una biografía a medio camino entre la crónica, el ensayo y las memorias. Cuenta del sacrificio que hizo su madre al quedarse viuda. Porque se rindió. Si una no tiene hombre a quien amar la existencia no tiene sentido. Tardó años en reponerse. Mientras, los hijos crecían como podían. No es un repaso sentimental ese libro, al contrario, es una radiografía que hace evidente lo que ya sospechábamos: las grietas siempre están ahí. Cuenta —con frialdad casi quirúrgica— los detalles de su vida afectiva, lo que la madre marcó en su desarrollo, en su ideología sentimental. La epistemología del amor de las madres es, pues, necesariamente, una entelequia para salir al mundo con las pocas o muchas herramientas. El peso de la responsabilidad es enorme.

La autobiografía de Gornick justo trata de la enorme dificultad que debe ser eso: contar sin melodrama la historia de una relación filial que pudo haber sido sentimental. Evita el exceso.

Es un libro frío, incluso. Es por eso que cala bien: si se hubiera ido a lo meloso al relato se lo come el testimonio y no tendría mayor valor que la historia de una persona X en el mundo. Una persona con problemas. Lo que Gornick concede es una historia personal que pertenece a muchas mujeres. Eso es el punto de quiebre y donde un relato se vuelve literario: una persona con problemas es muchas personas con problemas. No hablo de <<verme reflejada>> sino de reconocer lo que ahí está dicho. Y en ese <<reconocer>> sucede lo literario, lo que tiene valor artístico: hay una palabra genuina que ayuda a destapar lo que no sabíamos que estaba cubierto.

Mi madre y yo tenemos la misma charla hace años. Se trata de contar qué comemos y cómo estamos. Nos amamos, por supuesto, es sólo que ese amor ha sido construido en la vida adulta, en la concesión y en el relajamiento de lo que creíamos que el amor debía ser, espontáneo, algo preparado. Nada más falso que eso. El amor es una posibilidad siempre y cuando la gente no dé por hecho que se debe tener de modo natural como tener frío o calor o una enfermedad terminal. Aprendimos a vernos. A saber lo que la otra piensa y disentir sin tener la gana de aplastarnos. Aprendimos a vernos. Y la delicadeza, la asimetría, la falta de buen gusto de ese aprendizaje es un trabajo que apenas comienza. Mi madre ahora no tiene nada que ver con la mujer ocupada en tener un empleo y mantener un marido en casa y ser la anfitriona perfecta y tener flores y fingir pasarla bien con los amigos, porque lo peor que le podría pasar a esa mujer era perder al hombre (como a la mamá de Gornick). Lo cual sucedió. Y eso, una vez que la dejó en ceros, destruida y en bancarrota, hizo que se replanteara todo. Muchos creen que es una santa. Y yo no los desmiento. Esas madres son un pasado vivo: criadas para el amor que debía ser durable como los buenos muebles, las casas bien hechas, los países fuertes. Madres que tuvieron que aprender a estar solas. Viudas, divorciadas, que resistieron mucho. Mujeres de otro tiempo: ciegas como caballos trotando sin saber a dónde, cómo hacerlo, sólo viendo el trecho minúsculo de camino delante.

Yo escribo. Quizá porque me gusta quedarme al final de las películas y poder hablar de ellas. El escritor sobrevive. ¿Y quién no quiere sobrevivir? El escritor ama lo que escribe (a veces) y quién no quiere amar así sea algo que no existe. La escritura me salvó de creer que una persona como yo sólo podía obedecer; no exagero si digo que la escritura me dio un cuerpo y supe lo que debía hacer.

QUERO FALAR COM DEUS MAS APARECE VOCÊ, MÃE

a)

O título desse texto é uma paráfrase do verso de Anne Sexton: *Mother, each time I talk to God, you interfere*. E sim, as mães são as intervencionistas mais puras da Grande e Pequena história de nossas vidas. São um Deus mais poderoso que o próprio Deus, pois possuem, com efeito, um campo de ação direta e sem escalas: estão aí, cuidam, protegem, alimentam, mas também definem, cegam, podam de vez tudo o que poderia ter sido bom. São o trauma vivo

representado em todas as cores, o invisível por trás das obscuras telas da nossa identidade, a voz que acreditamos ser a nossa. São a sombra e a luz até que alcancemos criar nossa própria escuridão e a capacidade de iluminarmos.

Não tive filhos. Decidi cortar esse cordão milagroso da obrigatoriedade, o amor forçado, o amor institucional; cortei a linhagem de sangue que devia cumprir, não fiz o que devia fazer porque isso, somente isso, era o que me esperava. Não quis ser o peso, a figura exaltada, a cereja do bolo para ninguém. Todos enaltecem o amor que é possível conhecer somente pela sua experiência. Uma experiência divinizada. A maternidade é o mais divino que existe, afirmam. O sagrado, o intocável.

Uma amiga próxima me contou que seu marido, depois que nasceu seu primeiro e único filho, parou de olhar para ela da mesma maneira e de lhe tocar. Passaram-se anos para recuperar sua vida sexual. Ela deixou de ser o objeto de desejo para se converter na “mãe do seu filho”: uma imagem bonita para o homem médio latino-americano, católico ou não, da classe social que seja.

Passei metade da minha vida me defendendo, abrindo meu caminho entre uma avalanche de familiares, de um exército de tias enormes e poderosas, das advertências paternas e maternas, para que me casasse e tivesse filhos. Não queriam outra coisa de mim. Com o tempo eles se resignaram que é a maneira mais triste de aceitar as decisões de alguém.

b)

Eu poderia ter feito. Agora teria um filho ou filha de 23-24 anos. Ele ou ela faria uma faculdade, teria uma namorada, um namorado, um emprego, quem sabe. Seria eu uma mãe terrível? Odiosa? Superprotetora? Isso eu não sei. Ninguém sabe que tipo de mãe será até que seja, acho. Em um mundo paralelo eu teria me animado, por que não. Nós mulheres podemos fazer tudo, insistem. Nos vestem de heroínas desde pequenas, isso quando crescemos em famílias com certa autoestima e um pouco de consciência de classe.

Desde pequena, conheci muitos meninos pobres. Como o filho da senhora que nos ajudava em casa, a quem a sua mãe castigava com o cabo do ferro de passar roupa, com aquele ferro que deixava o meu uniforme e a roupa de trabalho dos meus pais impecáveis. Era um menino assustado, sujeitado ao mau humor materno. Esse menino tinha a minha idade. Já sabia o que era não ser amado.

Certa vez meu irmão e eu fomos à casa do outro lado da rua, logo de frente para a nossa. Lá vivia uma família muito humilde, seus filhos tinham a nossa idade. Estávamos brincando até que chegou a hora do almoço. Eles nos convidaram para ficar. Meu irmão e eu soubemos dissimular, disfarçar a surpresa: só tinha para comer tortillas com molho de chili. Isso era tudo. Comemos, agradecemos e fomos para a nossa casa. Não tocamos no assunto. Mas voltamos conscientes de que a pobreza era algo que acontecia: alguns estão melhor do que outros. A uns ela realmente castiga e a outros não. Meu irmão era branco e com sardas. Todos o amavam.

Era travesso. O celebravam. Eu, o oposto. Apesar de ser a mais velha, era tímida. Passei por cinco escolas no primário, já meu irmão, por seis. Não tivemos amizades duradouras. Meu irmão, ao menos, com aquele carisma dele, foi amigo de vários meninos do bairro, a maioria era filho de pessoas que vendiam coisas na praia ou trabalhavam em hotéis. Já a minha timidez, me manteve no meu quarto. Não me deixaram aprender a andar de bicicleta. Não me deixavam sair a menos que fosse com meus primos. Fui a menina “da casa” até meus 15-17 anos. Não contei nada sobre, por exemplo, que aquele cara contratado pelo meu pai para ajudar no que fosse preciso, como nos levar para a escola, gostava de tirar a minha roupa e passar a língua pela minha vagina; eu devia ter uns oito anos. Depois meu pai acabou mandando ele embora, mas não por isso. Isso, ninguém soube. Não sabia que era algo anormal. Também não tive vergonha. Só sei que preferi guardar o que acontecia para mim. Muitas mulheres cuidaram do meu irmão e de mim. Algumas eram mais boazinhas do que as outras. Tivemos as cruéis. Meus pais trabalhavam o dia inteiro. Em casa, o cuidado filial era um sacrifício que se sentia em todos os lugares. Pagar tudo, cuidar dos filhos, lavar o uniforme, dar comida na hora. A rotina é o que faz uma família, entendi: os horários para comer, a hora de chegada dos pais, ir à escola. No dia que essa rotina acabou meus pais se tornaram inimigos, entraram em uma guerra sangrenta com tamanho êxito que destroçaram tudo que tinham, incluindo a nós. Enquanto os anos passavam e tudo acontecia, estive trancada no meu quarto. Estava sempre lendo. Não tenho muitas lembranças. Não foi traumático. Eu cuidei do meu irmão quando ele era pequeno, só que os irmãos logo crescem. Como para todo menino, para meu irmão foi melhor sair de casa. E para mim, como menina, me coube o lar.

Ninguém diz que isso vai ser determinante para nossa experiência de mundo. Não sabemos amar, não sabemos decidir quando algo é bom ou ruim. Eu cresci com um pai e uma mãe já cansados. E com diferentes visões do que é dar amor e disciplina. Meu irmão se casou com uma mulher que manda nele, eu escolhi não ficar trancada em meu quarto. Já haviam me dito qual era o meu lugar. E não era suficiente. Não sabia muito bem o que queria, mas eu sabia que deveria buscar. Ao menos isso, eu sabia que devia.

c)

“No dia seguinte, no café da manhã, ele perguntou à mãe: Eu sou feio? Ela suspirou. Bom, filho, você definitivamente não se parece comigo. Pais dominicanos! Não dá para deixar de gostar deles!” Diz Junot Díaz em *A Fantástica vida breve de Oscar Wao*, pensei comigo, não só os pais dominicanos. Uma vez minha mãe me olhou muito intensamente e eu a olhei de volta e ela me disse: Ai, filha, eu se soubesse que você sairia inteligente teria comido melhor, mas naquela época não tínhamos tanta informação como agora. Eu fiquei sem reação. As coisas são assim.

“Ela era minha mãe dominicana do Velho Mundo e eu sua única filha, a que ela tinha criado sozinha, sem ajuda de ninguém, o que significava que era seu dever me sufocar.” Díaz

sabe bem como uma mãe pode tratar sua filha: a agarra firme, a decompõe e faz com que ela se sinta uma merda. Faz parte do crescimento se livrar disso. Só quando a filha consegue se “livrar” da mãe é que consegue ser ela mesma. Conheci muitas mulheres adultas, de sucesso, que não conseguiram: a mãe segue lá, dentro, ocupando o espaço censurador e militar que lhe foi assegurado: um altar invisível que ocupa o espaço inteiro como o mais gordo dos Budas.

O personagem de Díaz descreve não só um tipo de mãe de ordem geográfica, mas uma mãe de Ordem Universal, insiste:

Se não foram criadas como fui, então não sabem, e se não sabem provavelmente seja melhor que não julguem. Vocês não têm ideia do controle que nossas mães exercem, inclusive as que nunca estão presentes... principalmente as que nunca estão presentes. Não sabem como é ser a filha dominicana perfeita, uma forma amável de dizer a escrava dominicana perfeita. Não sabem como é ser criada por uma mãe que nunca disse uma só palavra positiva em toda a sua vida, nem sobre os filhos, nem sobre o mundo; sempre desconfiada, criticando e arrancando os sonhos pela raiz.

Não quero falar de quantas vezes já ouvi alguém dizer: Eu poderia ter sido isso ou aquilo, mas a minha mãe me disse que não era bom, que não valia a pena. As mães protegem ao mesmo tempo em que colocam as suas mãos em volta dos nossos pescoços. Um amor que asfixia, mas que nos ensinam a valorizar mais do que a Pátria, os deuses e o ensino fundamental; um valor outorgado por todos, amigos, familiares, meios de comunicação, mídia, a cultura pop. Nós somos o alvo e as mães a flecha que nos acerta. Sempre. É um clichê que funciona.

As mães sabem. Suspeitam. Pressentem. Mas, acima de tudo, qualificam. Dizem: Esse homem não presta. Esse projeto não te convém. Não confie, vão te enganar. Tenha cuidado com todas as amigas que te chamem de Querida ou Amiguinha. Estas são as piores, foi uma Amiguinha que foi embora com seu pai, nunca se esqueça.

E sim, as mães são tão sábias, tão conhecedoras do pior poder da vida real que parecem sair à meia-noite para fazer reuniões com outras mães pelo mundo, porque sabem de tudo, absolutamente tudo. Diabos, se a

CIA

ou a

KGB

soubessem o que elas sabem, não haveria necessidade de escritórios de inteligência governamental.

Apesar de tudo, eu ainda tinha um pouco de fé. Pelos trinta anos fui tomada pelo famoso golpe do relógio biológico e quis ficar grávida; não pude. Meu ex-marido estava tão obcecado em ser o melhor músico do país, do mundo, não importa, ele não queria ser pai. No final, nos

separamos, não por causa disso, mas por outras coisas. A questão de ter filhos foi a ponta do iceberg. Doze anos depois dessa história, eu não tinha filhos, e ele se casou com uma mulher que tinha dois. Portanto, ele também não teve filhos, mas criava os dela. Não me senti nem bem nem mal. Tive uma espécie de consciência das peripécias do destino, só isso.

Em *Afetos Ferozes* Vivian Gornick, uma escritora de origem judia, criada e radicada em Nova York, conta da relação com sua mãe. É uma biografia a meio caminho entre a crônica, o ensaio e as memórias. Ela conta do sacrifício que sua mãe fez quando ficou viúva. Porque ela desistiu. Se você não tem um homem para amar, a existência perde o sentido. Ela levou anos para se recuperar. Enquanto isso, os filhos cresceram como puderam. O livro não é um relato sentimental, pelo contrário, é um raio-x que evidencia o que já suspeitávamos: as cicatrizes estão sempre aí. Ela conta de maneira fria, quase cirurgicamente, os detalhes da sua vida afetiva, como a mãe a marcou no seu desenvolvimento, em sua ideologia sentimental. A epistemologia do amor das mães é, pois, necessariamente, uma marca para sair ao mundo com poucas ou muitas ferramentas. O peso da responsabilidade é enorme.

A autobiografia de Gornick trata justamente da enorme dificuldade disso: contar sem melodrama a história de uma relação filial que poderia ter sido sentimental. Evita excessos. Inclusive, trata-se de um livro frio. É por isso que está tão bem escrito: se tivesse seguido um relato piegas, a história seria consumida pelo testemunho e não teria mais valor do que a vida de qualquer pessoa no mundo. Uma pessoa com problemas. O que Gornick produz é uma história pessoal que pertence a muitas mulheres. Esse é o ponto de ruptura e onde um relato passa a ser literário: uma pessoa com problemas torna-se muitas pessoas com problemas. Não falo de “ver-me refletida”, mas de reconhecer o que ali está dito. É nesse “reconhecimento” que acontece o literário, o que tem valor artístico: há uma palavra genuína que ajuda a desvelar o que não sabíamos que estava coberto.

Minha mãe e eu temos a mesma conversa há muitos anos. Trata-se de dizer sobre o que comemos e como estamos. Nós nos amamos, é claro, acontece que esse amor foi construído na idade adulta, na concessão e no relaxamento do que achamos que o amor devia ser, algo espontâneo, pouco elaborado. Nada mais falso do que isso. O amor é uma possibilidade, desde que as pessoas não tomem como certo que ele deve acontecer naturalmente como sentir frio, calor ou uma doença terminal. Aprendemos a nos enxergar. Saber o que a outra pensa e discordar sem querer nos enforçar. Aprendemos a nos enxergar. E a delicadeza, a assimetria, a falta de bom gosto desse aprendizado é um trabalho que está apenas começando. Minha mãe agora não tem nada a ver com aquela mulher preocupada em ter um emprego e manter um marido em casa, em ser a anfitriã perfeita, em colocar flores, em fingir se divertir com os amigos, porque o pior que poderia ter acontecido com essa mulher era perder seu marido (como a mãe de Gornick). O que aconteceu. E isso, depois de deixá-la falida e destruída, a fez repensar tudo. Muitos acreditam que ela é uma santa. E eu não desminto. Estas mães são um passado vivo: criadas para um amor

que deveria ser durável como os melhores móveis, as casas mais bem feitas, os países mais fortes. Mães que tiveram que aprender a estar sozinhas. Viúvas, divorciadas, que suportaram muito. Mulheres de outro tempo: cegas como cavalos galopando sem saber para onde ir, como ir, vendo apenas o pequeno trecho da estrada à sua frente.

Eu escrevo. Talvez porque goste de ficar até o final dos filmes e poder falar sobre eles. O escritor sobrevive. E quem não quer sobreviver? O escritor ama o que escreve (às vezes) e quem não quer amar, mesmo que seja algo que não existe? Escrever me salvou de acreditar que uma pessoa como eu só poderia obedecer; não estou exagerando quando digo que escrever me deu um corpo. E eu soube exatamente o que fazer com ele.

REFERÊNCIAS

RÍOS, Brenda. Quiero hablar con Dios pero apareces tú, madre. *Maneras de escribir y ser / no ser madre*. (org.) LIERA, Sandra. México: Editorial Paraíso Perdido, 2021. pp. 122-128.

UMA LEITURA DA MATERNIDADE EM “RÉPLICAS” DE FLORENCIA DEL CAMPO

Melissa Maciel Paiva¹

Florencia del Campo (Buenos Aires, 1982) é poeta, contista e romancista argentina. Editora de formação pela Universidade de Buenos Aires, a autora também estudou letras e cinema. Atualmente, vive em Madrid, onde ministra oficinas de escrita criativa, além de coordenar clubes de leitura e assinar textos críticos sobre literatura contemporânea em periódicos online.

Entre os títulos publicados pela autora, elencamos *Novela roja* (2013) e *Rupturas y riñas* (2014) – ambos lançados na Argentina –, *La huésped* (2014), *Madre mía* (2017), *La versión extranjera* (2019) e *Mis hijas ajenas* (2020) – publicados na Espanha. *Soy* (2020), romance juvenil produzido em parceria com a ilustradora argentina María Luque e *Las casas se caen en verano* (2022), livro de poemas que transita pela fotografia e artes visuais, são as suas últimas publicações autorais. Florencia del Campo também participou de antologias, foi selecionada para residência literária e recebeu prêmios de melhor romance, em 2014, com *La huésped* (Premio Equis de Novela Corta), e, em 2019, com *La versión extranjera* (Premio Internacional de Novela Ciudad de Barbastro). Até o momento, sua obra é inédita em português brasileiro.

A maternidade, a morte, os laços familiares, a doença e a vulnerabilidade do corpo, a linguagem, a escrita de si, bem como a condição de estrangeiridade estão entre os temas centrais da obra de Florencia del Campo. É interessante notar que todas essas questões permeiam de algum modo o breve conto que traduzimos para este dossiê. Em 2017, “Réplicas” foi publicado em *Veintitrés formas de tocar a una mujer*, antologia de contos editada por Taller de Clara Obligado e organizada por Camila Paz.

Com a narração em primeira pessoa, “Réplicas” expõe a experiência de desnorreamento físico e simbólico, sentida como um contínuo *jet lag*, da narradora-personagem, em decorrência da doença severa e subsequente morte de sua mãe. Ao longo da narrativa, a identidade da protagonista é construída como um prolongamento da figura materna, da “mãe-obra-de-arte”², cuja réplica, a obra que reproduz a matriz, é a própria narradora.

Em oposição à identificação materna, há a relação conflituosa e de incompatibilidade entre as duas irmãs e a narradora, que tal como essa última e a mãe, também se definem a partir de uma perspectiva aglutinadora. No interregno vivenciado pela narradora, em que a própria

¹ Graduada no Curso de Letras – Licenciatura Português e Espanhol.

² No original: “madre-obra-de-arte”. (Del Campo, 2017, n.p.). Disponível em: <https://escrituracreativa.com/novedades/florencia-del-campo-en-el-asombrario-8474/>. Acesso em: 04 fev. 2023.

identidade é fraturada pela morte da mãe, tampouco existem bens e um “lar” onde poderá se refugiar, por isso considera que a sua condição de “réplica” era de fato a sua única posse. Entre as digressões que ilustram esse vínculo, há o momento em que a narradora vislumbra o porvir e atina que o seu destino será ir ao encontro de sua mãe em um local suficientemente alheio, subterrâneo e alegórico para as duas: nos pilares da Cisterna da Basílica em Istambul, onde se encontram duas Medusas invertidas, representando a criatura da mitologia grega que petrificava aqueles que a olhavam nos olhos. Novamente a imagem das *réplicas* que se retroalimentam se impõe no conto.

A maternidade é revisitada na narrativa segundo a perspectiva de uma filha, cujo nome desconhecemos, ao mergulhar nas ruínas da figura materna, povoada de analogias aquáticas. Instalada fora do país, a filha se desloca para a Argentina para ser a responsável pelos cuidados da mãe doente, e irá se defrontar bruscamente com o vazio provocado pela sua morte. Ao longo da narrativa, memórias são evocadas durante esse retorno ao país natal, em que a tônica é a comparação reiterada entre as duas mulheres: seus corpos, seios e massa corporal, assim como as roupas que vestem e são compartilhadas entre elas, e até mesmo com as águas-vivas dos tempos de veraneio. A metaficcionalidade se manifesta quando a narradora revela que irá produzir um romance e um projeto artístico a respeito da morte da mãe, tema que Florencia del Campo abordou em seu romance *Madre mía*.

Entre as lembranças revividas pela narradora há um jogo de espelhos entre as duas mulheres. Primeiro se dá quando a filha, adolescente, está experimentando uma roupa em frente ao espelho. A mãe a contempla, nostálgica, rememorando as supostas semelhanças entre as duas, contestadas até aquele momento pela filha. Em outra ocasião, após a morte da mãe, a filha, agora órfã, olha para si mesma diante do espelho, com a mesma forma do corpo e agora vestindo o sutiã da mãe morta. Nesse ponto, a narradora se dá conta da passagem do tempo, reconhecendo a transformação através de seu próprio envelhecimento.

Consideramos que a identificação compartilhada entre mãe e filha é mobilizada por meio desse laço mútuo marcado pela ambivalência, uma vez que é um vínculo simultaneamente vital e asfixiante, como uma força ao mesmo tempo geradora e destrutiva, de beleza e monstruosidade – tal como aquela representada por Medusa —: espaço matrifocal a partir do qual não há possibilidade de escape. Nessa perspectiva, a ambivalência é uma das palavras-chave para se pensar a maternidade, através da perspectiva da crítica feminista, experimentada tanto de modo individual como cultural e social, já que “[...] é algo onipresente, que se expressa a partir de sentimentos, atitudes e pensamentos contraditórios” (Vivas, 2021, p. 66)³, dimensão não raras vezes silenciada no debate público e na própria literatura.

³ Esther Vivas aborda a partir de um viés feminista essas e outras questões a respeito da maternidade em *Mamãe desobediente: um olhar feminista sobre a maternidade*, publicado no Brasil em 2021 pela editora Timo, com tradução de Claudio Cruz, Luciana Carvalho, Marina Waquil e Sandra Navarro. O livro teve a sua primeira edição na Espanha em 2019.

Poderíamos localizar aí a grande dissidência materna constante no conto, uma vez que o amor entre mãe e filha está longe de poder ser simplificado ou naturalizado como um afeto fácil de ser definido. Afinal, vemos que a fratura desse laço tensiona e desloca até mesmo o próprio discurso do sujeito, como podemos perceber na voz da narradora quando encerra o conto ao enunciar “Mã, *eu sou você* [...]”⁴ (grifos nossos), manifestando na linguagem mais uma face da ambivalência, que “embrulha o si ao outro e o outro a si” (Stephan, 2022, p. 378)⁵, tornando-as indissociáveis.

Além do desafio de traduzir para o português brasileiro um texto com muitas possibilidades de leitura, no exercício tradutório do delicado conto de Florencia del Campo, encontramos algumas questões que chamaram a nossa atenção. A primeira delas diz respeito ao termo *teta*, que, apesar de existir em português brasileiro, não compartilha a mesma carga semântica do homônimo em castelhano. No espanhol, o termo *teta* é de uso corrente e pode ser localizado em expressões cotidianas como *dar la tetá*, isto é, *dar de mamar* ou *amamentar*, e *quitar la tetá*, no sentido de *tirar o peito* ou *parar de amamentar* em português. Observando os usos, consideramos que o uso de *teta* em português se distancia do sentido presente no conto e pode soar até mesmo ofensivo, uma vez que se associa ao úbere animal, como vemos na definição do dicionário Aulete: “glândula mamal, mama; úbere: Teta de vaca; teta de cabra”⁶. Por essa razão, optamos pela palavra *seio*, de uso amplamente disseminado no português.

Ainda na mesma questão, deparamo-nos com a comparação dos seios com *pomelos* (*Citrus x paradisi*) verdes, fruta cítrica muito comum em território argentino, mas que no contexto brasileiro poderia gerar algum ruído ou estranhamento. Dessa forma, na tradução, decidimos nos aproximar de uma fruta mais familiar ao nosso meio: o *melão*. Nas oficinas de tradução de contos, a princípio havíamos discutido e pensado em utilizar *pêssego* e até mesmo *laranja*, mas em termos de tamanho, essas frutas são consideravelmente menores do que um pomelo, de modo que decidimos utilizar *melão*.

Assim como outros contos que revisitam a maternidade, o campo semântico que remete à água, aqui falamos mais especificamente do mar e da praia, também se faz presente na narrativa que traduzimos. Ao mencionar os olhos fechados da mãe, a narradora faz a comparação com *almejas*, palavra que em português pode ser traduzida livremente por *amêijoas*. No entanto, assim como *pomelo*, a palavra *amêijoas* pode provocar alguma estranheza ao leitor brasileiro, já que é mais comum na variante europeia do nosso idioma, de modo que optamos pelo uso de *mariscos*.

⁴ No original: “Ma, soy vos [...]” (Del Campo, 2017, n.p.). Disponível em: <https://escrituracreativa.com/novedades/florencia-del-campo-en-el-asombrario-8474/>. Acesso em: 04 fev. 2023.

⁵ A reflexão sobre a ambivalência pode ser encontrada de forma mais extensa em *Amor pelo avesso*: de Afrodite a Medusa. Estética da existência entre antigos e contemporâneos, por Cassiana Stephan, publicado em 2022 pela Kotter Editorial.

⁶ Disponível em: <https://aulete.com.br/teta>. Acesso em: 05 fev. 2023.

Por fim, outra questão interessante diz respeito às águas-vivas, animais marítimos presentes desde o começo da narrativa. Em dado momento do conto, a narradora está relembrando as suas férias de verão com a mãe e as irmãs, e observa que as águas-vivas estão mortas na areia da praia. Nessa situação, a mãe lhes diz que as águas-vivas já não podem “picá-las”. Realmente, considera-se adequada a referência às picadas (ou micropicadas) desses animais, no entanto, nos discursos informais em português brasileiro, localizamos a recorrência de que “águas-vivas *queimam*”, ainda que seja considerado inadequado do ponto de vista científico⁷. Assim, para manter a familiaridade discursiva da fala coloquial em português brasileiro, optamos por utilizar o verbo *queimar*, como pode ser localizado em: “Minha mãe disse que quando estavam mortas já não *queimavam*, mas mesmo assim proibiu que pisássemos nelas” (grifos nossos).

Uma vez tecidas as considerações sobre o argumento do texto e da experiência de tradução, chegou o momento da sua leitura de “Réplicas”. Acreditamos que você terá a oportunidade de apreciar uma expressão da escrita da argentina Florencia del Campo, até então inédita em língua portuguesa. Esperamos que essa narrativa suscite reflexões e, melhor ainda, questionamentos e inquietações a respeito do que é maternidade, da perda da figura materna e seus desdobramentos, bem como outras dimensões não exploradas neste espaço. Vamos lá?

RÉPLICAS

Cuando entré en la habitación, tenía cuerpo de aguaviva. El vientre inflado, las mejillas como si conservara todavía los bocados que, con trampa, escondía tras las muelas en su infancia. Me lo contó una vez, una noche de verano en la que el patio olía a jazmín. Que cuando la abuela estaba de espaldas, ella se quitaba la comida de la boca y se la metía en los bolsillos. Luego la abuela le decía: “Muy bien, niña, hoy comiste muy bien, ¡a jugar!”. Mi madre flaca era una niña pequeña. En cambio yo nunca le hice trampa con eso. Cuando murió, pesaba lo mismo que yo ahora: cuarenta y cinco kilos. Como si nuestros cuerpos estuvieran condenados a llegar a un mismo destino a pesar de puntos de partida tan dispares. Nuestros cuerpos; no quiero que todo quede explicado por la genética. En el consultorio de su médico, una tarde de julio, años antes de que la operaran, se quitó el sujetador y le vi las tetas redondas. Dos pomelos inmaduros. No es tan sencillo mirar las tetas de la madre enferma. Idénticas a las mías. Pero no es genética, es percepción. Cuando ella todavía estaba viva, solo había percibido la réplica en las tetas. Ahora es verano y hay jazmines en el patio. Pero vayamos por partes. Cuarenta y cinco kilos. Finalmente lo comprendo.

Vací su habitación para poder poner la casa en venta. Mis hermanas se ocupan de otros ambientes, están entretenidas repartiendo de manera justa los cubiertos. Yo, como vivo en el extranjero y no tengo territorio, menos tengo dónde guardar una cuchara. Les digo que no quiero nada pero no acaba de ser del todo cierto. En cualquier caso, ellas no me contestan

⁷ Há mais detalhes na matéria *Por que as águas-vivas “queimam”?*. Disponível em: <https://www.bioicos.org.br/post/2019/02/27/por-que-as-aguas-vivas-queimam>. Acesso em: 06 fev. 2023.

y siguen repartiendo entre dos, como venían haciendo, sin necesitar de mi palabra. Vacío su habitación cuando ya está vacía: la ambulancia retiró el cuerpo una madrugada. Después de eso dejé pasar cuarenta y ocho horas para la limpieza. Ahora tiro radiografías aunque fantaseo con utilizarlas como material para un collage. Nunca concreto ningún proyecto plástico. Meto su ropa en bolsas para donar. Me quedo con sus botas favoritas y con los sujetadores, que son mi talla. Mi madre me decía que tenía lindas rodillas. Que yo las tenía. Pero la ambigüedad no es solo sintáctica. Réplicas. Guardo su historia clínica para escribir una novela cuando pueda decir algo. Y encuentro una caja con álbumes de fotos. Las paso una por una hacia arriba, son apaisadas. Es entonces cuando la veo con el pelo oscuro y lacio, la frente despejada. Y lo comprendo: como un tercer ojo que llorara, por su nariz desciende un brillo. Es eso, como el filo de una navaja. Me miro al espejo.

Mi madre solía observarme y decirme: “Qué parecida que sos a mí cuando era joven...”. Yo no veía el parecido. Entendía su nostalgia. Ella sonreía mientras me lo decía. Hasta se acariciaba el pelo echándolo hacia atrás si hacía falta. Y yo, tan fresca, me seguía acomodando la pollera frente al espejo de su habitación y le preguntaba qué opinaba. “Hermosa”. Ay no, mamá, me queda como el culo, y mirá qué hora es, dios, ahora qué hago. Ella frente a mí, yo frente al espejo: réplicas. Ahora qué hago. Ahora me miro y nadie me mira. Ahora que me miro lo comprendo: estoy muy vieja. Soy huérfana. No tengo ni cucharas.

Entra una hermana a la habitación y me dice que la ropa hay que donarla. Que es imposible ponerse algo de mamá. Le doy la razón. Insiste, quiere expresarse: “Me sentiría como disfrazada de ella”. Me molesta su comentario, siento que me arrebatara la propiedad de la réplica. Mi única propiedad. La casa se está poniendo en venta. Los cubiertos, divididos entre dos. Cuando se va, me quito la camiseta y me miro las tetas cubiertas por un sujetador de mi madre. Me siento fría como el cristal de un espejo.

Llegué hace tres días del extranjero, que es lo que intento que sea mi casa. Cuando abrí la puerta de su habitación, con el cuerpo flotando en un jet lag y la cabeza esponjosa, encontré a mi madre surfeando en el colchón de una cama ortopédica que la obra social le proveyó. Una medusa. Sus manos como pulpos incompletos. Un vientre inmenso, de ballena. Mi madre flaca. A cuarenta y cinco kilos de morirme yo también digo esto: era mi madre flaca. La que ahí estaba. Boca arriba. En una habitación inundada. Los ojos como almejas. Mi cabeza, arena mojada. “Mamá, soy yo, ya llegué, despertate”, le dije. Almejas cerradas. Flotando en un jet lag. ¿Qué pasó con el tiempo? ¿A qué hora de qué día se habría muerto para mí si yo nunca hubiera volado? ¿Qué pasó con el cuerpo?

Pasábamos algunas vacaciones en Las Toninas. Es un lugar recóndito de esta tierra que a nadie puede importarle. Ahora que vivo en el extranjero y no tengo cucharas, puedo comprender que la lejanía de los cubiertos es también aquella que sucede en el espacio que hay entre el primer cajón de la cocina y la mesa del comedor. Ser extranjera es ser una hormiga

herida en una pata. En esas playas veraneábamos. Éramos mis hermanas, mi madre y yo. Cuatro mujeres organizadas en dos pares. Réplicas. Réplicas. ¿Por qué de entre todas las que fuimos, me tocó a mí ser como vos? La arena era gruesa, el mar siempre estaba oscuro. Y en la orilla, un cementerio de aguavivas muertas. Aprendí la paradoja de las cosas veraneando. Mi madre nos dijo que muertas ya no picaban, pero de todos modos nos prohibió pisarlas. Otros niños de la playa las destruían con palas y rastrillos de plástico. Desde una distancia de hormiga, recuerdo esa playa como un planeta desierto con islas transparentes y movedizas. Sin niños, sin invasión, sin vida humana. Si me acerco agigantada por la imaginación, veo solo seis aguavivas organizadas en dos triángulos: en el primero, dos para los ojos de mi madre y la otra para su boca. En el triángulo de abajo: sus pechos y su ombligo. Luego pondría una navaja en el primer triángulo desde un punto medio entre dos de las bolsas hacia la tercera, a modo de nariz, el filo. Por fin un collage. Por fin concretando algo de lo plástico. Miro mi obra, me miro: réplicas. Soy igual a mi madre-obra-de-arte y al mismo tiempo asumo que yo soy obra suya. Copias. Réplica mutua. Nunca nos picó ninguna. Mis hermanas y yo éramos excelentes nadadoras y podíamos esquivar cualquier cosa. Además, no nos interesaban los bichos muertos aunque tampoco demasiado los vivos.

Acabo de vaciar la habitación de mi madre. Quedan los muebles, entre ellos, una cama que ni siquiera es nuestra. Llegué hace tres días. Hace cinco, por teléfono, alguna me había dicho: “Te está esperando”. Ninguna me dijo que estaba inflada. La otra hermana insinuó que si no me apuraba no llegaba a verla viva. Aguaviva. Sí que la vi. Me estaba esperando a la orilla del mar. Yo era la niña que no fui acercándose con pala y rastrillo para destrozarla. No fui pero vine. No utilicé palas y rastrillos sino jeringas sin aguja. No la destrocé, lo que hice fue matarla.

Entré a su habitación hace tres días y su cuerpo aún estaba vivo. Cuarenta y cinco kilos inflados, ¿en cuánto queda? “Hola, ma, soy yo, ya llegué, despertate”. Mi madre no abrió los ojos. Respiraba tan poco que parecía hacerlo por un agujerito, como el que deja una almeja ya escondida en la arena mojada. Entró una de mis hermanas y me dijo: “Ya no habla, hace más de quince días que no dice nada”. Horas más tarde la otra agregó: “Está inconsciente. Ni habla ni abre los ojos. Hace más de quince días que no mira nada”. Soy yo. Ya llegué. Despertate. Cómo se puede ser tan ridícula. Que no mira nada. Mamá, ¿me queda bien esta pollera? Hermosa. Ridícula. Despertate. La primera de las hermanas me dijo: “Dejá las valijas, ponete cómoda». Creo que la segunda quería agregar: «Sentite como en tu casa”. Yo estuve a punto de preguntar si podía tomar algo. Dejé las valijas, me puse cómoda, tomé un vaso de agua en la casa de mi madre, el patio sembrado de jazmines, podada la infancia. La casa de mi madre. Cómo se puede ser tan extranjera, tan... “Yo me tengo que ir a mi casa, hace noches que no duermo allá. ¿Te ocupás vos de ella hoy? A eso viniste, ¿no?” Tan hormiga. Respondí afirmando. “Bueno, perfecto, entonces yo también me voy”, dijo la segunda. “Vení que te mostramos los medicamentos que le tenés que dar”, dijeron. Fuimos a la habitación de mamá. Había cuerpo. Era como una playa.

Tan infancia. “Este a las diez. 0,5 mm en esta jeringa. Sabés como cargarla, ¿no? Tirás para arriba y se llena, y después, dentro de su boca, apretás para abajo”. Asentí. “Bueno, y este otro y este y este a las once, o sea, una hora después”, dijo la segunda. Se despidieron. Quedamos mamá y yo y el espejo de cuerpo entero de su habitación, el mismo en el que me miraba antes de ir a bailar y le preguntaba: “Mamá, de verdad, ¿me queda bien?, ¿no parezco un tanque con esta pollera tan apretada?”. Hermosa. Y se echaba el pelo para atrás y ahora sí que recuerdo el brillo. No está solo en la foto. Ahora en mi cabeza esponja también brilla su nariz navaja. Y la frente despejada, y el pelo lacio: réplicas.

A las diez de la noche de hace tres días, le di a mi madre un remedio analgésico, ¿quizá algo como morfina? Una hora más tarde cargué tres veces una jeringa de plástico sin aguja para introducirle tres veces líquidos espesos en una garganta silenciada. No sé lo que pasó. A cuarenta y cinco kilos de distancia de ella, que ya es cenizas, puedo decir que no sé más nada. No recuerdo si primero llamé a la ambulancia o a mis hermanas, ni a cuál de las dos. “¿Pero qué pasó?”, me gritaban, juntas. Eran una sola esa noche. “Se ahogó”. Era todo tan playa... El médico que vino en la ambulancia me dijo: “Probablemente se ahogó. En cualquier caso la causa técnica es un paro cardiorrespiratorio”. Mi aguaviva ahogada. Mis hermanas idénticas, una sola, me dijeron: “La mataste”. Aguaviva muerta, qué dicen, si yo solo vine a cuidarla. La paradoja aprendida en la infancia, a un jet lag de distancia de mi hormiguero, a cuarenta y cinco kilos de nada. Le pedí al médico que no me encubriera. ¿O era cierto que la causa técnica era un paro cardiorrespiratorio? “Imbécil, la mataste”, dijo mi hermana compactada. Quise acostarme un rato con ella, en la cama ortopédica, en el colchón de agua, quería meterme por su boca como Pinocho, quería cualquier cosa, quería a mi madre, pero no me dejaron. “Nos llevamos ya el cuerpo. Tenemos mucho trabajo”. Me echaron de la habitación para envolverla como pescado fresco del día. Cuando volví a entrar estaba sin su cuerpo. Y yo frente al espejo. Réplicas. Solo una. Compactadas.

Tres días después vació la habitación y soy capaz de guardarme su historia clínica para escribir una novela cuando se licúe mi garganta espesa. Mi hermana doble me dice que a mí no me corresponde nada por no haber estado durante su enfermedad. Pero la otra parte de ella me dice que bueno, que si quiero la ropa les da igual, que eso les sobra, nadie quiere replicarla disfrazándose de madre. Lo que pasa es que a mí ni me hace falta, la réplica está en el cuerpo desnudo, en la navaja volcada desde un tercer ojo, en los cuarenta y cinco kilos de nada. Me quedo con sus botas favoritas. Tengo las rodillas arrugadas, no me reconozco, soy extranjera de mi cuerpo, tengo la pata de una hormiga quebrada.

Regresaré en cuatro días al aeropuerto para coger mi vuelo a Madrid. Cuando llegue, sufriré un nuevo jet lag en los cuarenta y cinco kilos que me separan de la muerte. El jet lag es cuerpo, no tiempo; es importante empezar a dejar las cosas claras.

Hay dos cabezas de Medusa en la Cisterna Basílica de Estambul. Réplicas. Iré a verlas cuando pueda empezar a habitar Europa, a tener algo parecido a una casa. Como si fuera a visitar a mi madre. Ahí, estatuas de Medusa sobre el agua. Tan nosotras pero extrañas: cisterna por mar, medusa por aguaviva, piedra por carne. Sí, mamá, te lo dije varias veces esa tarde: era yo, había llegado, quería que te despertaras. Pero te lo repito ahora con palabras diferentes que replican nada: “Ma, soy vos, ya me fui, perdoname”.

RÉPLICAS

Quando entrei no quarto, tinha o corpo de água-viva. O ventre inflado, as bochechas como se ela ainda conservasse os pedaços que, trapaceando, escondia atrás dos molares na infância. Ela me contou uma vez, numa noite de verão em que o quintal cheirava a jasmim. Que quando a avó estava de costas, ela tirava a comida da boca e enfiava nos bolsos. Então, a avó lhe dizia: “É isso aí, menina, hoje você comeu muito bem, pode ir brincar!”. Minha mãe magra era uma criança pequena. Já eu nunca a enganei assim. Quando morreu, pesava o mesmo que eu peso agora: quarenta e cinco quilos. Como se os nossos corpos estivessem condenados a chegar a um mesmo destino apesar de terem pontos de partida tão díspares. Nossos corpos; não quero que tudo seja explicado pela genética. No consultório médico, numa tarde de julho, anos antes de ser operada, tirou o sutiã e eu vi os seus seios redondos. Dois melões ainda verdes. Não é tão fácil ver os seios de uma mãe doente. Idênticos aos meus. Mas não é genética, é percepção. Quando ela ainda estava viva, eu só tinha notado a réplica nos seios. Agora é verão e há jasmims no quintal. Mas uma coisa de cada vez. Quarenta e cinco quilos. Finalmente entendo.

Esvazio o quarto para poder colocar a casa à venda. Minhas irmãs cuidam dos outros ambientes, estão entretidas dividindo os talheres de maneira justa entre as duas. Eu, como moro fora do país e não tenho território, não tenho nem onde guardar uma colher. Digo a elas que não quero nada, mas isso não é totalmente verdade. Em todo caso, não me respondem e continuam dividindo entre as duas, como vinham fazendo, sem precisarem da minha palavra. Esvazio o quarto que já está vazio: a ambulância retirou o corpo numa madrugada. Depois disso, deixei que se passassem quarenta e oito horas para a limpeza. Agora jogo fora as radiografias, apesar de sonhar em utilizá-las como material para um *collage*. Nunca termino nenhum projeto plástico. Enfio as suas roupas em sacolas para doação. Fico com as suas botas preferidas e com os sutiãs, que são do meu tamanho. Minha mãe me dizia que tinha lindos joelhos. Que eu tinha. Mas a ambiguidade não é só sintática. Réplicas. Guardo a sua história clínica para escrever um romance quando eu puder dizer algo. E encontro uma caixa com álbuns de fotos. Passo uma por cima da outra, estão em formato paisagem. É aí que a vejo com o cabelo escuro e liso, a testa grande. E entendo: como um terceiro olho que estivesse chorando, desce um brilho pelo seu nariz. É isso, como o fio de uma navalha. Olho para mim no espelho.

Minha mãe costumava me observar e dizer: “Como você é parecida comigo quando eu era novinha...”. Eu não via a semelhança. Entendia a sua nostalgia. Ela sorria enquanto me dizia isso. Até mexia no cabelo, puxando-o para trás se fosse preciso. E eu, tão nova, continuava experimentando a saia na frente do espelho do seu quarto e perguntava o que ela achava. “Linda”. Ai, não, mãe, ficou uma merda, e olhe que horas são, o que eu faço agora. Agora que eu me vejo, entendo: estou muito velha. Sou órfã. Não tenho nem uma colher.

Uma das irmãs entra no quarto e me fala que as roupas têm que ser doadas. Que é impossível vestir algo da nossa mãe. Concordo com ela. E insiste, quer se expressar: “Eu iria me sentir como se estivesse me fantasiando dela”. Seu comentário me ofende, sinto que me arranca a propriedade de réplica. A minha única posse. A casa está sendo posta à venda. Os talheres, divididos em dois. Quando ela sai, tiro a camiseta e olho para os meus seios envoltos por um sutiã da minha mãe. Eu me sinto fria como o vidro de um espelho.

Faz três dias que vim de fora do país, que é onde eu tento que seja a minha casa. Quando abri a porta do quarto, com o corpo flutuando em um *jet lag* e a cabeça inchada, encontrei a minha mãe surfando no colchão de uma cama ortopédica fornecida pelo serviço de saúde. Uma medusa. Suas mãos eram como polvos incompletos. Um ventre imenso, de baleia. A minha mãe magra. A quarenta e cinco quilos da morte eu também digo isso: era a minha mãe magra. A que estava aqui. Virada para cima. Em um quarto inundado. Os olhos como mariscos. Minha cabeça, areia molhada. “Mãe, sou eu, já cheguei, lembra”, disse. Mariscos fechados. Flutuando em um *jet lag*. O que houve com o tempo? A que horas de que dia ela morreria se eu nunca tivesse voado para cá? O que aconteceu com o corpo?

Passávamos algumas férias em Las Toninas. É um lugar isolado que não desperta o interesse de ninguém. Agora que moro no exterior e não tenho nem colheres, consigo entender que o distanciamento dos talheres é também aquele que se dá no espaço que há entre a primeira gaveta da cozinha e a mesa da sala de jantar. Ser estrangeira é ser uma formiga com uma pata machucada. Nessas praias passávamos o verão. Éramos eu, minha mãe e minhas irmãs. Quatro mulheres organizadas em dois pares. Réplicas. Réplicas. Por que entre aquelas que nós fomos eu tive que ser como você? A areia era espessa, o mar sempre estava escuro. E na beira, um cemitério de águas-vivas mortas. Aprendi o paradoxo das coisas nas férias de verão. Minha mãe disse que quando estavam mortas já não queimavam, mas mesmo assim proibiu que pisássemos nelas. As outras crianças da praia esmagavam as águas-vivas com pás e rastelos de plástico. Desde uma distância de formiga, eu me lembro dessa praia como um planeta deserto com ilhas transparentes e movediças. Sem crianças, sem invasão, sem vida humana. Se usando a imaginação eu me aproximo com grandes proporções, só vejo seis águas-vivas organizadas em dois triângulos: no primeiro, duas para os olhos da minha mãe e outra para a sua boca. No triângulo abaixo: os seus peitos e o seu umbigo. Depois colocaria uma navalha no primeiro triângulo a partir de um ponto médio entre dois dos sacos em direção à terceira, como um nariz,

o gume. Finalmente um *collage*. Finalmente materializando algo plástico. Olho para a minha obra, olho para mim: réplicas. Sou como a minha mãe-obra-de-arte e ao mesmo tempo assumo que eu sou a sua obra. Cópias. Réplica mútua. Nunca nenhuma delas nos queimou. As minhas irmãs e eu éramos ótimas nadadoras e conseguíamos desviar de qualquer coisa. E também os bichos mortos não nos interessavam, e muito menos os vivos.

Termino de esvaziar o quarto da minha mãe. Ficam os móveis, entre eles, uma cama que nem sequer é nossa. Cheguei há três dias. Há cinco, por telefone, alguma delas tinha me falado: “Ela está te esperando”. Nenhuma me disse que ela estava inflada. A outra irmã insinuou que se eu não me apressasse, não chegaria a vê-la viva. Água-viva. Sim, eu a vi. Estava me esperando à beira do mar. Eu era a criança que não fui, chegando com a pá e o rastelo para destroçá-la. Não fui, mas vim. Não usei as pás e os rastelos, mas seringas sem agulha. Não destrocei, o que fiz foi matá-la.

Há três dias entrei no quarto e o seu corpo ainda estava vivo. Quarenta e cinco quilos inflados, quanto é? “Oi, mã, sou eu, já cheguei, acorda”. A minha mãe não abriu os olhos. Respirava tão pouco que parecia que era por um burquinho, como aquele que o marisco já escondido deixa na areia molhada. Uma das minhas irmãs entrou e me disse: “Ela já não fala, faz mais de quinze dias que não diz nada”. Horas depois, a outra acrescentou: “Está inconsciente. Não fala e nem abre os olhos. Faz mais de quinze dias que não vê nada”. Sou eu. Já cheguei. Acorda. Como pode ser tão ridícula? Que nem vê nada. Mãe, essa saia ficou boa? Linda. Ridícula. Acorda. A primeira das irmãs me disse: “Deixe as malas, fique à vontade”. Acho que a segunda queria dizer: “Sinta-se em casa”. Quase perguntei se eu poderia tomar algo. Larguei as malas, fiquei à vontade, bebi um copo d’água na casa da minha mãe, o quintal com jasmims, a infância podada. A casa da minha mãe. Como pode ser tão estrangeira, tão... “Eu tenho que ir para a minha casa, já faz dias que não durmo lá. Você cuida dela hoje? Foi por isso que você veio, né?” Tão formiga. Respondi que sim. “Então, perfeito, eu também vou”, disse a segunda. “Vamos te mostrar os remédios que você tem que dar para ela”, disseram. Fomos ao quarto da nossa mãe. Tinha corpo. Era como uma praia. Tão infância. “Este às dez. 0,5 mm nesta seringa. Sabe como encher, né? Puxe para cima e encha, e depois, dentro da boca, aperte para baixo”. Assenti. “Bom, e este outro e este e este às onze, ou seja, uma hora depois”, disse a segunda. Despediram-se. Ficamos minha mãe e eu e o espelho de corpo inteiro do seu quarto, era o mesmo no qual eu me olhava antes de sair para dançar e lhe perguntava: “Mãe, sério, ficou bom? Não pareço um botijão com essa saia tão apertada?” Linda. E puxava o seu cabelo para trás e agora sim eu me lembro do brilho. Não está só na foto. Agora na minha cabeça inchada também brilha o seu nariz de navalha. E a testa grande, e o cabelo liso: réplicas.

Há três dias às dez da noite dei um analgésico à minha mãe, talvez algo como morfina? Uma hora depois enchi uma seringa de plástico sem agulha para introduzir por três vezes líquidos espessos em uma garganta silenciada. Não sei o que aconteceu. A uma distância de quarenta

e cinco quilos dela, que já é cinzas, posso dizer que não sei de mais nada. Não me lembro se liguei primeiro para a ambulância ou para as minhas irmãs, nem para qual das duas. “Mas o que aconteceu?”, gritavam, juntas. Nessa noite elas eram uma só. “Ela se afogou”. Era tudo tão praia... O médico que veio na ambulância me falou: “Provavelmente se afogou. Em todo caso, a causa técnica é parada cardiorrespiratória”. A minha água-viva afogada. As minhas irmãs idênticas, uma só, me disseram: “Você matou ela”. Água-viva morta, o que estão falando, se eu só vim para cuidar dela. O paradoxo aprendido na infância, a um *jet lag* de distância do meu formigueiro, a quarenta e cinco quilos do vazio. Pedi ao médico que não me acobertasse. Ou era mesmo verdade que a causa técnica era uma parada cardiorrespiratória? “Idiota, você matou ela”, disse a minha irmã compactada. Eu quis me deitar um pouco com ela, na cama ortopédica, no colchão de água, queria me enfiar pela sua boca como o Pinóquio, queria qualquer coisa, queria a minha mãe, mas não deixaram. “Já levamos o corpo. Temos muito trabalho”. Eles me tiraram do quarto para embrulhá-la como o peixe fresco do dia. Quando voltei para entrar, o quarto estava sem o corpo. E eu de frente para o espelho. Réplicas. Uma só. Compactadas.

Três dias depois, esvazio o quarto e sou capaz de guardar o prontuário médico para escrever um romance quando a minha garganta espessa se dissolver. Minha irmã dupla me disse que não tenho direito a nada porque não estive presente durante a doença da nossa mãe. Mas a sua outra parte me diz que enfim, se eu quiser ficar com as roupas tanto faz, que não tem problema, ninguém quer imitá-la nem ficar se fantasiando de mãe. Acontece que para mim não faz diferença, a réplica está no corpo despido, na navalha inclinada por um terceiro olho, nos quarenta e cinco quilos de nada. Fico com as suas botas favoritas. Tenho os joelhos enrugados, não me reconheço, sou estrangeira no meu corpo, com a pata quebrada de uma formiga.

Daqui a quatro dias volto ao aeroporto para pegar o meu voo a Madrid. Quando chegar, vou ter um novo *jet lag* nos quarenta e cinco quilos que me separam da morte. O *jet lag* é o corpo, não o tempo; é importante começar a deixar as coisas claras.

Existem duas cabeças de Medusa na Cisterna da Basílica, em Istambul. Réplicas. Irei vê-las quando eu puder começar a viver na Europa, a ter algo parecido com uma casa. Como se fosse visitar a minha mãe. Ali, estátuas da Medusa sobre a água. Tão nós mesmas, mas estranhas: cisterna no lugar de mar, medusa no lugar de água-viva, pedra no lugar de carne. Sim, mãe, eu te disse várias vezes naquela tarde: que era eu, que eu tinha chegado, que eu queria que você acordasse. Mas agora eu repito com palavras diferentes que não replicam nada: “Mã, eu sou você, já fui embora, me desculpa”.

REFERÊNCIAS

DEL CAMPO, Florencia. Réplicas. In: OBLIGADO, Clara. *Ventitrés formas de tocar a uma mujer*: antología de relatos. Madrid: DeLirios, 2017. p. 61-68.

STEPHAN, Cassiana. *Amor pelo avesso*: de Afrodite a Medusa. Estética da existência entre antigos e contemporâneos. Curitiba: Kotter Editorial, 2022.

VIVAS, Esther. *Mamãe desobediente*: um olhar feminista sobre a maternidade. Tradução: Claudio Cruz, Luciana Carvalho, Marina Waquil e Sandra Navarro. São Paulo: Timo, 2021.

RUBEN: AUTORRETRATO

Karen G. S. Silva¹

Nascida em Milão, no ano de 1959, Gabriella Kuruvilla é pintora, escritora, arquiteta e jornalista de profissão. Além de seu conto “Ruben”, publicado em 2005 pela editora Laterza, como parte da antologia *Pecore Nere* (Ovelhas Negras), a autora tem contos e romances publicados por diversas editoras italianas e já teve obras traduzidas e publicadas nos Estados Unidos e na Alemanha. Filha de pai indiano e mãe italiana, esse conto retrata sua vivência enquanto segunda geração de migrantes na Itália e sua experiência dissidente com a maternidade.

Autoficcional, Ruben é um relato com camadas de significado complexas e entrelaçadas, a mais evidente é certamente o dilema da maternidade enfrentado pela protagonista e sua relação ambígua com a gravidez e o tornar-se mãe. Com humor e ironia, Gabriella Kuruvilla nos faz refletir sobre medos e angústias de uma gestante, desde o início relutante até aceitar a gravidez. Em meio à família e amigos cada vez mais animados com a chegada do bebê, a personagem reflete que “As crianças nunca me despertaram sentimentos positivos. Indiferença e irritação, talvez”. Nenhum nome é mencionado no texto, então, só podemos inferir que temos em mãos uma obra autoficcional pelo título (e pela narração em primeira pessoa), mas isso só ao tomar conhecimento da biografia da autora e saber do nascimento de seu filho, Ruben, dois anos antes da publicação do conto.

A forma como a gestação e a espera por um filho é abordada quebra totalmente com o mito da maternidade como a maior realização da vida de uma mulher e os parâmetros estabelecidos pela sociedade de como uma gestante deve se sentir ou se comportar. Logo na primeira cena, o leitor se depara com uma mulher grávida bebendo, fumando e pintando até altas horas da madrugada, questionando-se se quer ou não de fato ser mãe. Uma mulher que aos 7 meses de gravidez ainda trabalha até às 3 horas da manhã, frequenta shows e só volta para casa ao amanhecer é um choque e um desconforto ao leitor comum habituado a uma maternidade idealizada.

Em diversos momentos do conto nos deparamos com um distanciamento intencional e curiosidade relutante sobre esse ser estranho crescendo em seu ventre. Mesmo após decidir levar a termo a gestação, a personagem permanece em negação sobre o futuro e a chegada desta criança:

¹ Graduanda em Letras – Bacharelado Português e Italiano (Estudos da Tradução).

É difícil explicar, e na verdade não explico, mas aquele carrinho me perturba. Não consigo me imaginar mãe de jeito nenhum. Por ora, só tenho a barriga. Enquanto isso, a amiga se preocupa com você, e com os seus deslocamentos: que inveja, queria poder viver a sua espera com o mesmo entusiasmo (Kuruvilla, 2005, tradução nossa).

E é durante o parto que essa hesitação e esse medo se tornam evidentes até para a equipe médica, “A obstetra sentencia: ‘Você não quer que ele saia’”.

Mas Ruben nasce e, apesar de o medo vencer num primeiro momento, é quando a mãe o amamenta pela primeira vez que temos uma das cenas mais ternas do conto:

Te trazem para mim. Te pego nos braços e te aproximo do meu seio. Você começa a sugar. É mágico. Eu queria que você não se desgrudasse nunca mais. A minha vida, agora, tem o seu significado. Te amo. Nunca senti algo assim. Tão perfeito e pleno. Nessa, na sua, doce fragilidade (Kuruvilla, 2005, tradução nossa).

Esse momento de ternura imensa e amor incondicional pelo filho realiza e dissolve as tensões da gestação. Porém, apesar do grande amor e cuidado, o estranhamento e a busca por se ver no filho parido permanece presente ao longo da narrativa.

Outro eixo do conto é a questão racial, que perpassa todo o texto e tem enorme impacto nos medos e relutâncias da personagem em relação à maternidade. Como filha de mãe italiana, ela não sofre o drama de muitas crianças nascidas na Itália, mas que não são reconhecidas como cidadãs por terem pais estrangeiros. Como filha de pai indiano, Gabriella sofre na pele a discriminação e a angústia de não se sentir pertencente a nenhuma pátria e a reflete na sua personagem:

No meio, eu. Que pertencia a uma única nação, a italiana, porque a outra agora tinha sido abandonada. Estávamos na Itália. Estávamos em Milão. Da Índia existiam apenas fotos, fascinantes como um vaso chinês. Um objeto que caracteriza a decoração. Não a identidade pessoal. É verdade que eu comia muito arroz com *curry* e pouca macarronada. Mas quem se sente americano comendo um hambúrguer? (Kuruvilla, 2005, tradução nossa).

Ao expor a chaga do racismo e o apagamento da sua segunda cultura, de sua herança paterna, ela trata também dos medos que a afligem pelo filho, do sentimento de não pertencer a lugar nenhum e da dor da discriminação, raízes profundas do seu medo da maternidade, do seu pavor de passar esse sofrimento a uma criança inocente:

Só quando me chamavam de negra é que, de repente, eu me lembrava. E, imediatamente, queria esquecer. Aquilo que machuca, geralmente, se elimina [...]. Eu era feita de duas metades que não se encaixavam. Que não se comunicavam. Uma havia nascido. A outra continuava em gestação. E corria risco de aborto. [...] As pessoas me olham, nos olham. [...] Minha vida inteira eu nunca quis ser vista como um corpo estranho e diferente, não quero que te aconteça o mesmo. E agora nos está acontecendo (Kuruvilla, 2005, tradução nossa).

Essa foi também uma questão que se sobressaiu no processo de tradução. Ao me deparar diversas vezes com o termo “*nero*” se criou um dilema de qual ou quais palavras usar na tradução. Na Itália como um todo, mas particularmente no Sul, o termo é usado para designar pessoas que apresentem pele que bronzeia facilmente e cabelos e olhos escuros, por exemplo, os sicilianos são muitas vezes descritos como *neri*. Assim como no Brasil, a palavra “negro” pode ter cunho racista, dependendo do contexto e da intenção do falante. Mas como adequar isso também ao contexto migratório que se apresenta na Itália e não é muito comum no Brasil? Pensar sobre o assunto me fez perceber um apagamento cultural, no Brasil ou talvez seja uma questão ocidental, de uma grande parte da população da Ásia. Quando pensamos em “asiático”, a primeira coisa a vir a mente nunca é a figura de um indiano, paquistanês ou iraquiano. Temos uma imagem muito excludente e restrita desse que é o maior continente do planeta. Isso gerou uma dúvida de como produzir uma tradução que abordasse o fato de a personagem ter ascendência indiana e atendesse à questão particular do italiano e sua relação com a palavra *nero*.

Durante os espaços de discussão em sala, apresentei a questão aos meus colegas e o debate que se seguiu teve imensa contribuição, tanto para uma nova perspectiva durante a tradução, quanto para nortear minha pesquisa por termos que pudessem contemplar essa complexidade. A expressão “pessoas marrons”, sugerida inicialmente pelo colega Everton Bernardes e usada mundialmente pelas comunidades asiáticas que não pertencem ao leste do continente, apresentou-se como a melhor solução para essa questão de tradução.

A admiração distante que a protagonista tem para com a Índia é também um reflexo de sua relação com o pai e seu afastamento dessa herança paterna. Divórcio, ausência na infância, afeto e filhos negligenciados em favor do trabalho prestigioso construiu um abismo não só familiar, mas também cultural: “Em mim, por outro lado, o apagamento da Índia quase aconteceu. E assim, para a pergunta ‘Você é italiana?’, eu respondia sem hesitar: ‘Meu pai é indiano’”.

É a chegada do neto, desta terceira geração, que faz pai e filha se reaproximarem, “Seu avô liga, está muito feliz e orgulhoso que você exista [...] Desde que você apareceu, ele me liga todos os dias. Tenho a sensação de conter um dom precioso”, e, de certa forma, se reconciliar também com a Índia e com a herança cultural negligenciada, “Talvez você, a próxima geração, saberá se aproximar com maior espontaneidade e naturalidade do seu quarto indiano”.

Gabriella pinta quadros com as palavras e tece histórias com suas pinturas. A forte influência visual se faz presente em todo o conto e na construção das frases e parágrafos curtos. Uma experiência sensorial, sua escrita nos faz passear pelas cenas como em uma de suas exposições.

RUBEN

Non è più tramonto, non è ancora alba. È il lungo e dilatato tempo della notte. Quello affrancato dai ritmi sociali. Quello dedicato al riposo, che spesso trasformo in lavorativo. La mattina preferisco dormire. A lungo. Un piacere a cui non rinuncerei per nulla, e per nessuno.

Guardo l'orologio. Le lancette continuano a scorrere, imperturbabili. È un ticchettio nel vuoto. Guardo il cielo. Nero, limpido, stellato, freddo. Silenzioso. Continuo a pitturare. Sono ancora arrampicata sull'ultimo gradino della scala, con il pennello in una mano e la tocca di colore nell'altra. Una parete della sala sta diventando giallo oro. Intanto ho finito tre Moretti grandi e un pacchetto di Fortuna rosse. Bottiglie vuote e posacenere zeppo. Penso. Non solo al giallo oro. Ma anche al rosa. Al rosa di quel pallino in più che si è impresso sul test di gravidanza. Sono incinta. Non lo volevo. Adesso non so se non lo voglio. Difficile svegliarsi a mezzogiorno se hai un figlio. Ma non si tratta solo di questo.

I bambini non mi hanno mai smosso sentimenti positivi. Indifferenza e fastidio, forse. Le famigliole poi. Me le immagino all'ora di pranzo, sedute intorno a un tavolo di plastica bianca nella triste veranda ricavata davanti al vecchio camper piazzato in una spoglia piazzola di un campeggio della riviera romagnola. Strepiti infantili e chiacchiericcio adulto, in un angolo una televisione che emette in maniera ipnotica immagini e parole enfatizzando un'atmosfera stanca, squallida e banale. Madri sfatte e trasandate, padri grassi e sudati, figli fastidiosi e petulanti. Una grande pentola ribollente cibo, versato come rancio su piatti in ceramica sbeccata.

Non ho mai vissuto qualcosa di simile, ho il terrore di viverlo.

Nessuna madre sfatta e trasandata, nessun padre grasso e sudato. Lei bianca, italiana, capelli castani e occhi verdi. Lui nero, indiano, capelli e occhi neri. Monocromo. Di bianco aveva solo delle macchie sul viso, intorno al mento. Vitiligine. Da stress. L'incontro con l'Occidente aveva impresso sulla sua pelle piccole chiazze chiare. Una strana forma di integrazione.

Genitori profondamente diversi, per cultura. Per aspirazioni. Che ben presto si erano separati lottando, entrambi e divisi, per la loro realizzazione.

In mezzo, io. Che appartenevo a una sola nazione, quella italiana, perché l'altra ormai era stata abbandonata. Eravamo in Italia. Eravamo a Milano. Dell'India esistevano solo delle foto, suggestive come un vaso cinese. Un oggetto che definisce l'arredamento. Non l'identità personale. Certo mangiavo tanto riso al *curry* e pochi spaghetti al pomodoro. Ma non è che uno davanti a un hamburger si senta americano.

Solo quando mi chiamavano negra, improvvisamente, ricordavo. E, immediatamente, volevo cancellare. Ciò che ferisce, solitamente, si rimuove. Il paradosso era che, in India, i bambini mi guardavano e mi indicavano, ridendo. E forse mi chiamavano bianca, ma la loro lingua io non la conoscevo. Non conoscevo niente del loro paese, che avrebbe dovuto essere anche il mio.

Ero composta da due metà che non si integravano. Che non comunicavano. Una era nata. L'altra rimaneva in gestazione. E rischiava di abortire. Però la favola del Brutto anatroccolo mi faceva soffrire: avevo chiuso il libro ed ero scoppiata in lacrime. Mia madre, stupita e preoccupata, mi aveva chiesto: «Perché piangi?», e io, singhiozzando, avevo risposto: «Ma se l'anatroccolo nero diventa bianco la sua mamma come fa a riconoscerlo?». Un modo tutto particolare di interpretare il lieto fine.

Intanto anche mio padre stava diventando italiano. Della sua patria conservava solo i tratti somatici. O solo quelli, visivamente indelebili, dava a vedere. Il suo nucleo nativo veniva lentamente ricoperto da strati di vita occidentale. Dall'angusta stanza di un pensionato studentesco dove dormiva, studiava e mangiava, costretto nella sua situazione di emigrato povero e solo, era passato alla villa con giardino in Brianza, dove veniva riconosciuto e rispettato come Il Dottore. E poteva cambiare abito ogni giorno, scegliendo tra i vari pullover in cachemire che per lungo tempo aveva solo desiderato, ammirandoli dalla strada: in piedi, davanti a un'elegante vetrina del centro milanese. Per questo, probabilmente, non sopportava i miei maglioni sformati, stile hippy.

Ma anche questa è India. Un paese fatto da uomini che considerano la camicia stirata e l'orologio d'oro quasi un dovere. Non importa se poi li indossano sopra al longhi: un pezzo di cotone arrotolato, a mo' di gonna, intorno alla vita.

In me, invece, la cancellazione dell'India era quasi avvenuta. Così alla domanda «Sei italiana?» senza esitazioni rispondevo: «Mio padre è indiano». Lui, non io. Io che mi stiravo i capelli quando Michael Jackson non era ancora una star. Io che usavo creme a protezione totale nei mesi estivi e pensavo di rifarmi il naso in quelli invernali.

Io che non pensavo di poter avere un figlio. Nel terrore di essere una madre bambina troppo presa da se stessa per potersi dedicare a qualcun altro. Nel terrore di avere un figlio che potesse sentirsi, come me, esiliato in ogni terra. Troppo nero per essere italiano, troppo bianco per essere indiano. Che si stirava i capelli e usava creme a protezione totale dopo essersi rifatto il naso. Nel vano tentativo di riconoscersi in un solo luogo, che è più facile. Incapace di riuscire ad apprezzare fino in fondo questo meticcio. Di essere fiero di queste due metà, che dovrebbero portare a un'addizione, non a una sottrazione. Dovrebbero. Comunque in lui si sarebbe trattato solo di un quartino. La mia eredità. Materiale difficile da gestire, lo sapevo per esperienza. Quindi come potevo regalarlo a qualcun altro, e a sua insaputa, con lieve noncuranza? Forse potevo.

È agosto. Sono al settimo mese di gravidanza. Passeggiamo insieme su una spiaggia della Sicilia. Con il mio corpo, ti avvolgo e ti proteggo: tu prendi il sole e osservi il mondo. Fai le capriole. Ho un costume a due pezzi, una pancia prominente e una pelle nero pece. A me la melanina fa quest'effetto. Sono più scura di mio padre. Mi sento osservata. Mi butto in acqua, per cancellarmi dagli sguardi degli altri. È un periodo difficile. Non so se riuscirò ad amarti. Non

voglio farti del male. Intanto dalla casa a fianco alla nostra sento bambini cantare a squarciagola canzoncine idiote. Mi sembrano insopportabili. Mi accendo l'ennesima sigaretta, mentre tento di leggere un quotidiano. Telefona il nonno, è contento e fiero che tu esista. «Fumi ancora?». «No, ho smesso». Mento. Sono stufa di farlo preoccupare. Da quando ci sei mi chiama tutti i giorni. Ho la sensazione di contenere un dono prezioso. È per te che vengo seguita e accudita ad ogni passo. Saprò seguirti e accudirti anch'io, ad ogni passo?

Sono incinta e non lo nascondo, porto canottiere corte su pantaloni a vita bassa. La gente mi guarda, ci guarda. Siamo tornati a Milano. Non posso neanche più buttarmi, buttarci, in acqua. Che palle. Da sempre non ho voluto essere vista come un corpo estraneo e diverso, non voglio che capiti anche a te. E adesso ci sta succedendo.

Manca neanche un mese alla tua nascita. Vado in bicicletta. Sono sicura, a te la bici piace. Non sobbalzi neanche se prendo una buca. Placido. Forse stai giocando con il cordone ombelicale. Balli, anche. Seguendo il mio corpo, con il mio corpo, dentro al mio corpo. Andiamo ai concerti e balliamo insieme. In perfetta sincronia. Torniamo a casa quando il sole sorge e crolliamo sul letto, esausti. Forse ti sto chiedendo un po' troppo.

Comunque dall'amica che mi ha comprato il passeggino vado in bicicletta. È chiaro che, con questo potente mezzo sotto i piedi, io quel passeggino non potrò riportarlo a casa. Ma l'amica, previdente, lo carica in macchina. «Te lo porto io». «Ah, grazie». È difficile da spiegare, e infatti non lo faccio, ma quel passeggino mi disturba. Non riesco proprio a immaginarmi mamma. Per adesso ho solo la pancia. Mentre l'amica si preoccupa per te, e per i tuoi spostamenti: la invidio, vorrei vivere la tua attesa con lo stesso entusiasmo.

Non c'è niente in casa per te. È vero, ho completamente liberato la camera dalla libreria Ikea zeppa di colori, di tessuti, di colle, di forbici, di pennelli e di bottiglie di sabbia. Materiale da lavoro di una gestante che dipinge fino alle tre di notte. E che solo quando ti sente scalciare troppo forte decide che sta esagerando e se ne va a letto.

Adesso quella che è sempre stata la mia camera, e che presto sarà anche la tua, ha solo un aspetto più zen. Non c'è neppure la culla. È rimasta in deposito a casa della nonna, luogo innocuo e linea d'ombra. Dove potrei portare anche il passeggino.

La mia – la nostra? – è una camera vuota, non fosse per il materasso a una piazza e mezza poggiato su una pedana in legno. La sagra degli spigoli, perfetta per un neonato: puoi picchiare dove vuoi e hai un sacco di probabilità di farti male, ma male davvero. Altro che una botticina, così ti assicuro un bel taglietto.

Comunque il passeggino non lo voglio. Ma è un regalo. L'amica me lo sta portando a casa in macchina. Non posso dire di no. La seguo in bici. L'aiuto a caricarlo sull'ascensore e a trasportarlo su per un piano. Lo metto in sala. Oddio, ma non può stare sul balcone? Magari schiacciato in fondo, dove non lo vedo. Il tuo papà è entusiasta. Lo vuole aprire e montare subito. Anche l'amica fibrilla. «Apriamo-Montiamo!». Vorrei chiudermi in bagno. Idea. «No, guardate, aperto e montato occupa un sacco di spazio... meglio lasciarlo dov'è». Leggo la delusione nei

loro occhi. Seguono attimi di silenzio, di quelli interminabili. Poi si avvicinano alla scatola. Cristo, è impossibile trattenerli. Strappano pezzi di scotch e alzano angoli di cartone. Potrei svenire. Lo estraggono, in parte. Ansia. Poi convengono con me: «No, è un casino...». Fiù. Scampato pericolo. Mi avvento sul loro oggetto del desiderio e lo rimballo come posso. Lo appoggio in un angolo. Che sia il meno ingombrante possibile. E non è solo una questione fisica.

Non ti immagino. Ma temo. Temo che tu possa essere sordo, muto, cieco. Tutte cose che un'amniocentesi non può dirti. Temo anche che ti manchi un braccio, o una gamba. Cose che le ecografie hanno scongiurato, ma chi può dirlo. Temo anche che tu sia stupido e brutto.

Non sono una stronza. Sono cose che quasi tutte le mamme temono. C'è scritto anche sulle riviste femminili. Certo non tutte le mamme temono queste cose. Ma io sì. Faccio parte dell'altro gruppo. No, ascolta, non è il gruppo delle stronzette. È di quelle che non si fidano. Né della vita, né di se stesse.

Dunque temo. Ma non è del tutto vero che non ti immagino. Faccio finta di niente ma sotto sotto penso che tu sia nero: di pelle, di capelli e di occhi. Assolutamente nero. Come tuo nonno. I caratteri scuri vincono sempre. Dicono. Mai credere ai calcoli genetici. Mai puntare tutto sul DNA.

E penso anche che tu possa avere i dread. Sì, alla nascita. Probabilmente dopo il tuo primo vagito non sventolerai la bandiera della Giamaica ma, insomma, quasi ci siamo. Ora perché Giamaica e non India? Dunque l'India è la patria del nonno ma ha prodotto guru e non reggae, e io preferisco la musica. Ma questi sono dettagli. Per dimostrare che sei nel mondo urlerai «Uèèèè» invece di cantare *No woman, no cry*. E io, forse, riuscirò a sopportarlo.

Sono le quattro del mattino, striscio sul pavimento e mi attacco ai mobili. Un mal di stomaco così forte non l'ho mai avuto. Alla fine mi convinco e chiamo la ginecologa. Mi consiglia di andare in ospedale. Andiamo. Con me non porto nulla. Penso che mi dimettano subito con un buon antidolorifico in mano. Mi accompagnano immediatamente in sala parto. Stai per nascere. Maglietta e pantajazz neri, anfibi rossi. Che qualcuno mi compri una vestaglia ricamata e delle ciabattine rosa. Non è un rave, questo.

Spingi, spingi, spingi. Non ne posso più. Non esci. «Fatemi l'epidurale». «Datemi una sigaretta». «Torno domani». Niente. Niente anestesia, niente fumo, niente casa. Rimango lì. Prima seduta nella vasca, poi accovacciata in terra, infine sdraiata sul lettino. Il tuo papà mi accarezza i capelli e mi tiene la mano. L'ostetrica mi dice: «Sei bellissima». I complimenti aiutano il parto? Io non inveisco contro di loro, non grido parolacce agli estranei e non mi lancio in urli scomposti. Vorrei solo l'epidurale, una sigaretta e tornare domani. Se fosse possibile. L'ostetrica adesso sentenza: «Lei non vuole farlo uscire». Cazzo, ma ha fatto medicina o psicologia? «Certo che no, sa benissimo che casini ci sono qui fuori». Arriva un donnone. Mi schiaccia la pancia. Esci. Quattordici (14!) ore di travaglio. Eh già, stavi giocando col cordone ombelicale. Lo sapevo. Potevi mica meditare a braccia conserte e a testa in giù. Quasi quasi preferivo un guru. Mica volevo per forza un cantante rasta. Comunque sei uscito. Ed hai urlato

«Uèèèè». *No woman, no cry* l'ascolterò alla radio. Mi chiedono se voglio prenderti in braccio. Mica scema. Magari ti manca un pezzettino di corpo e io ci rimango secca. Ok, sono una stronza. Comunque ti prende in braccio il tuo papà, che mi ha assistito tutto il tempo senza fumarsi neanche una sigaretta. E già per questo è ammirevole. E poi ti ha tagliato il cordone ombelicale. Sei di entrambi, non solo mio. Gli chiedo: «Com'è?». Risponde: «Bello». Mica mi dice bianco, biondo, con gli occhi azzurri.

Mi portano in una stanza asettica e mi fanno sdraiare in un letto. Tra poco arriverai, dicono. Ti stanno visitando. Sei perfettamente sano. Ti portano da me. Ti prendo in braccio e ti avvicino al seno. Inizi a succhiare. È magia. Vorrei che non ti staccassi mai. La mia vita, adesso, ha il tuo significato. Ti amo. Non ho mai provato una sensazione simile. Così perfetta e piena. Nella sua, nella tua, dolce fragilità.

Tuo padre viene a trovarci ogni giorno, appena può. Il suo sguardo, e il suo abbraccio, sono una assoluta e immensa poesia, che ti sta dedicando.

Hai due mesi. Andiamo dalla pediatra. «Questo bimbo ha gli occhi azzurri». «Non scherzi, è perché lo allatto, poi cambiano, e diventano neri». Credenze popolari. Ribatte con sapienza medica: «No, no, sono azzurri». Ma vaffanculo! Intuisce il mio disorientamento. Scatta la domanda: «Ma è contenta di avere questo bambino?». Oddio, ma che c'entra? Certo che sono contenta. C'è solo un piccolo disguido cromatico.

È passato un anno e mezzo. Sei lievemente ambrato, castano chiaro, con gli occhi grigio-verdi. Sei bello. Bellissimo. Da chi hai preso? Salamadonna. Hai fatto un miscuglio tutto tuo, scegliendo bene tra i caratteri chiari. Fetente. Sei perfetto per le pubblicità della Pamper's. Per un attimo ho pensato di lucrare sul tuo aspetto fisico. Poi mi è venuto in mente il tuo papà, che delle fotomodelle ha sempre detto: «Carne da macello». Manzotin. Ora, noi due siamo vegetariani. Anche se a te, forse, una cotoletta non dispiacerebbe. Induista né per scelta né per tradizione, ma per imposizione. Mentre tuo nonno, cattolico di nascita, pasteggia a filetti di manzo. E, appena può, va a caccia. Unico svago, in una vita dedicata al lavoro. E a te, da quando sei nato. Che lo ricambi con «Oooooohhhhh» entusiastici davanti alla sua collezione di uccelli imbalsamati. Quella che a me è sempre sembrata una macabra esposizione a te sembra una splendida sfilata. Vi immagino in un campo all'alba, entrambi con il fucile in spalla. La discendenza ha saltato una generazione. Siete simili? Uno nero, l'altro bianco. Nonno e nipote. Magari anche tu deciderai di iscriverti a medicina. E riuscirai a diventare primario, perché tanto è difficile imbattersi in un primario nero tanto è facile incappare in un primario bianco. Ma, sinceramente, non mi importa. Sarai quello che vorrai essere. Le mie paure erano altre.

Io temevo. Temevo che anche tu potessi subire delle discriminazioni razziali. E invece qui mi va bene se non ti iscrivono ad honorem al Ku klux klan. Basta che non ti trovino in tasca una foto del nonno.

Poi le battute degli amici. Una su tutte: «Quando lo andrai a prendere all'asilo i suoi amichetti gli chiederanno: 'Chi è quella, la tua baby sitter?'».

Siamo stati a Bonassola l'estate scorsa. Pieno di bimbi. Ci sono più passeggini (argh!) che macchine. Pieno di baby sitter. Manco a crederci: tutte indiane. E che sorrisi di solidarietà mi facevano. Ricambiavo per cortesia. Ma volevo scrivermelo in fronte: «Gentili signore, non sembra, ma sono la mamma».

Eppoi guardateci bene, siamo uguali. Solo che la carta copiativa ha sbagliato i colori.

Ti faccio il bagnetto. La mia mano, nera, passa sulla tua spalla, bianca. Sono imbarazzata. Mi sento veramente la tua baby sitter. Ti vergognerai di me, da grande? Sembriamo due entità assolutamente distinte. Eppure sei uscito dal mio corpo. Da giugno a settembre ti ho messo al sole per quattro mesi di seguito, anche a mezzogiorno. «Ma gli ha spalmato la crema protettiva?». «No, l'ho immerso nell'abbronzante». Problemi? Sì, ce n'è uno: sei diventato biondo cenere.

E continui a essere bellissimo. Gattoni, socializzi, ridi. In spiaggia ti adorano. Muovendoti a quattro zampe ti avvicini agli altri ombrelloni. Non stai mai al tuo posto. Hai bisogno di conoscere e di esplorare. Sospetto che tu abbia anche bisogno di famiglia, e invece qui ci siamo solo io e la nonna. Tra me e il papà non va bene. Mi dispiace, ma ti sto riproponendo la stessa forma di famiglia separata. Che a me proprio non era piaciuta. Intanto tu gattoni, socializzi, ridi. Sei in mezzo al mare, calato in un salvagente, e una signora nuota fino a raggiungerti perché vuole vedere da vicino questo splendido bambino. Mi chiede: «Lei è la mamma?». «Ehm bè, sì già». Non si direbbe? E intanto mi becco complimenti su complimenti. Per te, grazie a te. Ti sdrai sopra di me, spalmato come il pane sulla nutella. Capovolgi anche le azioni più comuni.

Sei amato. Profondamente. Il sentimento che più mi colpisce è quello di tuo nonno. Che un giorno mi dice: «Non ho mai provato lo stesso affetto né per te, né per tuo fratello». Ci sono diverse foto di noi da piccoli. Siamo uguali a te. Stessi lineamenti, diverse cromie. Sembriamo prodotti da un solo stampo, made in India. Che costa anche meno.

Mio padre cammina per strada e ti tiene stretto contro il petto, con la tua testa appoggiata sulla sua spalla. La sua tenerezza mi era sconosciuta. Sei l'infanzia che, da nonno, riesce finalmente a vivere, amare e accudire. Cancelli il suo nervosismo e rimandi i suoi impegni. Si dedica a te, annullando il mondo che lo circonda e creando un nuovo universo, in cui esistete solo voi due. Lui, lo straniero, e tu, l'italiano.

Lui è venuto qui in nave, senza soldi e pieno di speranze. Ha abbandonato una famiglia e uno status. Si è ritrovato in una terra ostile. Ha lottato per essere riconosciuto, come uomo e come professionista. È comunque un indiano. È comunque un nero. Ed è l'unico che non si stupisce dei tuoi colori. Come se per lui, i colori, non esistessero. Solo una volta, da bravo medico, mi ha detto: «Gli manca la vitamina B, è per questo che dà sul rossiccio». No, papà, nessuna scappatoia. È castano chiaro, quando non esagera con quel diavolo di biondo cenere. Ma appena diventa un po' più grande gli facciamo la tinta. E poi lo portiamo in India.

Nella casa di famiglia: potrai giocare a fare il piccolo proprietario terriero bianco, moderna trasfigurazione del Buddha. E al primo che urlerà «Cazzo, sono tornati i coloni inglesi», cercheremo di spiegarglielo che sei il nipote del nonno. Forse tu, generazione seguente, saprai avvicinarti con più spontaneità e naturalezza al tuo quarto indiano. Che già matematicamente pesa di meno e si diluisce meglio. Ma probabilmente i bambini neri ti guarderanno e ti indicheranno ancora, e di più. Sempre ridendo. Loro non ti potranno riconoscere come fratello, spero invece che tu riesca a farlo. Intanto andiamo ai giardinetti, sotto casa. Una piccola oasi infantile circondata da una rotonda per le macchine e cinta dai muri dei palazzi. Filtra il sole, c'è da non crederci. Poco poco. Meglio così: a te, da vero nordico, il caldo e la luce troppo forti danno fastidio. Sul dondolo c'è una bambina di colore. Ti porto a giocare con lei. Indifferente all'apparenza vi vedo simili. Te ne vai, corri verso una bambina bianca, bionda, con gli occhi azzurri. Le dai pure un bacino. Ma lo fai apposta?

Io, che avevo appena fatto amicizia con la mia metà nera, speravo di potermi esaltare in un delirio di africanitudine. Perché già l'India non mi bastava più. Perché l'India, paese a me sconosciuto, per me è sempre e solo stata una delle varie terre del Terzo mondo. Di cui vedevo, in Italia, gli emigrati. Gli emarginati. La loro, identica, situazione. Quindi India, Sud America o Africa: la differenza non esisteva.

E intanto guardo questo figlio in braccio al nonno. Uno sradicato e l'altro radicato, nel paese in cui – per caso e per necessità – ci troviamo. E ogni volta che vi guardo mi commuovo. Siete una splendida foto, in bianco e nero. Clamorosamente diversi e fortemente uniti. One blood.

RUBEN

Não é mais pôr-do-sol, ainda não é aurora. É o longo e dilatado período da noite. Aquele tempo livre de ritmos sociais. Aquele dedicado ao repouso (que com frequência converto em trabalho). Pela manhã, prefiro dormir. Muito. Um prazer que não abrirei mão por nada, nem por ninguém.

Olho o relógio. Os ponteiros continuam a correr, imperturbáveis. Um tique-taque no vazio. Olho o céu. Negro, límpido, estrelado, frio. Silencioso. Continuo a pintar. Ainda estou pendurada no último degrau da escada, com o pincel em uma mão e a paleta de cores na outra. Uma parede do saguão está ficando amarelo-ouro. Até aqui eu matei três litros de Moretti e um maço de Fortuna vermelho. Garrafas vazias e cinzeiro lotado. Penso. Não só no amarelo-ouro. Mas também no rosa. No rosa daquele risquinho a mais que se cravou no teste de gravidez. Estou grávida. Não queria. Agora já não sei se não quero. É difícil acordar ao meio-dia se você tem um filho. Mas não é só isso.

As crianças nunca me despertaram sentimentos positivos. Indiferença e irritação, talvez. E aquelas familiazinhas. Que imagino na hora do almoço, sentadas em volta de uma mesa de plástico branco na varanda triste, armada em frente ao velho *camper* estacionado em um terreno

batido de um acampamento da costa romanha. Gritaria infantil e bate-papo adulto, em um canto uma televisão emite de maneira hipnótica imagens e palavras enfatizando uma atmosfera cansada, derrotada e banal. Mães acabadas e desalinhadas, pais gordos e suados, filhos irritantes e petulantes. Uma panela grande de comida fervendo, despejada como ração em pratos de cerâmica lascada.

Nunca vivi algo assim, tenho pavor de viver.

Nada de mãe acabada e desalinhada, nada de pai gordo e suado. Ela branca, italiana, cabelos castanhos e olhos verdes. Ele marrom, indiano, cabelos e olhos marrons. Monocromático. De branco tinha só as manchas no rosto, em volta do queixo. Vitiligo. Do estresse. O encontro com o Ocidente tinha impresso em sua pele pequenos pontos claros. Uma estranha forma de integração.

Pais profundamente diferentes, pela cultura. Pelas ambições. Que logo se separaram brigando, juntos e separados, por seus desejos e objetivos pessoais.

No meio, eu. Que pertencia a uma única nação, a italiana, porque a outra agora tinha sido abandonada. Estávamos na Itália. Estávamos em Milão. Da Índia existiam apenas algumas fotos, fascinantes como um vaso chinês. Um objeto que caracteriza a decoração. Não a identidade pessoal. É verdade que eu comia muito arroz com *curry* e pouca macarronada. Mas quem se sente americano comendo um hambúrguer?

Só quando me chamavam de negra é que, de repente, eu me lembrava. E, imediatamente, queria esquecer. Aquilo que machuca, geralmente, se elimina. O paradoxo era que, na Índia, as crianças me encaravam e apontavam, rindo. Talvez me chamassem de branca, mas eu não sabia a língua delas. Eu não sabia nada do país delas, que deveria ter sido meu também.

Eu era feita de duas metades que não se encaixavam. Que não se comunicavam. Uma tinha nascido. A outra continuava em gestação. E corria risco de aborto. Mesmo assim, a história do Patinho Feio me causava sofrimento: fechei o livro e me desmanchei em lágrimas. Minha mãe, chocada e preocupada, tinha me perguntado: “Por que você está chorando?”, e eu, soluçando, tinha respondido “Mas se o patinho marrom fica branco, como a mamãe dele faz para reconhecê-lo?”. Um jeito bem particular de interpretar o “felizes para sempre”.

Enquanto isso, até meu pai estava se tornando italiano. Da sua pátria conservava somente os traços somáticos. Ou só aqueles visualmente indelévels se viam. O seu núcleo original vinha sendo lentamente coberto por camadas de vida ocidental. Do pequeno quarto de um pensionato estudantil onde dormia, comia e estudava, forçado à sua situação de emigrado pobre e sozinho, chegou até a *villa* com jardim em Brianza, onde era reconhecido e respeitado como “O Doutor”. E podia trocar de roupa todos os dias, escolhendo um dos vários pulôveres de caxemira que por muito tempo tinha apenas desejado, admirando-os na rua: em pé, parado em frente a uma elegante vitrine do centro de Milão. Por isso, provavelmente, não suportava meus blusões largos, estilo hippie.

Mas essa também é a Índia. Um país feito de homens que consideram a camisa passada e o relógio de ouro quase um dever. Não interessa se depois ficam cobertos pelo *lungi*: um tecido de algodão enrolado feito saia em volta da cintura.

Em mim, por outro lado, o apagamento da Índia quase aconteceu. E assim, para a pergunta “Você é italiana?”, eu respondia sem hesitar: “Meu pai é indiano”. Ele, não eu. Eu que alisava os cabelos quando Michael Jackson ainda não era um pop star. Eu que usava protetor solar fator 100 no verão e pensava em corrigir o nariz nos meses de inverno.

Eu que nem pensava em poder ter um filho. No terror de ser uma mãe imatura, autocrática demais para me dedicar a outra pessoa. No terror de ter um filho que pudesse se sentir, como eu me senti, exilado em todos os cantos do mundo. Marrom demais para ser italiano, branco demais para ser indiano. Que alisava os cabelos e usava protetor solar fator 100 depois de ter retocado o nariz. Na tentativa vã de me reconhecer em um só lugar, que é mais fácil. Incapaz de apreciar a fundo essa mistura. De ter orgulho dessas duas metades, que deveriam levar a uma adição, não a uma subtração. Deveriam. Em todo caso, nele se trataria apenas de um quarto. A minha hereditariedade. Matéria difícil de gerenciar, sei por experiência própria. Então, como eu poderia presentear a outra pessoa, e sem seu conhecimento, com leviano descuido? Talvez eu possa.

É agosto. Estou no sétimo mês de gravidez. Passeamos juntos em uma praia na Sicília. Com meu corpo, te envolvo e te protejo: você toma sol e observa o mundo. Dá cambalhotas. Uso um biquini, uma barriga proeminente e uma pele cor de petróleo. Em mim, a melanina tem esse efeito. Sou mais escura que meu pai. Me sinto observada. Me jogo na água, para me esconder dos olhares dos outros. É um período difícil. Não sei se vou conseguir te amar. Não quero te fazer mal. Enquanto isso, ouço da casa ao lado crianças cantando a plenos pulmões musiquinhas idiotas. Me parecem insuportáveis. Acendo o enésimo cigarro, enquanto tento ler um jornal. Seu avô liga, está muito feliz e orgulhoso que você exista. “Você ainda está fumando?”. “Não, eu parei”. Minto. Cansei de preocupá-lo. Desde que você apareceu, ele me liga todos os dias. Tenho a sensação de conter um dom precioso. É por sua causa que sou acompanhada e cuidada a cada passo. Será que eu também vou saber acompanhar e cuidar de você, a cada passo?

Estou grávida e não escondo, uso regatas curtas e calças de cintura baixa. As pessoas me olham, nos olham. Nós voltamos para Milão. Não posso nem me jogar, nos jogar, na água. Que droga. Minha vida inteira eu nunca quis ser vista como um corpo estranho e diferente, não quero que te aconteça o mesmo. E agora nos está acontecendo.

Falta menos de um mês para o seu nascimento. Ando de bicicleta. Tenho certeza de que você gosta da *bike*. Você não chuta nem se eu passar em um buraco. Plácido. Talvez você esteja brincando com o cordão umbilical. Dançando, até. Acompanhando o meu corpo, com o meu corpo, dentro do meu corpo. Vamos a shows e dançamos juntos. Em perfeita sincronia.

Voltamos para casa quando o sol está nascendo e desabamos na cama, exaustos. Talvez eu esteja exigindo demais de você.

Vou de bicicleta até mesmo na casa da amiga que me comprou um carrinho de bebê. É obvio que, com esse potente meio de transporte sob os pés, não consigo levar o carrinho para casa. Mas a amiga, prevenida, o leva no carro. “Eu levo para você”. “Ah, obrigada”. É difícil explicar, e na verdade não explico, mas aquele carrinho me perturba. Não consigo me imaginar mãe de jeito nenhum. Por ora, só tenho a barriga. Enquanto isso, a amiga se preocupa com você, e com os seus deslocamentos: que inveja, queria poder viver a sua espera com o mesmo entusiasmo.

Em casa, não tem nada para você. É verdade que eu tirei tudo do quarto: a prateleira da Ikea lotada de tintas, tecidos, colas, tesouras, pincéis e garrafas de areia. Materiais do trabalho de uma gestante que pinta até às três da madrugada. E que só quando sente você chutar muito forte é que percebe que está exagerando e vai se deitar.

Agora aquele que sempre foi o meu quarto, e que em breve será seu também, só tem um ar mais zen. Não tem nem berço. Ficou guardado na casa da vovó, lugar inofensivo e clandestino. Onde poderei deixar o carrinho também.

O meu – o nosso? – quarto está vazio, a não ser pelo colchão em cima de um estrado de madeira. É o festival das quinas, perfeito para um recém-nascido: você pode bater onde quiser e ainda tem muitas chances de se machucar, mas se machucar de verdade. Além de uma mamadeira, te garanto um belo corte.

Também não quero o carrinho. Mas é um presente. A amiga o está levando em casa de carro para mim. Não posso falar não. Vou atrás de bicicleta. Ajudo a pôr o carrinho no elevador e a subir um andar. Coloco-o na sala. Meu deus, ele não podia ficar na sacada? Quem sabe escondido no fundo, onde não vejo. Seu papai é um entusiasta. Quer abrir a caixa e montar o carrinho de imediato. Até a amiga está animada. “Vamos abrir – Vamos montar!” Quero me trancar no banheiro. Ideia. “Não, espera, aberto e montado ocupa muito espaço... melhor deixar como está”. Vejo a desilusão nos olhos deles. Se seguem segundos de silêncio, daqueles intermináveis. Depois eles se aproximam da caixa. Cristo, é impossível impedi-los. Arrancam pedaços de fita e levantam abas de papelão. Quase desmaio. Retiram, em parte, o carrinho. Ânsia. Depois concordam comigo: “Melhor não, virou uma bagunça...”. Ufa. Fora de perigo. Me lanço sobre o objeto de desejo deles e o reembalo como posso. Encosto a caixa em um canto. Que perturbe o menos possível. E não é só por uma questão de espaço físico.

Não te imagino. Mas tenho medo. Tenho medo de que você possa ser cego, surdo, mudo. Todas as coisas que uma amniocentese não pode dizer. Também tenho medo de que te falte um braço, ou uma perna. Coisas que a ecografia desconjurou, mas quem sabe. Tenho medo de que você seja burro e feio.

Não sou uma babaca. São coisas que quase todas as mães temem. Está escrito até nas revistas femininas. É verdade que nem todas as mães temem essas coisas. Mas eu sim. Faço parte do outro grupo. Não, calma, não é o grupo das idiotas. É aquele das que não confiam. Nem na vida, nem em si mesmas.

Portanto, temo. Mas não é de toda verdade que não te imagino. Finjo que não, mas bem lá no fundo acho que você é marrom: pele, cabelos, olhos. Completamente marrom. Como seu avô. Os traços marrons sempre vencem. É o que dizem. Nunca acredite nos cálculos genéticos. Nunca aposte tudo no DNA.

Também acho que você possa ter dreads. Sim, de nascença. É provável que depois do seu primeiro choro você não balance a bandeira da Jamaica, mas, bem, quase isso. E por que Jamaica e não Índia? De fato, a Índia é a pátria do seu avô, mas produziu gurus e não reggae, e eu prefiro a música. Mas esses são apenas detalhes. Para mostrar que chegou ao mundo você vai berrar “Inhéééé” invés de cantar *No woman no cry*. E eu, quem sabe, vou conseguir aturar.

São quatro da manhã, rastejo pelo chão e me agarro aos móveis. Nunca senti uma dor de estômago como essa. Por fim, me dou por vencida e ligo para a ginecologista. Ela me aconselha a ir ao hospital. Vamos. Comigo não levo nada. Acho que vão me dar alta rapidamente com um bom analgésico em mãos. Me levam de imediato para a sala de parto. Você está para nascer. Camiseta e calça *flare* pretas, coturnos vermelhos. Espero que alguém me compre uma bata bordada e chinelos rosa. Isso aqui não é uma rave.

Empurra, empurra, empurra. Eu não consigo mais. Você não sai. “Quero a epidural”. “Me dá um cigarro”. “Eu volto amanhã”. Nada. Nada de anestesia, nada de fumar, nada de ir para casa. Fico ali. Primeiro sentada na banheira, depois de cócoras no chão, por fim, deitada no leito. Seu papai acaricia meus cabelos e segura minha mão. A obstetra me diz: “Você está indo muito bem”. Os elogios ajudam no parto? Eu não brigo com eles, não grito palavrões e não me lanço em berros descontrolados. Quero só a epidural, um cigarro e voltar amanhã. Ah, se fosse possível. A obstetra sentencia: “Você não quer que ele saia”. Caralho, ela fez medicina ou psicologia? “É claro que não, você conhece muito bem a baderna aqui de fora”. Chega uma mulherzona. Ela empurra minha barriga. Você sai. Quatorze (14!) horas de trabalho de parto. Olha só, você estava brincando com o cordão umbilical. Eu sabia. Não dava para você ficar só meditando de braços cruzados e cabeça baixa. Pensando bem, preferia um guru. Nem queria mesmo um cantor de rastafari. Enfim, você saiu. E berrou “Inhéééé”. *No Woman, no cry* vou ouvir na rádio. Me perguntam se quero te pegar no colo. Não sou boba. Talvez te falte um pedacinho do corpo, eu morreria fulminada. Ok, sou uma vaca. De qualquer modo, seu papai te pega no colo, ele que cuidou de mim o tempo todo sem fumar um cigarro sequer. E só por isso já é admirável. E ainda cortou seu cordão umbilical. Você é de nós dois, não é só meu. Eu pergunto: “Como ele é?”. Ele me responde: “Lindo”. Nem para dizer branco, loiro, de olhos azuis.

Me levam para um quarto asséptico e me fazem deitar em uma cama. Ele já chega, me dizem. Estão te examinando. Você é perfeitamente saudável. Te trazem para mim. Te pego nos braços e te aproximo do meu seio. Você começa a sugar. É mágico. Eu queria que você não se desgrudasse nunca mais. A minha vida, agora, tem o seu significado. Te amo. Nunca senti algo assim. Tão perfeito e pleno. Nessa, na sua, doce fragilidade.

Seu papai vem nos visitar todos os dias, assim que pode. Seu olhar, e seu abraço, são absoluta e imensa poesia, que ele dedica a você.

Você tem dois meses. Vamos na pediatria. “Esse bebê tem olhos azuis”. “Capaz, é porque eu o amamento, depois a cor muda e os olhos ficam castanhos”. Crença popular. Ela rebate com sabedoria médica: “Não, não, eles são azuis mesmo”. Ah, vai se foder! Ela intui que estou desorientada. Dispara a pergunta: “Você está feliz de ter essa criança?” Meu deus do céu, mas o que isso tem a ver? Claro que estou feliz. É só um pequeno erro cromático.

Um ano e meio se passou. Você é ligeiramente âmbar, castanho claro, com olhos verde-acinzentados. Você é lindo. Lindíssimo. Puxou a quem? Sabe deus. Você fez uma mistura toda sua, escolhendo bem entre os genes claros. Catarrento. Você é perfeito para um comercial da Pampers. Por um segundo pensei em lucrar com sua aparência. Depois lembrei do seu papai, que sempre falou que as modelos são: “Carne para o abate”. Charque. Oras, nós dois somos vegetarianos. Mesmo que, talvez, para você uma costelinha não caísse nada mal. Hindu nem por escolha nem por tradição, mas por imposição. Enquanto isso seu avô, católico de nascimento, se farta com filé mignon. E, sempre que pode, vai caçar. Único lazer em uma vida dedicada ao trabalho. E a você, desde o seu nascimento. Ao que você retribui com animados “Oooooohhhhs” perante a coleção de passarinhos embalsamados dele. O que sempre me pareceu uma exposição macabra para você parece um desfile esplêndido. Imagino vocês em um campo ao amanhecer, ambos com espingarda nos ombros. Essa herança pulou uma geração. São parecidos? Um marrom, o outro branco. Avô e neto. Talvez você também decida estudar medicina. E você vai conseguir virar chefe de setor, porque, se é difícil se deparar com um chefe marrom, é muito fácil tropeçar num chefe branco. Mas, sinceramente, não me importa. Você vai ser o que você quiser. Os meus medos eram outros.

Eu temia. Temia que você também pudesse sofrer discriminações raciais. Na verdade, para mim já está ótimo se não te inscreverem *ad honorem* na Ku klux klan. Basta apenas que não te encontrem com uma foto do seu avô no bolso.

Depois vêm as piadas dos amigos. Uma dentre tantas: “Quando você for buscar ele na creche, os amiguinhos vão perguntar para ele: ‘Quem é essa, sua babá?’”.

Fomos para Bonassola no verão passado. Cheio de bebês. Tem mais carrinhos de bebê (ugh!) que carros. Cheio de babás. Todas indianas, acredita? E os sorrisos de solidariedade que me davam. Eu correspondia por cortesia. Mas queria escrever na testa: “Caras senhoras, não parece, mas eu sou a mãe”.

E repara bem, somos iguais. É só a impressora que errou as cores.

Te dou banho de mar. A minha mão, marrom, passa sobre suas costas, brancas. Estou envergonhada. Eu realmente me sinto a sua babá. Você vai se envergonhar de mim quando crescer? Parecemos duas entidades completamente distintas. E ainda assim, você saiu do meu corpo. De junho a setembro te pus no sol por quatro meses seguidos, mesmo ao meio-dia. “Mas você passou protetor nele?”. “Não, passei bronzeador”. Algum problema? Sim, tem um: você ficou loiro acinzentado.

E continua lindíssimo. Engatinha, socializa, ri. Na praia te adoram. Engatinhando você se aproxima dos outros guarda-sóis. Nunca para no lugar. Você precisa conhecer e explorar. Suspeito que você também precise de família, porém aqui estamos só eu e a vovó. As coisas entre mim e o papai não estão bem. Sinto muito, mas também estou te sujeitando ao mesmo modelo de família separada. Do qual eu mesma não gostei. Todavia, você engatinha, socializa, ri. Você está no meio do mar, escondido em um salva-vidas, e uma senhora nada até você a fim de ver de perto esse esplêndido bebê. Me pergunta: “Você é a mãe?”. “É, hum, sou sim”. Não parece? E, no entanto, eu recebo elogio em cima de elogio. Por causa de você, graças a você. Você se deita em cima de mim, esparramado feito pão em cima da nutella. Você vira do avesso até as coisas mais banais.

Você é amado. Profundamente. O sentimento que mais me comove é o do seu avô. Um dia ele me disse: “Nunca senti o mesmo afeto por você ou pelo seu irmão”. Tem muitas fotos de nós pequenos. Somos iguais a você. Mesmas feições, cores diferentes. Parecemos produtos de um mesmo molde, *made in India*. Que é até mais barato.

Meu pai passeia pela rua e te segura apertado contra o peito, apoiando a tua cabeça no ombro dele. Eu não conhecia esse lado de ternura dele. Você é a infância que, como avô, finalmente ele consegue viver, amar e cuidar. Você extingue seu nervosismo e faz com que remarque seus compromissos. Ele se dedica a você, apagando o mundo ao seu redor e criando um novo universo, no qual existem só vocês dois. Ele, o estrangeiro, e você, o italiano.

Ele chegou aqui de navio, sem dinheiro e cheio de esperanças. Abandonou família e status. Deu por si em uma terra hostil. Lutou para ser reconhecido, como homem e como profissional. E, ainda por cima, um indiano. E marrom. E é o único que não se surpreende com suas cores. Como se, para ele, as cores não existissem. Só uma vez, como o médico competente que é, me disse: “É deficiência de vitamina B, por isso que ele sempre fica corado”. Não, pai, não tem escapatória. Ele é castanho claro, isso quando não exagera com aquele diabo de loiro acinzentado. Mas é só ele crescer mais um pouco que nós passamos uma demão de tinta. Depois o levamos para a Índia.

Na casa da família: vai poder brincar de ser o jovem proprietário de terras branco, transfiguração moderna do Buda. E ao primeiro que gritar “Caralho, os colonizadores ingleses voltaram”, a gente tenta explicar que você é neto do seu avô. Talvez você, a próxima geração,

saberá se aproximar com maior espontaneidade e naturalidade do seu quarto indiano. Que até matematicamente pesa menos e se dilui melhor. Mas, provavelmente, as crianças marrons ainda vão te encarar e apontar, e muito mais. Sempre rindo. Eles não vão conseguir te reconhecer como irmão, mas espero que você consiga. Todavia, vamos para o jardim, embaixo da casa. Um pequeno oásis infantil rodeado por uma rotatória para os carros e cercado pelas paredes dos prédios. Filtra o sol, você nem acredita no sol que está fazendo. Pouquinho, pouquinho. Melhor assim: como um verdadeiro nórdico, você não gosta de calor e luz muito fortes. No balanço tem uma menina negra. Te levo para brincar com ela. Indiferente à aparência, os vejo iguais. Você foge, corre até uma menina branca, loira, de olhos azuis. Dá até um beijinho nela. Você fez de propósito?

Eu, que mal tinha feito amizade com minha metade marrom, esperava poder me enaltecer em um delírio de africanidade. Porque só a Índia já não me bastava. Porque a Índia, país a mim desconhecido, para mim sempre foi apenas uma das várias terras do terceiro mundo. Do qual eu via, na Itália, os emigrados. Os excluídos. Suas situações idênticas. Então Índia, América do Sul ou África: não tinha diferença.

Mesmo assim, observo esse filho nos braços do avô. Um erradicado e o outro radicado, no país no qual – por acaso e por necessidade – nos encontramos. E toda vez que os vejo me comovo. Vocês são uma esplêndida foto, em branco e preto. Clamorosamente diferentes e fortemente unidos. *One blood*.

REFERÊNCIAS

KURUVILLA, G. *et al.* Ruben. *Pecore Nere*. 1ª Edição. Roma-Bari: Gius. Laterza & Figli Spa, 2005. pp. 83-94